

MAIS UM TRIUMPHO
DO
Catholicismo sobre o Protestantismo

DISCUSSÃO PUBLICA

Havida em Santa Missão de Garanhuns, entre o
Missionario Capuchinho

FREI CELESTINO DE PEDAVOLI

E O

SR. DR. MEDICO GEORGE BUTLER

Ministro Evangelico no Estado de Pernambuco

*Erratis, nescientes Scripturas,
neque virtutem Dei.*

Erraes, não conhecendo as Es-
cripturas, nem o poder de Deus.

(MATH. CAP. XIII, V. 29.)



PERNAMBUCO

Empreza d'A PROVINCIA, rua 15 de Novembro ns. 40 e 51 e caes
da Regeneração ns. 42, 44 e 44 A

1898

SANTA MISSÃO EM GARANHUNS

Foi no dia 15 de Maio de 1911, ás 10 horas da manhã, que se realizou a Santa Missão em Garanhuns. A missa foi celebrada pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus, assistido pelo Sr. Cônego de São Paulo, Sr. D. João de Deus, e pelo Sr. Cônego de São João, Sr. D. João de Deus. A missa foi celebrada em uma capela, e a Santa Missão foi realizada em uma sala.

Depois da missa, houve um discurso proferido pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus, sobre a importância da Santa Missão. O Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus, falou sobre a importância da Santa Missão para a população de Garanhuns, e sobre a importância da Santa Missão para a Igreja Católica.

Depois do discurso, houve uma oração proferida pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus. A oração foi proferida em uma sala, e a Santa Missão foi realizada em uma sala. A Santa Missão foi realizada em uma sala, e a Santa Missão foi realizada em uma sala.

A Santa Missão foi realizada em uma sala, e a Santa Missão foi realizada em uma sala.

Depois da Santa Missão, houve um discurso proferido pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus. O Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus, falou sobre a importância da Santa Missão para a população de Garanhuns, e sobre a importância da Santa Missão para a Igreja Católica.

Depois do discurso, houve uma oração proferida pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus. A oração foi proferida em uma sala, e a Santa Missão foi realizada em uma sala.

Depois da Santa Missão, houve um discurso proferido pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus. O Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus, falou sobre a importância da Santa Missão para a população de Garanhuns, e sobre a importância da Santa Missão para a Igreja Católica.

Depois do discurso, houve uma oração proferida pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus. A oração foi proferida em uma sala, e a Santa Missão foi realizada em uma sala.

Depois da Santa Missão, houve um discurso proferido pelo Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus. O Sr. Cônego de Vila Rica, Sr. D. João de Deus, falou sobre a importância da Santa Missão para a população de Garanhuns, e sobre a importância da Santa Missão para a Igreja Católica.

PROLOGO

Quando, em meiado de Outubro de 1895, fui, em companhia do meu digno Superior e Prefeito Frei Caetano de Messina, dar uma santa missão na cidade de Garanhuns, achei alli o illustrado Doutor Medico, Sr. George Butler, ministro da nova seita evangelica, nimiamente empenhado na tarefa ingloria e execranda de installar no meio daquelle povo simples e ignorante, porém catholico, apostolico, romano, a sua impia e reprovada seita.

Abriu-se a missão : o povo fiel, magoado e ferido no coração pelos doestos, erros, blasphemias e heresias de toda a sorte, que este Sr. ministro não cessava de vociferar contra o catholicismo, affluir em massas enormes, para ouvir a defesa de suas crenças e desaggravar-se das affrontas, que acabava de receber.

Filho da Santa Madre Igreja Catholica, ministro, si bem que indigno, da mesma e missionario apostolico, não podia eu, e nem devia deixar impune a mão sacrilega, que assim a esbofeteava nos seus augustos dogmas e em sua pura moral. Vi-me, portanto, na estricta obrigação de oppôr a essa divulgação perniciosa de erros prompta e opportuna defesa da verdade, publica e injustamente ultrajada pelo referido ministro evangelico.

Tenho, durante os primeiros oito dias, evangelisado aquelle povo de Christo, batendo o protestantismo e confirmando os principios catholicos. E visto como o Sr. Dr. Butler ousou, na mesma circumstancia e localidade, erguer um contra altar aos missionarios capuchinhos, procurando distrahir a attenção dos catholicos com prédicas e funcções protestantes, até nas mesmas horas da Santa Missão, o convidei e provoqueei para uma discussão, privada ou publica, como e aonde elle quizesse.

Hesitou a principio esse ministro em acceitar e levantar cavalheirosamente esta luva de repto ; mas os seus brios estavam já compromettidos ; não podia elle mais recuar ou fugir ; era necessario ceder á força das circumstancias, e cedeu.

A lucta, pois, travou-se no terreno da legalidade, perante nobres e intelligentes testemunhas de ambas as partes e um povo de quasi 4.000 pessoas. O presente opusculo vem patentear mais uma vez ao respeitavel publico a origem, a marcha seguida n'essa discussão e o resultado da mesma.

O que motivou o apparecimento destes meus artigos, em folhetos, foram as numerosas e repetidas instancias que,

desde que appareceram nas columnas d'A PROVINCIA, me teem feito de diversos Estados da Republica amigos e personagens de alta consideração, a quem não era possível desattender.

Não foi só ao Sr. Dr. Butler que me tocou bater n'esta religiosa polemica: um tal *Juventino Marinho*, erguendo-se tambem elle em *ministro*, ou cousa que valha, da mesma seita, e dando uma tristissima cópia da sua crassa ignorancia em materia de religião, abalançou-se, em má hora, porém, a terçar armas commigo e atirou-se sobre mim com o bolorento: *Ensaio Dogmatico sobre a confissão*, do celebre apostata L. DE SANCTIS.

Dei tambem a este senhor conveniente resposta; castiguei-lhe a petulancia, e recolheu-se, derrotado, esmagado, envergonhado, ao silencio.

Pareceu-me conveniente juntar a esse opusculo por appendice, no fim, tres artigos, sob a epigraphe FR. CELESTINO E O SR. BUTLER, e assignados por um *advogado* que no *Jornal do Recife* publicou, de Janeiro a Março de 1896.

E remato com um primoroso artigo, devido á penna brilhante e á bondade extrema do distinctissimo litterato e esclarecido escriptor fluminense, o Illm. Sr. Dr. *Julio Cezar de Moraes Carneiro*, intitulado: O QUE É O FRADE CAPUCHINHO.

Escusado será dizer que, destituído de todo o merito litterario, este meu humilde trabalho visa tão sómente espalhar e firmar mais uma vez por entre o povo catholico a sã e celeste doutrina da Igreja, por mim bebida em fontes puras, taes como: a Biblia Sagrada, profundos theologos catholicos, e doutores protestantes de maior nota.

Seja, porém, qual for o merito d'este opusculo, estou plenamente convicto de que os meus leitores acharão nelle tantas e tão incontestaveis provas das principaes verdades controversas e contestadas pelo Sr. Dr. Butler na alludida discussão, que, não podendo resistir á força da evidencia, exclamarão: NA VERDADE, O PROTESTANTISMO É A MAIS VIL E REPELLENTE IMPOSTURA: A BIBLIA DOS SEUS ADEPTOS É ESSENCIALMENTE FALSA!

Recife, 17 de Setembro de 1898.

FREI CELESTINO DE PEDAVOLI, *Missionario Capuchinho*.

SANTA MISSÃO EM GARANHUNS

Fiel aos principios da Egreja Romana, é com o coração cheio de jubilo que encarrego-me de narrar, em synthese, o resultado de uma conferencia religiosa que teve lugar hontem, nesta cidade entre dois campeões de cultos differentes.

De uma parte, o illustrado e primoroso pregador Frei Celestino de Pedavoli, pela Egreja Romana, e de outra parte, o Dr. Butler, ministro evangelista, que aqui tem pretendido fundar e diffundir a religião que professa.

Desde a chegada dos illustres missionarios capuchinhos Frei Caetano de Messina, Prefeito da Penha e Frei Celestino, encarregados da santa missão, começou a affluir a esta cidade enorme multidão de fieis que pressurosos vêm ouvir dos levitas do Senhor a palavra da verdade, inspirada na fé que transporta os montes.

Diante dessa numerosa massa de povo, começou o eximio pregador, Frei Celestino, a atacar vigorosamente do pulpito a seita protestante, e, abrazado em santo zelo pela verdadeira doutrina de Jesus Christo, convidou diversas vezes, em seus sermões, ao ministro evangelista e seus proselytos para uma conferencia particular, onde se discutissem os pontos capitaes sobre que assenta o protestantismo as suas bases.

A luva estava atirada e era forçoso ao ministro protestante acceitar o repto.

Embora se escusasse, em principio, allegando motivos frivolos, cedeu á força das circumstancias, e ás 11 horas da manhã de hontem foi iniciada a conferencia, em presença do que ha de mais selecto nesta cidade no mundo das lettras.

Recordo-me de vêr reunidos no consistorio da Egreja Matriz de Santo Antonio, o Prefeito da Penha Frei Caetano de Messina, o Vigario da freguezia Padre Pedro P. de Barros Bezerra, o Juiz de Direito Dr. Nilo de Miranda, Drs. Antonio Peixoto e Hildeberto Guimarães, o Director do Collegio Accioly, Professores Manoel Clemente e Manoel Jardim, Pharmaceuticos J. Sampaio e A. Correia, o Delegado de Policia „ Monte Bello, Capitão José Lourenço, B. Dourado, representantes do commercio, etc., diversos membros da seita evangelista, além dos dois campeões do torneio religioso.

Divulgada a noticia, começou a affluir ao templo immensa multidão, tirando assim o character particular da conferencia.

A torrente não encontrava dique, e irrompendo por to-

dos os lados enchia litteralmente a nave da Igreja, a sacristia, os corredores, consistorios e as janellas exteriores, lendo-se em cada semblante a anciedade pelo resultado da discussão.

Coube a palavra, em primeiro lugar, ao ministro protestante, o qual de Biblia em punho, atacou varios dogmas e principios fundamentaes da Igreja Romana, taes como: a confissão sacramental, a primazia de S. Pedro, a visibilidade da Igreja, o culto e veneração das imagens, o purgatorio, o celibato cotholico, o jejum, a abstinencia de carne ás sextas-feiras do anno e a virgindade perpetua de Maria.

No desenvolvimento desse libello, impio para uma assembléa de catholicos romanos, facilmente se imaginará qual foi o gráo da indignação produzida nos ouvintes, que faziam esforço supremo para não quebrantar os principios da tolerancia e da hospitalidade.

Chegando a vez do illustrado pregador Frei Celestino, usou este da palavra em momento felicissimo, e com a mentalidade vigorosa que lhe é peculiar, empunhou o gladio da verdade e com argumentos robustos, solidos e convicentes combateu as heresias, atacou o protestantismo em sua base e derruio este edificio novo que aqui pretendião os protestantes construir, demonstrando claramente que *a unica verdadeira regra de nossa fé não é e não póde ser a Biblia e tão sómente a Biblia*, como affirmam e querem os protestantes.

As razões allegadas não podião ser mais claras, fortes e numerosas, e o espirito ainda não obcecado no erro cedia forçosamente á logica do argumentador profundo.

A defesa do dogma augusto da virgindade perpetua de Maria, foi imponentissima, esteve na altura do assumpto.

O illustre advogado da Immaculada Conceição de Maria, Mãe de nosso Redemptor e Senhora do mundo, parecia haurir inspiração da divina Sabedoria; etal foi a pujança da sua eloquencia que arrebatou da enorme multidão em peso fragorosas salvas de palmas e entusiasticos vivas á Religião Catholica Romana, á Maria Immaculada e aos Missionarios Capuchinhos !!!

Assim deu-se por terminada a discussão.

Foi mais um triumpho da Igreja Romana: pois que baqueou de vez, nesta cidade, o protestantismo pelo seu fraco fundamento.

SANTA MISSÃO EM GARANHUNS

De volta de Garanhuns e de Bom Conselho, em 30 de Novembro, onde fui chamado para exercitar os labores apostolicos inherentes á minha missão, deparei com varios artigos, *pro e contra*, relativos á memoravel discussão religiosa que teve commigo o Sr. Dr. Medico George Butler, no dia 29 de Outubro proximo passado, na sala do consistorio da Igreja matriz de Santo Antonio da mesma cidade, e perante uma nobre assembléa de intelligentes e esclarecidos cavalheiros, testemunhas fidedignas desse acto.

O que mais, porém, prendeu minha attenção e me causou uma justa indignação, foi a *disfructavel* missiva desse senhor, datada de 8 de Novembro, e estampada no conceituado jornal *A Provincia*, em 15 do dito mez, respondendo indecorosamente um certo artigo, firmado por um *catholico*, o qual, em 30 do mesmo mez, narrara conscienciosa e summariamente aquelle facto.

O Sr. Butler, ministro protestante, contando por sua vez, e a seu modo, a historia, assassinou calculadamente a verdade.

MENTEZ, MENTEZ, ensinou em seu riso alvar o tristemente celebre mestre Voltaire, QU' IL RESTE TOUJOURS QUELQUE CHOSE ; e o Dr. Butler se mostrou desta vez mui digno e aproveitado discipulo de tal mestre !—Sim, n'esse infeliz communicado o Sr. ministro mentiu vergonhosamente á face de Deus e dos homens, inverteu maliciosamente a ordem das idéas, e me tem ludibriado com desfatez indecentissima.

Bem quizera eu responder com um silencio cheio de dignidade ás gravissimas injurias e ás clamorosas injustiças que S. S. me fez nesse seu destampatorio, indigno de um cavalheiro que preze sua honra e dignidade. Não costume descer da cadeira sagrada da verdade, para subir á tribuna da imprensa. Além disto, não ignoro que soffrer calado injurias, baldões, injustiças, deixando todo o cuidado da defesa A'quelle que disse: «A mim me pertence a vingança ; eu retribuirei,» é o alvitre que abraçam de preferencia os verdadeiros christãos, quando a isto não se oppõe algum principio superior de justiça ou de caridade.

Mas entendo que a qualidade de religioso, missionario, capuchinho, a dignidade de sacerdote catholico e a honra do ministerio sublime que me foi confiado como um sagrado deposito e pertence á Igreja, cujo ministro, si bem que indigno, sou eu, exigem que eu diga algumas palavras de

defesa pela imprensa ; ao mesmo tempo que a caridade obriga-me a procurar attenuar, quanto seja possível, o escandalo enorme que essa mentirosa correspondencia do Sr. Bulter possa ter produzido entre os catholicos que não presenciaram a mencionada discussão.

Para isto não preciso de phrases selectas, de palavras e periodos castigos e elegantes ; basta-me aquella phrase escoteira que vae direita ao facto, sem se importar com os floreios fascinantes e as farandulagens rhetoricas que nada adiantam n'uma questão de principios como esta.

A primeira falta de verdade do Dr. Butler n'esse artigoete foi em affirmar com o maior desplante que « foi obrigado a fallar primeiro » isto é : a tomar a offensiva ; e que « o ponto da discussão foi lembrado na occasião pelo Dr. Nilo de Miranda. »

Saiba, porém, o publico illustrado que n'essa occasião foi dada ao mesmo ministro protestante a opção, ou plena liberdade de escolher entre a defensiva e a offensiva ; e elle optou por esta e não por aquella livremente, sem ser *obrigado* por ninguem. Offendeu ! Offendeu cruelmente !...

E o mesmo Senhor teria coragem de negar que appareceu na sala da discussão carregando comsigo duas biblias, uma verdadeira,—a da Igreja Catholica,—toda ella marcada com signaes de papel, falsa a outra,—a dos protestantes,—além de uma longa série de apontamentos seus escriptos, em cuja leitura e citando, a torto e a direito, textos biblicos, consistio toda a sua argumentação ? E isso quer dizer que o tal ponto de discussão foi lembrado pelo Sr. Nilo na occasião ? Com semelhante deslealdade, senão extrema leveza, quizeramos empregar a linguagem do silencio.

Isto, porém, não é nada.

« Sustentei » escreveu *singelamente* esse cavalheiro (perdão Sr. Bulter, affirmei, deveis ter dito ; pois que sustentar parece-me que significa : *provar, demonstrar com argumentos solidos* alguma these, e vós não fizestes mais que citar a murros e bofetões passagens biblicas, violentando-as sacrilega e horrendamente ; simples asserções ou proposições, como vós chamais, não supprem provas).

Desculpai-me, porém, esta digressão.

« Sustentei pela Biblia approvada por D. Manoel, arcebispo da Bahia » (mas porque não por aquella approvada pela rainha Victoria e mandada espalhar pela vossa Sociedade biblica de Londres ?... porque não espalhaes por entre o nosso povo essa mesma Biblia, do Sr. Arcebispo da Bahia, que julgaes ser a verdadeira, e sim a vossa, falsa, despedaçada, mutilada ? Cuidado Sr. Ministro Butler !...)

Sustentei: 1.º que nenhum homem podia perdoar os peccados dos seus semelhantes, porque todos sem excepção são peccadores, Rom. III: 10-12; 2.º que os jejuns da egreja romana são signaes de apostasias, Tim. IV: 1-4; 3.º que muitas das tradições dos padres são condemnadas, col. II: 8; 4.º que S. Pedro era fallivel, porque foi reprehendido por S. Paulo, Gal. II: 11; 5.º que o proprio S. Pedro disse que Christo era a unica cabeça da Egreja, Act. IV: 10-12; 6.º que Thiago, V: 16, não ensina a confissão auricular dos padres; e desafiando a Frei Celestino a mostrar um unico lugar em toda a Biblia onde algum apostolo tivesse ouvido alguem de confissão e perdoado os seus peccados, sentei-me. »

.....
« Chegou a vez de Frei Celestino. E quer o publico saber quaes foram os argumentos « robustos, solidos e convincentes » com que o frade respondeu ás minhas proposições? Tome nota o publico e admire. Respondeu: 1.º que o povo selvagem e ignorante, e especialmente as crianças, não podiam entender as Escripturas... 2.º que para fazermos propaganda era preciso termos um wagon para carregar as biblias... 3.º a verdadeira regra de nossa fé não é e não póde ser a Biblia e tão sómente a Biblia... fugindo calculadamente em suas respostas das Escripturas e dizendo disparates... etc., etc., etc. »

De fronte erguida e com a coragem que me inspira a verdade, invoco, Sr. Dr. Butler, os vossos sentimentos de honra e de homem de bem; e sob essa egide sagrada vos pergunto: E' esta a verdade e toda a verdade? E' assim que se escreve a historia dos acontecimentos havidos entre mim e vós em Garanhuns, para o publico illustrado, para o publico principalmente que presenciou esses acontecimentos e nos ouviu a ambos na occasião?... Isso é proprio de cavalheiros honestos, cortezes e polidos, como vos inculcaes?... E não vos doeu a consciencia, e não vos estremeceu o pulso em escrever essa moxinifada de tantas mentiras, de tantas injustiças, de tantos ludibrios e tanta confusão de idéas a meu respeito?... Ou escrevestes vós certamente para fazer jus perante os protestantes aos creditos, que incontestavelmente perdestes, *de ministro dessa nova seita*, nessa para vós fatal conjuntura? Ou entendestes, finalmente, que para triumphar de uma causa séria, como a nossa, basta só amesquinhar os brios dos vossos antagonistas, desvirtuar os seus pensamentos, injurial-os, ridicularisal-os para chamar-lhes o odioso? Estaes enganado. Palavra, Sr. Bulter, que a historia não é como vós a escrevestes.

E senão vejamos,

Para derruir de uma vez pela sua base o protestantismo e derrotar o meu adversario, enunciei a these seguinte: A UNICA VERDADEIRA REGRA DA NOSSA FÉ NÃO É E NÃO PODE SER A BIBLIA E TÃO SOMENTE A BIBLIA, como querem os protestantes.

Antes de demonstral-a, permitti este lemma :

A unica verdadeira regra de fé é aquella que o Divino Mestre instituiu e recommendou a seus discipulos e que estes puzeram em pratica.

Ella deve ser UNIVERSAL ; deve ser FACIL.

UNIVERSAL, porque a egreja de Christo é essencialmente catholica, abrangendo todos os tempos e todos os logares.

FACIL, isto é : apta para todo o genero de pessoas.

Postos estes principios de razão inconcussos, prosegui a demonstrar minha these deste modo :

Em todos os quatro Evangelhos não encontramos sequer uma só linha, em que Christo recommendasse como regra de fé a leitura da Biblia.

Antes, abrindo o Evangelho de S. Matheus, cap. XXVIII, 19, lemos esta ordem terminante do mesmo Divino Senhor a seus Apostolos : *Ide, ensinai a todas as nações.* Em S. Marcos, cap. XVI, 15, achamos igual mandamento de Jesus, dizendo-lhes : *Pregai o Evangelho a toda a creatura.* E finalmente, nos Act. cap. I. 8, S. Lucas nos refere as mesmas palavras que o Salvador dirigira a seus Apostolos: *Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéa, em Samaria e até ás extremidades da terra.*

Onde está, perguntei ao ministro, a recommendação para ler a Biblia, para escrever livros ?

Si a regra da nossa fé de christãos fosse a Biblia, como vós affirmais, Christo havia de dizer a seus Apostolos : « Ide, lêde a Biblia, ensinai, interpretaí a Biblia. » Sim, teria-lhes dito : « Ide, escrevei livros ; porém nada disto ordenou Jesus a seus Apostolos ; fundou a sua religião, a sua Egreja de outro modo, isto é : pelo ensino oral, por suas virtudes, por suas obras, por seus milagres ; não recommendou aos Apostolos que escrevessem, ordenou que pregassem, que annunciassem o Evangelho a todas as nações, a toda a creatura.

Mas, vejamos como os Apostolos executaram esta ordem de Jesus Christo.

Tendo sido repletos do Espirito Santo em o dia auspicioso e memoravel do Pentecostes, sahiram os Apostolos do cenaculo, transformados pela graça celeste ; e, longe de irem compôr um livro ou cathecismos de fazer um manual ou um

codigo religioso, começaram logo a prégar. Prégou primeiro S. Pedro, como chefe supremo que era da Igreja de Christo, e se converteram TRES MIL pessoas, Act. cap. II, 41; pregou segunda vez, e converteram-se ainda CINCO MIL, ibi. cap. IV, 4. (*Não vos lembraís, Sr. Dr. Butler, do aparte que me destes, contestando-me o numero dos recém-convertidos á fé pela prégação de São Pedro ?!*)

Ora, como procedeu para com esta multidão de crentes S. Pedro? Esperou por ventura que se tivessem escripto livros para aggregal-a á familia de Christo? Não. Admoestou, baptizou, administrou os outros sacramentos, estabeleceu a Igreja Christã, antes de haver Evangelhos.

A Igreja primitiva nasceu, floresceu, estendeu-se, atravessou a Palestina, ramificou-se pela Asia e pela Grecia sem Evangelhos, sem Biblia.

Lembro-me (e como eu, também se lembram o ministro protestante e as testemunhas presentes á discussão) que indiquei a epocha em que appareceu o primeiro livro apostolico — O Evangelho de S. Matheus —, que foi mais de vinte annos depois que os Apostolos se espalharam pelo mundo, pregando a doutrina, e toda a doutrina de Christo oralmente. Notei também que nem todos os Apostolos escreveram, como por exemplo, Bartholomeu, André, Philippe, Simão, Mathias, Thiago-maior, Thomé. Disse que S. Marcos e São Lucas nem Apostolos foram, e sim discipulos, este de S. Paulo, aquelle de S. Pedro; e que todos os Santos escriptores agiographos escreveram por motivos particulares, não havendo proposito de formarem um livro, um manual, um código que contivesse toda a doutrina de Jesus Christo.

S. João o ultimo dos evangelistas, escreveu a historia de Christo, quasi no fim do primeiro seculo, para defender a Divindade do mesmo Salvador contra os herisarchas Cerintho e Ebião. E o mesmo, exclamei, não declara no fim do seu Evangelho que *muitas outras cousas fez Jesus, que não estão escriptas?* Cap. XXI, 25.

Agora, Senhores, perguntei, vós que sois illustrados e comprehendéis a força d'este argumento, dizei: Si a Biblia e só a Biblia fosse a unica verdadeira regra de nossa fé, teriam os Apostolos deixado passar quasi um seculo sem que formassem um manual completo, para dal-o aos fieis?

E porque o não fizeram ?...

E, finalizando a demonstração da primeira parte de minha these, accrescentei: A Igreja de Christo, Senhores, é Catholica; a sua doutrina devia ser universal; Christo enviou seus Apostolos pelo mundo todo; e elles, obedientes ás

ordens do mesmo Senhor Deus, levaram a bôa nova do Evangelho a todas as plagas da terra então conhecida.

Ora, si fosse verdadeira a regra da fé protestante, o que deviam fazer os Apostolos?

Deviam encher carros e barcos de livros, traduzindo a Biblia em todas as linguas existentes; pois só assim annun-
ciariam elles a palavra de Deus, o Evangelho de Jesus
Christo.

*(Terá sido este o topico que cahiu no goto e ficou na me-
moria do Sr. Dr. Butler?... Que tão prodigiosa memoria
de ministro protestante!... Ninguém diga que elle não nos
levou a palma do triumpho!...)*

E notai ainda, Senhores, que nesses tempos apostolicos
não havia imprensa, não era ainda conhecida a arte typo-
graphica, para imprimir Biblias aos centenares de milhões
de exemplares, como fazem os protestantes modernos; era
mister fazer copias de proprio punho...

Quantas difficuldades!... quantos embarços para os
Apostolos, e que milagre assombroso não deveriamos sup-
pôr, si a Biblia, e tão sómente a Biblia, fosse a unica ver-
dadeira regra da Fé Christã!...

.....
Não foi esta, Sr. Dr. Butler, a primeira parte da minha
these que acabo de fielmente, conscienciosamente, reprodu-
zir, e que vos desorientou e derrotou completamente?

Negai-o, si pôdeis; desmenti-me si tendes coragem;
indicaei ao publico sensato, mais uma vez eu vos desafio, um
só periodo sequer do que deixo escripto, que eu não tivesse
proferido n'aquella discussão.

Mas, antes de abalançar-vos a esse temeroso commetti-
mento, pensai, reflecti seriamente que eu e vós não fallamos
a sós, não discutimos em privado, mas sim perante uma se-
lecta assembléa de magistrados integros, de cidadãos hones-
tos e distinctos cavalheiros, a nata de Garanhus, os quaes
não trepidarão, se preciso fôr, em dar testemunho da
verdade.

E tudo isto não passa para vós de uma embrulhada de
« disparates »?! Quem se atreveria a caracterisar os meus
argumentos de *solidos, robustos e convincentes*?!... Não
está reconhecido publicamente que *Frei Celestino em suas*
respostas fugia calculadamente das Escripturas?!...

II

Quando, no campo da discussão calma e arrazoada, a
braços com o ministro protestante Sr. Dr. Butler, propuz-me
demonstrar que a Biblia e só a Biblia não pôde ser a unica

verdadeira regra da nossa fé assentei que dita regra para ser verdadeira é mister que seja ella UNIVERSAL E FACIL.

E tendo narrado escriptulosamente ao respeitavel publico no artigo precedente os argumentos com que demonstrei a primeira parte, passo agora a narrar com a mesmissima sinceridade como procedi para a demonstração da segunda parte do meu assumpto.

Além de universal, disse eu, a regra da verdadeira fé deve ser facil, isto é, accessivel a todas as condições, apta, para todo o genero de pessoas, propria, enfim, para as crianças como para os adultos, para os sabios como para os ignorantes, para os ricos como para os pobres.

Tal é a regra dos protestantes.

De feito, (*dirigi-me ao ministro Dr. Butler*) vós Sr. ministro nos dizeis : « *Lêde a Biblia, interpretaei a Biblia, cada um como pudér, seguindo as luzes da propria razão, e na Biblia encontrareis toda a doutrina de Jesus Christo, e a vossa eterna salvação.* »

Mas, reparaí, Sr. Ministro, attendei bem : ha por ahi além muitissima gente que não sabe lêr. Ainda hoje em pleno seculo XIX, no meio dos esplendores da civilização moderna, ha um sem numero de analphabetos. Neste Brazil, não podeis negal-o, dos dez milhões de seus habitantes já civilizados, nove decimos não sabem lêr.

E que diremos dos selvagens ?

E dos meninos que não sabem lêr, nem interpretar a Biblia ?

(*Para o Sr. ministro Butler foi este o meu primeiro argumento solido, robusto, convincente*) — *selvagens crianças, etc!!...*

Tome nota o publico e admire !... Ninguem diga que elle mentio !)

Pois bem, estas pessoas, esse numero ingente de pobres' filhos de Adão, porque são pobres ignorantes, crianças e não sabem ler a Biblia, segundo a vossa regra não podem conhecer a doutrina de Christo, não podem ser christãos, não podem salvar-se !!!

Que regra cruel !... que caridade protestante !

Pois então ? exclamei : « *Aquelle Divino Salvador do Mundo que veio evangelisar aos pobres, Luc. cap. IV, 18 ; aquelle Jesus que tanto amava e acariciava as crianças, a ponto de dizer a seus discipulos exprobandos : Deixai vir a mim os pequeninos, e não os embarceis, porque d'elles é o reino de Deus, Marc. cap. X. 14, havia de excluir do seu banquete celeste, do seu reino eterno aos pobres ignorantes, aos meninos ?...* »

« Senhores ! A Biblia e tão sómente a Biblia não é, não pôde ser a regra unica verdadeira de fé, estabelecida por Nosso Senhor Jesus Christo.

« Nós, os catholicos, queremos a Biblia, amamos e veneramos a Biblia, mas a Biblia interpretada, explicada e proposta por uma autoridade viva, por um magisterio authenticico, official, infallivel ; não queremos, antes repellimos, odiamos e detestamos essa Biblia desfigurada, alterada, mutilada e interpretada pela razão individual dos protestantes.

« Queremos com a Biblia a TRADICÇÃO, aquella TRADICÇÃO pela qual, e sómente por ella, se pôde provar, e prova-se realmente, a authenticidade e integridade dos livros sagrados. »

.....
Com isto escoaram-se os meus 30 minutos, (*tempo mui limitado e insufficiente para exaurir tamanho e tão momentoso assumpto, mas que acceitei para não contrariar ao Sr. ministro, ao qual lembrou na occasião fazer essa proposta, calculadamente, já sabe-se..*) « sem provar, no dizer do desfructavel Sr. ministro, pelas Escripturas Sagradas que qualquer das proposições apresentadas por elle era falsa, etc !... »

Pobre de mim !... *Ego vox clamantis in deserto !* perdi meu tempo, não é assim, Sr. Butler ?

Mas então, não comprehendestes a força de minha argumentação ? Era necessario retorquir uma por uma as vossas infundadas *proposições*, tendo-vos eu derruido pela base o proprio fundamento sobre o qual pretendestes fundal-as ?

— Qual fôra o valente general, que tendo, em campo de batalha, arrasado a mais formidavel fortaleza do inimigo, occupar-se-hia com a destruição das armas nellas existentes, com que se pretendeu feril-o ?

Arranquei-vos das mãos a espada com que quizestes loucamente ferir a Igreja Catholica, Apostolica e Romana, a unica verdadeira Igreja de Jesus Christo ; manejei-a como pude contra vós e a vossa *nova-seita*; tenho-vos desferido o golpe certo e fatal, e pretendieis mais que eu contasse ao publico e desfizesse os botes que desejastes lançar contra o vosso adversario, mas que ficaram muito áquem do vosso almejado alvo ?

Estulta pretensão ! Fatalissima cegueira !... E tal se mostrou ella em vós, Sr. Ministro, quando « sendo-vos dados mais 10 minutos para responderdes ao frade, » os empregastes em *offender* ainda !... e não em *defender*-vos, porque já o não podieis, visto como estaveis alanceado de morte.

Aproveitastes, pois, os ultimos 10 angustiosos e ago-

nientos minutos, para dar os ultimos arreganhos e mostrar: 1.º que a *Biblia do Arcebispo D. Manoel* condemna o culto das imagens (e dos Santos tambem;) 2.º que ella não ensina a doutrina do Purgatorio, e outros pontos. Quaes? Vós manhosamente os calais «para não fatigar o leitor;» eu, porém, vou declinal-os, para scientificar ao publico sensato e intelligente que não nos ouviu, e porque é assaz importante saibam todos assim como o principio, assim tambem o fim de toda a nossa discussão.

Voltando, pois, á carga, dissestes mais uma vez que a confissão dos padres não é de instituição divina, porque *S. Pedro não absolveu a ninguém!*... Impugnastes levianamente a disciplina da Igreja Catholica sobre a abstinencia da carne nas sextas-feiras do anno.

Negastes o celibato catholico e, finalmente, aboccanhastes, qual outro *Elvidio* ou *Joviniano*, a honra sublime da Excelsa e Immaculada Senhora que apparece nas fronteiras da antiga e nova alliança como o modelo da mulher regenerada, como a mais fecunda das mães e a mais pura das virgens—*MARIA MÃE DE JESUS QUE SE CHAMA O CHRISTO*. Sim, Sr. Ministro Butler, manchastes por ultimo vossa bocca, afiastes vossa lingua, estendestes vossa mão profana contra a arca Santa do Deus vivo, rebaixando Maria Santissima á condição de uma mulher vulgar, tentando louca e sacrilegamente arrancar-lhe da fronte augusta o lyrio candidissimo de sua *PERPETUA VIRGINDADE!*

Não é exacto? Não foi assim, Dr. Butler?

Negai, si podeis, a realidade palpitante destes factos.

Porém em má hora vos tentou o *maligno* a dar esse passo mui arriscado que vos preparou a queda e a derrota, como daqui a pouco direi!

Couberam tambem a mim 10 minutos para fallar, e em que os empreguei?—Ouça o respeitavel publico mais uma vez ao *veridico justiceiro e impagavel* Dr. Butler: «Frei Celestino em suas respostas fugia calculadamente das Escripturas, mas afinal, depois de ter detrahido muito da Biblia, lança mão della para cital-a como um livro *infallivel* e justifica o culto das imagens e dos Santos.»

Cada palavra deste periodo encerra uma mentira, uma injuria e uma clamorosa injustiça, Sr. Butler.

Realmente, não fugi da Biblia, nem tão pouco detrahi della demonstrando á clara luz meridiana que a dita *Biblia não é e não póde ser a unica verdadeira regra da fé christã*. Lancei mão da mesma, como um livro infallibilissimo, sendo ella o livro dos livros, o livro por excellencia, só nas mãos da Igreja Catholica, e com ella provei em 10 minutos: 1.º

a instituição divina do Sacramento da confissão, citando, lendo até na vossa mesma biblia o texto de S. João, cap. XX, vv. 21, 22, e argumentando de modo que vós, Sr. Ministro, ficastes confundido; 2.º defendi a Supremacia de S. Pedro pelo texto de S. Matheus, cap. XVI; vv. 18 e 19. (Havers de recordar-vos, Sr. Dr. Butler, da pequena questão sobre a palavra CEPHAS, nome que Christo prometteu a Simão, dizendo-lhe: TU TE CHAMARÁS CEPHAS, QUE QUER DIZER PEDRO OU PEDRA, João, cap. I 41, e que vós quizestes impugnar); 3.º Sustentei o culto dos Santos pelos textos do Gen. cap. XVIII e XIX, lendo; 4.º Provei a necessidade das BOAS OBRAS, lendo o cap. II, desde o v. 14. Finalmente, demonstrei, a Virgindade perpetua de Maria.

E foi justamente nesse momento supremo que aprouve á mesma Virgem Santissima triumphar por meu intermedio mais uma vez dessa heresia que vós, Sr. Butler, acabaveis de assoalhar, si bem que com animo trepidante.

Porquanto, convicto profundamente das razões que eu acabava de expender sobre este assumpto, e tomado do mais vivo enthusiasmo, o povo circumstante rompeu n'uma fragorosa salva de palmas, gritando perseverantemente e com delirio: VIVA A VIRGEM MARIA!... VIVA A RELIGIÃO CATHOLICA!... VIVAM OS MISSIONARIOS CAPUCHINHOS!...

Foi precisamente quando deu-se por finda a nossa discussão; e ficando vós nimiamenite apavorado, pensastes que se quizesse fazer-vos mal, e me pedistes: *ao menos me garantam a vida!*... De tudo isto não vos tereis esquecido?

E que vos respondi eu, Sr. Butler?

Não temais, disse-vos: «meu proprio sangue será deramado antes de se vos arrancar um só cabello.» E abraçando-vos commigo e com o meu digno superior Frei Caetano de Messina, Prefeito da Penha, sahimos juntos da sala da discussão, e no meio de um povo delirante de justo e santo enthusiasmo vos acompanhamos incolume até o Cruzeiro, no largo da Igreja matriz, onde, abraçando-nos reciproca e amistosamente, nos despedimos sem lamentar o menor desagradavel incidente.

Esta é que é a verdade, a verdade pura, santa inalteravel, e não temo ser desmentido por ninguem.

.....

III

Entremos agora, Sr. ministro, em ajuste de contas. Vós me deveis muito, muitissimo; eu vos perdão de todas as véras de meu coração.

Eu tambem por minha vez vos devo alguma cousa ainda. Devo-vos, e ao respeitavel publico tambem, uma justa satisfação acerca da *unica verdade* que *dissestes* a meu respeito, quando, *na vossa missiva de 8 de Novembro*, *houvestes por bem mencionar que, emquanto fallaveis, notastes que eu estavr muito vexado, benzendo-me.*

E' verdade; não nego: estive vexado, benzi-me. Mas quer o publico sensato saber em que occasião e porque?

Foi quando o Sr. ministro Butler, fallando contra a confissão sacramental, disse que o texto de São Thiago, cap. 2, 16: *confessai uns aos outros os vossos peccados... para serdes salvos*, não significa a confissão auricular da Igreja catholica; mas tão sómente o perdão mutuo das faltas, das injurias pessoaes, e equivalente ao preceito *Amai-vos uns aos outros*: foi quando o mesmo ministro, impugnando a supremacia de S. Pedro, disse que as palavras de Jesus Christo: *Tu és Pedro*, etc., se deve entender deste modo: *Eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra fundamental, que sou eu mesmo, edificarei a minha Igreja!...*; que as Chaves que Christo prometteu e deu a S. Pedro foram para abrir e fechar não sei que portas, lá em Jerusalém, com referencia aos gentios: « Pedro, disse esse Sr. Dr., abriu e fechou, acabou-se o poder das chaves »; que, finalmente, S. Pedro nunca foi constituído por Christo chefe supremo da sua Igreja; porque uma vez lhe chamara *satanaz*, que quer dizer *demonio*.

Ora, perguntou o Dr. Butler com admiravel ingenuidade, *havia Jesus de fazer chefe da sua Igreja um Demonio?! (Tibi!... Credo!! Ave-Maria!!! disse commigo).*

Foi nesta occasião e por estes motivos que fiquei vexado, tive medo e me benzi: pois me pareceu ver o *capêta* solto e mettido nos labios de quem assim fallava. Não era isto natural?

Mas o caso foi que o Sr. ministro n'essa occasião teve tambem medo d'aquelle signal!...

E senão, porque parou como que assombrado e me perguntou se eu não queria que elle acabasse de fallar?

Mais uma conta séria, grave e importante temos que ajustar, Sr. Dr. Butler.

E' o negocio d'aquellas boas obras que vós, com uma coragem que espanta a ousadia, forcejastes por emprestarnos, mentindo, calumniando, infamando sem reboço.

Quem foi que *puxou o revolver*, para vos matar dentro da Igreja, depois do debate religioso, meu bom amigo? Qual dos empregados no telegrapho reteve os telegrammas

que o Sr. Consú americano vos mandava? Em que dia das santas missões em Garanhuns os meus devotos (*sic!*) atiravam pedras na vossa casa e nas casas dos vizinhos?

Não é verdade, Sr. Ministro, que na entrevista ou conversa que tivestes, dias depois do acontecimento, com o Sr. Professor Manoel Antonio Jardim, deputado estadual, dissestes ao mesmo Senhor que o consú americano mandou perguntar-vos por *telegramma*, si era exacto que vos quizeram assassinar por occasião da tal discussão, e que iríeis responder que não era exacto?

Este facto se deu e não podeis contestal-o.

Mas então quando é que fallastes verdade? Foi nessa occasião, ou quando escrevestes para o publico que *alguem puxou o revolver para vos matar DENTRO DA IGREJA?! que duas mil pessoas, armadas investiram para matar-vos na PRAÇA PUBLICA ao meio dia!?* Foi dentro da Igreja ou na praça publica?... E essas *duas mil pessoas que investiram armadas para matar-vos*, porque não conseguiram esse damnado intento? E a policia local estava muda e quêda, não mugiu nem tugio em pleno meio dia?!...

Sr. Ministro, lembrai-vos que a imprensa é tribuna universal e veneranda, e não pelourinho infamante da honra e reputação alheia, nem praça de ridiculas invenções e mentiradas. Menos prevenção e mais calma, menos orgulho e mais logica, mais prudência e cavalheirismo na represalia; tudo irá bem.

E a historia das *telhas quebradas e das pedras* que os *taes meus devotos (?)* atiraram na casa do Sr. Ministro Butler e nas dos vizinhos será exacta? Não; durante o tempo da santa missão não houve quem o molestasse nem de leve e nem de longe. A presença e a voz dos missionarios têm sido sempre um freio poderoso e a mais forte garantia da boa ordem em todo o logar.

Não é exacto, pois, o que affirma o Sr. Dr. Butler dizendo: «Até a vinda dos frades, convidados certamente pelo Vigario, viviamos em perfeita paz».

E' mais uma falsidade esta asserção, porquanto o povo de Garanhuns, profundamente catholico, repellio sempre aos protestantes, os quaes principiaram allí a sua propaganda vendendo biblias falsas para fora da cidade. Em um sabbado de Maio do anno proximo passado expuzeram-n'as á venda na feira; no domingo immediato o povo em massa foi invadir-lhes a casa, rasgou livros; e elles tiveram de trancar-se no andar superior, da mesma casa, até que a pedido de pessoas gradas, que tambem tinham ido, retirou-

se depois de ter o chefe David Lopa promettido de embarcar com seus companheiros e companheiras para o Recife.

Desde então se abstiveram os protestantes de fazer culto, de portas abertas, e de vender livros e biblias falsas na feira.

Em Julho, mais ou menos do mesmo anno, foram apedrejados pelo povo, na casa á rua D. José, quando, acoçados por pedras no telhado, foram obrigados a mudar de casa e de rua.

E' falso, pois, que tenham elles vivido em paz até a ida dos missionarios.

Estes são factos reaes, Sr. ministro, são realidades palpitantes que vós jámais podereis contestar.

Finalizando este artigo, que já vae longo, vos exhorto, Sr. Ministro, a que não queiraes mentir, nem calumniar a ninguem: tudo isto, como sabeis, é uma horrenda iniquidade, uma repellente abominação, contamina horivelmente a alma, e escripto está no Apocalypse: « Não entrará nella (a Jerusalém celeste, a casa eterna de Deus) cousa alguma contaminada, nem quem commetta abominação ou mentira. » cap. XXI, 27.

Recife, 6 de Dezembro de 1895.

Frei Celestino de Pedavoli, Missionario Apostolico Capuchinho.

POLEMICA

Falsidade da Biblia da Nova-Seita

Erratis, nescientes Scripturas neque virtutem Dei.
Vós errais, não conhecendo as Escripturas, nem o poder de Deus.

Math. XXII, 29.

Foram estas as sapientissimas palavras com o que o Divino Mestre repellio certas perguntas estultas e ridiculas que os Phariseos e Sadduceos lhe fizeram, tentando-o, firmados na lei de Moysés (Math. ibi).

Sejam tambem estas mesmissimas palavras que se escapem do bico da nossa rude penna e do imo d'alma, ao descermos á arena da discussão calma e arrazoada da imprensa, para darmos uma resposta CABAL, CLARA E CATHEGORICA ás banaes perguntas e ás ridiculas objecções que, quaes modernos phariseos, herodianos ou sadduceos, nos dirigem os

nossos pobres irmãos separados, attentando impune e sacrilegamente contra a pureza e orthodoxia da nossa augusta crença e unica verdadeira religião de nosso Senhor Jesus Christo.

Referimo-nos a esse revoltante acervo de erros, de blasphemias e heresias que assoalham contra a Igreja Catholica os fanaticos da *nova seita*, os quaes, *deitando as manguihas de fóra*, desafiam loucamente os nossos brios de verdadeiros e dedicados filhos da mesma Igreja.

Não valeria a pena uma refutação decisiva e terminante de semelhantes disparates, já milhares de vezes pulverisados por pennas brilhantes de insignes polemistas e apologistas catholicos. E' malhar em ferro frio com a heresia petulante e teimosa como o demonio.

Mas, si hoje ao estúpido riso alvar de pretendidos sabios sectarios, não oppuzer-se, plena de dignidade, forte de vera sabedoria, a palavra do sincero catholico; si hoje, á vergasta do insulto não responder a cavalheirosa hombridade do homem superior, amanhã, entre as gargalhadas, no salão dos doestos, qualquer fanfarrão protestante suppor-se-ha glorioso do discutidor catholico, e bradará chibante e orgulhoso:

O romanismo (sic) é impotente no repto que lhe offerece a NOVA SEITA!

Engano! manifestissimo engano!

O coração fiel do catholico do *credo* e dos *mandamentos* não é arma que se vergue ou quebre tão facilmente. E quando elle vive entre os labores scientificos, submisso á fé viva e aviventada pelas boas obras, e lidador nas justas da recta razão, tem, além dos celestes arroubos do coração, a intelligencia que fulgura e se robustece aos raios da logica de ferro.

O catholicismo é a religião dos grandes homens: o dogma catholico proposto á intelligencia humana pelo magisterio supremo e infallivel da Igreja, foi em todos os tempos o fanal divino que allumiou o espirito dos sabios na investigação da verdade, ultimo idéal da sciencia. A sciencia mira a verdade; Deus é a mesma essencial verdade, e o catholico de convicção dá testemunho do verbo eterno contra a ignorancia ou má fé *sectaria*, o mais terrivel inimigo da verdade catholica.

Mostremos, pois, clara e cathegoricamente a falsidade da Biblia da *nova seita* pela authoridade infallivel da verdadeira Biblia e pelos testemunhos irrefragaveis dos protestantes de maior nota.

Asseverando com as palavras de Jesus Christo que, os

protestantes não entendem as divinas Escripturas, nem tão pouco o poder de Deus ; e que, portanto, servindo-se d'ellas para arremetter contra a Egreja Catholica, falsificam a mesma Biblia, não exaggeramos, nem injuriamos a ninguem, mas enunciamos uma inconcussa verdade que vamos demonstrar a toda evidencia.

Realmente, o que é falsidade?

—Falsidade significa disposição, tendencia para enganar. E' palavra synonyma de hypocrisia, dobrez, malignidade occulta, fraude, alteração da verdade.

E' emfim, o delicto de quem se torna culpado de disposição dolosa, para esconder ou adulterar a verdade.

Ora, eis ahi o crime horrendo, o sacrilegio nefando d'essa gente da nova seita, quando lança mão da Biblia para negar os dogmas augustos da Egreja Romana, objurgar e abocanhar estultamente o catholicismo.

Dizem, por exemplo : « Lêde a Biblia, estudai a Biblia, interpretaí a Biblia ; pois ella contém toda a doutrina de Jesus Christo, e achareis n'ella a vossa eterna salvação. »

Não ha falsidade, não ha engano, não ha dobrez e hypocrisita tão manifesta, como esta asserção dos ministros d'essa nova seita.

Batendo vigorosamente, victoriosamente o Sr. Ministro Butler em discussão publica na santa missão de Garanhuns, demonstrámos com argumentos irrefutaveis que : A Biblia não póde ser a unica verdadeira regra da nossa fé, já porque não foi essa regra ensinada pelo divino mestre Jesu-Christo e nem praticada por seus apostolos e discipulos, e já porque não é ella facil, isto é, adaptada a todas as condições, conveniente a todos os Estados, propria para todos os homens.

Esta segunda parte não nos foi dado demonstrar larga e extensamente, como desejamos, á mingua de tempo, ou em 30 minutos !... mas, reatando agora o fio d'aquella discussão, vamos patentear ao publico sensato essa enorme difficuldade, assentando que :

A Biblia é em muitissimos logares obscura, de difficilissima comprehensão até para os doutos.

« Jesus respondeu-lhes (aos sadduceos) : Vós errais não entendendo as Escripturas, Math. XXII, 29. « Jesus disse : (aos dois discipulos) : O' estultos, e tardos de coração para crêr tudo o que annunciaram os prophetas !... E começando por Moysés, e percorrendo por todos os outros prophetas, lhes EXPLICAVA o que d'elle se achava dito em todas as Escripuras » Luc. XXIV, 25, 26, 27.

« E Philippe ouviu que o eunuco lia no propheta Isaias, e lhe disse : crês por ventura que entendes o que estás lendo?

E elle respondeu : como o poderei eu entender, si não houver
alguem que m'o EXPLIQUE ? » Act. VIII, 27, 31.

« Tende por salvação a larga paciencia de nosso Senhor ;
assim como tambem nosso irmão carissimo Paulo vos es-
creveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, como tambem
em todas as Epistolas... nas quaes ha algumas cousas DIF-
FICEIS DE ENTENDER, as quaes adulteram os indoutos e in-
constantes, como tambem as outras Escripturas, para ruina
de si mesmos. » II.^a Pedr. III, 15, 16.

« Não entendiam ainda (os Apostolos) a Escriptura, que
importava que elle resuscitasse d'entre os mortos. » João
XX, 9.

« Nem todos são capazes de entender essa palavra, mas
sómente aquelles a quem isto foi dado. » Math. XIX, 11.

« Então (Jesus) lhes abriu o entendimento, para (os
apostolos) alcançarem o sentido das Escripturas. » Luc.
XXIV, 45.

Eis ahí, pois, declarado e demonstrado que a Escriptura
ou Biblia não só é obscura e inintelligivel até para os doutos
(como eram certamente os sadduccos que foram tentar a
Jesus) ; mas tambem que não póde ser entendida senão por
aquelles a quem é dado por uma graça especial do Senhor.

Alto lá ! brada o Sr. Ministro : David diz : « o preceito do
Senhor é claro, que esclarece os olhos » Bal. XVIII, 9. « To-
cha resplandescente para os meus pés é a tua palavra, e luz
para os meus caminhos. » Psal. CXVIII, 105.

Onde está, pois, essa obscuridade ? onde essa difficul-
dade ?

— Devagar, Sr. Ministro : O mesmo Santo Rei diz tam-
bem : « Tira (Senhor) o véo de meus olhos, e eu considerarei
as maravilhas da tua lei... » « Dá-me intelligencia, e eu es-
tudarei na tua lei... » Ensina-me as tuas justificações... »
« Faze que a luz do teu rosto reluza sobre o teu servo, e en-
sina-me as tuas justificações. » ibi. v. 18, 34, 68, 135.

Agora, Sr. Ministro, sabeis dizer-nos como póde conci-
liar-se tanta luz com tantas trevas, tanta clareza com tanta
obscuridade e ignorancia das Escripturas em um e mesmo
individuo, e sobre o mesmíssimo sujeito ?

Si o não sabeis, vol-o explica o mesmo Psalmista nas pa-
lavras seguintes : « A EXPOSIÇÃO das tuas palavras alumia
e dá intelligencia aos pequeninos. » ibi v. 130.

Entendestes ? A Biblia é luz que alumia, etc., quando
ha quem exponha e explique o seu verdadeiro sentido.

Mas, retorque o Sr. Ministro, não é o mesmo Deus

quem diz : « Este mandamento, que eu hoje te intimo, não está sobre ti, nem está longe de ti ? etc. » Deut. XXX, 11. Não é o proprio S. Pedro quem assevera : « E ainda temos mais firme a palavra dos prophetas, á qual fazeis bem de attender, como a uma tocha que allumia em logar tenebroso ? » II.ª Pedr. I. 19. Logo : a Biblia é clara e facil de ser por todos entendida.

E' inutil, Sr. Ministro, é ociosa esta vossa consequencia ; porquanto o primeiro texto outra cousa não significa, senão que a observancia da lei divina não é superior ás nossas forças, auxiliadas pela graça celeste. O segundo, quer dizer que « os vaticinios, as doutrinas dos Prophetas do Velho Testamento são semelhantes a uma tocha, que mostra, sem duvida, a todos o caminho da salvação, mas só obscuramente. »

Quem dá esta explicação não somos nós, Sr. Ministro. São dois genios protestantes, Knapp, em sua *Diatribé*, sobre este texto, e Rosenmuler, *Comment. in hunc locum*.

Quereis mais ? Escutai, lêde, attendei bem.

« Na Biblia, diz *Jeremias Taylor*, acho taes e tantos mysterios, os quaes por mais expressos que estejam, não são por nada facéis de se entender, e ficarão sempre obscuros e intelligiveis para o nosso limitado entendimento. » Obr. *Da liberdade de prophetisar*, Secc. 4.ª.

Mais : Quem for dotado de algum talento e tiver alguma gottá de bom senso, não póde absolutamente negar que a *Biblia divina* não contenha, como que envoltas em um manto de obscuridade, já não direi as verdades religiosas sómente (as de menor conta) senão tambem as verdades mais essenciaes e que mais importa saber » I. H. Heliman, compend. da theologia dogm. 1761, pag. 38.

Mais ainda : « Acontece frequentemente que homens livres de prevenções e isentos de paixões, duvidam muito do sentido que por ventura possam os Apostolos e os Prophetas ter querido patentear aos outros ; tamanha é a difficuldade que offerecem as *Escripturas Sagradas* a quem deseja explical-as » I. Grabe. *Epist. ad regem Borussice, ante Opera S. Irinei*.

Ainda mais : « O conteúdo da Epistola aos Hebreus é completamente intelligivel, sem um vasto conhecimento de todos os livros do Velho Testamento » — Oster, *Le droit de tout l'homme* pag. 31.

E finalmente : « Ninguém, diz o vosso Santo Pae e Patriarcha na fé protestante « ninguém póde comprehender as *Buccolicas* de Virgilio, sem ter feito primeiro cinco annos o pastor de Ovelhas ; nem as *Georgicas*, sem ter por outros

tantos annos trabalhado no arado ; nem as Epistolas de Cicerone, si não se tiver exercitado por vinte annos nos negocios politicos ; *ninguém* póde entender devidamente as *Esripturas*, a menos que não tenha governado por cem annos a Igreja com os Prophetas Elias e Eliseus, com João Baptista, com Jesu-Christo e com os Apostolos. » *Luthero, colloq. mensaes. Vid. Audin, Histoire de la vie de Luthere. Tom. I. pag. 443.*

Ante esta série de irrecusaveis documentos, o mais exigente dos ministros protestantes não póde desejar mais nada, para a demonstração *cabal, cathégorica e evidente* da nossa these : *A Biblia é em muitissimos logares obscura e difficillima de ser comprehendida como convém.* Logo, nas mãos dos protestantes ella é falsa.

Não estranheis, Sr. Ministro, esta consequencia ; porque, de duas uma : ou os textos biblicos que acabamos de citar se acham na vossa Biblia, ou não se acham. Si não se acham, é ella evidentemente falsa, porque mutilada ; si se acham, como é incontestavel, vós sois réo convicto e confesso de flagrante falsidade ; porque a espalhaes por entre o povo (cuja maioria é ignorante, indouta, incapaz de interpretar-a) como facil de ser entendida por todos, não sendo-o.

Pois então ? Não é isto que quer dizer : — *manifesta tendencia para enganar ? Esse vosso procedimento não significa dobrez, hypocrisia, fraude, alteração da verdade ?* Esconder, dissimular, adulterar maliciosamente a verdade, como vós fazeis, Sr. Ministro, não é um crime horrendo, não é uma impiedade inqualificavel, não é uma clamorosa injustiça que provoca a ira e a indignação de Deus ? Sim, responde S. Paulo : « A ira de Deus se manifesta do céu contra toda a impiedade e injustiça d'aquelles homens que retêm na injustiça a verdade de Deus. (Rom. I, 18.)

Senhores ministros protestantes, quem quer que sejaes, vós errais, não conhecendo as *Esripturas* nem o poder de Deus.

Como haveis de entregar ao povo em geral a Biblia, que não póde ser facilmente interpretada ? Com que consciencia, com que bom senso entregaes vós ao exame de pessoas pouco instruidas, não um folheto, não um livro, mas um cathalogo de livros, pois a (Biblia é um catalogo de livros) que, segundo vós mentirosamente affirmaes, contém toda a doutrina de Christo e a vida eterna de todos os que souberem lê-los e interpretar-los ?

Quem não lê a Biblia e toda a Biblia, não póde, segun-

do a regra da fé protestante, possuir toda a doutrina de Nosso Senhor Jesus Christo ; não pôde salvar-se !!!

Isso nem o *diá...* quando era rapaz...

Os Psalmos, por exemplo, sublimissima poesia lyrica, poderão ser interpretados pela multidão ?

As prophecias, visões divinas, muitas vezes encobertas por imagens sublimes, poderão ser interpretadas pela multidão ? Poderá a multidão entender aquellas figuras arro-
jadas, aquelles symbolos mysteriosos e aquellas esplendidas
metaphoras, que ornão a Sagrada Biblia ?

Ah ! direis vós : não somos nós ministros da egreja pro-
testante ?... não prégamos também nós o puro Evangelho
de Christo ?... não accetamos também nós nas nossas syna-
gogas ou casas de culto pessoas que não sabem lêr ?

— Mas eis ahi, vos diremos, mais uma incoherencia
vossa, toda vossa ; mais uma contradicção nos termos, mais
uma falsidade que vos caracteriza pelo que sois.

Vós os predicantes de vossos erros !... Vós os mestres
da humanidade em materia de religião !...

Vós os interpretes da Biblia !!!

E quem vos deu essa incumbencia ? Quem vos encar-
regou d'essa missão ? Quem vos outorgou esse dom de
inerrancia n'esse officio tão melindroso ?

Não é verdade que cada um deve interpretar a Biblia,
segundo a luz da propria razão ? E' vosso esse erroneo
principio. E com que direito pretendeis impor aos outros
as vossas proprias convicções em materia religiosa ?

*
* *

E seguindo este fatal principio do livre exame, da in-
terpretação livre da Biblia, quem poderá evitar que os ho-
mens interpretem malevolamente a mesma palavra de
Deus ?

Pois não é certo que Luthero aconselhou a rebeldia aos
camponeses contra seus legitimos soberanos, fundando-se
na Biblia ?

Não conta a historia de um tal predicante, vosso colle-
ga, o qual subia aos telhados das casas, e de lá pré-gava ao
povo ; porque tinha lido no Evangelho as seguintes pala-
vras de Jesus Christo aos Apostolos : o que se vos diz ao
ouvido, *publicai-o dos telhados ?* (Math. 27.)

Não consta também da historia que um certo Ricardo
Hill sustentou, appoiando-se na Biblia, que era permittido o
adulterio e o incesto ? E que um tal Sr. Sympson queria
que os pobres sahisses nús á rua, para mostrar aos ricos o

desprezo dos bens temporaes? E que o celebre João de Leyde pensou encontrar na Biblia permissão para casar com onze mulheres?

Não foi, finalmente, fundando-se na Biblia, que os socialistas atacaram o direito de propriedade, e estabeleceram a lei do *communismo*, sobre o pretexto de que na primitiva Igreja os fieis traziam seus bens aos Apostolos, para repartil-os com a pobreza?

— Direis talvez que a Biblia não é responsavel pelos desatinos de certos homens.— Muito bem, Senhores ministros, concordamos ás mil maravilhas.

Si a Biblia não é responsavel por esses mil e outros desatinos, o sois vós, sem duvida, que andais espalhando as vossas biblias por entre até os analphabetos.

E que diremos dessa revoltante anarchia dos espiritos, e d'essa confusão deploravel nas mais importantes materias religiosas? Quem as creou? — Foi essa vossa interpretação livre.

Podeis enumerar as seitas protestantes? Não. Tantas e tão differentes são ellas, que hoje, Srs. ministros, não podeis contal-as.

Não podeis negar: dos vossos falsos principios, da vossa falsa regra de fé, nascem milhares de seitas, como do seio dos cadaveres pululam os vermes.

Sim, vós protestantes, estaes divididos e subdivididos, inimigos sempre e em perpetua lucta entre vós, e só unidos e concordes no odio figadal e satânico contra a unica verdadeira Igreja de Christo — a Romana.

Más vós haveis de succumbir forçosamente, succumbireis de certo pela incoherencia, pela divisão pela desordem.

Povo Catholico! A ruina, a morte, eis a consequencia logica da regra de fé protestante. Foge do Protestantismo!...

REGRA DE FE' CATHOLICA

I

O principio que agora vamos estabelecer é a verdadeira regra de fé do catholicismo, em opposição á falsa regra de fé do protestantismo.

Já dissemos que os protestantes affirmam que a Biblia, e só a Biblia, interpretada pela razão individual, é a regra de fé christã.

Crêmos ter levado a convicção a todos os espiritos sin-

ceros, demonstrando nos precedentes artigos que essa regra de fé protestante é insuficiente, incoherente, falsa, ruíno-
sa e fatal.

Qual será a verdadeira regra de fé ?

E' a regra da Igreja Catholica.

E senão vejamos.

A Igreja Catholica ensina que é divinamente revelado tudo aquillo e só aquillo que se acha na palavra de Deus — ESCRITURA E TRADIÇÃO — ; palavra esta, proposta, interpretada e explicada por uma autoridade viva, permanente e rodeada de todas as garantias da inerrancia.

Que differença enorme entre uma e outra regra de fé !

A Biblia e só a Biblia, interpretada ao sabor de cada um, eis a regra de fé protestante.

A Biblia e a Tradição, propostas e explicadas por uma autoridade infallivel, eis a regra de fé catholica.

Qual destas duas regras será preferivel, ou mais consentanea com a natureza humana ?

Será a dos protestantes, em força da qual cada individuo fórma por si mesmo uma religião, ou será a dos catholicos, que se funda n'uma autoridade divina, constituida pelo proprio Deus para ensinar a verdade, só a verdade e sempre a verdade ?

Foi esta a constituição sapientissima que nosso Senhor deu em todos os tempos á sua Religião.

De feito, lemos no Velho testamento : « Se acontecer que penda diante de ti algum negocio difficil e escabroso entre sangue e sangue, entre causa e causa, entre lepra e lepra ; e vires que dentro das tuas portas são varios os pareceres dos juizes... encaminhar-te-has aos sacerdotes da linhagem de Levi, e ao juiz que nesse tempo fór, e consultal-os-has, e elles te descobrirão a verdade do juizo ; E farás tudo o que elles te disserem... sem declinares nem para a direita nem para a esquerda. Aquelle, porém, que, inchado de soberba, não quizer obedecer ao mandato do sacerdote que n'esse tempo fór o ministro do Senhor teu Deus, e ao decreto do juiz, esse homem morrerá, e tu tirarás o mal do meio de Israel. » (Deuter. XVII, 8-12.)

Notai bem, Srs. Ministros Butler & C.^{as}, que neste caso o juiz era o mesmo Sacerdote Summo Pontifice ; pois só elle, segundo a lei (Levit. XII) podia discernir e sentenciar entre lepra e lepra.

Isto mesmo vereis confirmado pelos textos seguintes : « Estabeleceu Josaphat em Jerusalém Levitas e sacerdotes, e principes das familias d'Israel... e lhes ordenou, dizendo...

Em toda a causa... entre familias e familias, todas as vezes que a questão fôr sobre a lei, sobre os mandamentos, sobre as ceremonias e sobre os preceitos, instrui-os, para que não pequem contra o Senhor... Amarias, Sacerdote e Pontifice vosso, presidirá nas cousas que tocam a Deus, e Zabadias, filho de Ismael, principe da casa de Judá, presidirá nos negocios que tocam ao serviço do rei. » II.º Paralip. XIX, 8—11.

« Isto diz o Senhor dos exercitos : Propõe aos sacerdotes esta questão sobre a lei. » Agg. II, 12.

« Os labios do sacerdote serão os guardas da sciencia, e da sua bôcca é que os mais buscarão a intelligencia da lei ; porque elle é o anjo do Senhor dos exercitos » Malach. II, 7.

« Os Sacerdotes e Levitas, filhos de Sâdoc... ensinarão ao meu povo a differença que ha entre o santo e o profano, entre o limpo e o immundo. E quando se levantar alguma controversia, elles se prestarão a decidil-a, atidos aos meus juizos, e de facto a julgarão. » Ezech. XLIV, 15... 23 24.

E' esta a lei, Srs. Butler e Companhia ; Vejamos agora a execução ou applicação d'ella. « Fez Moysés como o Senhor lhe tinha ordenado... e explicou todas as ordens do Senhor. » Num. XXVII, 22 e 23.

« Igualmente disse (Josias) aos Levitas... por cujas instrucções todo Israel estava santificado para o Senhor. » II.º Paralip. XXXV, 3.

« Esdras tinha preparado o seu coração para buscar a lei do Senhor, e para cumprir e ensinar em Israel os seus preceitos e as suas ordenanças. » I.º Esdr. VII, 10.

« O Sacerdote Esdras trouxe a lei para diante da multidão... e leu n'este livro claramente... desde a manhã até o meio dia, na presença dos homens, das mulheres e dos entendidos... E todo o povo... fez grande regosijo, porque tinham entendido as palavras que Esdras lhes havia ensinado. E ao outro dia os chefes das familias de todo o povo, os Sacerdotes e os Levitas, se congregaram na presença de Esdras, escriba, para que lhes interpretasse as palavras da lei. » II.º Esdr. VIII, 2, 3, 12, 13.

Tudo isto, Srs. ministros da NOVA SEITA, é mais que evidente para mostrar-vos, e a todos os vossos infelizes adeptos: 1.º que a Biblia, a Sagrada Escriptura, a palavra de Deus nunca foi entregue pelo mesmo Senhor indiscriminadamente a qualquer filho do povo de Israel, para interpretal-a á seu talante ; 2.º que consequentemente não pôde, e nem deve ser interpretada por qualquer individuo ; 3.º que não é permittido aos fieis de Christo adoptal-a como unica regra de fé e de costumes, no sentido em que cada um entender ; 4.º que á Igreja Santa de Deus pertence exclusiva-

mente a dogmatica interpretação da mesma Bibila, a qual deve ser acceita e seguida por todos ; 5.º finalmente, que vós errais e appareceis á face do céu e da terra nimiamente ignorantes, ou então falsificadores maliciosos das Escripturas divinas, dando-as, ou vendendo-as a todos indifferente-mente como unica norma de salvação. O publico já vos julgou terrivelmente. Não ha mais duas opiniões a respeito.

Passemos agora do Velho para o Novo Testamento.

« Então fallou Jesus ás turbas e aos seus discipulos, dizendo : Sobre a cadeira de Moysés se assentarão os Escribas e os Phariseus. *Observai pois, tudo quanto elles vos disserem.* » Math. XXIII, 1, 3.

Estaes vendo, pobres nossos irmãos separados, como o Filho de Deus, comquanto viesse dar novas leis ao mundo, todavia, neste nosso caso, respeita, renova e confirma, tudo quanto fôra estabelecido no Velho testamento ?

« Tem-se-me dado, disse Jesus aos onze discipulos, todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo ; ensinando-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado. E estai certos de que eu estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos. » Math. XXVIII, 18, 20.

« E si não ouvir á Egreja, tem-n'o por um gentio e um publicano. » ibi. XVIII, 17.

« O que a vós ouve, a mim ouve ; e o que a vós despreza, a mim despreza. » Luc. X, 16.

Não vos parece, senhores da Nova Seita, ser esta a carta constitucional do christianismo ?—Não é verdade que por estas palavras Jesus estabeleceu o methodo sublime para a conservação da sua celeste doutrina ?—Não podeis negal-o.

Jesus escolhe os Apostolos e dá-lhes o poder, todo o poder de ensino, ensino illimitado, universal, abraçando todas as nações. E para garantir-lhes este ensino affirma Jesus que estará com elles até a consummação dos seculos ; bem como, para testificar-lhes a inerrancia ou infallibilidade do mesmo, ordena seja considerado como excommungado, quem desdenha acceitar e esposar este ensino apostolico, declarando-se desprezado Elle e seu Pae celeste, por quem desprezar aos apostolos e os ensinamentos delles.

Tudo isto é mui evidente, e é da Biblia. Porém não é menos evidente, nem menos proprio da Biblia que entre todos os Apostolos ha um que é o chefe supremo, incumbido de conservar a unidade da doutrina, declarar a verdade toda inteira, e resolver todas as duvidas e conflictos religiosos.

Este chefe supremo já sabeis quem é, Srs. Butler e companhia. E' o glorioso S. Pedro, constituido por Jesu-Christo chefe visível da sua Igreja, e cuja autoridade não sendo um beneficio pessoal, proprio do mesmo S. Pedro, devia de ser transmittido na pessoa de seus legitimos successeres.

E quereis saber como realisou-se esta organização admiravel da Igreja christã, que fórma (bem que vos pese e a todos da vossa grei) a mais alta, a mais nobre dynastia do mundo?

Lêde o cap. XVI do Evangelho de S. Matheus, versiculos 13 a 19: « E veio Jesus para as partes de Cesaréa de Philippe, e fez a seus discipulos esta pergunta: Quem dizem os homens que é o Filho do homem?—Elles responderam: Uns dizem que sois João Baptista, outros que sois Elias, e outros que Jeremias ou algum dos prophetas.

« Vós porém » tornou a perguntar-lhes Jesus; « quem dizeis que sou eu? »

Respondeu Pedro: « Vós sois o Christo, filho do Deus vivo. » Disse-lhe Jesus: « Bemaventurado és Simão, filho de João; porque não foi a carne, nem o sangue, quem t'o revelou (esta profissão de fé) mas o meu Pae, que está nos céos.

« Tambem te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra (sobre ti) edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Eu te darei as chaves do reino dos céos. »

Aqui estão, Senhores ministros da nova seita, as palavras omnipotentes do Filho do Deus-Vivo.

Ponderai-as no seu justo valor.

Jesus declara terminantemente que Pedro, chefe dos apostolos, é a pedra fundamental, a base do grandioso edificio da sua Igreja:—*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.*

Dar-te-hei as chaves do reino dos céos.

As chaves são a figura, o symbolo da suprema autoridade, que abre as portas adamantinas do céu; e é a Pedro que Jesus promette dar esse immenso e incomparavel poder.

Porém, até aqui temos só uma promessa. E desejaes, Srs. Butler e companhia, vê-la realisada pelo mesmo Jesus na pessoa desse Pedro, constituido chefe da Igreja e doutor infallivel e universal?

Abri o Evangelho de S. João, cap. XXI, 15, 16, 17: « Depois de resurgir dos mortos, se manifestou Jesus a terceira vez a seus discipulos, e... perguntou a Simão-Pedro: Simão,

filho de João, tu amas-me mais do que estes ? E Pedro respondeu : Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. » Fez-lhe Jesus esta mesma pergunta segunda e terceira vez ; e depois desta triplice interrogação concede-lhe a investidura de pastor supremo, infallivel, universal, dizendo-lhe : APASCENTA OS MEUS CORDEIROS, APASCENTA AS MINHAS OVELHAS.

Joelho em terra, Senhores protestantes !... Adorai a Jesu-Christo, que acaba de revestir a S. Pedro da sua propria autoridade, para apascentar os cordeiros e as ovelhas, pertencentes ao rebanho do Divino Salvador : reconhecei esta divina instituição, que estabelece a verdadeira regra de fé catholica ; venerae, curvae o collo da obediencia ás ordens de S. Pedro, si não quereis ser enxotados a golpes de chaves da porta do céu pelo mesmo principe dos apóstolos !...

Preparai-vos, no entanto, para ver como tem sido entendida e praticada esta mesma instituição pela Egreja e pelo chefe Supremo da Egreja de Jesu-Christo, bem como a escandalosa falsidade da vossa Biblia.

II

Dissemos e solidamente assentamos, no precedente artigo, que a instituição sublime, pela qual S. Pedro foi divinamente revestido da Suprema autoridade, que emana do mesmo Christo, para apascentar cordeiros e ovelhas, constitue ou estabelece verdadeira regra da fé catholica.

E não vos parece evidente, Sr. George Butler, que Christo creou por essa instituição uma autoridade viva, infallivel e perenne, para conservar intacta a doutrina revelada, para explicar e resolver de modo definitivo as duvidas que por ventura fossem suscitadas ?

Mas, o que não podeis jamais negar, o que é absolutamente incontestavel, charo Doutor, é que apenas a Egreja de Christo começou a propagar-se, começou tambem o exercicio d'essa autoridade suprema.

Lêde primeiro, e depois negai, se tiverdes coragem.

« E vindo alguns da Judéa, ensinavam assim aos irmãos : *Pois se vos não circuncidais segundo o rito de Moysés, não podeis ser salvos.* E tendo-se movido uma disputa não mui pequena de Paulo e Barnabé contra elles, foi estabelecido que Paulo e Barnabé e alguns dos outros *fossem aos apóstolos e aos presbyteros de Jerusalém sobre esta questão...* Congregaram-se pois os apóstolos e os presbyteros *para examinar este ponto.* E depois de se fazer sobre elle um grande exame, levantando-se Pedro lhes disse : *Varões irmãos, vós sabeis que desde os primeiros dias ordenou Deus*

entre nós que da minha bocca ouvissem os gentios a palavra do Evangelho, e que a crêsem. Porque tentais a Deus, pon-do um jugo sobre a cerviz dos discipulos, que nem nossos pais, nem nós podemos supportar? Mas, NÓS CREMOS QUE PELA GRAÇA DO SENHOR JESU-CHRISTO SOMOS SALVOS, ASSIM COMO ELLES TAMBEM O FORAM. Então toda a assembléa se calou...

...« Os Apostolos e os Presbyteros... áquelles irmãos convertidos dos gentios que se acham em Antiochia, e na Siria, e na Cilicia, saude.

« Porquanto havemos ouvido que alguns que tem sahido de nós, transtornando os vossos corações, vos têm perturbado com palavras, *sem lhes termos mandado tal...* PARECEU BEM AO ESPIRITO SANTO, E A NÓS, *não vos impôr mais encargos do que os necesarios etc., etc.,* » Act. XV, 1, 2, 6, 7, 10, 11, 12, 23, 24 e 28.

Por ahi já comprehendéis, Sr. Butler, e podeis ficar certo : 1.º que a controversia entre os christãos de Antiochia versava sobre a intelligencia da Escriptura, visto como tratava-se de saber si era-lhes necessaria a circumcissão para se salvarem ; 2.º que nenhum d'elles, nem entre os seus primarios pastores, ousou arrôgar-se o poder de decidir sobre essa controversia dogmaticamente ; 3.º que todos concordaram unanimemente ser necessario recorrer, para a definitiva decisão, á suprema autoridade da Igreja ; 4.º que S. Pedro, a quem isto pertencia exclusivamente, pronunciou a inappellavel sentença, pelo que *toda assembléa calou-se* ; porque as sentenças de Pedro são infalliveis : *Pareceu bem ao Espirito Santo e a nós* : 5.º emfim, que foram reprovados e condemnados como perturbadores aquelles que pretenderam sentenciar dogmaticamente em materia da Sagrada Escriptura, independentemente da autoridade de Igreja : — *Sem lhes termos mandado tal.*

Entendeis agora, Sr. Butler, como S. Pedro servio-se da suprema autoridade, de que fôra revestido solemnemente por Christo? Comprehendeis vós a momentosa razão, por que desde esse instante que assim fallou S. Pedro cessou a duvida, cessou o conflicto, e todos se submeteram ao decreto de S. Pedro e dos Apostolos ?

.....

E para que não digais que semelhante decreto referia-se só a um caso particular, lêde, Sr. ministro, mais uma declaração dogmatica que o mesmo S. Pedro promulgou para toda a Igreja nos termos seguintes :

« Temos mais firme a palavra dos prophetas, á qual fa-

zeis bem de attender... entendendo primeiro isto (notai bem, Sr. Butler) *que nenhuma prophesia da Escriptura se faz por interpretação propria*; pois que (eis a razão disto) em nenhum tempo foi dada a prophesia pela vontade dos homens, mas os homens santos de Deus é que fallaram, inspirados pelo Espirito Santo. » II.^a Pedr. I, 19—21.

D'estas ultimas palavras (vós, Sr. Butler, *que sois tão entendido na Biblia*...) podeis colligir que, aqui por *prophesia* não se entende só as predicções propheticas, mas segundo a phraseologia da mesma palavra de Deus, todas as santas Escripturas.

Por isso o mesmo Apostolo gravemente avisa a todos os fieis, para que se acautelem contra aquelles que pretendem decidir sobre o sentido da Biblia, seguindo as luzes da propria razão como fazeis vós, por exemplo. « Vós pois, irmãos, estando já de antemão advertidos, guardai-vos; para que não caiaes da propria firmeza, levados do erro d'estes insensatos » ibi III, 17.

Com maior energia o Apostolo S. Paulo detesta, repelle e condemna a esses taes pretendentes, e acremente reprehende os fieis que lhes prestam attenção.

Ai! Sr. Butler! Aqui é precisamente que principiam para vós, e os vossos adeptos tambem, os mysterios dolorosos! Animo, porém, coragem!

Não é *revólver*, nem *pistola*, nem as *duas mil pessoas armadas para matar-vos!*... E' apenas um pedacinho de ouro, que poderia fazer o thesouro da vossa alma, se fosseis de boa fé.

« Ha muitos DESOBEDIENTES, VÃOS, FALLADORES E IMPOSTORES, principalmente os que são da circumcisão; é necessario convencer a esses taes, que transtornam casas inteiras, ensinando cousas que não convém por torpe ganho. » A Tit. I. 10, 11. « O fim do preceito é a caridade nascida de um coração puro, de uma boa consciencia e de uma fé não fingida. D'onde apartando-se alguns, se deram a discursos vãos, querendo ser doutores da lei, não sabendo nem o que dizem, nem o que affirmam. » A Tim. I, 5—7.

« Elle mesmo » Jesu-Christo, « fez a uns certamente apostolos, e a outros prophetas, e a outros evangelistas, e a outros pastores e doutores, para a consummação dos santos em ordem á obra do ministerio, para edificar o corpo de Christo... para que não sejamos já meninos fluctuantes, nem nos deixemos levar em roda de todo o vento de doutrina pela malignidade dos homens, e pela astucia com que induzem ao erro. » Ephes. IV, 11, 12, 14. « São por ventura todos apostolos? são todos prophetas? são todos doutores? fazem

todos por ventura milagres? têm todos a graça de curar doenças? fallam todos muitas linguas? têm todos o dom de as interpretar? » 1.^a Corinth. XII, 29, 30.

« Eu me espanto » (Este pedacinho agora é com essas *tres duzias* de vossos adeptos que, por meros interesses materiaes e pessoas, apostataram da unica verdadeira religião de Christo e se passaram para a vossa seita. Ainda conservamos a lista dos nomes que já publicámos na missão de Garanhuns, declarando-os já excommungados pelo mesmo apostolo) « eu me espanto de que deixando aquelle que vos chamou á graça de Christo, passeis assim tão depressa a outro Evangelho; porque não ha outro, senão é que ha alguns que vos perturbam, e *querem transformar o Evangelho de Christo*. Mas, ainda quando nós mesmos, ou um anjo do céu vos annuncie um Evangelho differente do que nós vos temos annunciado, *seja anathema* » Galat. I. 6—8.

Anathema, Sr. Butler, quer dizer: *excommungado, amaldiçoado*; e parece que este raio atterrador fulminado por S. Paulo, vos attingio tambem a vós!... Deus tenha piedade de vós!...

Mas, não vêdes, Sr. ministro, que tanto no Velho como no Novo Testamento Deus ordena e manda terminantemente se recorra á autoridade da Igreja, para o verdadeiro sentido da Biblia?

Não quereis ainda convencer-vos de que, todos aquelles que, como vós, pretendem interpretar a dogmaticamente por autoridade propria e particular, ou que presumem tê-la como unica regra de sua fé e de seus costumes, no sentido delles, independentemente da autoridade Suprema da Igreja, pelo Velho Testamento *são condemnados á morte*, e pelo Novo não são só condemnados, como *desobedientes, perturbadores e seductores*, mas tambem fulminados com o raio formidavel do tremendo *Anathema*, que importa a mais terrivel maldição, a mais espantosa excommunhão?

Deus vos illumine e converta, pobres cégos voluntarios.

.....
Entretanto, é forçoso reconheçais e confesseis a falsidade da Biblia Divina nas vossas mãos; porquanto, o dilemma que vos punge e fere de morte ahi está, de pé, e do qual não podeis escapar:—ou esta longa série de textos biblicos que acabamos de citar, e que provam a toda a evidencia o nosso assumpto, se acham na vossa Biblia, ou não se acham...

Si não se acham, ella é falsa, porque mutilada, truncada por vós mesmos; si acham-se, e vós maliciosamente

os dissimulaís, ou fingis ignoral-os, eis-vos mais uma vez, Srs. ministros da *nova seita*, apanhados em flagrante delicto de falsidade, ou de quem se torna culpado de disposição dolosa para maligna e hypocritamente esconder ou adulterar a verdade.

Escolhei, Srs. Butler e companhia : OU FALSA A VOSSA BIBLIA, OU VÓS MESMOS OS FALSIFICADORES DELLA. Desta coarctada, deste circulo de ferro nunca sahireis.

.....

Já estamos fóra de tudo isso, bradam os protestantes, apoiados nas passagens seguintes :

1.^a « Não tendes necessidade que ninguém vos ensine ; mas, como a sua uncção (*do Espirito Santo*) vos ensina em todas as cousas, e ella é uma verdade, e não é mentira, tambem como ella vos tem ensinado, permaneçei n'Elle. » I.^a João, II, 27.

2.^a « Farei..., que todos os teus filhos universalmente fiquem ensinados pelo Senhor. » Isaías, LIV, 13.

3.^a « Imprimirei a minha lei nas suas entranhas, diz o Senhor, e a escreverei nos seus corações... e ninguém ensinará d'ahi em diante ao seu proximo... dizendo : conhece ao Senhor. » Jerem. XXXI, 33, 34.

4.^a « Examinai as Escripturas, pois julgaes ter n'ellas a vida Eterna ; e ellas mesmas são as que dão testemunho de mim. » João V, 39.

Mas, que infelicidade, Sr. Butler ! Estas passagens não vos suffragam de nada. Quem vos convence disto não é Frei Celestino ; são protestantes de *papo amarello* ou de maior nota.

Porquanto o « 1.^o texto não contém mais que um aviso que dá S. João aos fieis para precavel-os contra as astucias dos falsos mestres do seu tempo, os quaes, sob o pretexto de darem uma mais ampla instrucção, enganavam a muitos. Pelo que os admoesta a que não lhes prestem attenção, sendo elles, os fieis, sufficientemente instruidos nas cousas necessarias á salvação. » (Vid. Rosenmuler, *em seus Escolios ou breves annotações sobre esta passagem.*) — 2.^o e 3.^o significam sómente uma maior diffusão do monotheismo por entre os Hebreus de volta do captiveiro de Babylonia, ou uma maior facilidade de conhecerem e praticarem a lei de Deus. » (Rosenmuler e outros protestantes na Obra : *Criticos sagrados.*) — Quanto ao 4.^o « A phrase : *Examinai as Escripturas*, não foi empregada por Christo no modo imperativo e sim no *indicativo*, como se torna evidente não só pela autoridade dos nossos Doutores, que assim o entenderam, senão

tambem pelo mesmo contexto, que o exige. Além disso, estas palavras foram dirigidas por Christo aos Phariseus, isto é: aos Doutores da lei; pelo que nada têm que ver com a presente questão. » (Kuinoel. *Commentarios*, e Rosenmüller, *Obr. Cit.*)

Já entendestes, Sr. Butler, ponderastes estes testemunhos? Não são elles de Santos Padres da Igreja catholica que vós repellis, mas sim de Doutores protestantes de cartello, que não podeis contestar.

E quereis ainda mais? — Lêde sem tremer: « Comquanto a Igreja protestante pretenda estabelecer-se e fundar-se na Sagrada Escriptura, *comtudo ergue-se ella sobre um fundamento assás fraco e leve.* » (F. F. Delbraek. *Phe-lippe Melancton*, ou mestre da fé, etc. 1826.)

« Si Deus revelou aos homens algumas doutrinas, de que não ha quem possa dispensar-se, sendo ellas absolutamente necessarias para a consecução da salvação eterna, bem se vê *que a explicação das mesmas se deve attribuir só áquelles que foram destinados AD HOC; isto é: áquelle Instituto que, guiado continuamente pelo Espirito-Santo, não póde falhar, mas deve ser sempre INFALLIVEL.* » (Zimmermann, *Gazeta litteraria de Lipsia*, 1829, n. 171.)

« Si nós protestantes acceitarmos e recebermos a Biblia como regra e norma de fé, segue-se que todas as verdades, ainda as de fé, terão, por assim dizer, suas raizes e seus fundamentos no campo das disputas exegeticas.. » Lessing, *Appendices para a historia da litteratura*, Tom. 6, pag. 58.

« Certamente, aquelles monstros de erros e heresias que hoje em dia se dão por entendidos, não são mais que regatos, provenientes d'aquella fonte que é a privada interpretação da Sagrada Biblia. » *Epistolas e respostas de Calvino*, pag. 47, columna 1.^a

« Por isso dizia eu aos meus adversarios: *E' necessario consultar a Igreja, fechando os ouvidos ás paixões e prevenções. A intelligencia da Biblia não pertence nem a vós, nem a mim, e sim á Igreja, a quem pertencem as CHAVES e o PODER das chaves.* » Zwinglio, *Disputa com um anabaptista*. Vid. Audin, *Histoire de la vie de Luthere*. Milão 1842, vol. I, pag. 153.

.....

Sinto-me nimiammente fatigado. Sr. Butler, por isso convido-vos, e aos vossos adeptos, como conclusão deste importantissimo assumpto, a examinar esta materia no tribunal da recta razão.

Não será certo, Srs. Butler et reliqua comitante caterva,

que o ensino nos vem da autoridade e da confiança que nella depositamos ?

Quem guiou a vossa intelligencia ainda nas faixas da vossa infancia ?

Foram vossas mães, que pelo ensino longo e laborioso da palavra, vos inocularam no espirito os primeiros rudimentos das cousas, formaram os primeiros elementos da vossa fé, crearam-vos entes civis e religiosos.

Por conseguinte, á vossa infancia presidio a autoridade.

E na vossa adolescencia, na vossa mocidade, na virilidade mesmo, achando-se a vossa razão em plena florescencia e em perfeita maturidade, não precisastes vós, e não precisaes ainda do ensino transmittido pola autoridade ?

Entraí nos tribunaes, penetrai nas repartições publicas, engolphai-vos no commercio, ahí encontrareis a autoridade, em cuja confiança repousa todo o mechanismo social.

Já vêdes, Srs. Butler & C.^{as}, que a confiança n'uma autoridade é absolutamente indispensavel para quem vive na sociedade domestica e social.

Mas, como póde haver exercicio de autoridade sem obediencia ? Si ha quem mande, deve necessariamente haver quem obedeça. Á obediencia, como vós mesmos ensinai, funda-se na mesma essencia das cousas, e é eminentemente nobre, porque remonta a Deus.

Não ha duvidar ; a obediencia á autoridade que parte de Deus, é cousa summamente nobre, e nada tem de aviltante, Sr. Butler.

Ora, si Deus, creando a sociedade domestica, e a civil tambem, estabeleceu por isso mesmo a autoridade, que une os esforços para um fim commum ; si essa autoridade suppõe uma obediencia ; não terá o mesmo Deus, em creando a sociedade religiosa, A SUA EGREJA, estabelecido n'ella uma autoridade, á qual todos os seus membros devem indispensavelmente obedecer, para conseguir o fim supremo que esta sociedade se propõe ?

Ah ! Sr. Butler ! pobres irmãos separados ! é isto mesmo que acabamos de demonstrar-vos larga e extensamente neste e no precedente artigo, que vós nunca podereis contestar.

Mas, vós todos negais a pé firme e de viseira levantada esta autoridade, negais descaradamente este poder de S. Pedro e de seus legitimos successores, a despeito da Biblia, que andais vendendo por esse mundo de Christo por *atacado e a varejo* ; logo reconheceí que *errais não sabendo as Escripturas, nem o poder de Deus* ; reconheceí ainda que a mesma Biblia nas vossas mãos é falsa, e que os falsificado-

res d'ella sois vós, e só vós : reconhecei, finalmente, que a unica e verdadeira regra de fé christã é a dos catholicos, os quaes reconhecem, admittem e obedecem a uma autoridade viva, permanente, visivel, infallivel, concretisada em *S. Pedro, no Papa*, cuja função mais nobre e mais alta é ensinar a verdadeira doutrina de Jesu-Christo, que a creou.

Infeliz, desventurado Protestantismo ! Tu, negando o poder de S. Pedro e de seus successores, como formularás um symbolo religioso ? Como has de determinar artigos de fé, desde que não conheces uma autoridade central, uma autoridade suprema ? Bastará porventura a autoridade de um de teus pastores ? ou a de um de teus ministros chamados evangelistas ? ou a de um dos agentes de tuas sociedades biblicas ? Mas que valor tem essa autoridade ? quem a constituiu officialmente ? em nome de quem veio ella ? Pretendes tu que Jesu-Christo tivesse entregado a Biblia, o seu Evangelho, ao povo, para que este formulasse de per si as suas crenças ?

Mas tão cego és tu, para não ver que isto seria suppôr que o mesmo Christo foi um legislador insensato ? Sim, isto importaria affirmar que Christo, supremo legislador, promulgou um codigo de leis santas, porém sem tribunal, sem juizes !...

Eis porque o mundo das intelligencias catholicas assevera com fundamento *que o protestantismo não acredita na divindade de Christo.*

.....
Povo catholico ! A regra de fé que nós adoptamos é a unica verdadeira, e nos dá plena garantia, de que possuímos a religião fundada por Jesu-Christo.

Esta regra produz no teu coração completo descanso na verdade ; pois que, emquanto os da *nova seita*, os protestantes, vivem em renhida lucta e em duvidas afflictivas, tu podes desfructar a mais completa e doce paz do espirito, que consiste na certeza de possuíres a verdade.

Foge, pois, do protestantismo, dizendo : *Creio, porque Deus revelou estas verdades á sua unica e verdadeira Egreja, e ella m'as ensina*).

Contra-resposta ao Sr. George Butler

Todo o que disser alguma palavra contra o Filho do Homem, perdoar-se-lhe-ha ; porém o que a disser contra o Espirito-Santo, não se lhe perdoará, nem n'este mundo, nem no outro.

Math. XII, 32.

I

Acabo de lêr, no *Jornal do Recife* de 16 e 18 de Dezembro, dois longos artigos, sob a epigraphie : « RESPOSTA A FREI CELESTINO », e não posso cohibir-me de dar-lhe uma contra-resposta.

Dois extensos artigos, e ambos exprimidos não dão uma gotta de bom senso commum ; ao passo que veem elles todos recheiados de inverdades e contradicções sem nome.

Na verdade, queixa-se o Sr. Butler de tel-o eu tratado com « aspereza de linguagem, injurias, insultos e doestos, » mas sem declinal-os, sem dizer quaes foram elles. Zanguei-me, fiquei nimiamente indignado e repelli com energia o accervo de mentiras que esse Sr. Dr. George forcejou por espalhar no *Jornal do Recife* não tanto contra mim, quanto contra a verdade, e a realidade palpitante dos factos, ultrajando e adulterando a olhos vistos a verdade, blasphemando, ou peccando d'essa fórmula contra o Espirito Santo. Pecado este que *se não lhe perdoará nem neste mundo, nem no outro.*

Pul-o, é verdade e o convenci, de mentiroso ; mas si isto é « aspereza de linguagem, injuria, insulto, doesto, » glorio-me de haver imitado com razão o Apostolo S. Paulo, o qual chamou aos habitantes de *Créta* (porque *desobedientes, rãos falladores e impostores*) mentirosos, más bestas, ventres preguiçosos » (Tit. I, 12, 13.) Ainda quando o tivesse eu alcunhado de « hypocrita, de sepulchro branqueado, ou de raça de viboras » (o que nunca me passou pela mente, e Deus me livre disto) não « terin descido da dignidade de sacerdote » e nem de missionario apostolico ; mas parece-me que haveria nisso imitado ao proprio Christo, o qual assim invectivou contra os Escribas e Phariseus, contradictores injustos e inimigos figadaes da mesma essencial verdade. (Math. XV. 7 — XII, 34 — XXIII, 27.)

Espichou-se o Sr. Dr. Butler em provar que « a minha missão, em Garanhuns não foi apostolica, » porque « quando Jesus enviou os seus apóstolos, disse-lhes : curai os enfermos ; resucitai os mortos, alimpai os leprosos, expelli os demonios, » ora, Frei Celestino, não curou os enfermos (os

deixei todos entregues aos vossos *evangelicos* cuidados, Sr. Dr. Medico) nem resuscitou os mortos n'essa missão sua, » logo ?...

Logo é esta uma verdadeira tolice e uma grande falta de bom senso de quem assim argumenta.

Pois não lêstes, Sr. Butler o que deixou escripto S. Paulo a respeito ? « A varios pôz Deus na Igreja, 1.º os Apostolos, 2.º os Prophetas, 3.º os Doutores (vós não entraes de certo n'esta cathegoria...) depois os que têm a virtude de obrar milagres, depois os que têm a graça de curar doenças, etc., etc., » e logo pergunta : « Fazem todos porventura milagres ? teem todos a graça de curar doenças ? eic., etc. » (1.ª Cor. XII, 28 — 30.)

Entendei bem, Sr. Butler : esse apparatus soberbo de estrondosos milagres e portentos apostolicos era necessario nos primordios da Igreja de Christo ao rapido estabelecimento e á consolidação da mesma ; porém uma vez estabelecida e consolidada, não foi mais mister de semelhantes prodigios.

A não ser assim, teria de ha muito cessado a Igreja de ser APOSTOLICA, tendo sido constituida tal pelo mesmo Jesu-Christo até a consummação dos seculos. (Math. XXVIII, 20.)

Mas será verdade que Frei Celestino *nessa sua missão não resuscitou mortos, nem curou enfermos* ? Ah ! Sr. Butler ! Vós não entendeis as *Escripturas*, senão no sentido meramente material. Que fazer ? Dizer-vos que as 3,800 e tantas confissões ou absolvições de fieis que jaziam já mortos, diante de Deus, por seus peccados ; que os peccados são mais terriveis do que lepra, e demonios ; e que esses peccadores ficaram limpos dessa lepra espiritual, livres desses demonios ; e foram resuscitados pela virtude omnipotente de Jesus, cujos meritos infinitos lhes têm sido applicados nos sacramentos da confissão, da communhão, do matrimonio e da confirmação, por intermedio de seus legitimos ministros, é *prégar no deserto*. Com os herejes não se póde proceder assim.

— A proposito : « Frei Celestino andou chrismando, diz o Sr. Butler, e recebendo dinheiro pela chrisma ; excomungou os protestantes, lendo na Igreja os nomes de gente que não lhe pertence ; prégo e ensinou o odio em seus sermões, e por isso scandalizou o povo, etc., etc. »

Quanta ingenuidade !... que escandalo pharisaico !... quanta confusão de idéas ? e que falta de bom senso, meu Deus !

Sr. Butler, a seu tempo dir-vos-hei o que significa « chrisma ou chrismar, e em que pagina da Biblia se lê. » No en-

tanto eu vos desafio a que me digaes em que Escripura dos apóstolos ou dos prophetas se lê a palavra : TRINDADE. Não acreditaes porventura neste adorando mysterio ?

— Recebi alguns vintens por aquelle enorme trabalho, é verdade ; mas vós, meu reverendo de casaca, não direis ao respeitavel publico quantas *libras sterlingas* ganhais por mez ou por anno, pelas Biblias falsas que vendeis ou distribuis, e pelas cantarolas que entoais ? Vós que, julgando ser esta terra *de cegos e que só vós tendes um olho*, vos inculcaes *guapo* conhecedor da Biblia, capaz de levar as lampas a todos os doutores passados, presentes e futuros, lêde melhor essa Biblia, e não julgueis os outros de *atrazados nas escripturas*... Pobre Sr. Butler !... « Porventura não temos nós direito de comer e de beber ?... Quem jámais vai á guerra á sua custa ? Quem planta uma vinha e não come do seu fructo ? Quem apascenta um rebanho e não come do leite do rebanho ? Porque escripto está na lei de Moysés : Não atarás a bocca ao boi que debulha... Si nós vos semeamos as cousas espirituaes, é porventura muito, se recolhermos as temporalidades que vos pertencem a vós ?... Não sabeis que os que trabalham no sanctuario, comem do que é do sactuario : e que os que servem ao altar, participam justamente do altar ? Por este modo ordenou tambem o Senhor aos que prégam o Evangelho, que vivessem do Evangelho » (1.ª Cor. IX, 4, 7, 9, 11, 13, 14.)

Esses 200\$000 foram para a obra pia do seminario, Sr. Butler.

— Li no alto do pulpito, fóra da egreja, os nomes dessas *tres duzias* de apostatas da Egreja catholica, por vós, Sr. Butler, engazopados e arruinados, não para escandalisar, e sim para previnir e acautelar os fieis catholicos que me ouviam attentos e devotos, dizendo-lhes : *Ahi está o hereje* que forceja por arrancar-vos dos braços carinhosos da Santa Madre Egreja, pela qual fostes regenerados e amamentados. *Fugi pois desse homem.* » (Tit. III, 10.) « Não o recebais em vossa casa, nem lhe digaes : DEUS TE SALVE ; porque o que lhe diz : DEUS TE SALVE, communica com as suas malignas obras. » (II João I, 10, 11.) Amai-o, accrescentei, como homem ; fugi delle, e respondei-lhe com quatro pedras na mão, si elle vier fallar-vos e tentar-vos na qualidade de protestante, de hereje.

Foram estas as precisas palavras que tenho proferido do pulpito, Sr. Butler, repetidas vezes, como podem attestar não os vossos *apaixonados amantes*, o vosso povinho, que nada entendem disto ; mas o distincto Sr. Dr. Juiz de Direito dessa comarca, outros doutores e tantos honrados pais

de familias, e cidadãos honestos de Garanhuns que me ouviram constantemente. Quereis ser desmentido por essas nobres testemunhas? Custará muito pouco. Será o golpe de graça: mandai dizer. Eis-ahi os meus *sermões de odio*, as minhas *excommunhões*, os meus *escandalos* !...

Escandalo !... E é o Sr. Butler quem assim falla !... macaco nunca olha para o seu r., olha sempre para o da *cotia* que o não tem !... menos prevenção, Sr. Butler, mais sinceridade, Sr. ministro: aliás o negocio vos irá muito mal !...

.....
Ladeando sempre o ponto principal da questão, odiando de morte a *Tradição Divina*, diz o Sr. Butler: « o homem sensato rejeita a religião, que tem sua origem em seus semelhantes, seus iguaes em peccado, e basea a sua fé na revelação Divina. »

Muito bem! Sr. Butler: de accordo estamos.

Mas, não vêdes que nisto vos mostraes baldos de bom senso e em contradicção com os vossos mesmos principios? E' falta de bom senso admittir, como vós fazeis, as *Escripturas* como palavra de Deus e rejeitar a *Tradição*, pela qual se prova a *authenticidade* e *integridade* dos mesmos livros Divinos; aquella *Tradição* que a propria *Biblia Divina* claramente, terminantemente nos inculca, e sem a qual, cahe n'um circulo vicioso quem quizer affirmar e provar pela *Biblia* a divindade da mesma.

Porque razão, por exemplo, vós outros protestantes sanctificaes, como nós catholicos o dia de Domingo?

Pela *Biblia* não podeis provar que deve ser esse dia: ella vos diz que *deveis observar o dia de sabbado*. (Exod. XX, 8; o dia de sabbado não é o dia de domingo. E eis ahi vossa falta de bom senso, eis ahi vossa revoltante contradicção.

E mais revoltante se ostenta ella, Sr. Butler, quando asseverais que « o homem sensato rejeita a religião que tem sua origem em seus semelhantes, seus iguaes em peccado, etc, etc. » não vos lembrando que a mesma *Biblia* (em cuja leitura, oução, e interpretação dizeis achar a vossa eterna salvação) a recebestes, ou melhor a furtastes á *Egreja Romana*.

Porquanto vós outros sois de hontem, apparecestes muito tarde; antes do anno 1516 não havia protestantismo, e a *Egreja Romana* estava já de posse das *Escripturas Sagradas*, faziam 1500 annos.

Sim, mais revoltante se tornam a vossa contradicção e a vossa falta de bom senso, quando disfarçais ou fingis ignorar a vossa filiação em assumpto de religião, a qual remon-

ta direitinho a Luthero, Calvino, Zwinglio, Henrique VIII; e C.^a!... *essa cafila de bandidos, homens nimiamente perversos, atrabiliarios, corruptos e sanguinarios*, como Ihes chama o protestante Cobblet.

Não sabeis argumentar, Sr. Butler; confessai que nas pugnas intellectuaes sois ainda noviço, maximé neste genero de discussões, como acabais de mostrar. Que miseria!... Lamento a infelicidade de um ministro *evangelico*, o qual achando-se engolphado em um tremedal horrivel de tantos erros e herezias, sacca á força um pé para metter o outro, e alfim se affoga!

Ide agora dizer ao respeitavel publico que « Frei Celestino gastou 30 minutos na discussão, não para refutar as vossas proposições pelas Escripturas, mas para provar que ditas Escripturas não são a regra de fé! »

Sim, tornai a dizer-lhe que apenas « citei duas passagens erradamente; que fui insufficiente para combater as Escripturas Santas por vós citadas, e que, admittidas a Divindade de Jesus e a Biblia verdadeira, estão por terra (*sic*) os meus argumentos. »

Ares de sufficiencia e papos de *ministros evangelicos*!! Quanta deslealdade, Sr. Butler, em poucos periodos! Ah! permitti que eu vos diga que, para vós, o typo do homem de bem é como o de Epaminondas!...

Os meus argumentos ahi estão de pé ainda, e passaram para o dominio do publico sensato, intelligente, illustrado. Elle nos julgou a ambos e o juizo que emittio não se revogará jamais.

Esse respeitavel publico, lendo os dois meus artigos em resposta ao vosso de 8 de Novembro, entendeu perfeitamente o alcance de minha these, ponderou todos os argumentos biblicos e de razão, que alleguei, e pôde attestar si é verdade *que eu provei*, como vós capciosamente escrevestes, que *as Escripturas não são a regra de fé*; ou como eu affirmei, demonstrei e está escripto que: « A Biblia, e só a Biblia, não é, e não pôde ser A UNICA (notai bem, e não altereis, não negueis a verdade evidente) A UNICA regra de fé. »

Sêde mais sincero, Sr. Butler; os vossos sophismas, as vossas tergiversações não vos abonam em nada os direitos que perdestes, perante os vossos co-religionarios, de ministro protestante.

Quanto aos outros pontos do vosso primeiro artigo em resposta a *Frei Celestino*, não valem, como se diz vulgarmente, *um cajú pódre, ou uma gotta de mel coado*.

Lêde, relêde sem prevenção os meus artigos; não negueis a verdade evidente, porque é um peccado contra o Espirito Santo, que se não vos perdoará nunca.

II

Tendo affirmado, no artigo precedente, que os dois artigos do Sr. Butler, intitulados : *Resposta a Frei Celestino*, ambos espremidos, não dão uma gotta de bom senso, ao passo que estão cheios de inverdades, de tolices e contradicções, não o injuriei, nem insultei ; mas, mostrei á luz da evidencia a minha asserção.

Prosigo hoje, bem que me peze, e concluo esta ingrata e odiosa tarefa, imposta a mim pelo mesmo Sr. Dr. Butler.

Esse Senhor tem o defeito de julgar que toda a contradita que se lhe dê, ainda que com alguma energia de phrase, são insultos, doestos e grosseirias : pensa que só o sangue americano é sangue de gente, e que o sangue italiano é sangue de *barata* !...

Como assim, Sr. Ministro ? Entendeis que os demais têm alma de bruto, inaccessible aos sentimentos, e só vós alma racional, docil ás susceptibilidades ? Quanto melindre em um homem que offendeu cruelmente ! Si isso não é uma farça !... coitado ! Temos compaixão do nosso adversario, que não sabe escrever duas linhas, em defesa da sua *nova seita*, limpas e livres de asneiras, de mentiras, de contradicções sem numero e de offensas !...

Não costumo affirmar sem provar.

Finalizando o seu primeiro artigo, de 9 de Dezembro, o Sr. Bulter escreveu contra mim : « *Mais um ponto. Asseverou S. Revm. que em todos os quatro evangelhos não encontrou sequer uma linha em que Christo recommendasse como regra de fé a leitura da Biblia.* » (O grypho é meu). E alcunhando-me de *muito atrazado* na Biblia, citou o texto de S. João, cap. V. 39 : « *Examinai as Escripturas, pois julgais ter nellas a vida eterna, etc.* »

Mas, principiando o seu segundo artigo, affirmou que « o saber ler para examinar as Escripturas, como condição indispensavel á salvação, não é principio protestante ; mas é invenção minha, para *arredar o povo* de examinar as Escripturas. » Hom'essa ? ! Para examinar uma Escriptura qualquer não é preciso saber ler ? Se Christo recommenda a leitura da Biblia para a salvação eterna, não é a todos que a recommenda ? Não é a todos quantos encontraes por ali além, dispostos a receberem a vossa Biblia, a quem a vendeis, ou dais de graça, que Christo disse : « *Examinai as Escripturas.* »

De duas uma : ou adoptaes, ou não adoptaes esta regra de fé que *vós dizeis* foi-vos ensinada pelo proprio Jesu-Christo. Si a adoptaes, logo é vosso esse principio protes-

tante, e não é minha *invenção*, para ARREDAR O POVO de examinar as *Escripturas*. Si não a adoptaes peor para vós, porque desobedeceis a Christo, não vos salvareis, e sois forçado a admittir o principio catholico do ensino oral, ao qual alludis claramente :

« Nós cremos que para uma pessoa ser salva, não precisa saber ler as *Escripturas*, basta ouvir ler, crer e viver segundo o seu ensino. Nós o crêmos porque as mesmas *Escripturas* o ensinam : *A fé é pelo ouvido, e o ouvido pela palavra de Christo.* » (Rom. X, 17.)

Ah ! Sr. Butler, em que embrulhada cahistes ! em que cipoal vos mettestes ! Eis-vos apanhado mais uma vez em flagrante contradicção com os vossos erroneos principios. Eis ahi a vossa falta de bom senso.

E será verdade que as referidas palavras constituem regra de fé ? Nem por pensamento.

Lêde mais uma vez o meu artigo de 21 de Dezembro n'4 *Provincia*.

« A phrase : *Examinai as Escripturas*, etc., não foi empregada por Christo no modo *imperativo*, e sim no *indicativo*, como se torna evidente não só pela autoridade dos nossos Doutores, que assim o entenderam, senão também pelo mesmo contexto, que o exige. Além disso, estas palavras foram dirigidas por Christo aos *Phariseos*, isto é : aos *Doutores da lei* ; pelo que nada têm que ver com a presente questão. » (Kuinoel, *Commentarios*, e Rosenmuler, *Escolios*).

Limpai a mão na parede, Sr. Butler, e confessai-vos batido, derrotado. Ou sois *Phariseo* ? !

Com bom proveito. Mas não sois amigo de Christo.

.....

Ao vosso desafio sobre o Sacramento da confissão respondendo com outro desafio, e é : que mostreis pelo Novo Testamento como *foi escripto tudo quanto fizeram Jesu-Christo e seus apostolos*. Não basta : Deveis ainda mostrar pela mesma Biblia, e sob pena de passardes por impostor, que os seguintes textos, com referencia á confissão nada significam ; ou, si alguma cousa significam, porque razão os apostolos teriam deixado de fazer : « Em verdade vos digo, que tudo o que vós ligardes sobre a terra, será ligado também no céu : e tudo que desatardes sobre a terra, será também desatado no céu. (Math. XVIII, 18.) Provai sim, Sr. Butler, que este grande poder de *desatar* e de *ligar*, dado por Christo aos Apostolos, não se estende também aos peccados.

« Assim como meu Pai me enviou a mim, eu também vos envio a vós... Recebei o Espirito Santo : AOS QUE VÓS

PERDOARDES OS PECCADOS, SER-LHES-HÃO PERDOADOS : E AOS QUE VÓS OS RETIVERDES, SER-LHES-HÃO RETIDOS. »

Provai, Sr. Butler, demonstrei AGORA ao publico, para quem escreveis, que este divino poder, outorgado pelo Filho de Deus aos Apostolos, ficou ocioso, e que esta divina instituição do Sacramento da PENITENCIA, e consequentemente da CONFISSÃO, ficou sem effeito, cahio em exercicio findo, caducou, abortou, logo ao nascer, por entre os Apostolos.

Levantai AGORA esta luva de repto ; não venhaes com evasivas, promettendo, lá para as *calendas gregas*, « alguns artigos que satisfarão plenamente a quem não estiver inteiramente esclarecido na materia. » FIAT LUX, AGORA, e de modo que não fique totalmente perdida vossa causa, por vós seriamente *compromettida, arruinada*.

— Quanto á sempre Virgem Maria, mãe dignissima de Deus, não sei o que admirar primeiro : si o revoltante *cynismo*, ou o *pedantismo* miseravel com que citastes tantos textos, a vosso modo, e viestes de gatinhas dizer ao respeitavel publico : *o que fiz eu ? Li apenas* (aqui leu apenas, *notate verba, signate mysteria,*) *li apenas as seguintes passagens dos santos apostolos e prophetas, etc...*, e concluis dizendo : *Si isto é fallar mal da virgem, saibam que fui precedido (? ! ?) pelos santos acima ! ! !*

E tudo isto é proprio de gente que tenha uma gotta de bom senso ? Os apostolos e os Prophetas emprestaram outros filhos á Virgem Maria, e outros irmãos carnaes a Jesu-Christo !... *Proh pudor !...*

— « Disse Sua Revdm. (na discussão) que a palavra *irmãos*, no grego ás vezes quer dizer *primos* ou *parentes*. E podeis jurar que eu disse isto ?

Não desvirtueis, Sr. Dr. Butler, não invertaes, não adulateis, não dilacereis a verdade. Eu vól-o peço por vossa honra, por vosso pundonor, por vosso character, já não digo de christão, mas, ao menos, de homem de bem !

O que eu disse na discussão foi que : *na Archeologia biblica hebraica* se lê este costume, adoptado *ab antiquo* pelos Orientaes, palestinos, de se chamarem *irmãos os primos legitimos*.

Não fallei em *adelphos*. E' vossa... invenção.

— Assim é da vossa lavra a phrase de S. Cypriano, que vós calculadamente reproduzís em linguagem de *negro da costa*, e m'a emprestaes : « Como o sol passa pela vidraça, sem tocar nella, assim deu á luz a Virgem, e ficou *donzella*. »

Que paciencia é preciso ter convosco, Sr. Butler !

O simile, ou a comparação de que me servi na occasião

foi : Assim como o raio do sol penetra, atravessa o crystal, e longe de quebral-o ou embaçal-o, o deixa incolume pelo contrario e o abrilhanta mais e mais ; assim tambem Jesu-Christo, sol eterno da Justiça, penetrou e atravessou o seio purissimo de Maria, sem romper ou empanar a esphera de sua virgindade, antes abrilhantando-a mais e mais, e de um modo singular.

As nobres e illustradas testemunhas que me ouviram, estão promptas ahi para testificar si o que acabo de relatar está ou não conforme eu disse naquella, para vós fatal. discussão.

Entendei, Sr. Butler : não sou eu que quero *endeusar a Virgem com detrimento das Escripturas, com desprezo e abandono do amado Salvador.*

Aqui vae mais uma falta de bom senso da vossa parte ; pois quem divinizou a Virgem Maria foi o mesmo Verbo Eterno, que se dignou encarnar no seu virgineo seio, e por nove longos mezes habitou nella : « Em Christo habita toda a plenitude da *divindade corporalmente.* » Col. II, 9. mas onde habita a *divindade corporalmente*, esse lugar é divinizado ; logo Maria sempre Virgem foi divinizada pela presença corporal da Divindade.

Sois vós que *desprezais*, ou não entendeis as Santas Escripturas sobre a Immaculada Virgem Maria, saudada pelo mensageiro celeste : « Cheia de graça, bemdita entre todas as mulheres e mãe do verbo eterno-humanado. »

Sois vós que, com escandalo enorme dos fieis de Christo, e com enormissima falta de bom senso, *desprezais e abandonais ao amado Salvador*, quando vos mostrais. hypocritamente, todo zelo pela gloria do Filho, e odeiaes e perseguis de morte a mãe dignissima de tal Filho, emprestando-lhe á força outros filhos que Ella nunca teve e não podia ter, para honra e gloria do mesmo filho.

Em que vos peze, Sr. Butler, MARIA É A OBRA PRIMA DE DEUS, depois da encarnação do Verbo, A OBRA PRIMOROSA, ACIMA DE TUDO O QUE NÃO É DEUS.

.....

A obstinação, finalmente com que o Sr. Butler insiste em declarar-se *victima innocente* de uma perseguição urdida ou ordenada pelos missionarios em Garanhuns, é uma das suas flagrantes contradicções, é a sua maior falta de bom senso, é o seu mais horrendo peccado contra o Espirito Santo.

Onde ?... quando ?... quem attentou contra vós com o revólver na mão, para assassinar-vos, Sr. Butler ?

—Foi na egreja, dissestes, ao sahirmos da sala da dis-

cussão, um official da policia, no meio de duas mil pessoas, armadas e conspiradas para matar-me na praça ao meio dia.

Mas, si esta não é uma FARÇA vossa e propriedade da vossa exaltada cachola, Sr. Butler, eu não sei o que isto significa.

Não admittistes vós que sahimos juntos da sala da discussão pelo corredor da egreja, sendo vós sobraçado e acompanhado por mim e frei Caetano ?

Não confessastes vós que eu vos abracei, e vós a mim, junto ao cruzeiro, onde nos despedimos amigavelmente, sem que ninguem vos tivesse dirigido até ahi *meia palavra* sequer de insulto ou desrespeito ?—Não é verdade que além dos dois missionarios, a maior e mais segura garantia da bôa ordem em toda a parte, estavam presentes e vos acompanhavam tambem o Reverendissimo Vigario Pedro, o Ilm. Sr. Dr. Juiz de Direito, Nilo de Miranda, o Prefeito dessa cidade e tantas outras pessoas gradas dahi !

E como é que só vós vistes *na egreja o tal official de policia* puxar um revólver para assassinar-vos ; e nós todos nada disso podemos ver ou presenciar ? Não se teria, ao menos, travado uma questão, si bem que momentanea, n'esse instante ? E onde se deu isso, Sr. Butler ? - Não é essa uma verdadeira injuria que irrogaes, um atroz insulto que fazeis á policia de Garanhuns ?... Porque não recorrestes logo ao Prefeito, ao Juiz de Direito ahi presentes ? porque não *protestastes* na occasião contra esse horrivel attentado ?

Mas... é inutil, não podeis negal-o, fostes um farçante ; quizestes d'est'arte fazer jús ás libras sterlinas... Vos apregoastes ante os vossos co-religionarios *victima innocente !* Mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo, diz o anexam popular.

Porque não contestaes o facto que se deu entre vós e o Sr. Manoel Antonio Jardim, acerca da pergunta que por *telegrapha* mandou fazer-vos o Sr. Consul americano : *si fóra verdade que fostes ameaçado de morte por occasião da discussão religiosa ; e vós respondestes que isso não era exacto ?*

E a promessa que vos fez o Sr. Dr. Julio de Mello, de tomar providencias energicas, caso fosse preciso, e que vós mesmo, contastes ao dito Sr. Jardim, accrescentando que a dispensastes, será porventura, uma invenção minha ?

Confessai, Sr. Butler, que fostes vós o inventor de tudo isto e *calculadamente...* para os vossos fins...

Vós, sim, que terieis sido capaz de assassinar-nos na santa missão, se houvesseis podido.

Não é verdade, Sr. Butler, que no domingo antecedente

à nossa discussão, quando inaugurastes vosso culto, *de portas abertas*, dissestes aos vossos adeptos : « Irmãos, se pudessemos dispôr de metade do povo que acode a essas missões, nós iríamos *rachar* a doutrina desses FREI BODES ? » Dissestes, sim, não podeis negar : não fui mal informado acerca desse facto incontestavel, e dessa realidade palpitante.

Eis ahi todo o vosso valor : a força, a força bruta !... Eis-ahi tambem a minha plena justificação : poder fazer-vos mal, e não fazel-o.

Do alto da cadeira sagrada tenho sempre insistentemente prohibido áquella massa enorme de povo que vos fizesse o menor desacato. Minha doutrina, pois, foi toda de paz e de amor.

Adeus, Sr. Butler. Entendestes condemnar-me e vos condemnastes. *Cahistes no fosso que cavastes.*

Ah ! ainda uma palavra, e será a ultima, por ora.

Se vós vos encommoastades com a singeleza desta minha CONTRA RESPOSTA, peço-vos desculpa ; eu sou singelo em tudo : digo a verdade e não minto.

Respondei aos outros meus artigos n' *A Provincia* ; lembrae-vos, porém, que não escreveis para *Beocios* !...

Não mintaes ; não impugneis a verdade evidente, conhecida por tal, porque é um peccado contra o Espirito Santo, e Jesu-Christo em peso vos assegura que não vól-o perdoará nem neste mundo, nem no outro.

TRADIÇÃO

I

Por *Tradição* a Santa Egreja Romana entende todo o systema da fé e as regras que recebeu da precedente geração, e esta da outra, até remontar aos primordios da mesma Egreja de Deus. Pelo que, quando nós catholicos afirmamos adherir á *Tradição*, al não entendemos dizerque : crêmos e operamos conforme sempre crêram e operaram os verdadeiros christãos.

A *Tradição* se define pela *Palavra de Deus oralmente ensinada*, ou que não se acha consignada nas paginas da Biblia divina.

Ella é *divina*, si se refere immediatamente a Deus ; é *apostolica* si deriva dos apóstolos, e *ecclesiastica* si dimana do ensino da Egreja.

Uma vez demonstrado, como fizemos, que *a única verdadeira regra de fé não é e não póde ser sómente a Biblia*, a necessidade da *Tradição* salta aos olhos dos cégos, se impõe a todos de um modo positivo, rigoroso.

Os protestantes não querem por nada ouvir fallar em *Tradição*; « *Tradição!* vão dizendo, *que iniquidade!...* ; *é ella precisamente a origem e causa principal d'aquella monstruosidade (sic) que é o Papismo na sua deterior fórma.* » Shutteworth, *Not tradition but Scripture*. Lond. edição. 2.^a 1839 pag. 40.

Admittir a *Tradição*, diz o nosso desfructavel Dr. Butler, é fazer do Christianismo, religião divina, uma religião dos homens. « O homem sensato rejeita a religião que vem do homem peccador, e baseia a sua fé na revelação divina. »

Eis-ahi, Sr. Butler, o vosso grande erro, a vossa supina ignorancia, ou a vossa má fé: Consiste em dizerdes, com muito pedantismo, *que a Tradição é palavra humana e não divina*. Este falso supposto, porém, milita contra vós e a vossa nova seita, e vos condemna a todos como falsificadores da mesma Biblia.

E senão vejamos.

Desde o principio do mundo até Moysés, isto é: durante o longo volver de 2,600 annos, a Igreja de Deus não teve outra regra de fé, outro apoio fóra da *Tradição*; pois que em todo esse decurso de seculos nada foi escripto de quanto tinha Deus revelado.

O primeiro a escrever a PALAVRA DE DEUS foi Moysés; muitos outros escriptores agiographos vieram depois.

Mas escreveram elles tudo? Não; porque, si tudo houvessem escripto, não teriam de certo recommendado enca-recidamente em seus escriptos o recurso que se deve fazer á *Tradição*, bem como o dever de conservá-la e transmitil-a cuidadosamente.

Lêde, Sr. Butler, vós principalmente que alcunhaes os outros de *atrazados na Biblia*, e vos julgais tão *adiantado* na mesma!... lêde melhor essa divina Escriptura.

« Contarás a teu filho, dizendo: Isto é o que o Senhor fez por mim quando sahi do Egypto. E esta solemnidade será como um signal na tua mão e como um memorial diante de teus olhos. » (Exod. XIII, 8, 9).

« Pergunta aos seculos mais atrazados que te precederam, desde o dia que Deus creou o homem sobre a terra... si aconteceu jamais cousa semelhante, ou si se ouviu nunca que

um povo ouvisse a voz de Deus que lhe fallava, etc. » (Deuter. IV. 32, 33).

« Pergunta a teu pai, e elle te informará : pergunta aos teus maiores e elles te dirão, quando Deus dividia as nações etc. etc. » (Ibi XXXII. 7, 8).

« Nós, ó Deus, ouvimos com as proprias orelhas : nossos pais nos annunciaram a obra que fizeste nos dias delles e nos dias antigos. » (Psal. XLIII).

« Quantas cousas ouvimos e as temos entendido : e nol-as contaram nossos pais. Elles não as occultaram a seus filhos, nem á seguinte geração... Quantas cousas mandou elle (o Senhor) a nossos pais que fizessem conhecer a seus filhos para que as soubesse a geração seguinte. Os filhos que hão de nascer e se hão de levantar as contarão tambem a seus filhos. » (Psal. LXXVII, 3, 4, 6).

« Ouvi isto, velhos, e vós todos os habitantes da terra escutai attentamente... Fazei sobre isto uma narração a vossos filhos, e vossos filhos a seus filhos, e os filhos d'estes á outra geração. » (Joel. 1, 2, 3).

Estaes vendo, Srs. Butler & C.^a, como antes de existir o Pentatheuco a religião de Deus não teve outra regra de fé, a não sera *Tradição*? Não entendeis ainda que, mesmo depois desses cinco livros de Moysés, continuou a impôr-se a *Tradição* aos homens; e os judeos, Moysés em peso, appellaram para ella? Não quereis persuadir-vos que, em razão de antiguidade, a *Tradição* deve ter a preferencia á Biblia, porque a precedeu de 2,600 annos, e por todo esse lapso de tempo regeu a Igreja de Deus?

II

Passando agora do velho para o Novo Testamento, a mesma verdade refulge e se nos mete pelos olhos a dentro; isto é : que nunca Jesu-Christo deu á sua Igreja a *Biblia como unica regra de fé e de costumes*; pois elle nada escreveu de tudo quanto operou e ensinou; nem tão pouco ordenou aos apóstolos que o escrevessem, e sim que o ensinassem oralmente : « Ide, ensinai todas as gentes... ensinando-lhes a observar tudo o que vos tenho mandado. » (Math. XXVIII, 19).

D'onde resulta evidentemente que tambem a Igreja *Christã*, como a *Mosaica*, foi estabelecida sem Biblia, e se governou por muitos annos pela *Tradição*,

Escreveram depois, é verdade, os apóstolos, não todos, a *DIVINA PALAVAR*; mas, tambem elles declaram que não es-

creveram tudo, e portanto recommendam e inculcam altamente a *Tradicção*.

Lêde, Sr. Butler, tornai a ler, tende paciência, e confessai que *tambem eu emtendo alguma cousa da Biblia*, por graça de Deus ; e que repellir a *Tradicção* é ser estúpido, ou falsificador da Biblia.

« Outros muitos prodigios ainda fez *tambem Jesus* em presença de seus discipulos, *que não foram escriptos n'este Livro.* » (João, XX, 30).—Entendeis, Sr. Butler ?...

« Muitas outras cousas porém ha ainda, que fez Jesus : as quaes *si se escrevessem* uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros, que d'ellas se houvessem de escrever. » (Ibi XXI, 25).—Comprendeis ?...

« Aos quaes (apóstolos) *tambem se manifestou a si mesmo vivo com muitas provas depois da Sua Paixão*, apparecendo-lhes por quarenta dias, e fallando-lhes do Reino de Deus. » (Act. I, 3).

Sabeis dizer, Sr. Butler, *quaes e quantas cousas communicou-lhes Jesus em quarenta dias, e onde se leem registradas ?*

« Eu recebi do Senhor o que *tambem vos ensinei a vós (não escreveu)*... No tocante ás demais cousas eu as ordenei quando fôr. » (I.^a Cor. XI, 23, 34). *Tambem estas cousas não escreveu.*

« Eu vos louvo, irmãos, porque... guardais as minhas instrucções, como eu vól-as ensinei. » (I.^a Cor. XI, 2)—Tambem não se sabe em que consistiram estas instrucções, Sr. Butler.

« Irmãos, estai firmes, e conservai as *tradições que aprendestes, ou de palavra ou por carta nossa.* » (II.^a Thesal. II, 14).

« Posto que eu tinha mais cousas, que vos escrever, não quiz fazel-o por papel e tinta : porque espero ser comvosco, e fallar-vos cara á cara. » (II.^a João, 12).

O que respondeis a tudo isto, Sr. Butler ? Para quem appellareis vós, ou o que opporeis contra a doutrina catholica sobre a *Tradicção* ?

Ah ! por vossa honra rendei-vos ; confessai a falsidade da Biblia em mãos protestantes, e reconhecei mais uma vez que *errais, não conhecendo as Escripturas, nem o poder de Deus.*

Isto, porém, não é tudo.

« As primeiras e ultimas façanhas gloriosas do Rei David ; o que se passou em todo o seu reinado, a sua fortaleza e os acontecimentos que houveram em seu tempo... estão

escriptos no livro de Samue o Vidente, e no livro do Propheta Natan, e no volume de Gad., o Vidente. » (I. dos Paralip. XXIX, 26, 30).

« As mais acções de Salomão, tanto as primeiras como as ultimas, estão escriptas no livro do Propheta Natan, e nos de Ahias de Silo, e na Visão do Vidente Addo. » (II.º Paralip. IX. 29).

« Propoz Salomão tres mil parabolas e os seus canticos foram mil e cinco. » (III Reis, IV, 32).

Agora digei-nos, Sr. Butler, si sois capaz : destes mil e cinco canticos de Salomão o que ficou? Ficou apenas A Cantica, dividida em 8 capitulos, e, portanto, póde conter 8 canticos ; os outros andaram perdidos.

Das tres mil parabolas não restou mais que uma pequena parte no livro dos Proverbios, isto é : desde o capitulo X até o fim ; o resto perdeu-se.

Os livros dos prophetas Natan, Gad, Agias e Addo, perderam-se completamente. Assim como perderam-se tambem duas epistolas de S. Paulo, uma aos Corinthios, e outra aos de Laodicéa, das quaes faz especial menção o mesmo Apostolo. (I). Cor. V. 9. Coloss. IV, 16. Como pois, se póde supprir tamanha perda sem a Tradição ?

Não entendeis, portanto Sr. Butler, que é mister, é mais que mister, É ABSOLUTAMENTE NECESSARIO admittir a Tradição, não só para conhecer a Palavra de Deus não escripta, senão tambem para não lamentar a perda total da Escriptura que já desapareceu ?

III

Ante a longa série de importantes testemunhos biblicos, que acabamos de citar, deveriam os protestantes, ou sequazes da nova seita, emmudecer e dar-se por vencidos, admittindo comnosco a Tradição.

Qual ? A heresia é sempre petulante ; e o cégo pedantismo dos ignorantes sectarios de Luthero e Calvino, longe de dar-se por vencido, avança e arremette oontra a mesma Tradição, já provada á luz da evidencia, objectando ineptamente os textos seguintes :

« Vós não ajuntareis ; nem tirareis nada ás palavras, que eu vos digo. » (IV. 2—Deuter).

« Faze sómente em honra do Senhor aquillo que eu te ordeno, sem ajuntar, nem tirar nada. » (Ibi ; XII, 32).

« Protesto a todos os que ouvem as palavras da Prophacia deste livro : Que, si algum lhe ajuntar alguma cousa, Deus o castigará com as pragas que estão escriptas neste

livro. E, si algum tirar qualquer coisa das palavras do livro desta Prophecia, tirará Deus a sua parte do livro da vida. » (Apocal. XXII, 12, 19).

« Porque transgredis vós o mandamento de Deus pela vossa tradição ? » (Math. XV, 3).

« Ainda quando nós mesmos, ou um anjo do ceo vós annuncie um Evangelho differente do que nós vos temos annunciado, seja anathema. » (Gal. I, 8).

Ineptamente, estultamente, dissemos, Sr. Butler, oppondes estas passagens ; ellas, longe de condemnarem a *Tradição* que odiaes, condemnam a vós, ou a todos os hereses que truncam, mutilam ou interpolam os textos da Revelação divina.

Não vos dissemos que errais, porque ignorais a *Sagrada Escriptura*, e nada sabeis do poder de Deus ?

Vosso erro palmar, dissemos, consiste em considerar-des a *Tradição* como palavra do homem, e não de Deus.

Moysés, S. João e S. Paulo recommendam e mandam observar as tradições, como ficou demonstrado acima ; logo, quereis que os mesmos condemnem a *Tradição* ? Que loucura ! que demencia !

Mas então, o que significam esses textos ?

Nós vol-o diremos na linguagem insuspeita de um velho e notavel protestante. Lêde com attenção.

« Estas palavras : *ajuntar e tirar* não repugnam nem ás tradições que interpretam a Biblia, nem aos preceitos humanos que são conformes á lei.

« *Tirar*, nos textos supra, não significa mais que *deixar de fazer* o que foi mandado. *Ajuntar*, quer dizer : *fazer o contrario* do que foi mandado. » (Hugo Grotius, *criticos sacros*, Tom. 2. *Annotaç. sobre estes textos*).

« A passagem de S. Matheus não vos suffraga, diz o protestante Kuinoel ; porque *ahi se falla de usos humanos, de tradições contrarias á lei divina*. » (*Comment. em S. Math. sobre esse texto*).

Admitti, pois, Sr. Butler, e cessai de combater a *Tradição*, sob pena de não poderdes recorrer á Biblia como palavra de Deus ; visto como só pela *Tradição* ella se prova ser tal.

Pois então ? Crêdes vós que a Igreja, propondo á nossa crença as verdades divinas, é infallivel, ou que ella póde enganar ?—Respondei.

No primeiro caso sois obrigado a admittir todas as tradições por ella propostas como divinas. No segundo caso sois forçado a rejeital-as todas, sem excepção, e de parceria

com ellas toda a Biblia ; pois não tendes mais segurança nenhuma que ella seja a palavra de Deus.

Não ha escapar d'este terrivel dilemma: ou crêr com os catholicos nas *Tradições* propostas pela Igreja infallivel; ou então renunciar á mesma Biblia Sagrada como revelação divina. Porquanto, quem, senão a *Tradição*, vos diz quantos e quaes os livros de que se compõe o Novo Testamento? Quem, senão a *Tradição*, vos garante que foram escriptos pelos autores, cujos nomes trazem? Quem, senão a *Tradição*, vos certifica que todos elles são integros, genuinos, authenticos e divinamente inspirados?

« Em facto da Biblia, ensina o famoso protestante Palmer, si se regeita o testemunho e a autoridade dos primitivos doutores christãos, *além de abrir-se a porta ao Deismo*, se destroe todas as provas exteriores da Religião Christã. Alguns confundem a *Tradição* com o meio que nol-a transmittio; mas, a todos os seus argumentos nós respondemos que não appellamos para os Padres, considerando-os como escriptores inspirados, mas sim como idoneas testemunhas da fé que professavam os christãos d'aquella era. (*Tratado da Igreja*, vol. 2.º part. 3.º Prefacio sobre a *Escriptura*, pag. 20).

« Si insistirmos sobre a incerteza da *Tradição* em geral, isto nos poderá produzir consequencias assás sérias, porque a *auctoridade e genuinidade da Biblia* fundam-se e descansam em grão mui consideravel no *testemunho da Tradição primitiva*. » (*Idem*, ibi pag. 20).

« Quem não quér de fôrma nenhuma receber o testemunho unanime das antigas Lithurgias, nem dos Padres da Igreja e nem dos Concilios, póde igualmente rejeitar a *auctoridade dos Escriptos revelados*, o baptismo dos meninos e outras cousas semelhantes, assim como a natureza Divina d'aquelle Senhor e Redemptor nosso que é Jesu-Christo: e dest'arte botar a perder num instante na fé a Igreja. » (*Hihes. O Sacerdocio Christão*, Tom I, pag. 145).

« Negada a *Tradição*, não ha outro meio, por mais difficil que seja, para declarar palavra de Deus o Velho e o Novo Testamento. » (*Coilier. Justificação dos motivos e defesa da revelação*, Tom. I.º)

Sr. Butler! Sr. Butler!... tão emperrado estaes ainda ?...

Não quereis por nada curvar vossa cerviz altiva ao peso enorme, á força onnipotente d'esses irrefragaveis testemunhos, sagrados e profanos, e da logica esmagadora que vos impellem e constroem a admittir a *Tradição*? E porque?

« Porque » parece-me ouvir-vos responder com um dos vossos co-religionarios :

« Si eu admittir a Tradição, darei completo ganho de causa á *Egreja Catholica*, que para ella continuamente appella. » (Tzschirnier, *Cartas Theologicas*, 1826. pag. 29).

Com bom proveito, meu charo Senhor !...

Mas escutai, attendei bem, *vós e todos os vossos* :

Não sois mais homem de bem, como vos apregoaes ; não arrancareis jámais da vossa fronte o vergonhoso estigma de *falsificador da Biblia* e de homem grosseiramente *contradictorio*.

Ahi estão os argumentos, ahi as provas disto, tiradas da mesma Biblia e dos proprios protestantes de maior nota. Impugnai-os, si sois capaz.

—E a proposito do allegado testemunho de Hiher, que falla do *baptismo das crianças*, etc. que maior *contradição* pôde haver em *vós*, Sr. Butler, e em vossos collegas, do que *negardes a autoridade da Tradição*, ao passo que *professaes e praticaes verdades e preceitos* que só podeis conhecer pela *Tradição* ?

De feito, quem vos diz que é valido o baptismo administrado ás crianças ?—A Biblia ?—Não.

E' a *Tradição*. Na Biblia não encontramos uma só palavra a respeito ; a *Egreja Catholica* não podia baptisar as crianças, como tem sempre praticado, si o não soubesse dos apóstolos, ou pela *Tradição*. E as innumeradas seitas protestantes, a seita á que *vós* mesmo pertenceis, não admittem este principio, não reconhecem e não praticam esta importante verdade da administração do baptismo ás crianças ?

Respondei, Sr. Butler ; justificai-vos, si podeis.

Mais : não admittis *vós* a validade do baptismo devidamente conferido pelos *simples seculares*, e até pelos *hereses* ? —Não admittis, emfim, e não praticaes *vós* o preceito da *santificação do domingo* ?

Pois bem, nós vos desafiamos a que mostreis pela Escripura ou Biblia, um só d'estes pontos a não vos diz que é valido o baptismo administrado pelos seculares, e muito mais conferido pelos hereses. Pela Biblia sabemos que Deus auctorisou sómente aos apóstolos para baptisarem, dizendo-lhes Jesus : *Ide, ensinai todas as gentes... baptizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo*.

Igualmente, não é a Biblia que vos manda guardar ou santificar o Domingo. E' a *Tradição*, que *vós* repudiaes estulta e grosseiramente. A Biblia vos ordena santifiqueis o dia de Sabbado.

Ora, vós e todos os protestantes observaes, como nós os catholicos, o Domingo. *Ergo* !...

Vinde agora, Sr. Butler, dizer-nos que « o homem *sensato* (!...) rejeita a religião que tem sua origem em seus semelhantes (isto é, na *Tradição*) e baseia a sua fé (só ?) na revelação divina. »

Até quando, charo Senhor, abusareis da nossa paciência e escarnecereis do bom senso do publico illustrado que apenas vos tolera ?.....

Povo !... Povo catholico !... Escuta, attende bem :

A Igreja Romana, e tão sómente essa formosa filha do céu, é a unica verdadeira Igreja de Jesu-Christo ; porque só ELLA possui e ensina a PALAVRA e toda a PALAVRA de Deus que é a BIBLIA e a TRADIÇÃO divina : só ELLA interpreta e explica, mediante uma autoridade viva e um magisterio autentico, official, infallivel, esse *Livro dos livros*, esse livro eterno, a *Revelação celeste*.

Rejeita, repelle, odeia e detesta, povo de Christo, essa Biblia falsificada, mutilada, interpolada, alterada e desfigurada pela razão individual protestante, com que os seus infelizes vendelhões te mimoseiam.

Renascido e regenerado pela agua do baptismo e pela virtude omnipotente do Espirito Santo ; amamentado com o leite purissimo dos Sacramentos d'essa divina Igreja, permanece, povo querido de Deus, permanece firme, constante, inabalavel no teu posto de honra, n'este Reino de Christo até a morte.

Foge, povo catholico, foge d'essa *nova Seita*, seita incoherente, seita perigosa, perversa e enganadora, que ha de cahir de si mesma, que ha de esphacelar-se com vergonhosa ruína, que traz a morte no proprio seio ; e segue ovan-te e glorioso as pégadas dos teus illustres, immortaes e heroicos avoengos João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Felippe Camarão, Henrique Dias e tantos outros vultos eminentes, os quaes não trepidaram em derramar por essa Religião Santa o seu sangue nobre e generoso nos campos da batalha.

CONFISSÃO SACRAMENTAL

Firmado solidamente o principio fundamental acerca da verdadeira regra de nossa fé ; demonstrada clara e extensamente a importantissima these sobre este momentoso

assumpto, em opposição á falsa regra de fé do protestantismo, abordemos a magna questão, tantas vezes e tão re-nhidamente discutida entre catholicos e protestantes, a questão, dizemos da CONFISSÃO SACRAMENTAL.

Negam os protestantes diferentes pontos da nossa Santa Religião, como, por exemplo : o culto dos Santos, o culto das imagens, a auctoridade do Summo Pontífice, o celibato catholico, a existencia do Purgatorio, e muitos outros dogmas augustos que professamos.

Porém, o protestantismo ataca de preferencia, e d'uma maneira desabrida e descommunal, o Sacramento da Penitencia, geralmente conhecido por — CONFISSÃO SACRAMENTAL.

O mesmo Dr. Butler, ministro protestante, na memoravel discussão que teve comnosco no dia 29 de Outubro do anno proximo passado, em Garanhuns, assestou as suas baterias contra esse sacramento da misericordia divina, negando estultamente o poder que Jesu-Christo deu aos Apostos e á sua Egreja de remittirem os peccados.

Desejando, pois, combater essa blasphemia, essa here-sia, essa impiedade em todos os seus reductos, chamamos e interessamos a nobre attenção do respeitavel publico, do publico sensato e intelligente, para a demonstração cabal, peremptoria e terminante da these seguinte, pela qual se evindenciará mais uma vez a falsidade da Biblia na mão dos protestantes, de parceria com a ignorancia ou má fé dos mesmos infelizes sectarios de Luthero e Calvino.

.....
A CONFISSÃO SACRAMENTAL FOI DIVINA E SOLEMNEMENTE INSTITUIDA POR NOSSO SENHOR JESU-CHRISTO, PARA A REMISSÃO DE TODO PECCADO COMMETTIDO DEPOIS DO BAPTISMO.

Provemos esta verdade pelos testemunhos irrefragaveis da Biblia.

I

Tinha o Divino Mestre principiado seu publico e laborioso magisterio, prégando aos judeos e confirmando a sua celestial doutrina com o deslumbrante apparato de estrondosos milagres, quando, n'um bello dia, quiz saber dos seus Discipulos, e Apostolos, lá nas visinhanças de Cesaréa de Filipppe, o que pensavam a respeito d'elle. Perguntou-lhes, por tanto : « QUEM DIZEIS VOS QUE SOU EU ? »

A esta interrogação respondeu prestes S. Pedro ; e, tendo declarado em nome de todos os demais apostolos que o reconhecia pelo Christo, filho de Deus vivo, recebeu incontinenti esta magnificentissima promessa : « Eu te digo

que tu és Pedro, e sobre esta pedra (isto é, sobre ti) edificarei a minha Igreja... Eu te darei as chaves do Reino dos céos... e tudo que ligares sobre a terra, será também ligado no céu, e tudo o que desatares sobre a terra, será também desatado no céu. » (Math. XVI, 18, 19).

Com estas significativas palavras promette Christo a S. Pedro, entre outras prerogativas, o poder amplissimo, não só de *ligar e desatar* os homens espiritualmente, senão também de abrir-lhes ou fechar-lhes as portas eternas do Reino do céu. Porquanto, a palavra *desatar* significa frequentemente na linguagem biblica: *soltar de seus vinculos os captivos*. (Job, XXIX, 5—Psalm. CI, 21—ibi CIV, 20—João XIV, 17—Jerem. XLV, 11); e a *entrega das chaves* quer dizer: — *investidura de supremo poder*. (Isaias, XXII, Apocal. III, 7 etc., etc.).

Esta solemne promessa, feita primeiramente a S. Pedro, como Chefe da Igreja, foi pouco depois feita ainda aos outros Apostolos unidos a S. Pedro, para assim formarem uma só Igreja, á qual todos os fieis deviam obedecer, sob pena de serem considerados como *gentios e publicanos*. Portanto, acrescenta Jesu-Christo: « Em verdade vos digo, que tudo o que ligardes sobre a terra, será também ligado no céu, e tudo o que desatares sobre a terra, desatado será também no céu. » (Math. XVIII, 18).

Aqui estão, Senhores da Nova Seita, Butler & C.^a, aqui estão as palavras onnipotentes do Filho de Deus. Trata-se de ligar ou desligar o peccador, para tornal-o mais expedito e fazel-o chegar com segurança ao céu, e é a S. Pedro que incumbe este ministerio. Trata-se de abrir ou fechar o céu, e é S. Pedro quem fica encarregado deste sublime officio.

Como, porém, tão arduo dever não podia ser sufficientemente desempenhado por um homem só, é repartido com outros, dependendo, não obstante para o exercicio deste espinhoso cargo, mais ou menos de Pedro; porque cumpre notarmos, que, *si os Santos Apostolos receberam todos o alto poder de ligar ou desligar, Pedro sómente recebeu as chaves do Reino dos céos*.

A linguagem, pois, de Jesu-Christo é clara e evidente, a promessa formal e infallivel, o encargo positivo e terminante. S. Pedro, os Apostolos, seus legitimos successores devem por ordem divina ligar ou desligar as consciencias, abrir ou fechar as portas do céu aos peccadores.

Mas, como fazer isto, perguntarão os protestantes, com prudencia e sabedoria, com rectidão e justiça, de conformidade com a intenção de Christo ?

E', respondemos, pelos auxilios divinos ; é pelas luzes soberanas do Espirito Santo, que certamente não faltam nesse tremendo ministerio.

Escutemos, com effeito, mais uma vez o Filho de Deus.

I I

Logo depois da sua gloriosa resurreição, cumprindo Jesu-Christo a sua promessa, installando os Apostolos, dando-lhes o Espirito Santo para os dirigir nesta tarefa tão escabrosa, como divina, e confiando-lhes a mesma excelsa missão que seu Eterno Pai lhe confiára, disse-lhes : « Assim como meu Pai me enviou a mim, eu tambem vos envio a Vós. » Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles e disse-lhes : « Recebei o Espirito-Santo : AOS QUE VÓS PERDOARDES OS PECCADOS SER-LHES-HÃO PERDOADOS : E AOS QUE VÓS OS RETIVERDES SER-LHES-HÃO RETIDOS. » (João XX, 21, 22, 23.)

Sr. Butler, protestantes, espiritos livres e desabusados do nosso seculo, máos catholicos, inimigos e calumniadores gratuitos da confissão, mais ignorantes do que impios, ah ! vinde agora todos, apresentai-vos de vizeira levantada ; aqui é onde podemos abraçar-nos fraternalmente uma vez!..

Dizei : o que falta para a substancia e essencia deste sacramento de reconciliação, de paz e de amor ? Attentai : temos aqui instituição do Filho de Deus, auctoridade do Padre Eterno, força e luzes do Espirito Santo : delegados certos, installação divina, materia determinada. Que mais falta ainda ?

Para entrar no exercicio deste officio reconciliador, falta ainda uma só cousa ; mas, uma cousa tão necessaria, tão indispensavel, tão absoluta e essencial, que sem ella se não póde de maneira nenhuma effectuar este divino Sacramento. — E qual é ?

E' a declaração sincera, humilde, e inteira dos peccados, com a manifestação singela de todos os sentimentos e affectos do coração, para poder-se julgar acertadamente si se deve perdoar esses mesmos peccados, fechar ou abrir a morada celeste aos peccadores.

Ora, semelhante manifestação da nossa consciencia, feita a um ministro de Jesu-Christo ; e esta com aborrecimento sincero, com arrependimento universal e constante dos mesmos peccados, é o que se chama CONFISSÃO SACRAMENTAL.

Sem esta declaração de todos os peccados, Srs. Butler & C.

o incomparavel poder, dado por Jesu-Christo aos Apostolos seria completamente illusorio : e, si este poder summo, incomparavel, immenso dos apostolos é illusorio segue-se que Jesu-Christo, a mesma fontanal Santidade, zombou delles, e zombou na mais solemne circumstancia da sua vida, e zombou precisamente quando os apostolos lhe mostravam maior fé, devoção e amor ; quando, pouco antes de subir ao céu, o Salvador Divino quiz dar-lhes a maior recompensa !... Ora, Senhores, dizer, ou suspeitar isto da Sabedoria Eterna humanada, da Verdade infallivel, do Verbo feito carne, é, além de absurdo, uma horripilante blasphemia.

Logo reconhecei, confessai que por estas palavras *Recebei o Espirito Santo etc.* Jesu-Christo instituiu divina e solemnemente o Sacramento da Penitencia ou a CONFISSÃO SACRAMENTAL.

Mas elle o instituiu como remedio unico e indispensavel para a remissão dos peccados, commettidos depois do baptismo : logo, este divino Sacramento é da mais absoluta necessidade para todos os christãos, réos de peccados, se não quizerem despenhar-se miseravelmente nos horrores eternos do inferno. Logo, escolhei, Srs. Butler & C.^a, de duas uma : ou CONFISSÃO, ou INFERNO !...

.....

Pois então ? Duvidais por ventura que Jesu-Christo não tivesse entendido fazer isto mesmo, quando se pronunciou dessa fôrma ? Vos enganais. Dizendo aos Apostolos : « Assim como meu Pae me enviou a mim, eu tambem vos envio a Vós. » Christo conferio-lhes o poder que Elle tinha ; mas Christo tinha e realmente exercia o poder de remir peccados, como refere o Evangelho. (Math. IX, 2, etc..) ERGO ? Mas, « Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles, dizendo-lhes : Recebei o Espirito Santo, etc., etc. » que significa isto, senhores ?

Significa que Christo com este sopro não quiz infundir-lhes uma nova alma, e sim um novo poder espirital para a vivificação das almas, mortas para Deus pelo peccado.

Este poder é eminentemente divino : é o poder do Espirito Santo em peso. E para que este poder ? Para perdoar peccados, ou deixar de perdoal-os. « Aos que vós perdoardes os peccados, disse Christo aos Apostolos, ser-lhes-hão perdoados ; aos que vós retiverdes, ser-lhes-hão retidos. »

Srs. Butler & C.^a ! As palavras de Christo não podem ser mais explicitas : *perdoar peccados ou deixar de perdoar,*

absolver ou negar absolvição. E, sendo o perdão dos peccados um acto totalmente, essencialmente divino, foi necessario que os Apostolos recebessem o Espirito Santo, ou o mesmo poder do Espirito Santo.

Foi o mesmo que dizer-lhes : *Eu, que todo o poder tenho no céu e na terra*, dou-vos o Espirito Santo, e vos envio, para que tenhais este mesmo poder meu de remittir os peccados aos verdadeiros penitentes : assim como de retêl-os aos endurecidos, aos emperrados e impenitentes.

Evidentemente, pois, Christo aqui constitue seus Apostolos JUIZES, os quaes, depois de haver discutido moralmente o estado da consciencia dos peccadores, pôdem por autoridade divina perdoar ou deixar de perdoal-os.

Ora, para haver logar esta discussão moral, para legalmente perdoar peccados, para absolver ou deixar de absolver, o que se requer ?

Sr. Butler, entendei bem : na *Confissão Sacramental* ha de correr um verdadeiro processo : um tribunal, um juiz, um réo, uma sentença. O que se requer, pois ?

Requer-se indispensavelmente o exame, o conhecimento da causa. Não ha duvidar.

Christo ordena terminantemente aos Apostolos que absolvam os peccados, ou os deixem de absolver.

E como deverão ou poderão absolver, se não forem taes peccados conhecidos ? Como os haverão de conhecer, se alguem os não declarar ?

E, posto que não se trate aqui de inquerito de testemunhas, o meio unico e indispensavel é que o réo seja o accusador de si mesmo, seja elle proprio a mesma testemunha que declare os seus peccados.

Eis, Sr. Butler, como nós outros catholicos, apostolicos, romanos, deduzimos clara e irrefutavelmente dos proprios Evangelhos de Christo a instituição solemne, a instituição divina da *Confissão Sacramental*, e, por consequencia a necessidade imprescindivel de pratical-a todo o homem réo de peccados, si não quizer despenhar-se nos horrores eternos do INFERNO.

Refutae agora, se sois capaz, esses nossos argumentos *musculos robustos e convincentes*. Duvidamos muito Nem á ponta de faca !...

Desejais ainda mais uma prova irrecusavel, de que a CONFISSÃO SACRAMENTAL foi divina e solemnemente instituida por Jesu-Christo, como remedio indispensavel para a remissão dos peccados ?

Attendei, Srs. Butler & C., lêde e vereis como foi com-

prehendida esta doutrina de Christo, e como praticada esta divina instituição pelos fieis dos primitivos tempos da Igreja.

III

—O Evangelista S. Lucas, fallando na multidão imensa dos gentios que tinham abraçado a fé christã, assevera positivamente que : « muitos dos que haviam crido, vinham confessando e accusando, ou denunciando, os seus actos. » (Act. XIX, 18.)—Aqui se falla em *Confissão*.

—S. Paulo declara que « Deus lhe confiou um ministerio de reconciliação. » (II—Cor. V. 18).

« Confessai, clama S. Thiago, os vossos peccados uns aos outros... para serdes salvos. » (V. 16).

—São João Evangelista se accentúa ainda mais claramente sobre este assumpto, dizendo : « Si confessarmos os nossos peccados, Deus é fiel e justo para nôs-os perdoar, e purificar-nos de toda a iniquidade. » (I. Cap. 1. 9).

—São Barnabé, companheiro das viagens e dos labores apostolicos de S. Paulo, na sua carta dirigida aos judeos convertidos, diz : « Confessarás os teus peccados, e não te apresentarás a Deus para supplical-o com uma consciencia malvada e criminosa. »

(Carta de S. Barn. n. XIX).—Fallase tambem aqui em *Confissão*.

—São Clemente, discipulo dos Apostolos e III successor de S. Pedro, se exprime claramente assim : « Aquelle que tem cuidado da sua alma não deve ter pejo de confessar seus peccados, mesmo occultos, ao ministro que preside neste tribunal Sagrado... Convertamo-nos de todo o nosso coração, afim de alcançar do Senhor a salvação, emquanto houvermos tempo de fazer penitencia; pois que, uma vez sahidos d'este mundo, não poderemos mais confessar-nos, nem fazer penitencia lá onde estivermos. » (II Cart. aos Corinthios. Vid. Os Padres apostolicos, por Cotelier, Tom. 1º. etc.)—Eis-ahi a *Confissão—Penitencia*.

O grave e eloquente Tertuliano, no II para o III seculo da Igreja, clama contra aquelles chritãos do seu tempo que não querem confessar-se, ou que confessando-se occultam certos peccados, dizendo : « Muitos fogem da confissão exomologése, porque temem fazer conhecida a sua conducta, e têm mais cuidado de sua honra do que de sua salvação : semelhantes aos que, tendo contrahido uma molestia nas partes secretas do corpo, occultam seu mal ao medico e se deixam morrer por uma desgraçada vergonha... Por ventura

seria mais vantajoso condemnar-vos, occultando os vossos peccados, do que salvar-vos, declarando-os ? » (Tert. *Livro da Penitencia* Cap. X).

Nem o mais zeloso dos Padres ou Frades fallaria assim sobre a *confissão sacramental*.

— Escutemos agora o grande Origenes, morto, no meiado do III seculo : « *Obtêm-se o perdão dos peccados pela penitencia, quando o peccador se não envergonha de manifestar as suas culpas ao sacerdote do Senhor.* » (*Homel. II sobre o Levitico*). — « Vêde, christãos, o que nos ensina a Sagrada Escriptura que : E' preciso não occultar o peccado commettido. Porque, assim como aquelles que, sentindo-se incommodados por abundantes humores, experimentam allivio ao desembaraçar-se d'elles, assim tambem os que peccaram, si occultam suas faltas e as sepultam no fundo de sua consciencia, acham-se incommodados e como que abafados pelo contagio do mal.

Porém, si accusam-se, confessando-se e reconhecendo-se culpados, cortam pela raiz a causa do mal. Mas, é mister escolhaes cuidadosamente a pessoa a quem deveis descobrir vosso peccado. Certificae-vos primeiro do medico a quem deveis expor a causa de vossa enfermidade, e, si elle julgar que vossa doença precisa ser exposta e tratada ante a assembléa de toda a Egreja, para edificação do proximo e para mais facilmente sarar, deveis obedecer ao conselho experimentado e á madura deliberação d'este habil medico de vossa alma. » (*Homel. II sobre o Salmo XXXVII*).

Sr. Butler, protestantes todos do mundo, dizei-nos : Podia Origenes explicar mais claramente a necessidade imperiosa da *Confissão Sacramental*, feita aos sacerdotes, de todos os peccados, ainda dos mais occultos ?

— S. Cypriano, martyrisado pela fé de Jesu-Christo em 258, não é menos claro e explicito a este respeito. « *Que o peccador, diz elle, confesse a sua culpa emquanto está n'este mundo, emquanto sua confissão pôde ser admittida, emquanto a satisfação que elle fizer e a absolvição que elle receber do Sacerdote pôde ainda ser agradavel a Deus.* » (*Livro DE LAPSES*).

.....
Poderíamos citar aqui successivamente Lactancio, Euzebio, S. Athanasio, S. Hilario de Poitiers, S. Bazilio, S. Jeronymo, S. Ambrosio, S. Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Leão, S. Gregorio Magno, S. Fulgencio Beda, — o Veneravel, S. Anselmo e S. Bernardo.

Pederíamos, sim, correr rapidamente a revista dos se-

culos anteriores á tristemente celebre *Reforma de Luthero e Calvino*, e interrogar um por um todos os grandes lumináres da Egreja que se occuparam deste importantissimo assumpto.

Mas, quando acabariamos nós esta discussão? As columnas de um periodico não comportariam o trabalho de um grosso volume.

.....
Uma cousa, porém, não podemos passar por alto, sendo digna de seria ponderação de todo o homem sensato e de boa fé.

E' que a *confissão auricular*, secreta e obrigatoria para todo o christão, era seguida ás vezes de uma *confissão publica*, quando o confessor o julgava util para bem do penitente e edificação dos fieis. Isto se revela claramente do texto acima tirado de Origenes.

Esta segunda confissão não era, pois, de instituição divina, mas sim um fructo do fervor d'aquelles santos tempos; era puramente disciplinar, e dependia do zelo e da prudencia do confessor, que em alguns casos podia ser exaggerado. Assim pertencia aos primeiros Pastores vigiar, para cortarem qualquer abuso sobre este ponto.

E' o que fez Nectario, Patriarcha de Constantinopla, no fim do VI seculo, por causa de ter-se imprudentemente obrigado uma senhora a accusar-se de um crime occulto, que muito scandalizou os fieis.

Nectario supprimiu, em consequencia, esta *confissão publica*, deixando porém não só a *confissão secreta, auricular* e de instituição divina, senão também a penitencia publica, de disciplina geral, para certos casos publicos.

Isto mesmo fez em Roma o Papa S. Leão, no seculo V, para prevenir semelhantes inconvenientes. « Basta, diz elle, descobrir aos sacerdotes em uma *confissão secreta* os peccados, de que cada um se achar culpado. »

Ah! Sr. Butler! Si os vossos collegas e co-religionarios tivessem bem comprehendido este facto historico, ou tivessem sido de boa fé, não teriam feito d'elle um cavallo de batalha contra a *confissão sacramental*, não se teriam atrevido a celebral-o com tanto entusiasmo em odio da mesma *confissão*, instituida, como acabamos de demonstrar, por Nosso Senhor Jesu-Christo para remissão dos peccados commettidos depois do baptismo.

Confessai, entretanto, que erraes, porque ignorante das divinas *Escripturas*, e do poder de Deus, em cujo nome e por cuja expressa delegação o sacerdote catholico absolve e

remitte valida e efficazmente os peccados aos verdadeiros penitentes. Reconhecei tambem mais uma vez a falsidade da Biblia sagrada em vossas mãos.

IV

Si a *Confissão Sacramental* não fosse de instituição divina, é evidente que ella deveria ser uma invenção meramente humana.

E' a sedica *lenga-lenga*, é a estúpida asserção dos protestantes: A confissão, vão dizendo, mas sem provar, foi inventada pelos homens; foi o poder clerical quem inventou a confissão, para dominar as consciencias, e por esta fórma o mundo.

E' isto absolutamente impossivel, respondemos nós, é um revoltante absurdo, pois que si os christãos catholicos agora se confessam, confessaram-se sempre desde o inicio do Christianismo. Ninguem nos contesta que em toda a Egreja Catholica se pratica presentemente a *Confissão Sacramental*, e é considerada de rigoroso preceito. Ora como crêr que seja ella de invenção humana?

Si a Confissão é instituição humana, perguntamos aos protestantes, Sr. Butler & C^{ia}: Quem foi o seu inventor? Sabeis dizer-nos o seu nome?... O seu paiz?... Onde o lugar dessa celebre invenção?... Em que epocha foi inventada?...

Eia! sus! respondei-nos, Senhores da *Nova Seita*: Foi ella uma invenção que se operou rapida ou lentamente? Foi uma invenção que se introduzio na Egreja por meios violentos ou por meios brandos? Foi, finalmente, uma invenção que veio de homens sabios ou ignorantes?

Respondei, Senhores, por vossa honra a estas perguntas (não «disparatadas» como ridiculamente as denomina o Sr. J. Marinho no seu artigo de 15 de Janeiro, inserido no *Jornal do Recife*), mas sérias, naturaes, graves e terminantes, si quereis affirmar com apparencia de verdade que a *Confissão Sacramental* é invenção humana.

Pois então? Uma invenção que invade populações inteiras, que vai estabelecer-se por todo o mundo, que affronta paixões violentas, que humilha fronte altivas, que resiste, emfim, á acção dos seculos, não é porventura uma invenção classica, extraordinaria, singular, estrondosa e sem rival? Não merece ella ser registrada nas paginas da Histo-

ria e ser declinado o nome celebre do seu inventor, a éra, o lugar e o meio por que foi realisado tal prodigio? Respondei, pois, Senhores.

Foi ella inventada e introduzida de *repente* ou *pouco a pouco*? Si de *repente*, então os que hontem, por exemplo, nada sabiam de *confissão*, hoje madrugaram depois de ter zombado que a *confissão* é de instituição divina, que seus avós obedeceram a este preceito, e todos começaram logo a pratical-o. — Não é assim, Senhores da *Nova Seita*?

Absurdo! Revoltante absurdo!...

« Não: *A confissão*, diz pedantescamente o Sr. J. Marinho, *foi introduzida pouco a pouco, por astucia dos padres romanistas.* »

— N'este caso, supponhamos que um Padre, um Vigario, tenha forcejado por introduzir *pouco a pouco* esta singular novidade na sua parochia.

Pensais que ninguem teria reclamado, dizendo: oh! porque tantas peias para nós?... porque difficultar-nos assim o caminho do céu?... porque impor-nos um jugo tão pesado, que até nossos pais desconheceram, e os da freguezia vizinha completamente ignoram?

Mas ainda que tivesse podido introduzir na sua parochia esta novidade, como haveria podido esse Vigario propagal-a e universalisal-a?

Que de sérias difficuldades não encontraria elle em fazer acolher e praticar uma innovação que de per si deprime o orgulho e combate as paixões da natureza humana?

Qual dos homens ajoelhar-se-ia ante outro homem, para fazer-lhe as intimas confidencias da sua alma, e manifestar-lhe certos segredos que o fazem córar de pejo, mesmo no sanctuario da sua consciencia, si não estivesse profundamente convicto de que semelhante obrigação é-lhe imposta por Deus?

Que outra razão teriam de confessar-se simples fieis Padres, Bispos, Cardeaes, Papas, Sabios, Principes, Reis, Imperadores, *ajoelhando-se*, consoante á phrase linda e eloquente de Tertuliano, *aos pés dos venerandos Presbyteros, ministros venerandos de Deus? Presbyteris advolvi, caris Dei adgeniculari.* (*Livro da Penitencia, Cap. X.*)

Entretanto, segundo o celebre historiador Eusebio, o Imperador romano Marcos Julio Felipe, que succedeu a Gordiano em 244, era christão: achando-se elle em Antiochia, então capital do Oriente, na vespera da Paschoa foi á igreja, afim de participar das orações com todos os fieis: mas o

Bispo S. Babilão não lhe permittio entrar *antes de confessar-se*, porque tinha commettido muitos crimes; ao que sujeitou-se de boa vontade.

S. Martinho, religioso de Corbia, no VIII seculo, foi o confessor de Carlos Martel, o terror dos Mahometanos.

Otão — o grande — teve por confessor Santo Aldarico, Bispo de Ausburgo.

E, finalmente, Henrique I, rei da Inglaterra, no seculo XII, teve por seu confessor Atthadulpho.

Ora, dizei-nos, Senhores protestantes, quem quer que sejais: Como foi que tantos orgulhosos principes curvaram-se espontaneamente ante um simples padre, ou bispo, ou monge, seus proprios subditos, confessando-se, elles que ambicionaram até presidir, julgar e sentenciar nos concilios Ecumenicos? E, si ajoelharam-se espontaneamente, explicai-nos vós essa fraqueza e imbecillidade d'elles.

Ou si isto fizeram forçados, dizei: quem os terá constrangido?

Eis ahi os repellentes absurdos em que cahem todos aquelles que, como vós, Senhores da *Nova Seita*, NÃO CONHECEM O PODER DE DEUS, ou negam o sobrenatural.

V

Não podendo, pois, o protestantismo apontar-nos com certeza qual o auctor da *confissão sacramental*, nem o meio de que elle se servio, nem o paiz, a epocha e o logar em que foi inventada, podemos concluir que semelhante invenção equivale á uma instituição divina; porquanto toda a sagacidade humana é incapaz de explical-a, muito mais a toleima protestante.

.....

Devagar, clama com ares de... pedante o Sr. J. Marinho, fazendo côro com todos os protestantes passados, presentes e futuros: « Quanto á origem da confissão auricular (só?) no christianismo, encontramos no herege Marcião (?) ao qual certas mulheres procuravam, afim de confêssarem os seus peccados, resultando d'ahi abandonarem-se ao peccado com elle! »

« No entanto essa impostura (Sic. !...) que já se arraigava, na egreja, ainda que não exactamente como é hoje, foi banida no anno de 383, devido a um crime contra a castidade, commettido por um diacono com uma confessada (!!!) e

só foi reconhecida e tornada em dogma obrigatorio (!!!) no anno 1215, no quarto concilio de Latrão, sob o Papa Innocencio III.)

Quantas asneiras, meu Deus, quantas tolices, e quantas inverdades nestes dois periodos do Sr. J. Marinho !... Coitado ! O homem d'esta vez deu *decididamente com os burros n'agua* !

Bem disseram dois nossos venerandos e intelligentes collegas no sacerdocio que *não tendes titulos para discutir assumptos religiosos...* E nós accrescentamos, sem destoar da mesma idéa, que *respeitando vossa competencia em outros assumptos, estaes mui atrasado nestas materias, e sois absolutamente incapaz de defender as heresias e os erros palmares da vossa nova seita.*

Então ! a confissão auricular data desde esse hereje ?... originou-se desse criminoso facto ?...

Damo-vos as alviçaras por essa *interessante* descoberta, aliás para vós desastrada, infeliz.

O facto, porém, não foi como vós o contastes, desfigurando-o, e sempre, já sabe-se, para calumniar a egreja ; mas sim, como se deu e foi narrado por Santo Irinêo, discipulo de S. Polycarpo, o qual teve por mestre o Apostolo S. João.

Este celebre Santo Padre da Egreja de Christo, fallando do hereje Marcos, e não *Marcião*, refere que certas mulheres, já christãs, tendo-se deixado seduzir por esse impostor, se converteram, emfim, e foram confessar-se, arrependidas de suas desordens e da paixão secreta que ellas haviam concebido por elle.

Eis-aquí as formaes palavras do Santo, em latim, que por prudencia traduzimos para o francez : « *conversæ et confessæ sunt, et secundum corpus exterminatas ab eo, et velut cupidine inflammatas valde illum dilexisse* » (Livro I, *contra as heresias*, cap. IX.) On a vu de ces femmes, qui, s'étant converties et étant revenues à l'Eglise, se sont confessées de s'être laissées, corrompre par lui même quant au corps, et de l'avoir extrêmement aimé, brûlant pour lui d'une passion violente. » — D'ahi segue-se que : Marcos não era nem padre, nem confessor ; era um hereje vosso collega, *era um impostor* ; que a confissão estava em pleno vigor desde o principio do 2.º seculo ; que a confissão d'essas mulheres foi secreta e publica ; secreta, porque ella comprehendia faltas que se passaram só entre ellas e seu seductor, faltas mesmo puramente interiores ; e essa confissão foi feita ao padre. Ella foi publica, porque veio ao conhecimento da historia, pois que, como dissemos, algumas vezes,

n'aquelles tempos de fervor santo, os penitentes confessavam-se publicamente tambem, após sua confissão privada, já por conselho do mesmo confessor, e já por sua livre e espontanea eleição para sua maior humilhação.

O mesm S. Padre e Doutor da Egreja diz que um tal Cerdon, voltando frequentemente para a Egreja, e fazendo sua *confissão*, continuava a viver n'uma alternativa de *confissões* e de recahidas nos seus erros. (*Vid. S. Irineo, Liv. III. cap. II, contra as heresias.*)

Eis, Sr. J. Marinho, como cahistes da panella nas brasas. A confissão não data deste facto, que a *suppõe* já em uso.

— Nem tão pouco foi abolida essa *impostura*, a *confissão auricular*, ou *banida*, como vós inconscientemente affirmaes, *no anno 383*, e por causa de *um crime commettido por um diacono contra a castidade de uma confessada* (que supina ignorancia, meu Deus!... o diacono confessava?!); mas sim como nós dissemos no artigo precedente, a *confissão publica*, meramente disciplinar, por Nectario e por S. Leão, no 4.º e no 5.º seculos, no Oriente e no Occidente.

— *Mas foi ella reconhecida*, insistis, *e tornada em dogma obrigatorio* (?) no anno 1215, no quarto concilio de Latrão, sob o Papa Innocencio III.

— Que caiporismo, Sr. J. Marinho!... que infelicidade! Porque não provastes esta asserção, que aliás não é vossa?

— Porque sois incapaz e lêdes irreflectidamente pela mesma cartilha dos vossos infelizes comparsas presentes e passados!...

Oh! simples affirmações supprem provas? — Sapateiro, não te mettas a tocar rabecão!...

Poderíamos no emtanto invocar o principio dos latinos: *Quod gratis asseritur, gratis negatur*: O que sem provas asseveraes, sem provas tambem o negâmos.

Porém, não; estamos solidamente firmados no terreno da verdade, e, portanto, vamos dar-vos por caridade mais esta lição.

Escutai, attendei bem, Sr. J. Marinho, Sr. Dr. Butler e... *tutti quanti*:

O quarto concilio de Latrão promulgando um decreto relativo á *confissão sacramental*, nada creou de novo; não fez novo *dogma obrigatorio*, na vossa *gyria*; mas regulou tão sómente o uso deste sacramento, fixando o tempo em que os fieis deviam approximar-se do tribunal sagrado da Penitencia. *Quotannis saltem semel proprio sacerdoti confitendi*; confessar-se ao menos uma vez por anno ao proprio

sacerdote. E o concilio de Trento, na sessão XIV, cap, V, explicando o fim deste decreto, afirma que não se creára a obrigação da confissão já estabelecida por direito divino, mas que apenas se ordenara que este preceito se cumprisse aomenos uma vez no anno.

E seria possível que se introduzisse na Egreja um novo dogma, sem que ninguém reclamasse? Este dogma, Sr. Marinho, entende com a vida de cada christão. E, pois, como introduzir-se-hia alteração tão profunda na doutrina christã, sem haver um protesto, sem uma opposição, sem resistencias, se a confissão contraria tanto as revoltas paixões? Só tres seculos depois desse concilio appareceu o vosso *Santo Patriarcha*, Luthero, que inventou e propagou calumnia tão inverosimil contra a Egreja Catholica.

Si a confissão data do seculo XIII e é invenção dos padres, como é, dizei, Sr. Marinho, que a encontramos explicada nos escriptores anteriores a este mesmo seculo? — Sim, respondei, si não quereis passar por impostor: respondei, sem rodeios e sem recorrer a essas «sombras de uma noite nublada; ou aos Sacerdotes de Baccho; ou ás poesias de Juvenal, Propercio e Tibullo» (que *filaucia*!...); respondei a estes argumentos, não com epigrammas e romances que offendem, mas não destróem o bom senso.

VI

A' vista do sentido claro e evidente das palavras de Jesu-Christo; á vista dessa nuvem de testemunhos irrefragaveis e de factos palpitantes que, nos artigos precedentes, allegámos e inundam o espirito mais exigente, qual deve ser, Srs. Butler & C.^a, a consequencia legitima para todo o homem cordato, para todo o homem intelligente, de bôa fé, de bom senso e zeloso da salvação eterna de sua alma?

—Essa consequencia logica, rigorosa, natural. deve ser por certo, CAHIR AOS PÉS DO MINISTRO DE JESU-CHRISTO: E CONFESSAR SINCERA, HUMILDE E INTEIRAMENTE SEUS PECADOS.

1.^a OBJECÇÃO. — Qual? respondem, vóz em grita, os protestantes de todos os jaezes, e com elles um sem numero de máos catholicos: isso deve entender-se lá dos seculos ignorantes e das pessoas pouco instruidas: mas, nós philosophos positivistas, nós doutores..., neste seculo illustrado, neste seculo das luzes e do progresso, não precisamos dessa confissão aos padres e frades... — Conhecemos bastante a grandeza, a bondade e a misericordia de Deus, para humilharmô-

nos na sua presença, confessar só a elle, em secreto, nossos peccados, e, arrependidos, conseguir o perdão por sua infinita clemencia !...

— Coitados de nossos irmãos separados !... coitados dos nossos philosophos e doutores modernos !... — Quem tal dissera ! Vós, arrazoando desta fórma sobre este assumpto, mostraes uma pyramidal ignorancia ; mostraes até desconhecer os preceitos mais comesinhos de uma boa logica. Mostraes que não sois christãos.

De feito, não vêdes, Senhores, que admittida esta absurda consequencia, assentada esta verdadeira utopia, suppondo outro caminho para chegar ao céo, não só torceis a verdade das palavras de Christo, mas tambem o convenceis de mentira ? !...

Porquanto Jesus não disse aos apóstolos : — Uma parte do que vós ligardes ou desatardes sobre a terra, será ligada ou desatada no céo ; mas, disse-lhes : Tudo o que vós ligardes ou desatardes... sem excepção de pessoa, de seculo, de progresso e de doutrina. Sim, Jesus não disse a S. Pedro : Eu te darei a chave de uma porta do céo, para aquelles que não se confessarem a mim, e não fizerem penitencia em secreto ; mas sim, *as chaves*, isto é, todas as chaves, de todas as portas do céo, e para todos os que se confessarem com vosco : *Tibi dabo claves regni cœlorum.*

— Ninguém pense, porém, que esta difficuldade seja de invenção moderna. Ha mais de 1,400 annos que o sempre grande e immortal Santo Agostinho, prégando aos fieis de Hippona, a resolveu desta maneira !

— Ninguém diga lá consigo mesmo : *Eu faço penitencia dos meus peccados em secreto e na psença de Deus ;* (como quadra este pedacinho á doutrina do L. de Sanctis, de J. Marinho & C.^a !..) *basta que Aquelle que deve conceder-me o perdão, conheça o meu interno arrependimento.* — Si assim fosse, debalde teria Jesu-Christo dito aos apóstolos : Tudo o que vós ligardes ou desartardes sobre a terra, será tambem ligado ou desatado no céo ; debalde haveria elle confiado as chaves á sua Igreja.

« Não é, pois, sufficiente, conclue Santo Agostinho, confessar-se a Deus : é preciso ainda, é necessario confessar-se aos que receberam d'elle o poder de ligar e desligar. » (Serm. CCCXCII).

— Assim o entendeu Beda, o Veneravel, commentando a Epistola de S. Thiago. « Não é poseivel, diz elle, alcançar o perdão dos peccados sem a Confissão Sacramental : » *Neque sine confessione peccata quent dimitti.* (Sobre o cap. V da Epistola de S. Thiago).

— Assim o entendeu Anastazio, o Sinaite, após a leitura do mesmo texto sagrado : « Confessai vossos peccados, deixou escripto, a Jesu-Christo por intermedio dos sacerdotes, e não tenhaes vergonha de fazel-o. Condemnai-vos agora a vós mesmos diante dos homens, para que o soberano juiz vos justifique diante dos anjos. » (*Serm. sobr. a Comm.*).

— Assim o entendeu o celebre Aluino, que floresceu no principio do IX seculo, referindo-se ao mesmo texto de S. Thiago : « Por ventura, pergunta elle, não devemos dar nossa profissão de fé aos *padres* no nosso baptismo, e renunciar nas mãos d'elles a Satanaz, afim que sejamos lavados de todo o peccado mediante a operação da graça divina e o ministerio do sacerdote ? E, porque, pois, no segundo baptismo da penitencia, não devemos tambem recorrer aos *padres* para sermos absolvidos por seu ministerio dos peccados commettidos depois do primeiro baptismo ?... Segui as pégadas dos Santos Padres, e não queiraes introduzir *novas seitas*, contra a religião da fé catholica. » (*Carta XXVI, aliás LXXI*).

— Assim o entendeu o grande S. Anselmo, theologo e philosopho profundo, ensinando : « Assim como o peccado original é perdoado no Baptismo, os peccados actuaes o são na confissão. » (*Elucidarium.*) « O peccador se confesse ao Economo da Egreja, afim de obter o perdão dos seus peccados. » (*Homel II.ª sobre S. Luc. Vid. tambem a carta LVI do mesmo S. Doutor*).

— Assim o entendeu Hugo de S. Victor, um dos grandes luminares do seu seculo. Tendo elle referido a passagem de S. Thiago : *Confessai-vos uns aos outros*, etc. pergunta : « Que significa : *confessai-vos uns aos outros* ? »

— Significa, responde o mesmo, *confessai-vos*, as ovelhas a seus pastores, os inferiores a seus superiores, os peccadores aos que têm o poder de remittir os peccados. Mas porque *confessai-vos* ? Afim de que sejaes salvos : isto quer dizer, que vós não podereis salvar-vos, senão vos confessardes. » (*Livr. II do Sacram. da fé, part. XIV, sobre a confissão*).

— Assim o entendeu Pedro Lombardo, cognominado Mestre das Sentenças, o qual firmando-se no citado texto de S. Thiago, diz : « Não merecem ser justificados os que desprezam ou se envergonham da confissão ; porque ha um preceito divino tanto para a penitencia interna, como para a confissão oral e a satisfação exterior, emquanto isto seja possivel. » (*Livro II, das Sentenças, distincção XVII*).

E sabeis, Srs. Butler, J. Marinho & C.ª, quem foi Pedro Lombardo ? Foi o mais douto representante das sciencias

ecclesiasticas no seculo XII. As obras de Pedro Lombardo eram compulsadas, estudadas e commentadas por genios sublimes em todas as escolas ; e o proprio Doutor Angelico, S. Thomaz de Aquino, exercitou sua penna inspirada e seu brilhantissimo talento em commentar as *Sentenças do Lombardo*.

— Assim, finalmente, o entendeu e praticou a Igreja em peso, condemnando e fulminando com o raio aterrador do anathema a doutrina opposta, a doutrina, dizemos, d'aquelles que ousassem affirmar, como fazeis vós outros protestantes, que a confissão é de instituição ou invenção humana, e que foram os padres que a inventaram. (*Conc. Tridentino, Sess. XIY, Can. VI*).

.....
Lêde agora o que deixaram consignado nas paginas da historia ou de suas obras alguns dos vossos mestres na fé protestante : « Ha realmente um preceito de confessar-se, porque S. Thiago diz : *Confessai-vos uns aos outros...* Tratando-se, pois, de peccados mortaes, a phrase — *Confessai-vos uns aos outros* — indica que a confissão não é de conselho e deve fazer-se confessando-se ao maior, isto é ao *Sacerdote*, te. » (João Hus, *Comment. in Epistola S. Jacobi cap. V*) — Verificai, Sr. Butler.

— São Paulo diz, I. Cor. XI, 28. — « *Prove-se. examine-se pois o homem a si mesmo*, etc., isto é : examine-se sobre a contricção, si arrepende-se cordialmente de seus peccados ; sobre a confissão, si de todos se accusou, sobre a satisfação, emfim, si quer ou não cumprir a penitencia imposta. » (*Idem, Lib. de Coena Domini, in illud — Probet autem*).

« Por entre as cousas bellas e amaveis da Religião christã, amabilissima é de certo a instituição da confissão *Sacramental*, que chamou até a attenção dos povos da China e do Japão ; pois que o dever dizer necessariamente as proprias faltas ao sacerdote, impede a muitos recahirem nos peccados, maximé aos que não têm ainda um coração impedernido. » (Leibiniz, *Theodicea*, pag. 265).

« Está hoje em dia plenamente reconhecido que a idéa do perdão dos peccados e da justificação, como a entendem os protestantes, posta em campo por Luthero em opposição ao ensino da Igreja Romana, fica destruida pela antiga doutrina de Christo ; n'isto os catholicos acertaram magnificamente, allegando tudo quanto acharam desfavoravel na antiguidade christã. » (W. Mucrescher, *compend. historico da Religião*, Tom. 2, pag. 186).

« O uso da confissão, feita em secreto ao sacerdote, além

de ser uma cousa de grande vantagem, *existia tambem na Igreja antiga.* » (Montagne, Appell., cap. 32).

« *E' necessario que na confissão se retenha a absolvição particular ; rejeital-a, é um erro condemnado, proprio dos Novadores. Esta absolvição é um verdadeiro sacramento propriamente dito. O poder das chaves remitte os peccados não só á face da Igreja, senão tambem diante de Deus.* — (Confissão de Ausburgo, Artigo XI, pag. 12. a 22).

Mas basta de citações, Srs. Butler & C.^o. Averiguae-as, confrontae-as com os originaes, e depois vinde dizer-nos que : *são totalmente falsas, ou infames, como o seu auctor !...* Isto mesmo prova o desespero em que vos achaes, na impossibilidade de refutar os vossos antagonistas, e a veracidade dos testemunhos allegados, que provam exuberantemente que a Confissão Sacramental foi instituida por Jesu-Christo ; e que se deve confessar ao sacerdote ministro legitimo d'este homem — Deus, e não sómente a Deus.

VII

II. OBJECÇÃO — « *Pretender um homem peccador ter o direito para perdoar a outro homem as offensas feitas a Deus, é o maior dos absurdos.* »

« *Além d'isto : não será humilhante confessar-se a um homem ?* »

« *O padre, o sacerdote é homem como os outros ; é peccador tambem elle como todos : não me abaixo, pois diante de um peccador como eu...* »

— E' esta a segunda objecção, posta em voga pelos protestantes, contra a *Confissão Sacramental*: e não é só dos protestantes, senão tambem dos incredulos modernos e máos catholicos, os quaes receiam receber o Sacramento da Penitencia das mãos de um *homem peccador* !!

— Si esse *homem peccador* não tivesse sido legitimamente ordenado, ungido e destinado ministro de Deus ; si esse sacerdote não tivesse recebido o Espirito Santo ; si esse peccador, como vós, não operasse em nome de Jesus Christo ; si elle não tivesse, emfim, recebido o pleno poder de ligar e desligar as consciencias, de absolver ou de reter os peccados, terieis mil razões para não confessar-vos. Mas, não vêdes que fallando d'este modo negaes a Biblia, negaes os Sacramentos, negaes a efficacia das palavras do Salvador, negaes até o mesmo Deus, o qual reconhece esse *homem peccador qual ministro de Christo e dispenseiro dos seus tremendos mysterios ?* (I.^a Cor. IV. 1.)

Sim, o confessor é homem peccador como os demais ;

por isso mesmo é elle obrigado por sua propria fraqueza a compadecer-se da vossa, consoante á doutrina de S. Paulo, que diz : « Não temos um pontifice que não possa compadecer-se das nossas enfermidades. » (Heb. IV. 15.)

E' homem ; por isso ; e para augmentar em vós a confiança, para tirar-vos o temor de serdes reprehendidos, tambem elle se confessa peccador. E' homem ; porém « assumpto, por ordem divina, d'entre os homens, é constituido a favor dos homens nas cousas que tocam a Deus, para que se possa condoer d'aquelles que ignoram e erram, visto como tambem elle está cercado de enfermidade, diz o mesmo Apostolo. » (Hebr. V, 1, 2.)

— A Confissão é um Sacramento como todos os demais Sacramentos. Mas, receiaes, recebê-lo das mãos de um homem peccador !... E' humilhante, dizeis !... — Porém respondei : todos os Sacramentos não são administrados por homens ? Quem, senão o homem administra o Baptismo ? Quem, senão o homem administra a Confirmação ? Quem, senão o homem administra a Ordem ? E os apóstolos não eram homens ? não eram peccadores ? não administravam Sacramentos ?

Ora, si todos os Sacramentos são administrados por homens, e ninguém se queixa, ou reputa-se *humilhado* recebendo-os, porque, e com que direito se pretende abrir excepção para o Sacramento da Penitencia ?

Mas podia ou não podia Deus confiar aos homens, a administração deste Sacramento ? Podia, sim ; Si elle o fez ! Logo não procede esta razão ; os Sacramentos podem ser administrados pelos homens.

E pensais, Srs. Butler & C.^{as}, que Deus não andou bem, confiando aos homens a administração do Sacramento da Confissão ?

Si houvesseis de apresentar-vos a um Anjo do céu, para fazer-lhe vossa confissão e receber d'elle o perdão dos vossos peccados ; si viesse Jesu-Christo em peso com toda a sua gloria e magestade, para julgar-vos, teríeis coragem de apresentar-vos tão maculados, tão sordidos, tão immundos ante esses personagens tão sublimes, tão puros, tão santos ? — Não cahiria desmaiado o vosso coração em presença dos radiantes fulgores da mesma Santidade ? —

A confissão, pois, foi instituida por Jesus Christo, e deste modo, para nosso bem, em attenção á nossa miseria, á nossa imbecillidade, á nossa fraqueza.

Não, mil vezes ; não offende, não humilha á dignidade humana, não rebaixa o homem confessar-se ao ministro le-

gitimo de Christo, mesmo para ter a certeza de ser perdoado em nome d'este filho de Deus ! O que realmente offende, humilha, abate a um ser livre, moral e intelligente, é só o peccado, e ainda mais a cynica dissimulação d'elle.

Sem duvida, praticar o mal, é decahir da propria dignidade. E quando a hypocrisia, filha legitima da soberba, estendendo um véo sobre a ignominia da desordem interna, blasona exteriormente nobreza e virtude, então chegam ao seu apogéo *abjecção, miseria e cobardia*.

O reconhecer-se, porém, culpado ; o accusar-se sincera, humilde e inteiramente ao ministro sagrado, revestido do character e poder divino para, em nome de Deus, perdoar os peccados, isso eleva, ennobrece e honra immenso o homem.

Esta é que é a pura verdade.

VIII

III OBJECÇÃO. — *A confissão, diz-se, é um peso enorme é um martyrio, é uma tortura da consciencia do homem livre e civilisado.*

— E' um peso enorme ? E' um martyrio ? E' uma tortura ? — Pois seja.

Não é verdade que a confissão foi instituida por Jesu-Christo ? — Sim. Provamol-o exhuberantemente, a toda a evidencia, com argumentos másculos, robustos e convincentes, contra todos os capciosos sophismas da ignorancia ou má fé dos modernos sectarios.

Não é verdade que Jesu-Christo é Deus ? — E' infallivel. — Deus, como creador, não póde exercer o seu supremo dominio sobre as suas creaturas ? E' incontestavel. — As creaturas não devem prestar prompta e rigorosa obediencia ao seu Soberano Creador ? E' innegavel.

Logo, ainda que a Confissão Sacramental fosse todo esse peso, todo esse martyrio, toda essa tortura, não se poderia desobedecer a Deus, recusando submeter-se a qualquer grave obrigação que lhe aprouvesse impôr-nos. — A confissão dos peccados é uma imposição divina.

— Mas: o que é o peccado ? — E' a revolta do orgulho humano contra a magestade divina.

— Qual o correctivo natural deste vicio odioso ?

A humilhação, a humilhação sincera, profunda, cordial, como Deus exige. Esta realisa-se, lançando-se o peccador aos pés de um outro homem, revestido do character de representante de Deus, e confessando-se culpado, conforme o jus-

tissimo e sapientissimo homem-Deus expressamente ordenou e mandou, quando disse aos Apostolos :

« Tudo quanto ligardes ou desatardes sobre a terra, etc. »

« Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados, etc. »

— E será verdade que a confissão é esse peso insuportavel e esse cruel martyrio ?

Não ha nada d'isso. Antes, pelo contrario.

A confissão é mui conforme e consentanea á nossa mesma fraqueza ; ella corresponde a uma grande lei moral, e a uma das mais intimas necessidades da natureza humana.

Esta importante verdade foi conhecida e ensinada pelos proprios philosophos pagãos, cujo timbre é Platão, que vou citar :

« Quem commette uma injustiça, diz elle, é sempre mais infeliz de quem a soffre ; e o criminoso que fica impune, é mais miseravel de quem satisfaz a pena, porque vive nos tormentos do remorso, ou se embrutece na iniquidade. Por consequencia, quem cahe em culpa deve apressar-se em comparecer no logar competente, onde receba a justa correcção, apresentando-se ao juiz, como si este fôra um medico, para obstar que a molestia da injustiça, perseverando n'alma, n'esta gere secreta corrupção, que se tornaria insanavel. » (Vid. *Os Gorgias fallando em nome de Socrates*).

Entretanto, quando isto escrevia, Platão não se remontava á causa, á origem secreta do mal, que é o peccado ; não attendia a essa perturbação d'alma, em que se agitam as infracções invisiveis da *ordem moral*, e as visiveis da *ordem social*.

Jesu-Christo, porém, que tinha formado o coração humano, providenciou admiravelmente á necessidade de perscrutar a culpa interior, de corrigir e cortar o mal em sua raiz, instituindo um tribunal incorruptivel para a alma, um juiz imparcial para a consciencia, um sacramento de reconciliação e de paz entre Deus e o homem. Eis o QUE É A CONFISSÃO.

Sim, entendei bem, Srs. Butler, J. Marinho & C.^a : A confissão Sacramental é o remedio prodigioso contra essa corrupção secreta, de que falla Platão ; é o balsamo salutar, que, purificando o espirito do peccador, torna a collocar-o no seu verdadeiro centro, que é o caminho da justiça, da verdade e da virtude.

— Senhores protestantes, bem que vos pese, haveis de confessar que, perpetrado o crime, sente o homem criminoso o espinho pungente do remorso, e logo em seguida a neces-

sidade de achar um amigo fiel, em cujo seio possa depositar os arcanos segredos do seu coração alanceado, e de cuja mão caridosa receber o balsamo que lhe suavise e cure as feridas d'alma.

Ah ! quem peccou não póde negar que sente constantemente um martyrio, não o da confissão, e sim o do remorso, do remorso que punge, que fere, que dilacera, que flágella e crucifica interiormente o peccador.

Pois bem, onde achar o verdadeiro remedio, o prompto allivio para esta intolleravel agonia moral ?

— Aos pés do confessor, desse amigo fidelissimo das almas, desse confidente official, creado por Jesu-Christo, e obrigado pelo mesmo Salvador a um segredo inviolavel. A esse Sacerdote, delegado de Deus, abri, peccadores, as vossas consciencias, manifestai o estado de vossas almas, fazei as mais intimas confidencias ; desafogai com elle a interior amargura que vos acabrunha.

Elle ouvirá paciente a declaração dos vossos erros, sem podel-os denunciar, derramará sobre vosso coração o balsamo que suavisa as feridas da vossa consciencia vos aconselhará, emfim, vos esclarecerá, vos consolará.

— Eis-ahi o profundo mysterio da Confissão Sacramental, que vós, Sr. Butler, e todos os protestantes, não entendeis e combateis, porque *errais, não conhecendo as Escripturas, nem o poder de Deus*. Eis-ahi o alcance immenso desse Sacramento de reconciliação e de paz : Pela declaração franca, dolorosa e leal dos peccados, renasce a alma que já estava morta ; o coração endurecido e frio encontra suave palpar ; o homem se torna *rejuvenescido* na herança eterna que Christo lhe conquistara com seu precioso sangue ; a innocencia e o arrependimento se agermanam, se osculam e re-unem em fraternal amplexo. (Chateaubriand, *Gen. do Christ*).

E chamais a isto : *peso, martyrio, tortura da consciencia ?...*

IX

IV. OBJECÇÃO. — *Não queremos confessar-nos, vão dizendo muitos máos catholicos de parceria com todos os protestantes ; porque essa confissão é fonte de immoralidades (sic !...) ; nem permittimos a nossas inexperientes esposas e a nossas innocentes filhas frequentarem o confissionario, pois que não queremos que vão aprender alli a maldade e ficar desmoralisadas (sic !... sic !...).*

— Respondendo, digo que semelhante objecção é propria

de Escribas e Phariseus hypocritas, que gratuita e accintamente perseguem, injuriam, ultrajam e caluniam a Jesu-Christo. Digo mais : esses taes, procedendo assim, praticam um acto de inqualificavel crueldade, e commettem uma clamorosa injustiça para com seus dependentes.

Que esses desabusados pensadores livres pensem libertinamente, e se despenhem alma e corpo no abysmo da perdição eterna, entende-se facilmente; *sua alma, sua palma!*... Mas, que se tornem desalmados carrascos de seus filhos e parentes, afastando-os da fonte unica de salvação, é fóra das raias da comprehensibilidade humana.

Ah ! que tão enganados, que tão illudidos andam elles!...

—Não, por Deus, não é verdade que se aprende o mal no confissionario ; não é verdade que se aprende a immoralidade no tribunal sagrado, onde se vae accusar e detestar crimes e peccados, e obter a remissão de todos elles, que são a verdadeira causa de todos os males e a origem fecundada da mais repellente immoralidade. Não é verdade, emfim, que Deus permite que a unica vereda do céu, depois do peccado, se converta em caminho do inferno.

—E querem saber esses Senhores onde suas esposas e filhas innocentes !? aprendem realmente a malicia e a immoralidade ?

—E' nos theatros, é nos bailes, é nos festins e nas comensinas. É trajando modas que offendem a modestia... É lendo certos livros e romances que tratam de cousas que ellas deviam eternamente ignorar... É vendo, apreciando, possuindo e conservando consigo certas figuras obscenas, certas *pornographias* indecentes... E' ouvindo... mas, Santo Deus ! quem poderá enumerar as fontes envenenadoras, onde todos os espiritos livres e irreligiosos bebem a largos sorvos a maldade, a malicia, a immoralidade ? !...

—Pelo contrario, quem poderá descrever quanto deve a sociedade humana ao Sacramento da Confissão, rasgo asombroso da caridade divina ? ! Quantos males por elle foram obstados, quantos reparados, e quantas heroicas virtudes se originam do Sacramento da Penitencia !... Nelle e por elle, toda a cubiça é perseguida nos mais remotos recantos do coração ; n'elle e por elle, encontra freio a intemperança dos grandes e consolo a inopia e a afflicção dos pequenos e infelizes ; n'elle está a fonte inexaurivel de tantas acções magnanimas, de tantos generosos perdões, de tantas inesperadas beneficencias, cujo movel e alimento o mundo ordinariamente ignora.

« Quantas reparações, exclama o impio Rousseau, não se devem á Confissão ! » (*Emile*, livr. 4.^o).

E Voltaire, o impiissimo Voltaire, não trepida em affirmar que : *a Confissão instituida desde a mais remota antiguidade, se deve considerar como o maior freio da perversidade, e o melhor meio para abrandar os corações degenerados.* (*Vid. Dicc. Encyclop. Sobre este assumpto*).

Não ; não foi nunca a innocencia e a virtude que afastaram do confissionario ; mas, sim o racionalismo, o materialismo, o positivismo, o vicio, a indifferença, a libertinagem e a impiedade.

— Mas, os factos ; essa nuvem de factos horrorosos, que se lêem no livro, intitulado — *O padre, a mulher e confissionario*, pelo ex-padre Chiniquy, e relatados ainda hontem por J. Marinho, nada provarão contra a Confissão Sacramental ?

Sr. Butler ! dai-nos licença por alguns dias... E vós, Sr. J. Marinho, preparai-vos a ajustar contas connosco, perante o tribunal do bom senso e da opinião publica, enquanto da-remos ao Sr. Butler um...

Conselho salutar ao Sr. George Butler

Na CONTRA RESPOSTA que dei a este arauto da *nova seita*, em 3 e 5 de Janeiro, assentei e provei, entre as outras verdades, que o pobre homem, desde o inicio da nossa memoravel discussão religiosa, *peccou horrendamente contra o Espirito Santo, e se mostrou totalmente baldo de bom senso.*

Pensei que com isso o Sr. Butler tivesse tomado tento, e se recolhesse ao silencio, batido e derrotado, como ficou, de uma vez e para sempre.

Enganei-me. O homem *anda ainda em busca de sarnas para se coçar.* Voltou á carga ; e n'um miseravel artiguete intitulado : *AGRADECIMENTO A FREI CELESTINO*, inserto no *Jornal do Recife*, de 18 do mesmo mez, veio confirmar plenamente estas duas minhas asserções.

Segundo a exposição que faz S. Agostinho do texto de S. Matheus, (Cap. XII, v. 33), profundos theologos affirmam dar-se seis peccados contra o Espirito Santo ; entre os quaes estes tres : *contradizer a verdade conhecida por tal, obstinação no peccado e impenitencia.* (*Vid. Cornelio A—Lapide, in hunc locum*).

Ora, eis-ahi o Sr. Butler, n'esse seu ultimo *destampatorio* apresentar-se afouto, *contradizendo á verdade evidente, conhecida por tal, peccador obstinado, e impenitente.* Em tudo isto vae tambem nma enorme falta de bom senso.

De feito, paroleando como um calouro, e fulo de raiva pela causa que perdeu, affirma obstinadamente que « o fim para o qual os frades querem a Biblia, não é para cital-a como regra de fé, mas cital-a para metter medo, como fazem os feiticeiros africanos com seus encantos. »

— Isto é sério, Sr. Butler ? D'onde colligistes esta solemne sandice ? Dos meus artigos ? Não. Foi da vossa *gloriosa cachimonia*.

O que eu deixei escripto, demonstrei, sustentei á clara luz meridiana, e passou para o dominio do publico intelligente e illustrado, foi que : A BIBLIA, E SÓ A BIBLIA, NÃO É E NÃO PÓDE SER A UNICA REGRA DE FÉ E DE COSTUMES DOS VERDADEIROS CHRISTÃOS. COM A BIBLIA QUEREMOS TAMBEM A TRADIÇÃO, EXIGIDA E RECOMMENDADA PELA MESMA BIBLIA E PELOS PROTESTANTES DE MAIOR NOTA.

Vós, porém, dizeis obstinadamente que não foi assim : Frei Celestino citou os textos da Biblia a esmo, para espantar-nos...

E não é isto contradizer a verdade evidente ? Não é um peccado contra o Espirito-Santo, o qual inspirou divinamente as Escripturas ?

Lêde mais uma vez, mandai os vossos *evangelistas* lêrem meus artigos, de parceria com os vossos...

Já estaes derrotado perante a opinião publica, que tendo-vos julgado terrivelmente pelo que vos mostraes, não vos accorda uma gotta sequer de bom senso.

— Não menos falto de bom senso, não menos peccador, obstinado e impenitente se mostra o Sr. Butler, quando com incrível cynismo affirma que « para alimpar da lepra espiritual por meio de confissões e absolvições, Frei Celestino tentou inutilmente arrancar (*sic*) das mãos de Jesus o poder, que só elle tem, de perdoar peccados : » que tentou de balde roubar (*sic. sic.*) a gloria de Jesus : que nem Frei Celestino, nem todos os frades juntos podem tirar um só peccado : que é maldito quem confia ou espera a salvação propria do homem, e que, finalmente, é ridiculo e irrisorio ter Frei Celestino o arrojo de vir dizer que póde perdoar os peccados alheios, etc., etc. »

— O que se ha de responder a este summario, a esta synthese, a este conjuncto ridiculo de dislates, de asneiras, de calumnias, de blasphemias, de heresias, de palhaçadas e sem-saborias ? Como impedir o curso d'estas enxurradas de despropositos, que o Sr. Butler acaba de assoalhar contra a confissão ?

Pobre homem !... parece-me vê-lo a estrebuchar por ter-

ra, offegante, esmagado sob o peso enorme dos argumentos, com que o convenci de peccado contra o Espirito Santo, e baldo de bom senso.

Mas, animo !... Sr. Butler ; levantai-vos de vosso abatimento; vinde, que eu vos convencerei mais uma vez de vossos desvarios, e de minha missão.

Dizei, pois : Não é verdade que Christo tem TODO O PODER no céu e na terra ? Sim.

« Todo o poder, diz Jesu-Christo, tem-se-me dado no céu e na terra. » (Math. XXVIII).

Não é verdade tambem que Jesus podia delegar ou transmittir a outrem este seu immenso poder, sem elle perder nada ?—Sim ; porquanto effectivamente o delegou ou transmittio a seus apostolos, e tão somente a elles, e na pessoa d'elles a todos os seus legitimos successores, quando disse-lhes : « Ide, pois, ensinae todas gentes :—baptizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Estae certos de que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos » (Ibidem).

Delegou e transmittio este poder a seus apostolos quando disse-lhes :

« Em verdade vos digo, que tudo o que ligardes sobre a terra, será tambem ligado no céu, e tudo o que desatardes sobre a terra, será tambem desatado no céu. » (Math. XVIII, 18).

E, finalmente, transmittio-lhes este poder quando lhes disse : « Assim como meu Pai enviou a mim, eu tambem envio a vós. E tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles, dizendo-lhes : Recebei o Espirito-Santo : aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados ; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão retidos. » (João XX, 21, 22, 23).

Que poder é este, Sr. Butler ?—E' o poder de Jesu-Christo o poder do Espirito-Santo, é o poder do Padre, do Filho e do Espirito-Santo. E para que este poder ?—Para os apostolos e os legitimos successores dos apostolos ensinarem e baptisarem todas as gentes ; para ligarem e desligarem as consciencias ; para perdoarem ou deixarem de perdoar os peccados. E tudo isso deviam os apostolos fazer em nome de Deus Padre, Filho e Espirito-Santo, e até á consummação dos seculos, isto é : durante a vida da Igreja militante sobre a terra.—E' ou não é verdade ?

Ora, si os apostolos eram mortaes, e a Igreja de Christo havia de viver até o fim do mundo, segue-se que elles deviam de ter legitimos successores, com os quaes o Divino Salvador estivesse até á consummação dos seculos.

Mas, sendo Jesus *Sacerdote eterno, segundo a ordem de Melchisedech*, (Hebr. V, 6), conferiu esta dignidade e auctoridade sacerdotal a seus apóstolos, E SOMENTE AOS APOSTOLOS, aos quaes encarregou de pregar o Evangelho, de baptisar as gentes, de ligar e desligar, de perdoar ou deixar de absolver peccados.

Só os apóstolos estavam presentes na ultima ceia, quando o Senhor *transubstanciou o pão e o vinho* no seu santissimo Corpo e no seu preciosissimo Sangue, e só a elles disse Jesus: « Fazei isto mesmo em memoria de mim. » (Luc. XXII, 19. I.^a Corinth. XI, 24). Sim, Dr. Butler, só aos apóstolos, e não a todos os homens, como totalmente andaes dizendo vós—outros, Jesu-Christo conferio solemnemente semelhantes poderes e dignidade, como assevera S. Paulo, escrevendo aos Corinthios: « São porventura todos apóstolos? São todos prophetas? São todos doutores? » (I.^a Cor. XII, 29).

E' n'este sentido que o mesmo eximio Doutor das nações diz com *relação a si e aos seus co-apóstolos*: « Os homens devem-nos considerar como ministros de Christo, e como dispensários dos mysterios de Deus. » (I.^a Cor. IV, 1).

E como este divino Sacerdocio devia na Igreja de Christo perdurar até á consummação dos seculos, o Salvador dando-lhes a investidura de sacerdotes, outorgou-lhes tambem o poder de elegerem os seus legitimos successores, quando disse-lhes: « Assim como meu Pai me enviou a mim, eu tambem vos envio a vós. » Foi o mesmo que dizer-lhes:

Assim como meu Pai me enviou para fundar na terra uma Igreja de salvação, e n'ella como Supremo Sacerdote que sou, installar e sagrar a vós na qualidade de Apóstolos, de Bispos o de Sacerdotes; assim tambem eu vos envio a vós munidos da mesma auctoridade, auctorisados a deputar Bispos e Sacerdotes para a minha Igreja, conferindo-lhes o vosso officio apostolico.

Assim mesmo o entenderam e praticaram os Apóstolos, elegendo seus successores, sagrando Bispos e Sacerdotes por toda a parte, como lêmos nos Actos dos Apóstolos, (cap. XIII.—II. Tim. I, 6.—*et alibi*).

Ora, tendo naturalmente estes Bispos e Sacerdotes, sagrados pelos Apóstolos, o mesmissimo poder espirital, tambem elles sagraram outros Bispos e Sacerdotes; e assim, descendo pela escala dos seculos, proseguiu-se até nossos dias, e proseguir-se-ha, Sr. Butler, até o fim do mundo na Igreja romana, a unica verdadeira Igreja de Jesu-Christo,
—UMA, SANTA, CATHOLICA e APOSTOLICA.

Entendei, pois : Todo o Bispo, todo o sacerdote, na nossa Igreja, recebe a sua dignidade de outro Bispo, e este de outro, até remontar ao primeiro Bispo que obteve o seu poder e a sua dignidade de um dos Apóstolos.

ERGO, tendo eu sido ordenado Sacerdote por um Bispo catholico, o qual era legitimo successor de um dos Apóstolos, tenho, por graça de Deus, legitima e apostolica auctoridade de pregar o Evangelho de Christo, de remittir os peccados, de consagrar o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesu-Christo, e dispensar todos os meios da graça celeste, para a salvação das almas redimidas com o sangue de Christo.

Logo, não só Frei Celestino, como todos os frades Sacerdotes, todos e cada um Padre, auctorizado pelo legitimo Bispo, todos os Bispos e cada um d'elles, legitimos successores dos Apóstolos, podem tirar, não um, mas todos os peccados do mundo penitente que, contricto e humilhado se confesse, sem que haja mister de « arrancar das mãos de Jesus este poder » como vós estultamente insinuaes ; sem que ninguém tente « roubar a gloria de Jesus, » ou incorrer na tal maldição « de quem confia ou espera a propria salvação do homem. »

Só Deus póde perdoar os peccados ; mas, Christo, que é Deus, transmittio este seu poder aos Apóstolos, e aos legitimos successores delles, os quaes não absolvem peccados em seu proprio nome e sim em nome de Deus Padre, Filho e Espirito Santo : logo, na Confissão Sacramental é Deus quem perdôa os peccados.—E' o sangue de Jesu-Christo que nos lava e purifica de todo o peccado ; mas, na Confissão Sacramental é a virtude, são os meritos infinitos deste precioso sangue que se applica aos peccadores.—E' maldito o homem que confia no homem ; mas quem se confessa com as devidas disposições ao Sacerdote, delegado por Deus AD HOC, é em Deus que confia, é de Deus espera receber, e recebe realmente, o perdão de suas culpas e a sua eterna salvação.

E' Jesu-Christo a porta das ovelhas, e quem não entra por esta porta no rebanho de Christo é um ladrão de mão cheia ; mas, quem não se confessa, quem nega este sacramento está fóra desse aprisco, é excommungado, não será salvo pela agua e pelo sangue que manaram da porta mysteriosa, do lado aberto de Christo, que clama alto e bom som : « Si não fizerdes penitencia, perecereis inevitavelmente. » (Luc. XIII, 5). E' no tribunal sagrado da penitencia que Christo nos lava de todo o peccado, commettido depois do baptismo, no seu sangue.

—Em vista de todos estes argumentos, é ridiculo que

venha um infeliz sectario de Luthero e Calvino dizer-nos : « A confissão ao Frade, é desnecessaria ; o Frade, o Padre, o Bispo, o Papa, não podem absolver a ninguém ; a Confissão foi inventada por elles ; confessai-vos só a Deus !... »

E' irrisorio que um Sr. Butler, sem missão legitima, se erga em « pregador do Evangelho » (*sic*), em mestre da humanidade, e diga com incrível ousadia : ai ! que os padres e frades catholicos são intrusos ; não entraram pela *porta* no redil de Christo ! São ladrões e roubadores !!!...

Senhor Buther, quem é, segundo o Evangelho, o ROUBADOR, O LADRÃO ? — « E' aquelle que não entra pela *porta* no aprisco das ovelhas, mas sóbe por outra parte. » (João X. 1.)

Pois bem : por onde entrastes vós e os vossos comparsas ? Pela *porta* ? — Não. E porque ? Porque não viestes dos apóstolos ; não descendeis de Christo ; viestes de Luthero e Calvino ; sois falsos christãos.

E senão, dizei-nos : Qual a origem da vossa Igreja ? — A apostasia de Luthero de Calvino, de Henrique VIII, de Zwinglio, de Theodoro Beza, de Melancton, & C.^a — Podeis mostrar-nos o elenco, o catalogo, a lista dos vossos pastores, que ascendam direitinho até aos Apóstolos ?

Nem tão pouco : é — vos absolutamente impossivel, porque viestes muito tarde, sois de hontem, por assim dizer, nascestes em 1517.

— Nós, porém, vos mostramos como entramos pela *porta*, que é Christo, e por onde entraram os apóstolos : nós vos provamos como a fé pura, santa e immaculada de Deus veio a nós : nós vos indicamos a longa e ininterrompida série dos Bispos romanos, que, de S. Pedro a esta parte occuparam a séde da nossa Igreja eminentemente Catholica e Apostolica.

Quem então OS LADRÕES, ROUBADORES E MATADORES das ovelhas de Christo ?

— Os que não entram pela *porta*, e sim por outra parte, assevera terminantemente Jesus. ERGO !... Estamos justificados, estamos plenamente vingados...

.....
— Surprehendeu-nos a noticia que acabais de dar-nos acerca de Henrique VIII. « Nenhum protestante, dizeis, conta Henrique VIII como crente de Jesu-Christo. » Mas elle, guerreando primeiro a Luthero e depois ao Papa, constituiu-se chefe supremo da Igreja Anglicana ; e se elle não acreditava em Jesu-Christo, era um *atheu* : logo elle fundou uma Igreja de *atheus* ; logo, todos os anglicanos são *atheus* !... Não sabemos se os inglezes protestantes se

conformarão de bôa mente com este epitheto enormemente injurioso que vós lhes dispensaes. Que elles vos agradeçam semelhante *gentileza*.

— Cobbet, porém, o famoso escriptor protestante, o eximio escriptor da *celebre* Reforma, não era certamente atheu. Ahi está a sua obra immortal para convencer-vos disto. Não sois capaz de refutal-a; assim como o terrivel opusculo do NEOPHYTO, que vós, *dando o que tendes* o alcuhaes de « *infame como o seu auctor.* » (Vid. *Appendice*, art. *Frei Celestino e o Sr. Butler.*)

— Ah! Sr. Butler! quando acabareis vós de blasphemar contra o Espirito Santo, impugnando ou negando a verdade conhecida por tal, e ostentando-vos, sem rebuço, *peccador obstinado e impenitente*, como o mundo todo vae dizendo?

Lêmos tambem nós, e temos á vista a 3.^a edição deste importantissimo folheto.

« E' trabalho de leitura interessante, escreveu o *Diario de Pernambuco*, e que se recommenda pelo estylo correcto. A prova de que elle impressiona a opinião publica, tem-n'a todos no facto de se terem esgotado duas edições em pouco tempo. E o facto é que o livro tem real merecimento, intrinseco e extrinseco, pois dá valente combate no terreno da fé, pondo pela rua da amargura a religião reformada. » (Vide. n. 233, 12 de Outubro de 1894.)

Conhecemos alguns trabalhos resumidos e de propaganda n'este genero de estudos, mas não receiamos affirmar que nenhum iguala o folheto do NEOPHYTO.

E' admiravel, Sr. Butler, como em tão poucas paginas agglomerou o tal NEOPHYTO a argumentação de Audin, de Bossuet, Cobbett, Dœlinger e centenaes de escriptores alemães, e tudo isto debaixo da fórmula a mais simples, intelligivel, amena e concludente.

Ali não ha uma palavra a tirar, nem accrescentar. E' um batalhão cerrado, disciplinado, que tem um só passo, um só movimento, como se tudo se operasse por machina! E' a legião macedonica, que marcha, abate, prostra, põe por terra e esmaga tudo que se lhe oppõe!

A esse primoroso trabalho tentou responder *J. R. Smith*, vosso inditoso collega, mas naufragou completamente; porquanto UM CATHOLICO impunhou a clava da logica, e, descarregando-lhe golpes terriveis e certos, achatou completamente o pobre do ministro evangelico, Sr. *Smith*.

E vós ousais chamar-lhe, e ao seu auctor, INFAME?! Que

intelligencia !... que criterio !... que caridade *evangelica* !... Refutai-o vós, se tendes coragem.

— Quanto á separação entre prtestantes e catholicos, sabeí Sr. Butler, que ella não data, como vós aleivosamente insinuaes de « Abel e Caim »; mas principiou n'aquella occasião em que o Padre Eterno, lá no Eden, amaldiçoando á *serpente*, disse-lhe: « Eu porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua raça, e a sua d'ella. Ella te pizará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar. (Gen. III, v. 15.)

A raça bemdita da mulher sublime por Excellencia é a Egreja Catholica, somos nós. Entendeis ?

.....
— Mais uma palavra : Não vos obstineis em vossos erros ; não sejaes de coração duro e impenitente ; não pequeis mais contra o Espirito Santo ; porque « o coração duro, diz Deus, será opprimido de males no fim da vida. » (Eccls. III. 27.)

« Ignoras, vos avisa S. Paulo, que a benignidade de Deus te convida á penitencia ? Mas pela tua dureza e coração impenitente enthesouras para ti ira no dia da ira e da revelação do justo juizo de Deus, que ha de retribuir a cada um segundo as suas obras. » (Rom. II, 4, 5. — Não ha peccado irremissivel, si quereis converter-vos, confessando-vos.

Converteti-vos, pois, Sr. Butler, e fazei penitencia : *convertere, convertere ad Dominum Deum tum* : vós, e todos os vossos.

E' o meu CONSELHO SALUTAR.

X

V. OBJEÇÃO. Dez factos horrorosos, narrados pelo EX-PADRE CHINIQUY, mostram quão miseraveis e venenosos são os fructos d'essa arvore pestifera chamada confissão auricular. (Vid. Jornal do Recife, 23 de Janeiro de 1896, assignado—J. Marinho.)

— Agora a nossa questão não é mais, como se vê, com o Sr. Butler, ao menos directamente : é com o Sr. J. Marinho, o qual, dando-se ares de sufficiencia e de competencia, *que absolutamente não tem*, vem, abroquelado no seu digno mestre e santo padre de *Sanctis*, ancho e chibante, fallar, isto é, parolar e tagarelar contra a confissão !

E, posto que se julgasse a si mesmo incapaz de discutir astumptos momentosos e importantes, como este, deu homem por si, agarrando-se como ostra a esse *pretensu invulneravel* rochedo, queremos dizer, a esse monstruoso acervo de parvoices, de asneiras, de erros, de blasphemias e

heresias, que tem vomitado o miseravel apostata e padre concubinato, *L. de Lanctis*, e que nós faremos reengulir ao Sr. Marinho, contra o Sacramento da Penitencia.

Para corroborar os fraquissimos argumentos de tal mestre, este tal discipulo lançou mão de *dez factos horrorosos* !... (só de dez ? Sr. Marinho ; mas porque não dez mil, ou dez milhões, que tanto era o mesmo ? !...) tiradas da *vigesima* quarta edição ingleza, da obra do ex-Padre Chiniquy (que attracção !... que sympathia tem esse J. Marinho pelos ex-padres, pelos apostatas !...) traduzida para o portuguez. E concluindo a sua peça *architectonica*, diz o Sr. Marinho : « São estes os resultados moraes da confissão auricular na França, Austria, Australia e nos Estados-Unidos. »

Oh ! *per Bacco* !... e a Italia ? e a Hespanha ? e o Portugal ? e a Belgica ?... e a Polonia ? e a Hungria, e a Irlanda ?... ficaram á margem ? ou não deram *esses resultados moraes*, como é mais que certo ?

« Quanto ao que acontece em Pernambuco, nossa terra natal (mal empregado !...) nada diremos (porque não, meu senhor ? Tendes medo ?... medo de que ?... venha, venha tudo para a tela da historia. Nada de reticencias... ; nada de sinistras e odiosas insinuações... ; porque não dizer toda a verdade ?) porque o publico sabe talvez melhor do que nós. »

— Já vistes, Senhores, *gato pelado que tem medo e corre d'agua fria* ? !...

Parabens, Sr. J. Marinho ! Já sabemos bastante quem sois, e quanto valeis. *Ex digito gigas*.

Agora uma breve resposta :

— São *dez factos horrorosos*, dizeis, *allegados pelo ex-padre Chiniquy, e, portanto, veridicos*.

— Duvidamos da veridicidade d'esses factos, precisamente porque contados por um apostata ex-padre, vosso comparsa : por conseguinte mui suspeitos.

Dado, porém, de barato que sejam *veridicos, quid ex inde ?* Podeis de factos particulares tirar uma consequencia geral ? Só pela logica protestante *evangelica* do vosso insigne mestre de *Sanctis*...

Mas, pela logica de Aristoteles e do bom senso, esses dez factos, e mais outros dez milhões ainda, provam tão sómente a existencia de abusos no pratico exercicio do tremendo ministerio da confissão.

E', ou não é assim, Sr. J. Marinho ?

Mas, notai bem, caro Senhor, que os abusos vêm dos homens e não da INSTITUIÇÃO,

Oh ! porque ha ouro falso, porventura não quér isto mesmo dizer que ha *ouro verdadeiro* ? O abuso não destróe a lei.

Percorrei todos os ramos da actividade humana, dizeinos : não encontrais abusos em toda a parte ?

Mas, porque ha negociantes infieis aos seus tratos, concluis por isso que se deve acabar com o commercio ?

Porque tem havido, ha, e haverá sempre, magistrados corruptos, indignos, infieis a seus sacrosantos deveres, concluis vós que se deve por isso mesmo supprimiros tribunaes, que são a garantia de todo o direito ?

Por isso que ha ladrões de mão cheia, e adulteros, e homicidas, podeis assentar que as leis, divina e humana « são uma impostura ? »

Então foi uma impostura o collegio apostolico, porque Judas foi *ladrão e trahidor*, ao ponto de vender e entregar a seu proprio Divino Mestre Jesu-Christo ?

Eis-ahi, Sr. J. Marinho, a improcedencia do vosso raciocinio : eis-ahi a vossa presumpção, a vossa inhabilitação para estes assumptos, o compromettimento serio da vossa causa, a vossa infelicidade !...

— Era a instituição divina da Confissão que devieis atacar de frente erguida e destruir totalmente com argumentos irrefutaveis. Mas, este divino Sacramento, dezenove vezes secular, é um osso tão duro, que embotou e quebrou os dentes envenenados da heresia de 380 annos. Vós não tendes dentes para roel-o ; por isso *daes por páos, e por pedras*, e, em falta de melhores argumentos, allegaes tolamente *factos horrorosos* !... forjados nas frágoas das mais vergonhosas paixões de *ex-padres*, isto é, de sacerdotes perversos, concubenarios, sacrilegos e apostatas ; *factos*, que aliás provam muita cousa contra vós mesmo, porque são meros abusos provenientes de homens e não da instituição, provada e confirmada por esses mesmos factos.

— Entendei, Sr. Marinho : Podem milhares de sacerdotes ter abusado do confissionario ; podem muito embora ter commettido horripilantes crimes ; mas, a Igreja Catholica não os approva, não os louva ; antes os fulmina com os raios tremendos de rigorosas penas canonicas.

E tudo isso o que prova, Sr. J. Marinho ?

Prova duas cousas : a primeira é que não podemos deixar de acceitar o que é bom e util, e por consequencia a instituição divina da Confissão ; a segunda é que a Igreja Catholica, a despeito de todos os *factos horrorosos* que lamenta e castiga, permanece sempre immaculada em sua

pura e santa moral ; e isto em virtude de seus firmes e eternos principios.

Não entendeis ainda esta segunda parte ?

Ah ! que tremenda cajadada ides levar, agora, vós e os vossos !..

Porquanto é certo, e vós não podeis negar, que as perniciosas maximas são ainda mais perigosas que as más acções. Logo, não se póde accusar a Egreja Catholica das faltas commettidas por alguns de seus membros ; pois que essas faltas se commettem contra os sãos e socrosantos principios, e, apesar das prohibições, das ameaças e dos anatemas da mesma Santa Egreja.

E' incontestavel : o catholico não póde viver mal, senão pondo-se em evidente contradicção com a sua fé, e calcando aos pés as maximas e os principios santissimos da Religião que professa.

Mas, isto não se dá, nem póde dar-se na vossa NOVA SEITA, Sr. Marinho.

Ah ! O protestantismo é gravemente responsavel pelos crimes dos seus membros. E porque ?— Porque *ensina as maximas detestaveis que os autorisam e consagram.*

Quereis d'isto uma prova irrecusavel ?

Lêde e entendei bem :

« Deus é quem opera em nós o bem e o mal, deixou escripto Luthero. A vontade do homem é como um cavallo ; si Deus monta n'este cavallo, elle anda como Deus quer ; si monta o diabo, elle anda como o mesmo quizer, não podendo o homem escolher o proprio cavalleiro. »

...« Nenhum christão póde perder sua alma ; culpa alguma póde condemnal-o. » Livro de Luthero sobre o livre artificio. (Secção II n. 6).

« Muito melhor é peccar, dissipar-se, e ser crapuloso, do que entregar-se á temperança e ao jejum. Seriamos certamente verdugos e carcereiros de nós mesmos si quizessemos mortificar-nos e martyrisar-nos com boas obras. » (Vid. Discursos convivaes de Luthero, pag. 472).

« As boas obras são inuteis para a salvação ; antes são nocivas. As culpas, ao contrario, quaesquer que sejam, não podem pôr obstaculo á salvação. CRE FIRMEMENTE E PECCAJOSAMENTE » eis as maximas terriveis d'esse infeliz corifeu da malsinada Reforma ; maximas por elle repetidas varias vezes nos seus peçonhentos escriptos. (Vid. *Colloquia Doctoris Maritini Lutheri*. Leipsik ou Lipsia 1621). Vid. tambem *Dr. Martinho Luthero, Obras Completas*, edição do mesmo Aurifaber, Lipsia 1692. Vid. emfim, Ulem-

berg (contemporaneo) *Historia da Reforma lutherana*; e Audin. *Historia de Luthero*).

Ora, Sr. J. Marinho, seja-nos licito perguntar-vos, e a qualquer protestante honesto e cordato: Estes principios tão deletérios, só de per si, não abrem de par em par a porta para todas as desordens, para todos os vícios, para todos os excessos, para todos os crimes? Não justificam elles toda essa alluvião torrencial de males moraes, que inundam e alagam a terra?... não os auctorisam?... não os acoroçoam?... Não destróem toda a emulação para a virtude, e não entibiam todo o zelo para o bem?

Por vossa honra, Sr. Marinho, respondei serio, respondei sem tergiversações, sem rodeios, sem insinuações, sem evasivas e subterfugios: Qual é a conclusão logica, rigorosa, pratica destes principios? Não devem elles gerar forçosamente toda a casta de crimes? Onde irá parar a sociedade inteira?

Eia !... dizei-nos. Sus !... respondei-nos. Mas, não sois capaz.

E porque, pois, com que direito o Protestantismo, arrogando-se a si mesmo uma rectidão toda pharisaica, pretende enxovalhar, denegrir e responsabilisar a Egreja Catholica por delictos que ella é a primeira a lamentar, repellir e condemnar?

Eis mais uma prova, e bem frisante, de que o Protestantismo não passa, como diz judiciosamente Madame de Stael, de uma amalgama informe de contradicções.

XI

VI.^a OBJECÇÃO—Eu me confessarei só na hora da morte, e bastará essa confissão para me salvar.

—Este modo de fallar não é proprio dos protestantes, os quaes nunca se confessam, como J. C. manda, nem durante a vida, e nem em ponto de morte. E' linguagem propria de muitos máos catholicos, e, além de uma formal desobediencia ao preceito terminante da Santa Egreja, que ordena a confissão annua a todos os seus filhos, maiores de 8 annos, sob pena de peccado mortal, exprime atrevimento, arrogancia, presumpção e temeridade de quem assim falla.

De feito, quem vos assegurou que um Deus, sendo por vós agora desprezado, conceder-vos-ha na vossa ultima hora

uma graça especial que estaes engeitando com tamanha ingratição ?

Sabeis dizer : quando ? aonde ? e como morrereis ?...

Pensais que fazer uma bôa confissão seja a obra de um momento ? Vossa ultima enfermidade deixar-vos ha o pleno e perfeito uso dos sentidos ?... Estaes certos de que não conservareis até a morte essa obstinação e dureza de coração que ora vos impede confessar-vos ?

Mas, pôsto que possaes confessar-vos na ultima hora, dissei : que bôa confissão podereis fazer n'essa terrivel conjunctura, ralados de remorsos, acabrunhados de pezares, traspassados de vivas saudades, assoberbados de dôres, de ancias e agonias ? !...

Será, certo, uma verdadeira *confusão* ; o bilhete ou attestado do confessor, *passaporte para o inferno* !...

.....
Povo catholico ! Temos demonstrado clara e extensamente a nossa importantissima these. *A confissão foi instituida por N. S. Jesu-Christo, para a remissão dos peccados commettidos depois do Baptismo.*

Crê firmemente, Povo de Deus, n'este divino Sacramento, e faz penitencia como Deus mesmo te ordena e manda terminantemente, se queres salvar-te.

Os protestantes querem que tu os acredites quando, desmentindo a Biblia, o proprio Christo e a historia de dezoito seculos, dizem-te que a confissão é uma *invenção humana, uma impostura dos padres*, etc., etc.

Povo ! foge, foge dessa sucia, desses novos *Lutheros*, desses *hollandezes* redivivos, especuladores e hereges, que pretendem *reformatar* este paiz.

Si te affastaste por algum tempo, volta á fé, ás crenças, á religião dos teus caros e venerandos antepassados !

« *O filho prodigo* voltou, carregado de desillusões e pezares, ao tecto paterno, que abandonara, nas insanias da volupia. » Sê tu como o *filho prodigo*.

Volve á Igreja ; volta ao confissionario, tribunal sublime, divino, magestoso, imponente, porém cheio de misericordia, onde a confissão do réo vale a absolvição do juiz !

REFUTAÇÃO DO ENSAIO DOGMATICO-HISTORICO DO APOSTATA DE SANCTIS

Lemos no cap. II do livro de Daniel o sonho mysterioso do rei Nabucodonosor.

Vio elle uma grande estatua, cuja cabeça era de ouro

finissimo ; o peito e os braços de prata ; o ventre e as coxas de cobre ; as pernas de ferro ; os pés parte de ferro e parte de barro.

Uma pedra lançada por mão invisível veio bater n'essa estatua e a reduzio a pó !...

Mas qual a causa de destruição d'essa estatua ?

E' que os differentes metaes que a compunham, estavam apenas artificialmente unidos e mal fundidos ; motivo por que bastou o tiro de uma pedra para derrubal-a e reduzil-a a cinzas.

Appliquemos isto ao Snr. J. Marinho.

A vaidade, filha da soberba, levantou na *cachola* d'esse pobre homem, e fez-lhe ver *em sonho*, uma estatua, na pessoa de *L. de Sanctis*, apparentemente gigantesca, donairoza e agradável á imaginação pela novidade e pelo *brilho deslumbrante* !...

Pareceu ao J. Marinho ver nesta estatua o Goliath dos philisteos, o Hercules do protestantismo, o terror dos padres, o flagello, emfim, da confissão e dos confissionarios. Quanta vaidade !! Que estupidez !!

Presumpção e agua benta cada um toma quanto quêr, diz o annexim popular.

Essa misera estatua, ou esse acervo de heresias compõe-se de fragmentos heterogeneos, de uns destroços que não estão perfeitamente unidos ; bastará pois, ligeiro abalo para derruil-a, arrasal-a e reduzil-a a pó.

E' a esperança que alimentamos, cingindo-nos a refutar o *Ensaio Dogmatico Historico do de Sanctis* contra o sacramento da penitencia, ou confissão.

Comquanto elle ficasse cabalmente refutado pelo que temos escripto a favor do Dogma augusto da Confissão Sacramental, no periodico *A Provincia*, comtudo, abrigado á sombra e escondido por traz dessa *gigantesca* ou grotesca estatua, o Sr. J. Marinho desafia ainda os nossos brios, escrevendo : *Os argumentos de Frei Celestino, já vos dissemos que estão plenamente refutados (sic !...) pelo Jornal do Recife :... não temos a menor necessidade de combater o que já está reduzido a cinzas.*

Só si, pela raiva e desespero que vos causaram, os *queimastes*, Sr. Marinho. Só assim !.....

Está vendo o respeitavel publico quão jactancioso é o Sr. J. Marinho ? E' mistér, pois, lhe castigemos mais uma vez a descommunal petulancia.

I

E' sem duvida, grande gloria do catholicismo o não ter tido, durante dezenove seculos de existencia, por inimigos, senão homens nimiamente depravados e cheios dos mais vergonhosos e repellentes vícios.

E' disto que, nós catholicos, nos gloriamos, como da mais cabal e evidente prova da verdade e Santidade da nossa unica divina Religião.

A esta cathegoria de homens profundamente corruptos, depravados e perversos pertence, sem contestação, o tal *De Sanctis*, auctor infeliz do *Ensaio Dogmatico-Historico* contra a confissão.

Realmente, quem foi L. de Sanctis ?

— Filho do mestre Braz — sapateiro — do Bairro dos Montes em Roma, o qual, tendo-se feito religioso, errou sua vocação ; porque por suas maldades e escandalos tornou-se a cruz pesada dos seus respectivos superiores, e foi obrigado a desfradar-se.

Trocado o habito pela batina, e fingindo-se virtuoso, foi, por algum tempo, vigario da parochia da Magdalena, na cidade eterna.

Os hypocritas, porém, não pôdem disfarçar-se longamente, maximé em Roma !... sob as vistas do Papa !... E, pois, sendo conhecida a depravação do *De Sanctis*, as auctoridades ecclesiasticas tel-o-hiam removido d'aquelle tão melindroso officio e punido convenientemente, si a isto não tivessem obstado os tumultos revolucionarios de 1846 — a 48.

Pesando-lhe, emfim, no corpo o habito de S. Pedro, e mais na consciencia a longa série de horriveis sacrilegios (pois vivia em concubinato) como uma montanha de granito, sacudio para longe de si o suave jugo de Christo, apostatou da religião catholica e fez-se ministro dos *Barbets*.

Eis o que foi *De Sanctis* quanto ao coração.

E quanto á mente ou intelligencia o que foi elle ?

— Foi um primor de contradição, de má fé e de ignorancia ; principalmente atacando a instituição divina da Confissão.

A's provas :

« Bento Norcino, ou de Núrcia, diz *De Sanctis* (mas vós, Sr. J. Marinho, nos occultastes calculadamente esse pedacinho de ouro que se acha no tal *Ensaio* d'este vosso insigne mestre ! !...) « Bento Norcino foi quem primeiro introduziu a confissão por espirito de humildade e devoção entre os

seus monges ; e logo depois os padres se apossaram d'ella, e a impuzeram aos fieis. »

Tomai nota, Sr. Marinho. A confissão, pois, já fôra instituida no seculo VI da Egreja.

Mas, segundo o mesmo vosso egregio escriptor, a instituição da confissão « é devida ao audacioso Innocencio III, o qual floresceu no seculo XIII e intimou a todos a necessidade d'ella. » Logo, no seculo XIII se instituiu o que fôra instituido no seculo VI !...

Que contradição nos termos, Sr. J. Marinho !!

— Quereis agora um *ensaio* da *profunda* sciencia ecclesiastica d'este vosso grande mestre ?

Eil-o : Segundo de Sanctis São Bento introduzio a confissão entre os seus monges no seculo VI ; mas, a historia ecclesiastica nos conta que, *dois seculos antes*, S. Bazilio já tinha introduzido este costume por entre as religiosas, de sorte que *ellas deviam confessar-se a um padre*, de conformidade com as regras, relativas ao modo de praticarem a confissão, estabelecidas pelo mesmo Santo.

Estaes vendo, Sr. Marinho, como o vosso mestre, longe de ser arca de sciencia, é em vez um *primor* de *contradição* e de *ignorancia* ?

II

— Mas, não é verdade, dizeis, o que assevera *De Sanctis*, que « o Cardeal Bellarmino, celebre controversista jesuita, achou a instituição da confissão no 3.º cap. do Genesis, e os confissionarios no Eden, e depois na Synagoga e em toda a parte ? E isto elle disse e forcejou por demonstrar, porque a ingenua confissão de S. Thomaz de Aquino, o qual conveio que tal instituição não se encontra na Biblia, o desagradou, etc., etc. »

— Não é verdade, Sr. Marinho : tudo isto é antes um novo argumento, uma manifestissima prova da pyramidal ignorancia e da singular má fé do vosso pobre estonteado mestre.

Com effeito, o Eminentissimo Cardeal Bellarmino, no seu III.º livro « *Da penitencia* » intitulou o II.º cap. deste modo: *Prova-se a necessidade da confissão PELO EVANGELHO*. E achou a instituição divina d'este sacramento, onde achá-mol-a tambem nós e vol-a demonstrámos, nos textos claros e evidentes dos Evangelhos de S. Math. XVI, 18, 19, XVIII, 48 ; de S. João XX, 21, 22, 23 ; nos actos dos Apostolos, XIX, 18 ; na II.ª carta de S. Paulo aos Corinthios, V, 18 ; na I.ª de

S. João, I, 9 : e na de S. Thiago, V, 16. Logo depois do cap. III.º do mesmo livro assentou e demonstrou a seguinte these: Confirma-se a mesma verdade pelas FIGURAS que precederam a Confissão Sacramental.

Porquanto, observa judiciosamente Bellarmino, após Tertuliano, que na lei antiga as principaes verdades da Religião fôram precedidas por symbolos e figuras ; e, no nosso caso, os principaes e mais necessarios Sacramentos, como sejam o Baptismo, a Eucharistia e a Penitência, instituidos por Jesus Christo na lei nova, o foram tambem.

Entre outros symbolos e figuras da confissão oral Bellarmino allega, por exemplo, a confissão que Deus exigio dos nossos progenitores, Adão e Eva ; depois a de Caim e assim em seguida na lei de Moysés ; em força das quaes os leprosos deviam descobrir sua lepra aos sacerdotes.

Onde estão, pois, os confissionarios plantados no paraíso terrestre pelo cardeal Bellarmino ?

Mas, o vosso mestre, Sr. Marinho, (e vós tambem de parceria com elle) querendo com isso ridicularisar a Bellarmino, cahio elle mesmo (e vós com elle) no ridiculo.

E, senão, vinde cá, pobre louco !... ; dizei-nos : o que lemos no Genesis, cap. III, sobre a queda do primeiro homem ? — Não vistes ainda ? — Adão, posto por Deus no Eden, ou jardim das delicias, tem que observar um preceito divino como condição para sua permanencia alli.

« Não comerás da arvore da sciencia do bem e do mal, sob pena de morreres incontinenti. »

Adão, porém, prevarica ; logo, deve ser condemnado.

O que fez Deus ?

— Deus chamou o réo á sua presença : *Adão Adão, onde estás ?... o que fizeste ?*

Chamou-o e perguntou-lhe, não porque talvez ignorasse onde estava e o que lhe havia acontecido ; mas, para obri-gal-o a comparecer ao seu tribunal ; para obri-gal-o a uma confissão.

E é depois d'essa confissão, embora imperfeita, que Deus lhe impõe a pena do peccado, ou a penitencia temporal, lavra a sentença final, expulsando-o do paraíso terreal.

Correu ou não correu alli um verdadeiro processo ? -- Sim : houve um tribunal, um juiz, um réo, uma sentença.

E tudo isto significa, porventura, « plantar confissionarios no Eden ? » Acaso não é este um mysteroso symbolo, uma expressiva figura da confissão Sacramental que Jesus havia de instituir na plenitude dos tempos ?

Oh ! prodigio de ignorancia ! Oh ! portento de ma fé !...

A mesma má fé do miseravel *apostata* brilha sinistramente, fazendo dizer a S. Thomaz de Aquino o que elle nunca disse, isto é : que a *instituição da confissão não se lê na Biblia.*

O que disse S. Thomaz é o seguinte : « O preceito da confissão não foi instituido pelo homem, ainda que seja promulgado por S. Thiago ; MAS FOI INSTITUIDO POR DEUS, *embora não se leia expressamente a instituição do mesmo.* » (Sum. theol. suppl. art. 6. ad 2.)

D'ahi resulta que, segundo S. Thomaz, a confissão foi instituida por Deus e não pelo homem ; que foi como tal promulgada pelo Apostolo S. Thiago, quando disse : *confessai-vos uns aos outros*, etc. ; e que só não se lê *expressamente*, isto é : em termo preciso de CONFISSÃO ; assim como não se lê expressamente na Biblia o mysterio da *Santissima Trindade*, o *das duas naturezas em Jesu-Christo*, o *da unidade de pessoa* no mesmo Senhor, e tantos outros que todos os protestantes *orthodoxos* admittem.

Porém, si não se lê *expressamente* na Biblia o termo preciso — CONFISSÃO — lê-se claramente nos termos *equivalentes*, como temos demonstrado evidentemente e á *saciedade* ; e basta isto.

Desenganai-vos, Sr. Marinho : não é necessario, para a demonstração cabal da instituição divina da confissão, vos apontemos « UM só exemplo, ou um lugar do Novo Testamento (como ridiculamente, tolamente, capciosamente pretendeis) em que se mencione um apostolo ouvir a alguém de confissão, como praticam actualmente os padres. »

Oh ! quanta presumpção !... quantas cavillações !... quanta parvoice e *babozeira* de vossa parte !

Apontai-nos, nós vos desafiamos sob pena de passardes por um misero impostor, si o não fizerdes em termos claros e irrecusaveis, apontai-nos um UNICO texto da Biblia, em que se diga que a *Confissão Sacramental não foi instituida por Nosso Senhor Jesu-Christo.*

Levantai esta luva de repto : desafio por desafio. Lêde, examinai todo o Novo Testamento.

« Convidai » (parodiando a esquisitice do vosso topico ao Rvdm. Conego Lopes, a quem não fostes capaz de arran-car um cabello sequer) « convidai vosso comparsa, o Dr. Butler, para vos ajudar ; recorrei ao vosso *santo* ex-padre *De Sanctis* para vos inspirar ; dirigi-vos aos redactores do vosso *Seculo*, em que profligastes (*sic* !...) os argumentos do virtuoso e muito illustrado Rvdm. Padre Constantino ; e não anda por ahi o Sr. Entzminger ? Venha tambem elle em vosso auxilio... ; mostrai-nos um só lugar em que se lêa que

nunca nenhum apostolo, nenhum discipulo, nenhum Santo Padre confessou e absolveu a nenhum fiel christão, a nenhum peccador como pratica hoje a Egreja Catholica.

A priori vos dizemos : não podeis fazel-o nunca, eternamente. Logo, calai-vos, emmudecei, profanos, cegos e conductores de cegos, na firmissima persuasão de que, com argumentos puramente negativos, nunca destruireis os argumentos eminentemente positivos da Biblia e da Tradição, com que provámos á luz da evidencia que : A Confissão Sacramental dos padres, longe de ser, como vós inconsciente e estultamente affirmaes, *uma impostura engendrada nas trevas da ignorancia, para illudir a humanidade*, é pelo contrario uma ineffavel instituição divina para salvar o genero humano da perdição eterna, por isso mesmo que achamol-a nas Sagradas Escripturas e na Tradição.

III

Mas, continuemos a desmacarar o perverso apostata de *Sanctis*, provando a sua supina ignorancia, a sua singular má fé e a sua flagrante contradição (e do seu *benemerito* discipulo tambem) no attinente á Confissão.

— « Nosso Senhor Jesu-Christo não confessou nunca a ninguem ; e na sua doutrina exclue absolutamente a confissão auricular, porquanto na Oração dominical, ou *Padre Nosso*, nos ensina a pedir immediatamente a Deus o perdão dos nossos peccados : *Perdóá (Senhor) as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.* (Math. VI, Luc. IX). — A mesma cousa nos ensinou nas parabolas do *Filho prodigo* e da *Ovelha desgarrada*. A razão de tudo isso é clara ; pois só Deus póde perdoar os peccados ; os homens não podem fazel-o. Mais : o que nos lava dos nossos peccados é o sangue do Redemptor, mediante nossa fé n'elle e não a absolvição do padre. Logo, a confissão é evidentemente contraria á palavra de Deus. »

— Eis aqui uma enxurrada de necedades, de tolices, de asneiras, de estulticias, de loucuras, de despropositos, que provam só a crassa ignorancia e a detestavel má fé do seu auctor, e de quem os abraça, e defende.

Sabei, Sr. Marinho, que Nosso Senhor Jesus-Christo não precisava de confessar a ninguem ; porque, sendo elle a mesma Sapiencia eterna, conhecia muito bem de per si os peccados, no numero, nas especies e nas circumstancias ; devassava o coração e as disposições dos peccadores.

Não precisava pois, assentar-se em confissionarios, para

os peccadores lhe fazerem a exposição de suas misérias moraes, de seus crimes, de seus peccados.

Mas tendo elle dito aos Apostolos, e na pessoa d'elles a todos os seus legitimos successores: *Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão retidos*, é evidente que os Apostolos e os successores dos Apostolos não podem perdoar ou deixar de perdoar peccados a quem quer que seja, sem a manifestação sincera, humilde, inteira dos mesmos peccados aos sacerdotes da unica verdadeira Igreja de Christo, a Igreja Romana.

Entendeis, Sr. Marinho, sim ou não ?...

Vamos adiante.

— Assim como Jesu-Christo nos ensina pedirmos directa e immediatamente a Deus o perdão *das nossas dividas*, ou peccados, na Oração Dominical; ensina-nos, tambem, no mesmo *Padre Nosso*, pedirmos directa e immediatamente ao mesmo Deus o *pão nosso de cada dia*: entretanto, a propria Biblia diz claramente: *Quem não trabalha não come*. E, na realidade, é assim mesmo: os poltrões, os mandriões, os vagabundos que não fazem a devida diligencia, não inspiram compaixão, não merecem a caridade alheia, e o pão não lhes cabe na bocca.

O mesmo infeliz apostata *de Sanctis*, para comer, fez-se ministro dos *Barbettos*, prompto, para matar a fome, a professar qualquer outra seita.

E quantos *de Sanctis* não andam por *ahi além* rabisando, escrevinhando, assoalhando erros, blasphemias e heresias, só por um torpe ganho ? ! (Tit. I. 11).

Quantos *de Sanctis*, sem convicções proprias, estão a repetir todos os dias o que milhares de vezes tem sido victoriosamente pulverizado pela Igreja Catholica; enchendo, com incrível arrogancia, de baldões, de sarcasmos e calumnias aos venerandos representantes e ministros de Christo na terra; atacando os dogmas augustos da Biblia e da fé; mettendo as mãos pelos pés, estabelecendo premissas falsas, tirando conclusões absurdas, esbravejando, desafiando, ameaçando, escarnecendo, ridicularizando tudo e a todos, ficando muito cheios de si, como si tivessem arremecado uma lança em Africa ? !! Espadachins !... Fanfarrões !...

E qual o fim de tantos desatinos ? o que visam em tudo isto esses *de Sanctis* enfatuados ? o que almejam essas alminhas empanturradas e rachiticas pela impiedade precoce, senão o interesse proprio, o lucro material, o *ganho torpe*, o fazer jus aos miseraveis vintens que, em troca, lhes assigna a tal sociedade biblica ?

Tomem tento, porém, esses Senhores reverendos de casa : O pão que pedimos immediatamente a Deus deve ser nosso, exclusivamente nosso, e não *alheio* !... Isto quer dizer, que devemos-o ganhar com o suor do nosso rosto ; devemos-o procurar por meios licitos, honrosos, honestos ; e nunca usurpal-o com fraudes, com furtos, com enganar, com mentiras, com hypocrisias, com blasphemias e heresias !... Ai ! quantos de *Sanctis* redivivos estão comendo o pão não SEU delles !... isto é, ganholicita e honestamente !... Que elles ponham a mão na consciencia, e digam si esses thesouros que a sociedade anonyma biblica esbanja, para fazer propaganda e manter seus propagandistas contra a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não são elles thesouros furtados, roubados á Igreja Catholica. Ahi está a historia imparcial, para attestar este facto incontestavel e esta realidade palpitante.

Lembrem-se, porém, esses improvisados ministros, esses comelões de *pão não seu*, que o Espirito-Santo diz : « O pão da mentira é gostoso ao homem ; mas, ao depois, a sua bocca será cheia de areia. » (Prov. XX, 17).

Queira o publico sensato desculpar-nos esta pequena digressão. Voltemos ao ponto principal ; tiremos a legitima consequencia.

Ora, si o pedir directa e immediatamente a Deus o *pão nosso de cada dia* não exclue os meios licitos, para honestamente ganhal-o, tambem o pedir-lhe directa e immediatamente o perdão dos nossos peccados não exclue os meios efficazes e poderosos, aliás creados e exigidos pelo proprio Jesu-Christo, afim de que alcancemos infallivelmente esse almejado perdão. A confissão é um delles ; o maior, o maximo. Entendeis, Sr. Marinho ?

— Quanto ás parabolae, ellas não fallam e nem podem fallar em Confissão Sacramental, porque não era ainda instituida por Jesu-Christo.

O que ellas exprimem, o que ellas significam, o que ellas nos manifestam, é a infinita misericordia de Deus em acolher os peccadores sinceramente arrependidos, os quaes, para obterem o perdão de seus crimes, devem fazer o que delles exige o mesmo Deus.

Ora, o que Deus ordena e manda terminantemente aos peccadores, é que elles façam penitencia : *Pœnitentiam agite*, da maneira por elle mesmo estabelecida, quando disse a seus apostolos : *Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão prdoados, etc.* ; tendo-lhes dado para isso o seu proprio poder, a sua propria omnipotente virtude, o seu proprio espi-

to, o Espirito-Santo : *Recebei o Espirito-Santo etc.* » ERGO !...

— Si valesse, Sr. Marinho, o que o vosso ignorantissimo mestre de *Sanctis* afirma, isto é : que só o sangue de Jesu-Christo nos lava de todo o peccado, então excluir-se-hia também a necessidade do baptismo e da fé. Mas, o apóstolo S. Paulo clama alto e bom som : « Sem fé é impossivel agradar a Deus. » (Hebr. XI, 6).

O mesmo Jesu-Christo declara a Nicodemos a necessidade do baptismo, dizendo-lhe : « Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer da agua e do Espirito-Santo, não pôde entrar no reino de Deus. » (João III, 5).

Logo, não é só o sangue de Christo que nos lava de todo o peccado ; ou por outra : a virtude onnipotente do sangue de Jesu-Christo nos lava de todo o peccado pela applicação dos meritos infinitos deste sangue precioso no recebimento da fé, e dos sacramentos do Baptismo e da Penitencia ou Confissão.

— Que, finalmente, só Deus pôde perdoar os peccados, quem o negou, Sr. Marinho ? Quem poderá jámais pôl-o em duvida ?

Quem é que remitte-nos as culpas pela absolvição sacramental, senão Deus mesmo, o qual dá a sua virtude onnipotente a este e a todos os demais sacramentos ?

Estaes vendo, Sr. Marinho, quão ignorante é o vosso singular, o vosso egregio, o vosso insigne mestre ? !... Nem sabe distinguir entre a absolvição que se dá por virtude propria, e a que se dá em nome e por virtude de Deus !...

E, todavia, esse insensato e arrogante trata de crianças e de tolos a Bellarmino e até a S. Thomaz de Aquino ! *Ut risum teneatis...*

IV

Desejaes vêr como é, na realidade, que o Sacerdote Catholico absolve o peccador humilhado, contrito e confesso, não em nome proprio e por sua propria virtude, e sim em nome e virtude do Deus d'esse Sacramento ?

Lêde e ponderai, si tendes o juizo no seu logar, as tremendas e commovedoras palavras e orações de que serve-se o ministro de Jesu-Christo no momento supremo da absolvição, traduzidas ao pé da lettra :

O Deus Todo-Poderoso tenha piedade de ti, e perdoando-te os teus peccados, te conduza á vida eterna. Assim seja. O Senhor Todo-Poderoso e misericordioso te conceda o perdão, a absolvição e a remissão de todos os teus peccados. Assim seja.

Nosso Senhor Jesu-Christo te absolva ; e eu por auctoridade do mesmo Senhor absolvo-te... de todos os teus peccados, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito-Santo. Assim seja.

A Paixão de Nosso-Senhor Jesu-Christo, os merecimentos da Bemaventurada Virgem Maria, e de todos os Santos, todo bem que fizeres e as penas que supportares, sirvam a obter-te a remissão dos teus peccados, augmentar em ti a graça, e merecer-te a recompensa eterna. Assim seja.

Protestantes, hereges, materialistas, positivistas, racionalistas, indifferentistas, homens impios de todos os matizes, dizei-nos : Conheceis linguagem mais sublime, mais terna, mais propria, mais imponente e magestosa do que esta, para assegurar os peccadores, sinceramente penitentes, de haverem alcançado amplo e generoso perdão dos seus crimes, e tranquillisal-os em sua perturbada consciencia ?

Eia ! respondei-nos, Sr. Marinho, ao menos vós, advogado *emerito* das causas perdidas : não vos parece vêr no Sacerdote Catholico o proprio Jesu-Christo que diz ao paralytico : *Vai ; perdoados te são os teus peccados ?*

E' que estas palavras, revestidas de auctoridade divina, têm realmente toda a efficacia que exprimem : têm, sim, a efficacia e a virtude de quebrantar as algemas e as cadeias que inda ha pouco prendiam a alma, por seus peccados commettidos depois do baptismo, ao carro hediondo de Satanaz ; semelhantemente ás palavras que o ministro pronuncia quando baptisa, dizendo : *N. N. Eu te baptizo em nome do Padre, e do Filho e do Espirito-Santo ;* palavras que têm a virtude de lavar a alma do peccado original.

Respondei-nos ; mas, si tendes brios, si quereis aspirar aos forvos de homem honrado, de homem sisudo, de homem honesto e de bem, não desvirtueis os nossos pensamentos ; nós vól-o pedimos por vossa honra, por vosso pundonor : não invertaes, não adultereis, não dilacereis, a verdade, que é sagrado patrimonio e pertence a todos !

E' indicio manifesto de má fé, enleiar de industria as idéas alheias as mais simples, confundir o falso com o verdadeiro e dizer que o branco é preto, e o preto branco !...

Quanta má fé, quanta incoherencia e quanta insinuação maligna patenteaes no vosso misero artiguete de sabbado, & deste, n'aquellas « algumas toscas notas » *vossas* !!! Que FIASCO solemne tremendo, fatal fizestes, Sr. Marinho ! ? !...

Mas, porque não vos confessaes desmacarado, derrotado, vencido, esmagado debaixo do peso enorme, do ingente peso dos nossos argumentos solidos, robustos, masculos, irrefuta-

veis, convincentissimos, sobre o dogma augusto da sacramental confissão, por nós já demonstrado a toda luz da evidencia ?

Porque agarrar-vos ainda emperradamente a teias de aranha, para sustentar ineptamente os erros, as blasphemias e as heresias do vosso celebre mestre de Sanctis, e da vossa nova seita ?

Dizendo que de Sanctis foi filho de sapateiro não visamos humilhar ou amesquinhar os artistas, como vós satanica e cynicamente insinuaes !...

Si o de Sanctis foi concubinario e sacrilego, no estado de Padre e na qualidade de protestante tambem, por que ligado perpetuamente a Deus pelo voto de castidade, sabeí, Sr. Marinho, que esse desgraçado apostata desmereceu enormemente á face de Deus e dos homens, á face do céo e da terra, á face da Igreja e da Sociedade ; como desmerecem horrendamente todos aquelles padres e frades que porventura tenham a infelicidade de imital-o.

Quando affirmamos que o Cardeal Bellarmino confirmou a verdade, por elle brilhantemente demonstrada acerca da instituição divina da confissão, PELAS FIGURAS QUE A PRECEDERAM, e allegou, portanto, os exemplos de Adão e Eva, de Caim e dos leprosos, não cahimos em contradição nenhuma. Esta nasceu da vossa cachimonia que não sabe ainda fazer distincção entre symbolo e realidade, entre figura e figurado.—A má fé do vosso insigne escriptor de Sanctis, com referencia a S. Thomaz de Aquino, consistio e consiste ainda em fazer-lhe dizer que « a instituição da confissão não se lê na Biblia ; » quando este Doutor Angelico asseverou que « o preceito da confissão não foi instituido pelo homem, ainda que seja promulgado por S. Thiago ; MAIS FOI INSTITUIDO POR DEUS, embora não se leia expressamente (isto é em termo explicito A CONFISSÃO) a instituição do mesmo. » Não entendeis ainda, Sr, Marinho ? E foi isto mesmo o que de Sanctis disse ?

Até quando abusareis da nossa paciencia ! ?...

—Não para « desengasgar » o Rvd. Sr. Conego Lopes, o qual nunca se engasgou (sic !) nem foi embaraçado por ninguém, batendo-vos victoriosamente pela imprensa, vos desafiámos, sob pena de passardes por um vil impostor, a que apontasseis um só texto biblico, em que se diga que a confissão sacramental não foi instituida por N. S. Jesu-Christo ; ou que nenhum Apostolo, nenhum discipulo, nenhum Santo Padre confessou e absolveu a nenhum fiel chris-

tão, a nenhum peccador, como pratica hoje a Egreja Catholica, Apostolica, Romana.

« Esta é verdadeiramente de frade », de frade que vos esmagou, vos achadou completamente a vós e a vosso insigne mestre. Vós é que ficastes horivelmente *engasgado*, entalado, enleiado, *embaraçado*, atarantado e confuso, a ponto de resignar-vos com o terrível e vergonhoso estigma de IMPOSTOR, com que ficareis eternamente marcado, si não levantardes a luva que vos atirámos com esta condição.

No entretanto, fica demonstrado que a confissão é de instituição divina.

V

Além do que acabamos de refutar, mais dois argumentos oppõe *de Sanctis*, e estes *irrespondiveis*, no dizer d'elle, para provar que a Egreja dos primitivos seculos não conhecia a confissão auricular. O primeiro d'estes argumentos o assenta em factos; o segundo apoia-o em testemunhos de alguns Padres da Egreja.

« E' o facto incontestavel, diz o miseravel apostata, que nos primeiros tempos da Egreja não havia confissão, porque desde Clemente Romano até Bernardo de Chiaravalle, nunca houve um que se confessasse, nem mesmo na hora da morte, como Cypriano e Agostinho, que, embora excomungados pelo Papa, morreram sem se confessar e receber a absolvição. Nectario, bispo de Constantinopla, aboliu a confissão pelo escandalo de um confessor. Finalmente, João Chrysostomo nega abertamente em muitos logares que se deve revelar os peccados a um homem, e affirma que basta confessal-os só a Deus.

— Eis-aqui em poucas palavras um cúmulo de difficuldades, propostas pelo infeliz apostata *de Sanctis*, qual argumento Achylles, para impugnar o uso da confissão nos primordios da Egreja.

Sr. Marinho, não penseis que semelhantes difficuldades provem de alguma fórma o impio assumpto do vosso iniquissimo mestre; seria engano, manifestissimo engano suppô-lo!...

O que ellas provam e confirmam é o primor da sua *estúpida ignorancia*, da sua *insigne má fé* e das suas *contra-dições perpetuas*.

Desenvolvamos estes tres pontos do panegyrico do vosso glorioso heróe, do vosso milagroso Santo de *Sanctis*!

In primis et anti omnia, digamos alguma cousa da sua *estúpida ignorancia*.

Segundo de Sanctis, não se usava de confissão na Egreja antiga, e nenhum sancto se confessou, nem na hora da morte, não é assim, Sr. Marinho ?

Pois bem, nós temos provado de antemão o contrario, e de um modo tão claro, evidente e terminante, que vos fizemos emmudecer por uma vez. Lêde, relêde o que deixámos escripto a este respeito, precisamente nos ns. 12, 14 e 16 d'*A Provincia*. Ahi estão registrados em caracteres indelevelis os testemunhos irrefragaveis dos Santos Padres e Doutores da Igreja, desde S. Clemente Romano até S. Bernardo de Chiaraville, que provam exuberantemente o uso da confissão sacramental nos purissimos tempos da primitiva Igreja. E nada valem as auctoridades eminentes e graves de um S. Clemente, discipulo dos Apostolos e 3.^o successor de S. Pedro ? De um Tertuliano, de um Origenes, de um S. Cypriano e de um Santo Irinêo ? Não é este grande luminar quem, para provar o uso da confissão, narra-nos o memoravel facto do tal Marcos, sequaz do puro *Evangelho*, vosso comparsa, o qual seduzio certas mulheres, depravando-as, corrompendo-as, arruinando-as ?

Fostes vós, Sr. Marinho, que com incrível má fé contastes a vosso modo, isto é : desfigurastes completamente esse horrivel facto. Santo Irinêo, porém, diz ingenuamente que *«essas mulheres voltando arrependidas para a Igreja de Deus, de parceria com os outros erros, confessaram tambem este ; isto é : o peccado que haviam commettido com o herege Marcos. Conta, além d'isto, o mesmo santo que a mulher de certo Diacono, cahida tambem ella na mesma culpa, manifestou em confissão (publica) o que havia-lhe acontecido. — Refere, finalmente, S. Irinêo que, tendo aquelles fieis sequazes do puro Evangelho deshonestado muitas dessas mulheres de consciencia cauterizada, algumas d'ellas confessaram seu crime ; outras, porem, envergonhando-se de fazer o mesmo, isto é: de confessar-se, por desespero se retiraram em silencio ; outras apostataram completamente, e outras, emfim, ficaram titubeantes, hesitantes, suspensas entre um e outro partido. (Vid. livr. I, contra as heresias, cap. IX.)*

Ahi tendes, pois, Sr. Marinho, no segundo seculo, a confissão em pleno uso e vigor, e, portanto, proveniente do primeiro seculo. — Não achais ?...

E notai bem, que essa era uma confissão *distincta e detalhada* de todos os peccados, ainda occultos e de méro pensamento : pois que a mulher do tal Diacono confessou espontaneamente, que tinha interiormente concebido varios

affectos desordenados e impuros, como ella mesma depois manifestou em confissão publica. — Mas, a confissão era *necessaria* e não *livre*, diversamente não haveriam desesperado *essas outras* mulheres criminosas, pela vergonha de confessar-se. E, finalmente, tão imperiosa era essa *necessidade*, que algumas d'ellas, para não confessar-se, chegaram ao excesso de apostatar, isto é : de fazer-se hereges !!...

E estes factos, embora poucos, não bastariam para confutar cabalmente esse vosso grande ASNO de mestre, ou *grande mestre de asnos* ?

Conhecia elle, ou não conhecia estes factos ?

Crêmos que não ; porque, como dissemos, *de Sanctis* é um celebre ignorantão, ou um *primor* de supina ignorancia. Si, porém, os conhecia, peor para elle, porque assim mostra-se um mentiroso descarado, ou um *primor* de má fé.

Mas, isto ainda não é tudo. Prosigamos.

VI

No Seculo IV, S. Bazilio ensinou esta regra :

« Para a confissão dos peccados, cada um deve regular-se da mesma maneira que em declarar as proprias molestias. Assim como não descobrimos a todos as doenças corporaes, mas unicamente a quem saiba cural-as ; assim tambem a confissão dos peccados não se deve fazer senão áquelles que podem dar opportuno remedio. » (Regra de S. Bazilio, *questão 229.*)

« E' absolutamente necessario confessar os proprios peccados aos que estão encarregados da dispensação dos mysterios de Deus. » (*ibi quest. 288.*)

Além deste preclaro e irrecusavel testemunho, Paulino, escriptor da vida de Santo Ambrozio, narra que este Santo *ouvia de confissão* os seus penitentes com tanta caridade e com tal abundancia de lagrimas, que constrangia aquelles pobres peccadores a chorarem com elle ; e accrescenta que de tudo quanto elle acabava de ouvir em confissão, fallava unicamente com Deus. — Lêde, Sr. Marinho, esta admiravel vida.

No seculo V, S. João Chrysostomo (oh ! este eloquentissimo Santo Padre da Igreja, de cujas obras o apostata, auctor do infamissimo *Ensaio*, tira e allega muitos e longos textos, sem havel-os entendido, para provar que este genio immortal do Christianismo excluia a confissão do homem, para fazel-a só e em secreto a Deus) S. João Chrysostomo, dizemos, além de exaltar esplendidamente, nos seus livros

Sobre o sacerdocio, o magno poder que os sacerdotes têm de remittir os peccados ; poder, diz elle, que nem os Principes e os Imperadores da terra, nem os Anjos e os Archangjos do céo podem blasonar. (Vid. livro III De Sacerdotio, cap. V) além de tudo isto, elle mesmo confessava os penitentes, e era um confessor assaz benigno e misericordioso. D'esta demasiada benignidade e misericordia, como confessor, são testemunhas os seus proprios inimigos, os quaes, no Concilio celebrado em Quercio, entre as outras accusações lhe fizeram esta tambem, a saber : *Que elle despachava e despedia os peccadores penitentes, dizendo-lhes : Si tendes novamente peccado, arrependei-vos de novo ; e todas as vezes que tiverdes a infelicidade de peccar, vinde confessar-vos comigo, e eu vos curarei.*

Antes, como affirma Socrates : *Elle, João Chrysostomo, não trepida em dizer a qualquer peccador : ainda que tenhas peccado mil vezes, apresenta-te outras tantas vezes ao tribunal sagrado para confessar-te.* Pelo que foi asperamente reprehendido por Sizinio, bispo dos novacianos, (hereges d'aquelles tempos e vossos collegas Sr. Marinho) o qual escreveu um livro contra este S. Doutor.

No mesmo seculo, para despertar e atemorisar santamente os procrastinadores, Santo Agostinho diz estas precisas palavras : *Se um peccador adiar a sua confissão até a hora da morte, não sabe se poderá fazer condigna penitencia, e CONFESSAR OS SEUS PECCADOS A DEUS E AO SACERDOTE.* (Serm. CCXCII.)

— Agora permitti, Sr. Marinho, que vos façamos esta pergunta ; com que cara, com que coragem vosso infeliz mestre, *de Sanctis*, esse miseravel escriptor, esse terror !... do Eminentissimo Cardeal Bellarmino, e até do Dr. Angelico S. Thomaz de Aquino, atreveu-se a dizer que, nos primeiros seculos da Egreja não havia confissão, não se usava de confissão ? !...

Eia !... Sus !... respondei pelo vosso querido mestre, vós que, como seu bem aproveitado discipulo, lhe tomastes as dôres ; vós, sim, que tendo jurado *IN VERBA MAGISTRI*, e mostraes realmente que ainda não « acabou o *ipse magister dixit* da antiguidade » darieis vosso sangue e vossa vida por elle, respondei...

Mas que haveis de responder, pobre e inconsciente rabiscador, si a estúpida ignorancia, a singular má fé e a malicia diabolica do *de Sanctis*, respondem perfeitamente a todas as nossas perguntas, explicam claramente todos os seus

desatinos e mostram, aos cégos até, o abysmo profundo em que elle se despenhou, e vós com elle ? !...

Para a confirmação do nosso glorioso assumpto, já por nós victoriosa e irresponsivelmente demonstrado, poderíamos accrescentar com a historia ecclesiastica na mão, que os padres e sacerdotes catholicos oravam antigamente na missa por aquelles peccadores penitentes que se haviam confessado com elles; que existiam como já dissemos, os confessores dos Principes, dos Reis e dos Imperadores; que no VI seculo, João cognominado o *jejuadeiro*, digno Bispo que foi de Constantinopla, nos deixou uma fórmula, para serem por ella interrogados os penitentes, semelhante em tudo á que se lê inda hoje nos repansos, nos livros de devoção, ou nos manuaes para os confessores. Poderíamos ainda accrescentar que por diversos antigos concilios foi preceituado aos Bispos perguntarem, nas visitasões pastoraes, si todos os fieis de suas Dioceses têm-se confessado uma vez ao menos no anno; que todas as antigas seitas orientaes, ainda existentes, como os nestorianos, os euthychianos, os cophtas, os jacobistas, os gregos (dos quaes os primeiros separaram-se da Egreja Romana no V seculo, os outros no IX seculo) todos elles reconhecem e mantêm o uso e a necessidade de confessar-se ao sacerdote, como podeis verificar nos renomados auctores *Renaudozio*, *Morino*, *Martenio*, *Assemani*, dos quaes o vosso insigne mestre provavelmente não leu nem os nomes! Poderíamos, finalmente, citar uma longa serie de Padres e Concilios antigos; mas não o fazemos, porque *de Sanctis* protesta alto e bom som não querer saber de Padres e Doutores ecclesiasticos, votando odio entranhado á veneranda Tradição divina, apostolica e ecclesiastica.

E eil-o, esse desgraçado escrevinhador e apostata, apanhado mais uma vez em flagrante contradicção consigo mesmo. Porquanto, pretende ter o direito de allegar os testemunhos e a auctoridade dos Padres e Doutores da Egreja contra os catholicos, mas não quer por nada que os catholicos lhe objectem e opponham a mesma auctoridade d'esta pleiade brilhantissima de luzeiros immortaes que adornam e esmaltam o firmamento da Egreja Catholica.

Oh! refinada maldade! oh! ausencia completa de pudor, de coherencia, de bom senso!

Sr. Marinho! Sr. Marinho! Não estaes vendo que essa tal « producção de penna de mestre » (O ENSAIO DOGMATICO) longe de « trazer luz sobre este ponto » (a confissão) projecta, pelo contrario, sinistros clarões e sombras medonhas sobre

elle mesmo, sobre vós também e sobre a vossa infelicissima causa, já compromettida, arruinada, perdida !...

E não vos sóbe ainda ás faces o rubor de pertencerdes á escola de tal mestre ?

Como protestante, como sectario, como bajulador inconsciente que sois do apastata, do ex-Padre, do filho do mestre Braz-sapateiro, não deverieis de vergonha encobrir o rosto com ambas as mãos ? !

.....

VII

As provas por nós adduzidas, sobre o uso da confissão desde o I e II seculos da Egreja, são mais que sufficientes para fazer conhecida *urbi et orbi* a estúpida ignorancia e a palmar estupidez do apostata mentiroso e descarado *L. de Sanctis*.

Mas, não é verdade o que o mesmo auctor do *Ensaio* afirma que « S. Cypriano e S. Agostinho morreram excomungados, sem se confessar nem na hora da morte ?... ; e que o Bispo Nectario aboliu a confissão ? Estes factos, sendo verdadeiros, provam, sem contestação, que a confissão foi instituida pela Egreja, e não por Jesu-Christo ; tanto mais que, no dizer do mesmo *de Sanctis*, a Egreja inteira applaudio esta abolição, e todos os demais Bispos abcliram a confissão a exemplo do Patriarcha de Constantinopla. »

—Respondendo, dizemos que realmente ignoramos d'onde tenha o ignorantissimo apostata tirado esta peregrina erudição da excommunhão d'estes dois grandes Santos Padres e doutores da Egreja.

Quanto a S. Cypriano, eis o que achamos na *Biographia Universal* de De Feller : « São Cypriano, Bispo de Carthago, crendo sustentar uma boa causa quando ella era má, ensinou que se devia re-baptisar aquelles que tinham sido baptisados pelos hereges. Pelo que travou-se uma questão entre elle e o Papa S. Estevão, que sustentava o contrario. São Cypriano resistio, é verdade, ao Papa S. Estevão, com demasiada vivacidade, como confessa S. Agostinho : *Cyprianum iratum et paulo commotioem fuisse in Stephanum*, commetteu uma falta ; mas, o mesmo S. Agostinho accrescenta que, *esta falta* S. Cypriano a expiou pelo martyrio : *Martyrio falce purgatum*. » (Vid. *Cyprien*, *Obr. cit.*)

Mas, onde leu *de Sanctis* que S. Estevão tivesse excomungado a S. Cypriano ? — Não ha auctor que isto assevere com documentos, a não ser um protestante apostata, e des-

farçadamente mentiroso da laia do ignobil filho do mestre Braz—sapateiro !...

São Cypriano excommungado pelo Papa ? Mas, si elle conservou-se sempre, até o seu cruel martyrio pela fé, em perfeita união com a Santa Sé Romana !

Não foi elle quem dirigio ao Papa a sua esplendida APOLOGIA contra aquelles que censuravam a sua fugida na sanguinolenta perseguição de Decio ?

Não foi elle quem invocou a auctoridade suprema do Papa, contra aquelles que, tendo apostatado durante essa horriavel perseguição, queriam forçar este Santo Bispo a reconciliar-os com a Egreja, sem primeiro fazerem a penitencia publica, prescripta pelos Sagrados Canones ? Quem, senão elle, á testa de um concilio n'Africa, informou o Papa S. Cornelio sobre as razões que tinha elle havido, para moderar os rigores da penitencia canonica, pedindo-lhe humildemente a sua approvação ? *Quod credimus vobis quoque paternæ misericordie contemplatione placiturum.* (Vid. Labbe, *Concil.*, tom. I, col. 718). Quem, senão elle, enviou deputados a Roma, para expôr ao Papa as razões da sua resistencia ? (Vid. *Epist. Firmiani inter Epist. Cypriani*, 75, edit. Palmel).

E o que prova tudo isto ? Prova, Sr. Marinho, que não queria S. Cypriano contestar ao Papa a superioridade de sua jurisdicção, e que é eminentemente ridiculo, além de calumniador malvado, o vosso mestre *de Sanctis* quando, d'essa desintelligencia de S. Cypriano com o Papa S. Estevão, infere que este excommungou áquelle ; e que S. Cypriano morreu excommungado, sem se confessar nem na hora da morte !

Poderieis vós ao menos, Sr. Marinho, mostrar-nos, citar-nos, indicar-nos um só documento que alluda sequer a esta excommunhão e a esta morte desastrada ?

« Este facto, conclue o vosso impagavel e mentiroso mestre *de Sanctis*, é attestado por todos os historiadores : » mas, elle não teve a lembrança, ou melhor, a coragem de citar nem um ; porque sabia elle que estava mentindo á face do céu e da terra, da historia e do bom senso.

VIII

Menos feliz foi esse perverso e disfarçado hypocrita em circumstanciar o facto da excommunhão de S. Agostinho.

Alardeando conhecimentos profundos da historia ecclesiastica, vosso mestre, Sr. Marinho, faz da mesma historia,

sobre o Concilio VI de Carthago, uma embrulhada tão calculada e diabolica, que fal-o apparecer, tal qual é, *homem insigne em mentiras e má fé.*

E senão, abramos tambem nós esse livro de ouro, esse livro que narra, que discute, que demonstra, que prova, que convence, que instrue e edifica, que interroga e julga, que condemna e, afinal, perdôa,—a *Historia*;—digamos ao publico sensato a verdade, a pura verdade, toda a verdade. Ponhamos tudo em pratos limpos. « Um certo Apiario, padre de Sicque na Proconsular, convicto de culpas graves, foi julgado, deposto e excommungado por Urbano, seu Bispo, outr'ora discipulo de S. Agostinho. Appellou o réo para o Papa Zozimo, o qual não só o absolveu da excommunhão e o rehabilitou no seu posto, senão tambem enviou tres delegados seus para Africa—Faustino, Bispo de Potenza, nas Marcas de Ancóna, Philippe e Asello, padres Romanos, encarregados das lettras apostolicas aos Bispos da Africa. Aurelio, Bispo de Carthago, reunio um concilio para os ouvir, em 418. A commissão dos delegados de Zozimo, que foi lida n'este concilio, continha quatro cousas: a 1.^a referia-se ás appellações dos Bispos para o Papa; a 2.^a ás viagens frequentes dos Bispos á curia; a 3.^a ás causas dos padres e diaconos diante dos Bispos visinhos, caso que os respectivos Bispos os tivessem excommungado temerariamente; a 4.^a, finalmente, era relativa á excommunhão dada por Urbano. Os Bispos d'Africa não cederam ás pretenções do Papa quanto ao 1.^o e 3.^o pontos. Mas como o Papa fundasse suas pretenções sobre certos canones do concilio de Sardica, que elle citava sob o nome de *concilio de Nicéa*, os Bispos Africanos responderam, por intermedio de S. Agostinho, que elles não achavam estes canones em seus exemplares, e que não obstante, *pelo respeito ou deferencia que tinham para com a séde apostolica, observariam os ditos canones* até que averiguassem a existencia dos verdadeiros decretos de Nicéa.

« Escreveram sobre isto ao Papa Zozimo uma carta que não chegou até nós. »

« O Papa Zozimo, porém, falleceu a 26 de Dezembro de 419; o que não impedio a seus legados ficarem em Carthago. Elles assistiram ao concilio que ali celebrou-se, em 25 de Maio do mesmo anno, na sala da Basilica de Fausto. O Bispo Aurelio presidia juntamente com Valentino, primaz da Numidia; logo em seguida tomaram assento Faustino de Potencia, legado do Papa, depois os Bispos deputados pelas diversas provincias d'Africa, em numero de 217; e

depois de todos estes, se assentaram tambem os outros dois legados do Papa, Philippe e Asello, sendo elles simples padres. Os diaconos estavam em pé.

« Aurelio mandou ler a instrucção dos legados do Papa, em que estava inserido o canon que permite a um Bispo, deposto pelo concilio provincial, appellar para o Papa e pedir a revisão do seu processo perante os Bispos da provincia visinha e um delegado do Papa. Este canon foi citado sob o nome de *concilio de Nicéa*, embora fosse elle do *quinto concilio de Sardica*. Santo Alipio tendo feito observar que este canon não se encontrava nos gregos exemplares do concilio de Nicéa, concordou-se em escrever sobre isto ao Papa Bonifacio, successor de Zozimo. Em seguimento leu-se o segundo conon, allegado tambem pelo Papa Zozimo como sendo de *Nicéa*, ao passo que é o decimo quarto de *Sardica*, e que permite a um padre ou a um diacono, excommungado por seu Bispo, poder recorrer aos bispos visinhos. Santo Agostinho prometteu que *este canon seria observado* até que se obtivesse exemplares mais correctos do concilio de Nicéa. Finalmente, resolveu-se, seguindo a proposta de S. Alipio, que Aurelio escreveria aos Bispos de Antiochia, de Alexandria e de Constantinopla, para se obter os verdadeiros canones de Nicéa, afim de que, si estes, que Faustino allegava, ahi se achassem, seriam observados absolutamente, e, si não, seria convocado um concilio, para deliberar o que se houvesse de fazer. » (Vid. *Encyclopedie Theologique*) por M. L'Abbé Migne. Tome troisième, col. 517, 518, art. CARTHAGE (concile de.)

Já vêdes, Sr. Marinho, que transcrevemos este longo trecho da historia do VI concilio de Carthago, para não fazermos praça de illustração que não temos, mas sim, para pôrmos em pratos limpos a satanica embrulhada que fez vosso digno mestre de *Sanctis*, esse homem celebre em mentiras e má fé.

Agora, si sois homem honesto, cordato e instruido, proba, de bom senso, de bem, dizei-nos :

Onde está que os legados do Papa Zozimo « voltaram envergonhados para Roma, em razão da falsidade do canon citado pelo mesmo Papa ? »

Foi essa uma falsidade maliciosa e positiva, como as que a cada passo commette o apostata de *Sanctis*, e vós tambem seguindo-o cégamente, ou meramente negativa e accidental ? Onde está escripto que S. Agostinho viveu e morreu excommungado pelo Papa Bonifacio I ? « A acta d'esta excommunhão desapareceu » disse o apostata, o per-

verso, o mentiroso de *Sanctis* !... E' que ella nunca existiu com relação ao concilio VI de Carthago. Que si vosso mestre entendeu fallar do Concilio IV, como está estampado e por bem *duas vezes* !... na memorial nota do mesmo auctor perverso e mentiroso, então *tollitur questio*, e peor para elle e para vós tambem !!! Onde está esse Concilio IV de Carthago, presidido por Aurelio, e de que falla Bonifacio II na sua carta a Eulalio Bispo de Alexandria ?

Venha essa carta na sua integra, carta authographa, e não de algum protestante, e nos convença d'essa pretensa excommunhão, lançada sobre Aurelio e sobre todo o Concilio IV de Carthago, e do levantamento da mesma depois de um seculo !...

Oh ! Sr. Marinho ! como é que vós metteis, sem reflectir, n'essas *camisas de onze varas*, n'essas sipoadas tão espessas e perigosas, n'esses beccos sem sahida ? !...

Que affouteza é essa ?... que presumpção ?... que loucura ?...

Não estaes vendo verificado ao pé da lettra n'este caso vosso, *todo vosso*, o velho adagio popular : *Apanha-se mais depressa um mentiroso do que um coxo* ! Com que cara ficastes, e com que coragem appareceis perante o publico sensato e intelligente, « para cujo esclarecimento desejastes concorrer de algum modo » reproduzindo, e não sabendo sustentar, as blasphemias, os erros e as heresias do infeliz apostata, do arrenegado ex-padre, do mentiroso e ignorantissimo de *Sanctis* ? ! ! !

Crêde firmemente e confessai que a Confissão Sacramental, ou Sacramento da Penitencia é de instituição divina.

« *Mas ella, clamaes com de Sanctis, foi abolida pelo Bispo Nectario, e a Egreja inteira applaudo esta abolição.* »

— E' FALSO, respondemos nós, e provamol-o a toda a evidencia.

E' FALSO, porque si, Nectario tivesse abolido a confissão, S. João Chrysostomo, seu immediato successor no episcopado, não teria fallado, como fallou, da confissão, nem haveria confessado elle mesmo, como tem feito ; e S. Bazilio, contemporaneo de S. João Chrysostomo, não teria confirmado ás religiosas e aos monges a necessidade de se confessarem ; e S. Ambrozio, quasi contemporaneo de ambos, não teria confessado, elle mesmo a ninguem ; e S. Agostinho não teria fallado com tanta clareza e com tanto imperio da necessidade de confessar os proprios peccados antes da ultima enfermidade.

Os Nestorianos e os Eutychianos, que separaram-se depois da época d'estes santos, si não tivessem achado em pleno uso e vigor a confissão na Igreja Catholica, quando d'ella separam-se, não haveriam adoptado e levado comsigo um tal uso. Mais : ninguem na Igreja Romana ter-se-hia confessado depois d'essa pretendida abolição ; e, todavia, por testemunho do proprio Sozomeno, a confissão continuou a praticar-se ; e, finalmente, o Papa Innocencio I não teria corrigido alguns abusos que se haviam introduzido sobre a confissão ; não teria formulado e dado esta regra para todo o clero observar : « O padre, diz elle, o sacerdote, o confessor, deve ponderar cuidadosamente a gravidade dos peccados e as disposições do penitente que se confessa, considerando suas lagrimas, seus gemidos e contrição, e despedil-o absolvido quando veja n'elle uma conveniente satisfação. » (Vid. *Lettre à Decentius*).

E' pois, falso, falsissimo que Nectario tivesse abolido a confissão.

— Mas então, dizeis, a abolio Nectario ?

Nectario, Patriarcha de Constantinopla, abolio, já vol-o dissemos no n. 14 d'*A Provincia, a confissão publica*, no fim do IV seculo, que era de instituição ecclesiastica, fructo do fervor d'aquelles santos tempos. Supprimiu elle esta confissão puramente disciplinar, em consequencia de ter-se imprudentemente obrigado uma senhora a acusar-se de um crime occulto, que muito scandalizou os fieis ; deixando, porém, não só a *confissão secreta, de instituição divina*, senão também a penitencia publica, de disciplina geral e para certos casos publicos.

Fica, pois, demonstrado que a confissão secreta, auctoral, como se pratica hoje pelos catholicos romanos, sendo instituida por Nosso Senhor Jesu-Christo, e já em pleno uso e vigor no I seculo, nunca foi, e jámais podia ella ser abolida por ninguem ; ao passo que a confissão publica, sendo de instituição ecclesiastica, podia ser, como foi realmente, abolida por Nectario no Oriente, e pelo Papa S. Leão no Occidente.

Não quereis ainda entender, ó infelizes sectarios, a verdade, toda a verdade, a pura e santa verdade, da Biblia, da Tradição e da historia ?

Cégos !... conductores de cégos !... até quando amareis vós as espessas e denegridas trévas do erro, da blasphemia e da heresia ? Até quando sereis duros e insensíveis de coração ? !!!

IX

Proseguindo, ovante sempre, nessa marcha victoriosa, atravez das solemnes mentiras do *mestre de Sanctis*, e das descomposturas molecorias do digno discipulo d'esse desgraçado apostata, J. Marinho, contra a confissão sacramental, continuemos a desmascaral-os, pondo-lhes a calva á mostra como convém.

«— As oito *terríveis consequencias* que, blasonando logica rigorosa, (*sic*) deduz de *Sanctis* do facto de Nectario contra os catholicos, não valem nada ? »

— Nada, absolutamente nada ; porque todas ellas estão fundadas sobre a areia movediça de um falso supposto, qual é, o de haver Nectario abolido a confissão secreta e de instituição divina.

Bastou, pois, o pequeno abalo da demonstração da falsidade d'esse facto, como fizemos, para deital-as por terra de uma vez e para sempre.

Convém notar que o facto de Nectario havia mais de tres seculos que fora opposto por Calvino, e logo foi claramente explicado por todos os controversistas catholicos no seu verdadeiro sentido. Entretanto, o infeliz apostata de *Sanctis*, arrogando-se a paternidade do mesmo facto, o propõe como um seu novo e admiravel invento !... Oh ! prodigio de *sinceridade* !!!

E' com a mesma *sinceridade* e *boa fé*, que o malsinado auctor do tal *Ensaio* cita longos trechos de Santos Padres, principalmente de S. João Chrysostomo; mas, truncando-os, interpolando-os, augmentando-os, explicando-os e agitando-os a seu modo, para provar que a confissão auricular não foi instituida por Jesu-Christo, e que nunca se usou d'ella nos primeiros seculos da Egreja !

Quem, porém, tivesse tempo, paciencia e oportunidade de recorrer ás fontes genuinas e puras, ás obras immortaes d'esses venerandos continuadores e conservadores da Tradição (que o apostata odeia de morte, e não quer admittir por um prodigio de contradição comsigo mesmo) convencer-se-hia perfeitamente do que acabamos de affirmar.

E' com a mesma *sinceridade* e *boa fé* que de *Sanctis* assevera que, desde S. Clemente Romano, até S. Bernardo, nenhum Santo confessou-se!...

— Sr. Marinho, vosso *insigne* mestre primando em mentiras, escreveu para enganar os outros ; enganou-se, porém, a si mesmo, e vós com elle.

Os Santos confessaram-se todas as vezes que julgaram

dever cumprir esse sagrado dever. Provâmol-o com o seguinte argumento de analogia :

E' certo, como temos demonstrado, que a confissão foi instituída por Jesu-Christo ; certo é também que a Igreja universal a tem sempre como tal reconhecido e praticado ; é certo, certíssimo, que os Santos Padres têm incessantemente inculcado a necessidade absoluta da mesma confissão ; logo, também elles têm-se confessado, exigindo-o a necessidade.

Mas, não se acha escripto, dizeis tola e inconscientemente, que esses Santos padres se tivessem confessado.

Não importa, vos respondemos. Uma cousa é que uma acção *seja feita*, e outra é que a mesma acção se tenha escripto. E quantas cousas se fazem que não se escrevem ?

Deus manda que cada peccador se confesse ; mas não diz que se registre o acto da confissão.

Não é, pois, para estranhar que não se ache consignado na vida dos antigos Santos este particular da confissão por elles feita ; mesmo porque antigamente costumava se escrever as vidas mui brevemente, com immitavel laconismo e narrando só as cousas mais principaes. Não era comó hoje, que timbra-se em narrar minuciosamente até as cousas que pouco ou nada interessa saber. Mas, si os antigos escriptores ecclesiasticos ou biographos não se explicaram sobre a confissão dos Santos Padres como praticam os modernos, é que era-lhes isto prohibido pela *lei da disciplina do segredo*, que lhes fora recommendado pelo mesmo Jesu-Christo, e em força da qual os primitivos christãos não podiam fallar, afóra o caso de grave necessidade, das cousas santas ou da pratica dos sacramentos, nem nas homelias publicas, nem nos escriptos que pudessem cahir nas mãos dos pagãos e inimigos do christianismo. (Vid. Gousset, *Theologie Dogm.* tom. I, n. 238. tom. II, ns. 564 e 874.)

X

Sr. Marinho, si este silencio provasse alguma cousa contra a confissão, provaria igualmente, contra a communhão ; porque, como observa o mesmo Gibbon, o primeiro de quem lemos, e está escripto, que commungou antes de morrer, foi S. Ambrozio no IV seculo. Estaes vendo, pois, como o argumento do apostata de *Sanctis* vosso *insigne* escriptor e mestre *jubilado*, não prova nada ? E que para provar o que elle e vós desejais, precisaria assentar também

que durante os tres primeiros seculos nenhum Santo communhou antes de morrer ?

Além d'isto deveis saber, charo *apprendiz*, que muitas circumstancias tornavam assaz rara, ou difficultavam muito n'aquelles tempos a confissão : 1.^a porque muitos fieis morriam martyres ; 2.^a porque muitos recebiam o baptismo em idade avançada, e não poucos na ultima enfermidade ; 3.^a porque não eram admittidos para a confissão os que estavam em penitencia publica ; 4.^a porque não era então frequente a confissão dos peccados veniaes.

E de tudo isso sabia vosso *insigne* mestre ?

Não. Logo, era elle, como affirmamos, um *primor* de ignorancia.

Tudo isto, porém, seja dito como accrescimo ; porque é falso, falsissimo que, desde S. Clemente até S. Bernardo, de nenhum santo se lê que se tenha confessado antes de morrer.

Entre outros muitos, lê-se de S. Eligio, Bispo de França que fez a confissão de toda sua vida passada antes de morrer : *item* lê-se na vida de Santo Aredio : *item* na de S. Tilon, e de tantos outros Santos, de quem falla o egregio Martenio, os quaes floresceram muitos seculos antes de S. Bernardo.

Que vos parece, Sr. Marinho, da *profunda* sabedoria do vosso glorioso mestre ?

Si os escriptores das vidas de S. Paulo Eremita, Santa Maria Egypciaca, S. Cypriano, S. Gregorio de Neocesarêa, S. Athanazio, S. Bazilio, S. Agostinho, S. Martinho de Toury, não mencionam a confissão destes santos, não dizem tambem que elles morressem sem se confessar na hora da morte ; é *sophysma* ridiculo do *de Sanctis*, e vosso tambem, esse argumento negativo. Si elles foram assombro de penitencia e sanctidade, como os mesmos auctores narram ; si ainda não havia preceito nenhum ecclesiastico que obrigasse á confissão ánnua ; si nem tudo o que elles fizeram foi escripto, a que veem essas cavillações sectarias, satanicas, infernaes, contra a confissão auricular ?

Não vêdes, Sr. Marinho, não reparaes, pobre rapaz, que sois vós que fallaes sem conhecimento de causa ; e, com inqualificavel pedantismo repetindo de oitiva o que decantou *de Sanctis*, pretendeis impôr-vos a todos os entendidos e enganar a todos os papalvos ? Que vós altaneiros de aguia implume !

Não é, desenganai-vos, com bravatas estupidas, nem á

força de perguntas tolas que conseguireis cantar a victoria n'esta discussão religiosa.

Citamos só os Santos Padres, citados por *de Sanctis*; e pelos testemunhos irrefragaveis dos mesmos provámos á luz da evidencia o uso da confissão sacramental, auricular, desde os primeiros seculos da Igreja. Tornai a lêr sem prevenções, o que deixámos escripto passou para o dominio do publico, e é uma reproducção genuina, authentica, escrupulosa do que disseram S. Clemente, Origenes, Tertuliano, S. Cypriano, S. Irineu, S. João Chrysostomo, S. Agostinho e muitos outros SS. Padres e Doutores da Igreja Catholica, e confessareis que não somos nós que *queremos illudir o povo*. Vereis, sim, como Origenes, na exposição do Psal. 97, precisamente no longo texto allegado por nós, falla claramente da confissão secreta, e da publica tambem, dizendo...: «E' preciso, porém, escolher cuidadosamente a pessoa a quem haveis de descobrir vossos peccados. Certificae-vos primeiro do medico a quem deveis expôr a causa de vossa enfermidade, e si elle julgar que vossa doença precisa ser exposta e tratada diante da assemblea de toda a Igreja para edificação do proximo, e para mais facilmente sarar, deveis obedecer ao conselho experimentado e á madura deliberação deste habil medico de vossa alma.»

Assim S. Clemente, assim S. Cypriano, etc, etc., cujas sentenças é ocioso e inutil tornar a reproduzir aqui.

Si Origenes mesmo, e os demais allegados Padres ensinam que «nossos peccados são apagados pelo Senhor; que só o Senhor pôde ter misericordia; que só Jesus pôde perdoar os peccados; que o homem confesse a Deus suas faltas etc., etc.»; ensinam a mais pura e orthodoxa doutrina; porque só Deus é quem realmente apaga os peccados, só o Senhor é que tem e derrama sobre os sinceros penitentes a sua misericordia; e o homem confessando-se ao sacerdote, é a Deus que se confessa, visto como foi o proprio Deus quem o constituiu seu representante *ad hoc*, quando disse aos Apostolos e só AOS APOSTOLOS: «Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados etc. etc.»

Não está claro que foi a ignorancia crassa e a má fé do vosso mestre *de Sanctis* que vos cegou a ambos, Sr. Marinho? Porque abusaes da auctoridade dos Padres da Tradição, que odiaes, para defender ineptamente as imposturas da vossa nova seita? Porque teimaes em confundir accintosamente a confissão auricular instituida por Jesu-Christo, com a confissão publica, instituida e já abolida pela Igreja?

Estaes perdido, Sr. Marinho! Rendei-vos !... entregae

as armas !... estaes fóra do combate !... O publico intelligente e sensato já vos julgou terrivelmente !... Não ha duas opiniões a respeito.

XI

E que quer significar quando *de Sanctis* diz que «A confissão não póde ser um Sacramento, porque este deve ser visivel e a contricção não se vê, nem a confissão, nem a absolvição e nem a sactisfação ?

— Tudo isto quer significar que *de Sanctis* sabia tanto de Theologia, quanto de Biblia, de historia e de critica.

Não vos zangueis, Sr. Marinho ; estamos tecendo o *panegyrico* do vosso *Santo*.

Os theologos não ensinam que o Sacramento deve ser um signal *visivel*, e sim um signal *sensivel* e efficaz da graça, invisivel, sobrenatural (Vid. Knoll, theol. dogm. tom. 2) Ora, vae uma grande differença entre uma cousa ser *visivel*, e ser *sensivel* ; pois que se vê só com os olhos ; mas sente-se com todos os demais sentidos. Ainda os cegos sentem embora não vejam.

A *contricção* se torna *sensivel* pelos signaes exteriores do penitente, e pela affirmacção do mesmo que diz ter sincero arrependimento. E não basta isto ? E' mais que sufficiente esta manifestação.

Que si o penitente é hypocrita, e não diz a verdade, elle engana-se a si mesmo e não ao confessor, muito menos a Deus.

A *confissão* ou a accusação que o penitente faz de seus peccados ao sacerdote, ministro deste Sacramento, não é signal *sensivel* ? Não se ouve pelo confessor, não se percebe, não se sente o que se passa no uso pratico da Sacramental Confissão ?

E quem disse a *de Sanctis* que a *absolvição* do sacerdote, e a *satisfacção* do penitente, não são signaes *sensiveis* da graça invisivel para justificação do peccador ? Sabedoria de um *de Sanctis* ! !...

Não é abusar do bom senso publico, assoalhar tantas asneiras, tantas mentiras, tantas calumnias, e sophismar desse modo tão baixo, tão indigno e tão indecente, para provar sacrilegamente que a confissão não é de instituição divina ? Pois queiráis ou não queiráis, Sr. Marinho, tudo isto prova só uma cousa ; a saber : a supina, a crassa, a pyramidal ignorancia do vosso *insigne* mestre, que é o primeiro

ponto do seu pomposo panegyrico por nós largamente demonstrado.

Passemos a demonstrar agora o segundo ponto, que versa sobre a sua singular MÁ FÉ.

XII

Como provaremos a *insigne*, a *singular má fé* do apostata *de Sanctis*, segundo ponto do *esplendido panegyrico* que lhe estamos tecendo?

—Proval-a-hemos com a mesmissima facilidade com que demonstrámos o primeiro ponto.

No seu appello ou recurso que fez aos *italianos, de Sanctis* disse, sem corar de pejo, que « A CORRUPÇÃO DO EVANGELHO É A OBRA DE DEZOITO SECULOS. » (*sic!... sic!...*)

—Mas é possível, respondemos, que um homem de boa fé pronuncie, a sangue frio, esta horrenda asneira? Sr. Marinho! que homem é esse vosso *de Sanctis*? Não é verdade que para elle asseverar semelhante extravagancia, havia de ter perdido de todo o juizo?

Pois então! será crível que Jesu-Christo, sapiencia eterna, tenha querido fundar uma Igreja essencialmente arruinada e corrupta desde os seus inicios?

E devíamos nós esperar por esse *de Sanctis*, herege, excommungado, ignorante, corrupto e apostata, para reformar o Evangelho de Christo, e chamal-o, restituil-o, depois de dezoito seculos de corrupção, á sua primitiva pureza?

Não vos parece, pobre discipulo, que o vossorico mestre começa a brilhar ás mil maravilhas em sua insigne má fé?

Isto, porém, não é tudo:

—Para provar que « a confissão auricular se oppõe á sã razão, » *de Sanctis* faz o seguinte dilemma: « ou admittir que Jesu-Christo veio ao mundo enviado pelo Pae para ouvir as confissões, ou dizer que naquellas palavras—*aos que vós perdoardes os peccados etc.*, não se comprehende para os Apostolos a faculdade de absolver os peccados confessados. O discurso de Jesu-Christo deve ser completamente verdadeiro. Ora, elle, (atenção, Sr. Marinho!) logo em seguida ás palavras—*aos que vós perdoardes os peccados, etc.*, diz: « assim como o Pae me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós. »—Eis-aqui apanhado vosso infeliz mestre em flagrante delicto de *má fé*. O caso não póde ser mais escandaloso; porquanto a inversão que o misero apostata calculadamente faz das palavras de Jesu-Christo, registradas em

caracteres indeleveis no Evangelho de S. João, não pôde ser mais revoltante.

Eis o texto inteiro e genuino :—E elle (Jesus) lhes disse (aos Apostolos) segunda vez : « Paz seja com vós. Assim como o Pae me enviou a mim, eu tambem vos envio a vós. Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles, e disse-lhes : Recebei o Espirito Santo : Aos que vós perdoardes, os peccados ser-lhes-hão perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão retidos. » (João XX. 21, 22 e 23).

Ha ou não ha fraude ? As palavras : « Assim como o Pae me enviou a mim etc. » seguem ou precedem as outras : « Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados etc. » ? Precedem. Logo, a Egreja Romana está fóra dos bicos desse capcioso dilemma. Logo, é de Sanctis, sois vós, Sr. Juventino, quem cahio nas pungentes e fataes pontas desse dilemma terrivel : ou admittir que Jesu-Christo veio ao mundo, enviado pelo Pae, a remittir peccados (já vos dissemos que não precisava elle de assentar-se em confissionarios...) ou assentar que o mesmo Jesu-Christo não soube o que disse quando pronunciou as palavras do texto acima citado. Dahi não ha escapar, charo rapaz ! Estaes perdido, Sr. Marinho !... Entregai-vos !

Ora, si Jesu-Christo é o innocentissimo *Cordeiro de Deus*, que veio tirar o peccado do mundo ; (João, I, 29).

Si o proprio Jesus disse aos escribas :

« Para que saibaes que o Filho do homem tem poder sobre a terra para perdoar peccados etc. (Math. IX, 6 Luc. V, 24) ; Si elle mesmo disse : « Todo o poder me foi dado no céu e na terra, » XXVIII. 18 ; Si, finalmente, disse aos Apostolos : « Assim como meu Pae me enviou a mim, eu tambem vós envio a vós » ; e logo em seguida dando-lhes o Espirito Santo, disse-lhes : « aos que vós perdoardes os peccados ser-lhes-hão perdoados », segue-se evidentissimamente, que por estas palavras deu Jesus-Christo aos Apostolos o poder supremo de absolverem os peccados confessados : segue-se, que não só J. C. deu aos Apostolos esse incomparavel poder de absolverem os peccados, como tambem impoz aos christãos peccadores o imperioso mandamento, o dever imprescindivel de confessal-os aos Apostolos e aos legitimos successores dos Apostolos, a quem disse : « Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados : » segue-se, que a confissão é um verdadeiro sacramento, instituido por J. Christo, para a remissão dos peccados commettidos depois do Baptismo : segue-se ainda, que impondo pela sua lei a seus fieis sequazes este sagrado dever da con-

fissão, Jesus não lhes impôz um peso insupportavel, como impiamente insinua o perverso apostata *de Sanctis*; não os onerou com um jugo mais forte do que na lei antiga, tornando a salvação muito mais difficil do que antigamente; mas sim um jugo muito mais suave, e um peso muito mais leve do que na lei mosaica: « Tomai sobre vós o meu jugo, diz Jesu-Christo..., e achareis descanso para as vossas almas; porque o meu jugo é suave, e o meu peso é leve. » (Math. XI, 29, 30). — Segue-se tambem que, si na citação da allegada passagem e tão obvia, do Evangelho, se mostra *de Sanctis* impio, infiel, a quinta essencia da *má fé*, que devemos dizer do mesmo homem quando allega longos e numerosos textos de Santos Padres, entendidos e explicados a seu talante, para combater a confissão sacramental?

Que devemos julgar desse apostata arrenegado, quando, para lograr esse damnado intento, copeia as objecções transcriptas nos apologistas da Egreja Catholica, omittindo as refutações magistralmente feitas pelos mesmos?...; reproduz as mesmas objecções como si fossem exclusivamente suas e nunca por ninguém contrariadas?...; trunca, parodia, falsifica; e, com uma coragem que espanta a ousadia, attribue á Egreja Romana doutrinas absurdas, por ella já repellidoas milhares de vezes e execradas com horror, lançando á sua conta palavras e actos que ella nem disse e nem praticou?...

Dir-se-hia, por ventura, que esse homem é de bôa fé?

Isto, porém, não basta.

Affirma *de Sanctis*, com a mesma má fé, que os discipulos aos quaes Jesu-Christo deu o sublime poder de remittir os peccados, não eram só os *Apostolos*, mas a turba-multa dos sequazes do Redemptor, *homens e mulheres*, como se lê no cap. I dos Actos apostolicos.

—Entretanto, o contexto todo, os lugares parallellos, a inteira phraseologia dos quatro Evangelistas, principalmente de S. João, a ausencia de S. Thomé (o qual nesse lugar é chamado *um dos doze*, e a quem os outros discipulos disseram: *Temos visto o Senhor*) a interpretação constante e universal de todos os seculos, não exclusos os mesmos protestantes, entre os quaes Rosemuler e Kuinoel: tudo isto revolta-se contra o apostata, e exige que por discipulos neste lugar se entenda só os APOSTOLOS.

Ora, esse novo sequaz do puro Evangelho!... não trepida em vir dizer-nos com o maior desplante que aqui falla-se da multidão dos discipulos de Christo, homens e mulheres!!!...

Como poderá elle affirmar isto em bôa fé ?

— Oh ! como affirmal-o ?—como affirmou que as bôas obras não são necessarias para alcançarmos a salvação eterna.

Sim, Sr. Juventino Marinho, é o vosso *insigne* escriptor, é o vosso querido mestre *de Sanctis*, quem assevera que « o catholico romano que se confessa, descuidando-se da verdadeira piedade (confessando-se, commungando, jejuando, ouvindo missa, etc.) entrega-se ás obras, pelas quaes pretende satisfazer á divina justiça e que, ao passo que faz isto, não crê ter sido ella perfeita e superabundantemente satisfeita por Jesu-Christo, nosso Salvador. »

De Sanctis, pois, ensina que o que nos salva é a fé, e só a fé em Jesu-Christo ; ou por outra, ensina a justificação ou salvação do peccador, pela graça, mediante a fé sómente. Exclue as bôas obras, não é assim ? Pois bem : quem de bôa fé póde affirmar semelhante blasphemia e heresia, sem contrariar evidentemente o texto genuino da Biblia ?

E senão, vinde cá, pobre estudante ou noviço : aprendei mais esta lição, *bom e intelligente* rapaz !

Além da fé, a Biblia divina exige OBRAS e BOAS OBRAS, para a justificação e salvação do peccador.

Com effeito, fallando da indispensavel necessidade d'estas obras, S. Thiago, inspirado divinamente, exclama : « Que aproveitará, irmãos, a um que diz que tem fé, si não tem OBRAS ? »

Acaso poderá salvar-o a fé ?

De Sanctis, Marinho, Butler, Entzminger, portestantes todos do mundo !... Onde estaveis vós quando assim fallou o Espirito Santo pela bocca de S. Thiago ?

Mas, não tremaes, senhores ! Attenção !

« A fé, si não tiver OBRAS, é morta em si mesma.

« Queres tu, pois, saber, ó homem vão, (Sr. Marinho !..), que a fé sem as obras é morta ? Não é assim que nosso pai Abraham foi JUSTIFICADO pelas OBRAS, offerecendo seu filho Isaac sobre o altar ? Não vês como a fé acompanha as suas OBRAS, e que a fé foi consummada pelas suas OBRAS ? E se cumprio a Escriptura que diz ; Abraham crêu a Deus, e lhe foi imputado á JUSTIÇA, e foi chamado amigo de Deus. »

« Não vês (Sr. Marinho !..) como pelas OBRAS É JUSTIFICADO o homem, e NÃO PELA FÉ SÓMENTE ? »

E, concluindo, diz S. Thiago : « Porque, bem como um corpo sem espirito é morto assim tambem a fé sem OBRAS é morta. » (Epist. Cath. cap. II, v. 14 etc.)

Estaes derrotado, Sr. Juventino ! Quem vos fulmina e

aterra d'este modo a vós e a *de Sanctis* é o proprio Deus em peso ! Humilhai vossa cerviz indomita, abri os olhos d'alma e reconhecei vossa ignorancia, vossa cegueira e vossa má fé, provenientes da soberba, da arrogancia e da malicia satanica do vosso infeliz mestre !

Quereis ainda mais testemunhas infalliveis ?

Abri a Biblia : lêde o cap. I da II.^a Epistola de S. Pedro, precisamente os versos 10 e 11 : « Irmãos, diz o Príncipe dos Apostolos, ponde cada vez maior cuidado em fazerdes CERTA a vossa vocação e eleição por meio das BOAS OBRAS. »

Mas, a que veem essas boas obras, ó S. Pedro ? Não basta só a fé dos protestantes ? Porque incommodar-nos com estas boas obras ?

« Porque (mais attenção, Sr. Marinho !) responde S. Pedro, fazendo isto não peccareis jámais. Porque assim (e só assim, notai bem !..) ser-vos-ha dada largamente A ENTRADA NO REINO ETERNO de Nosso Senhor e Salvador Jesu-Christo. »

Quem é que se engana, Sr. Marinho ? S. Thiago, S. Pedro, ou *de Sanctis* ? Respondei-nos.

Lêde ainda o cap. II da Epistola I.^a do mesmo Apostolo : « carissimos, rogo-vos... que vos abstenhaes dos desejos carnaes, que combatem contra a alma, portando-vos bem entre os gentios, para que ... (elles) considerando-vos por vossas BOAS OBRAS, glorifiquem a Deus no dia da visitação. » (vers. 11 e 12).

E o mesmo Jesu-Christo não inculca fortemente a todos nós a pratica fiel e constante destas BOAS OBRAS ?

Sim, Sr. Marinho : porque d'ellas resulta muita gloria a Deus.

Abri o Evangelho de S. Matheus ; lêde o versiculo 16, cap. V : « Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, diz o Divino Mestre, que elles vejam as vossas BOAS OBRAS, e glorifiquem a vosso Pae que está nos céos. »

Não é verdade, finalmente, que « o Filho do homem (Jesu-Christo) ha de vir na gloria de seu Pae, e dará então a cada um a paga segundo as suas OBRAS ? » (Math. cap. XVI, 27.) — E que obras são estas ?

E que paga dará Jesu-Christo a cada um ?

Lêde o cap. XXV, de S. Matheus, desde o versiculo 31 até o fim, e alli vereis a qualidade e a necessidade d'estas obras, bem como a paga que dará Jesus, Juiz tremendo dos vivos e dos mortos, aos escolhidos e aos reprobos, no dia derradeiro do mundo.

Mas, concluamos por esta vez.

Considerando, como temos visto e demonstrado, que *de*

Sanctis falsificou abertamente Ss. Thomaz e Bellarmino, Origenes, Tertuliano, S. Cypriano, S. Clemente, S. Bazilio e S. João Chrysostomo ;

Considerando que elle falsificou ou inverteu, a olhos vistos, o texto do Evangelho de S. João ;

Considerando as mentiras, as falsidades, as calumnias e as infamias que tem assoalhado no seu *Ensaio*, contra S. Cypriano e S. Agostinho (os quaes para elle foram e morreram excommungados pelo Papa Bonifacio I !...) bem como contra a Egreja Romana, para impugnar a instituição divina do Sacramento da confissão :

Temos todo o direito a concluir que *de Sanctis* é um primor de singular e insigne má fé.

XIV

Temos demonstrado claramente, e está no dominio do publico illustrado, como, alliando a uma supina ignorancia uma singular má fé, *de Sanctis* atacou e combateu inutilmente a confissão.

Mas elle primou tambem em palmares contradicções comsigo mesmo.

Provemos este ultimo ponto de seu *esplendoroso panegyrico*.

Não ha quem ignore ser muito vergonhoso para um auctor cahir em contradicção, principalmente em assumptos de grave momento.

De Sanctis, porém, foi apenas um escrevinhador, ou rabisgador de pouca ou nenhuma importancia ; e se nós nos occupamos d'elle é porque J. Marinho reproduzio maliciosa e inconscientemente nas columnas do *Jornal do Recife* o tal *Ensaio Dogmatico-historico*, esse libello famoso contra a confissão Sacramental, e já correu mundos pelas mãos dos incautos e mais ignorantes do que elle.

Vamos ás contradicções do atrevido apostata.

— Primeiramente elle diz em um lugar que a confissão foi UMA INVENÇÃO do audacioso Papa Innocencio III, e em outro lugar afirma que a mesma confissão foi introduzida por S. Bento, isto é: SEIS SECULOS antes de Innocencio III !..

— Secundariamente assevera que a PRÁTICA da confissão appareceu doze seculos depois dos Apostolos, isto é : no concilio Lateranense IV ; e depois dil-a introduzida por arte dos Bispos, attrahidos pela ordem dos monges, para dominarem sobre o clero, nos seculos VI, VII, VIII, etc., isto é : muitos seculos antes do concilio Lateranense IV !!

— Em terceiro lugar *de Sanctis* diz que a confissão foi inventada por S. Bento *norcino* no VI seculo da Igreja, e depois affirma que a mesma confissão foi abolida no seculo IV por Nectario, isto é : dois seculos antes que fosse inventada !!

— Em quarto lugar elle diz que a confissão foi posta em uso por S. Bento só por entre os monges no seculo VI ; e depois ensina que a mesma confissão foi introduzida e posta em uso sob o Imperador Decio, no seculo III !!!

— Em quinto lugar elle affirma que a confissão foi pelos padres introduzida no povo, para o dominarem, nos seculos VI, VII, e VIII; e depois diz que a mesma confissão foi introduzida no povo na época dos Novacianos, isto é : *depois do meiado do III seculo, consoante ao testemunho de Socrates!*...

— Em sexto lugar *de Sanctis* odeia, abomina, detesta as peias dos Santos Padres e Doutores da Igreja Romana, fidelissimos conservadores e continuadores da veneranda Tradição 19 vezes secular; a auctoridade dos quaes, diz elle, é semelhante á que tem o Alcorão entre os christãos; e depois elle mesmo allega longos trechos de S. João Chrysostomo e uma passagem de S. Ambrozio, entendidos a seu modo, para provar pela *auctoridade dos Santos Padres* que não ha confissão auricular !...

— Em setimo lugar... Mas, Santo Deus ! onde iriamos parar, e quando acabariamos nós, si todas quizessemos numerar, uma por uma, as flagrantes contradições em que tem cahido *de Sanctis* ? ! Parece que o infeliz apostata escreveu sob o influxo do máo espirito, do espirito de contradição; pois que affirma e nega ao mesmo tempo e sobre o mesmo ponto; falla e se desmente, diz e se contradiz, tropeça a cada instante, dá encontrões, canelladas e com o nariz na lama; não se lembrando em um lugar o que escreveu no outro, dá por páos e por pedras para levar avante a sua ominosa idéa; faz, n'uma palavra, como todos os mentirosos, que, para, sustentarem uma primeira mentira, são constrangidos a prégar um cento d'ellas !

Sr. Marinho ! conheceis agora quem foi o vosso *insigne escriptor*, o vosso mestre na fé protestante, o vosso *heroe*, o vosso *glorioso Santo de Sanctis* ? E não vos envergonhaes de pertencer á seita excommungada d'esse perverso, d'esse apostata, desse ex-padre eminentemente *ignorante, de má fé e contraditorio* ? Oh ! quantas vezes ter-vos-heis arrependido !... quantas outras arrepender-vos-heis de haver mandado publicar esse destampatorio sem nome, essa verdadeira

moxinifada, essa produção cerebrina, esse complexo ignobil de tantas asneiras, de tantas inverdades, de tantas calumnias de tantos erros, de tantas blasphemias e heresias, — *O Ensaio Dogmatico-Historico !!!* (Vid. Perrone, *cathecismo*, etc.)

XV

Mas, não é verdade, dizeis, que a Confissão Sacramental é nociva, damnosa, prejudicial á fé e aos costumes do povo, como ensina *de Sanctis* ?

— Seria prejudicial, respondemos, damnosa, nociva á fé, si a verdadeira fé fosse essa que vós outros protestantes professais, ensinando que basta crer, para que incontinenti nos sejam cobertos, como com um emplastro, todos os nossos peccados !...

Não só, neste caso, a confissão é nociva a fé, senão também a destróe completamente ; porque exige como condição indispensavel o arrependimento sincero ou a dor cordeal dos peccados, bem como a penitencia ou satisfação, de que todo o protestante foge espantado, por ser demasiado amante e zeloso da sua propria carne !

Porém, para o bom christão, para o verdadeiro christão, que não é e não póde ser o protestante, a confissão é um exercicio de fé firmissima ; porquanto, sem esta fé firme e inabalavel, o verdadeiro christão nunca resolver-se-hia a prostrar-se diante de um homem, e manifestar-lhe as suas espirituaes miserias.

Que a confissão, porém, é nociva ou prejudicial aos bons costumes do povo, é um verdadeiro paradoxo do vosso *insigne* mestre *de Sanctis*.

Como assim, Sr. Marinho ? Não sabeis que Voltaire, aquelle impio Voltaire que tanto havia escarnecido, como vós, da Confissão, exigia e ordenava que os seus criados se confessassem, para que lhe fossem fieis ? Ignoraeis que tantos outros incredulos, e não poucos protestantes têm admirado e invejado a instituição da confissão, precisamente para a reforma dos costumes ? Nunca ouvistes dizer que tantos medicos, mesmo protestantes, attestam haver experimentado em sua longa clinica que os que se confessam, curam-se mais facilmente ; porque a maior regularidade dos costumes e a tranquillidade do coração influem immenso sobre o bom andamento da cura dos enfermos ?

E o vosso mestre *de Sanctis* nos quereria dar a entender que a confissão é nociva aos costumes ! E' preciso ser um mentecapto, um doudo varrido para asseverar semelhantes asneiras.

E tal se mostra elle quando, tomado de frenesi, rompe em uma apostrophe ridicula, dirigindo-se ás donzellas, ás mocinhas e ás esposas, para que digam si não é verdade que muito lhes prejudicou a confissão. Tal se ostenta quando attesta que as prisões e os presidios estão cheios de catholicos que se confessam ; e que muito menor é o numero dos facinorosos entre os protestantes que se não confessam. Tal é, emfim, quando recorre ás estatisticas, para mostrar que são muito peiores os catholicos do que os protestantes, por causa da confissão, confrontando os costumes inglezes protestantes com os dos irlandezes catholicos.

Oh ! Sr. Marinho, não é proprio de homem maluco dirigir-se pela forma que *de Sanctis* fez ás pudicas donzellas, aos jovens innocentes e ás honestas e fieis esposas, pedindo-lhes que attestem como « sabem por experiencia propria que as palavras do excommungado são verdadeiras ? » Isto é, que as donzellas aprenderam a ser immoraes, que as esposas a ser infieis, e que « os filhos addescentes a ser victimas de infames crimes » por causa da confissão ? ! !

« Cada um dá o que tem » diz o adagio popular.

Ognun dal proprio cuor l'altrui misura, é proverbio italiano. *De Sanctis*, pois, medio os outros pela miseravel bitola do seu depravado coração : deu justamente o que elle tinha ; e sendo elle profundamente corrupto, julgou que todos o fossem !...

Pois então, n'essa indecentissima apostrophe não se accusa elle a si mesmo de haver feito e praticado essas obscenidades que empresta aos outros, como quem « teve assento, por bons quinze annos, n'um confissionario ? »

Elle diz que os ladrões, os assassinos, os adulteros, os infames, os presos, os galés são taes porque se confessam ! Isto é proprio de idiota.

Nós affirmamos pelo contrario que esses facinoras são taes, porque, ou nunca se confessam, ou se confessam muito mal, abusando do sacramento.

Si fosse verdade que a confissão faz os homens malvados, perversos, scelerados, então fôra mister assentar que os que se confessam cada mez, cada quinze, cada oito dias, são os entes mais scelerados do mundo. E, todavia, o mundo inteiro sabe muito bem que essas pessoas são as mais pias, probas, justas e honestas da sociedade, embora por vós outros, inimigos declarados da verdadeira piedade, sejam ellas postas em caricaturas ridiculas e immundas, e no rol infamante dos hypocritas !...

Olá ! protestantes todos ! Deitai vossa vista desapaixo-

nada e livre de prevenções sobre o mappa-mundi, considere attentamente a grande familia christã, ponde em seguida vossa mão na consciencia e dizei-nos :

Quaes são os melhores christãos que conheceis ? Porventura não são aquelles que frequentam com as devidas disposições a confissão ? Quaes os mais perversos ? Acaso não são aquelles que nunca, ou quasi nunca se approximam d'este sacramento da piedade divina ? Eia !... sus !... nós vos desafiámos : entrai nessas prisões, visitae esses presidios que regorgitam de criminosos, examinai-os um por um, e depois apontai-nos, si podeis, por entre centenaes e milhares d'esses infelizes, *meia duzia* sequer dos que frequentam a confissão.

Penetrai nesses lupanares, introduzi-vos á surdina nessas casas de prostituição, apanhai ahi, si sois capazes, uma unica pessoa, que se confessa frequentemente, em flagrante delicto !...

XVI

— Oh ! quão mal andais vós em affirmar com o infeliz apostata de *Sanctis*, que a confissão planta no individuo ou no seio da sociedade principios dissolventes e germens de corrupção !

Mentira ! Calumnia ! Infamia ! senhores, nós vol-o affirmamos.

Quantas vezes não evitamos nós o peccado, só por causa deste Sacramento ? Sim, quantas vezes nos cohibimos de fazer o mal, e nos incitamos a praticar o bem, só por causa d'essa testemunha que Deus pôz ao nosso lado — o confessor ?

Bem sabemos nós que Deus vê todas as dobras do nosso coração, e até os mais intimos e occultos pensamentos e affectos ; mas, os negocios materiaes e a luta incessante pela vida nos absorvem vivos, e nós andamos esquecidos de Deus — sem termos o sentimento efficaz de sua presença.

Tendo, porém, a obrigação de declarar a um sacerdote, ministro de Deus nossas culpas, e sabendo que vamos ter uma testemunha dos nossos peccados, nos arredamos facilmente d'elles.

Quantas vezes, antes da confissão, com só se lembrar o homem que deve confessar-se, cohibe-se de peccar e afervora-se na pratica da virtude ? Quantas vezes, diz elle consigo : « Si pecco, terei de confessar-me ; vou pois fazer esta boa obra, porque hei de confessar-me tal dia ? »

E depois de ter-se confessado, reflectindo sériamente

sobre si, diz consigo : « Inda hontem, hoje mesmo me confessei ! » e esta ideia lhe sustém a quédá, pois que a lembrança de que se acha no estado de graça, dá-lhe coragem, anima-o para proseguir n'uma vida nova e bem moralisada.

E ainda muito tempo depois, os bons conselhos que o confessor lhe deu para evitar as más occasiões, cumprir seus deveres, vencer as tentações e alimentar a piedade de parceria com a graça sacramental que o penitente recebeu quando foi absolvido, continuam efficazmente a enveredar o mesmo penitente pelo recto caminho de justiça, de graça, de merito e de virtude.

E tudo isto quér dizer que a confissão abre porta larga á immoralidade, estimula as paixões e favorece os vícios ?

Grande Deus ! Quantas vezes ella restituiu á familia a ordem, a paz, o socego ? Quantas vezes ensinou á mulher casada a supportar os trabalhos de sua condição, a soffrer as fraquezas e impertinencias de seu marido e a carregar com paciencia a sua cruz ?

Quantas vezes admoestou á inexperiente mocidade a se acautelar contra as seducções da perversidade e a fugir das occasiões perigosas ?

Sr. Marinho ! a confissão não é capa de crimes ; é ella, ao contrario, a protectora do direito e da justiça : por consequencia, o melhor meio de reforma moral.

Sabei que a confissão recorda aos ladrões este grande preceito : « *Não furtarás ; sem restituição não ha absolvição.* » Eis-ahi garantida a propriedade.

Aprendeí que a confissão não só protege a propriedade, senão tambem arranca o ferro homicida das mãos dos assassinos. Abafando, sopitando, suffocando nos corações os odios que rompem em crimes hediondos, a confissão é a melhor garantia da vida humana.

Não vos esqueçais, emfim, que a confissão, reprimindo calumnias e maledicencias, é o anjo tutelar de nossa reputação ; bem moral de grande valia, ao qual ligam as almas generosas mais importancia do que á propria vida, disse um illustre auctor contemporaneo.

Mas, si são justamente os incredulos, os libertinos, os ladrões, os assassinos que fógem da confissão, dizei-nos : como é que elles povôam os carcerees e os presidios, por causa da confissão ? Haverá contradição mais palpitante do que esta ?

— Dizer que os protestantes, *porque protestantes*, são melhores do que os catholicos, é outro paradoxo, proprio do apostata de Sanctis, vosso insigne mestre !...

Das estatísticas releva-se precisamente o contrario.

E senão, consultai as de Berlin, de Londres, de Manchester, de Stokolmo de Christiania e de outras cidades protestantes; confrontai-as com as estatísticas das cidades catholicas, e vereis onde é que se acha maior numero de malvados.

Si quereis saber onde podeis encontrar as estatísticas de que acabamos de fallar, recorrei á obra classica, insigne e preciosa, intitulada : *O Protestantismo e a regra de fé*, pelo egregio Padre Perrone.

Ellas são extrahidas de documentos officiaes e insuspeitos; podeis consultal-as quando quizerdes.

Quanto aos irlandezes catholicos serem peiores do que os inglezes, é uma nova, torpe e solemne mentira, propria do infeliz apostata que a forjou, quando se não queira desculpar, allegando a ignorancia, parte integrante do seu nobilissimo apanagio.

SUICIDIO MORAL OU COMPLETO NAUFRAGIO DE JUVENTINO MARINHO

Ecce iterum Crispinus. (Terencio).

Decididamente os agentes da *nova seita* n'esta capital abusam da nossa paciencia de catholicos, julgando-se no inglorio dever de *azucrinar-nos*, a torto e a direito, de modo indecentissimo.

Mas, nós não teremos, porventura, abusado do dever de sermos pacientes ante a arrogancia, a impertinencia, a petulancia, com que ousam esses zoilos atacar os dogmas augustos da nossa Religião, a unica verdadeira?

Tinhamos feito proposito, promettemos até, não ligar nenhuma importancia ás garatujas indecorosas do Sr. J. Marinho, esse mesquinho e improvisado defensor da causa perdida de *L. de Sanctis*.

Mas, bem que nos pese, somos forçados a quebrar este proposito e esta promessa, em vista d'esses borrões e rabis-cos informes, d'essas «*notas toscas*» e torpes, com que sujou uma columna inteira do *Jornal do Recife* de Sabbado, 22, para bater-nos na brecha!

Coitado! melhor fôra, muito, muito melhor, si o não tivesse elle feito! E porque?

Porque abalançando-se imprudentemente ao temeroso commettimento de andar por esses *mares nunca dantes navegados* das polemicas religiosas, no fragil baixel de sua

pobre *cachola*, naufragou completamente, fez solemníssimo fiasco, e matou-se a si mesmo.

Provemos este nosso asserto.

Principiou o seu estúpido arreganho dizendo :

« Notamos que o frade no desespero de querer *por fas e por nefas*, (até imitando-nos é caipora !...) refutar o trabalho do insigne de L. de Sanctis, não trepidou em levantar-lhe um falso. »

« Assim foi que affirmou ter de Sanctis asseverado que a confissão auricular fôra abolida pelo bispo Nectario ! »

E logo exclama : « Para que tamanha deslealdade ? Abri o *Jornal* de 1 e 12 de Janeiro e vêde que *de Sanctis*, referindo-se ás duas homelias de Origenes sob o *Psalm* 37, allegadas pelos romanistas em abono da confissão auricular, e mencionando o facto da senhora nobre de Constantinopla, seduzida por um diacono, conclue que isto nada prova em favor da existencia, n'aquelle tempo, da confissão auricular como é praticada actualmente pelos padres. »

E conclue, dizendo : « E' claro, portanto, que Sanctis nega a existencia da tal confissão n'aquelle tempo, e como podia ter asseverado que ella fôra abolida ? »

Asseverou, Sr. Marinho, de Sanctis asseverou terminantemente que a confissão auricular foi abolida por Nectario, e por toda a Egreja e por todos os bispos da Egreja.

E sabeis onde isto se acha ?

Acha-se, não nos numeros do *Jornal* 1 e 12 de Janeiro, por vós fraudulentamente indigitados, para engazopardes o publico sensato e digno de todo o respeito ; mas sim, em o numero de 4 do mesmo mez, precisamente nas oito terriveis consequencias contra a confissão.

Lêde, e tremei : « 6.º Ao expirar do IV seculo, por auctoridade de Nectario, bispo de Constantinopla a confissão foi abolida »..... « E o papa que excommungou (*sic!*) S. Cypriano etc... teria tolerado que Nectario a seu bel prazer abolisse o uso da confissão, si ella fosse necessaria ? Si houvessem razões convincentes que justificassem a sua necessidade, teria podido um bispo *revogal-a*, sem incorrer na censura de seus collegas ? »

Eis-ahi a existencia, eis o uso da confissão abolida, segundo *de Sanctis*, por Nectario.

Lêde ainda, Sr. Marinho, e envergonhai-vos.

« 7.º O que levou a *revogar-se a confissão* foi um abuso do confessor etc. O facto, porém, de haverem *abolido a confissão* (os griphos são nossos) por tal motivo, denota que então ninguem cria n'ella. » Mas, si foi abolida e revogada,

é evidente que existia, era em vigor a confissão auricular.

Lêde, finalmente, e com ambas as mãos encobri o rosto, si é que sois ainda capaz de sentir rubor.

« 8.º Pelo decreto de Nectario, toda a Igreja e todos os bispos aboliram a confissão. Logo, toda a Igreja estava persuadida de que a CONFISSÃO AURICULAR não era de origem divina, e tão pouco que fosse necessaria ou util. Qual fosse a doutrina da Igreja ácerca da necessidade da CONFISSÃO AURICULAR, até ao IV seculo, está demonstrado por este facto tambem admittido pela Igreja romana. »

Agora, Sr. Marinho, dizei-nos: são ou não são estas asseverações do vosso *insigne* mestre, do vosso *theologo profundo de Sanctis*? Não podeis mais negar.

E' ou não é claro que *de Sanctis* admitte a existencia e uso da confissão auricular antes do IV seculo, abolida, diz elle, por Nectario, pelos bispos todos, por toda a Igreja?— E' sim, Senhor, e salta aos olhos dos cegos.

Pois bem, com que coragem, com que ousadia, com que descaro e atrevimento affirmastes que levantámos falso ao vosso *insigne*, quando refutando-o cabalmente, solidamente, victoriosamente, affirmámos o que elle deixou escripto, e vós inconscientemente reproduzistes no *Jornal*, sem saber o que fizestes, e ás quantas andais?!

« Para que tamanha deslealdade? »

« E' assim que estaes exercendo a vossa *bóia fé* » em vossas « notas toscas » torpes, inverecundas, opprobriosas e fataes para vós, contra o humilde frade que teve a coragem e a felicidade de refutar victoriosamente, triumphalmente o ignorantissimo, o mentirosissimo, o incoherentissimo apostata « que fôra outr'ora da confiança do Papa? »

Como foi isso? Que desgraça é a vossa? Que caiporismo damnado é esse?

E' que tendo perfeitamente entendido as palavras do vosso *illustrado* escriptor, de proposito negastes a evidente existencia das mesmas, « para terdes o gostinho de alcunhar-nos de homem mentiroso, de má fé, e levantador de falsos! »

E' que o feitiço virou contra o feiticeiro; que vindo buscar lá, ficastes tosquiado, derrotado, desmascarado, esmagado completamente, sob o peso enorme de nossas robustas razões e da vossa extrema leveza e imprudencia.

E', emfim, que a paixão torna as mais das vezes o homem cego e injusto; e assim como quem é cego e não vê a fulgente luz, nem em seu pleno meio dia, assim tambem o homem, escravo de vis preconceitos, não enxerga as verdades mais palmares, e obstina-se em negar os principios, até

os mais evidentes, pela unica razão que isto repugna a seus torpes interesses.

Chamamos a attenção dos Srs. Butler, Entzminger & C.^a para o fiasco solemne e tremendo do Sr. Marinho, que os comprometteu a todos.

Ao espirito reflectido não póde deixar de impressionar desagradavelmente, este facto tristemente significativo, desse presumpçoso rapaz, para quem toda derrota é um *triumpho*!

Que a vossa *futrica* vos dê o merecido galardão, Sr. Juventino! Quanto a nós vos diremos que, visto como não pudesdes defender o vosso *insigne de Sanctis*, arracando-lhe esse labêo que com toda a força da logica esmagadora lhe imprimimos na cara deslavada de escrevinhador nimiammente ignorante, mentiroso, contradictorio, e de má fé; visto como vos temos apanhado com o vergonhoso furto na mão, sem que ousemos alcunhar-vos de ladrão... é bom, é justo, é conveniente, é rasoavel e honesto que deponhaes a penna, e resolveaes melhor a trocal-a pela enxada, e ir plantar canna, para viver honestamente no meio da sociedade dos homens de bem.

Não é assim que se possa escrever para o publico sensato, esclarecido, intelligente, que a estas horas já vos julgou terrivelmente. (Vid. APPENDICE.)

XVII

Mais uma horrenda asneira affirmou de *Sanctis* como conclusão e remate do seu estapafurdico *Ensaio Dogmatico-Historico*. E' que a confissão Sacramental é *incompativel*, diz elle, *com o progresso civil*.

O Sr. Marinho (o qual para nós já morreu de *morte macaca*, tendo-se afogado n'uma bacia d'agua !...) si não nos enganamos, privou-nos calculadamente de saborearmos esta ultima peça como prova da *sabedoria* e da *bôa fé* de seu *insigne* mestre. Elle bem soube lá o que fez !... E nós tambem não ignoramos tudo quanto disse e escreveu o infeliz apostata, e temos consciencia do que fazemos, refutando-o.

- Respondendo, convém determinemos claramente o que entende o apostata por *progresso civil*.

Si por *progresso civil* entende a bôa moralidade, a ordem, a honestidade, a obediencia e o respeito aos superiores e magistrados, é evidente que a disciplina da confissão sacramental não só é compativel com o *progresso civil*, senão tambem o promove galharda e generosamente.

De feito, é absolutamente impossivel que, quem se confessa BEM e com *frequencia*, não seja um bom christão ; um

christão pio, fiel, religioso, candido, sincero, honesto, firme, incorrupto, innocente ; innocente, dizemos, porque *a sincera penitencia é irmã gêmea da innocencia.*

Não ha quem possa enumerar os immensos beneficios da confissão em relação á sociedade civil. Basta dizer que ella é o grande terror dos vicios, sem embargo de ser ao mesmo tempo o alvo dos despeitos e zombarias de todos os relaxados e devassos ; por isso mesmo que ella é, sem contestação, o mais efficaz meio de refrear as revoltas paixões e reformar os costumes profundamente corruptos.

Com effeito, d'onde nascem todos os crimes e peccados que inundam a terra, perturbam as familias e subvertem as Republicas, os Reinos e os Imperios ?

Do coração do homem. Sim, é ahi, diz Jesu-Christo, que rebentam, medram, crescem e amadurecem as iniquidades todas que victimam a sociedade e fazem miseraveis os povos (Math. 15, 19. Prov. 14, 34). Ora, a confissão fórma na virtude o coração humano. Ahi está a historia de 19 seculos para attestar como a confissão civilisou os selvagens e domou os barbaros. E porque ? Porque é ella que põe o christianismo em contacto real e efficaz com o coração humano. E posto que é no coração humano que está a origem da felicidade ou da desgraça publica ; a confissão que pôde tanto no coração humano, que é a unica que o pôde curar e corrigir, é ella, por consequencia, eminentemente social.

Aqui vae um facto incontestavel a proposito.

O illustre Doutor Souto, confessor do Imperador Carlos V, conta que certa cidade da Allemanha abraçara a doutrina de Luthero e deixara tambem a pratica da confissão.

E o que aconteceu ?

Os crimes abundaram, a policia tornou-se, apesar de vigilante, impotente ; em tal aperto os magistrados que governavam essa cidade foram á presença do Imperador e pediram que por uma lei decretasse a confissão Sacramental, que lhes parecia meio seguro para restabelecer a ordem e a paz alteradas.

Carlos V, porém, teve o bom senso de dizer-lhes :

« A confissão que não quizestes receber das mãos de Deus, não podeis recebê-la das mãos do Imperador. »

E o que prova este facto, senão que a confissão é essencialmente social ?

—Porém, si por progresso *de Sanctis* entende, como é fóra de toda duvida, a liberdade illimitada, a insubordinação, a licença, o descomedimento de fazer e desfazer tudo a seu talante, neste caso é tambem evidente que o progresso

social é incompatível ou irreconciliável com a confissão. Uma prova incontestável d'isto n'ol-a offercem os mesmos protestantes e os máos catholicos.

Querendo elles viver á redea solta, satisfazer-se sempre, fogem e aborrecem este Sacramento.

E' esta, sim, a razão principal por que todos os protestantes, todos os libertinos, todos os maçons e incredulos; n'uma palavra, todos os sequazes e factores do *puro Evangelho*, odeiam de morte a confissão e lhe declaram guerra atroz, medonha, furibunda; guerra a todo o transe, de preferencia a qualquer outro sacramento.

De Sanctis montou nas fúrias, deitou faíscas e vomitou mil improperios contra os Papas, porque teem condemnado e excommungado, sem conhecerem, diz elle, todas as seitas maçônicas, ou maçonisadas, as quaes, como todo o mundo sabe, são os agentes mais acreditados de Satanaz sobre a terra.

Entre a maçonaria e Deus, entre ella e nós, os catholicos, não póde existir paz. Ella é o mal, nós somos o bem; ella a mentra, nós a verdade; ella as trévas, nós a luz; a luz não póde combinar com as trévas.

Pois bem, esse infeliz apostata (é como elle todo o protestante) mostra morrer de amores pela maçonaria e apostrophá terrivelmente contra os Romanos Pontífices que justa e sabiamente a fulminaram com o raio aterrador da excommunhão.

E' que assim como existem affinidades chimicas entre os diferentes corpos, assim tambem existem affinidades moraes por entre as pessoas de certas classes !...

Os sequazes e os fautores do *puro Evangelho*, principalmente os apostatas, ignorantes e viciosos, como o *nosso heróe*, sentem uma propensão, uma attracção, uma sympathia mysteriosa, admiravel, irresistivel, pelos socialistas, pelos positivistas, pelos nihilistas, pelos communistas e pelos franc-maçons; por isso é que se querem, se ajudam, se sustentam uns aos outros, e se defendem mutuamente. Com bom proveito!

XVIII

Mas é possível, perguntamos, que tantos venerandos sacerdotes, seculares e regulares, dispersos pelas cinco partes do orbe catholico; tantos insignes Prelados e Pastores do immenso e mimoso rebanho de Jesu-Christo, Bispos, Arcebispos, Primazes, Patriarchas e Cardeaes da Santa Egreja, tenham sido e continuem a ser de consciencia tão relaxada,

para sustentar e defender a confissão sacramental, si ella fosse realmente uma impostura e uma cousa contraria ao Evangelho, aos bons costumes, ao progresso social e civil ; sabendo elles deverem, em breve tempo, dar conta rigorosa a Deus de si mesmos e das almas que lhes foram divinamente confiadas ?

Possivel que um S. Francisco de Salles, um S. Carlos Borromeu, um S. Felipe Nery, um S. Leonardo de Porto Mauricio, um S. Francisco Xavier, um S. Affonso de Ligorio e mil outros Santos, veneraveis por seus annos, por suas virtudes, por sua prudencia e sabedoria, e que têm exercido durante quasi toda a sua vida o ministerio da confissão, tenham sido tão hypocritas, tão estupidos e tão malvados auctores e propagadores de toda a iniquidade ?

Não, mil vezes não ; nunca houve, não ha e jámais haverá tal na Igreja de Deus : ninguém se assuste, ninguém se espante, ninguém duvide.

Que si deram-se alguns casos lamentaveis na pessoa de certos sacerdotes, indignos d'este nome, os quaes tenham abusado da confissão, como deve ter feito o miseravel apostata *de Sanctis*, peor para elles ; por isso ha tantas e tão rigorosas Constituições dos Romanos Pontifices, por isso existe um tribunal incorruptivel do Santo Officio ou da Inquisição.

Mas *quid ex inde ?* Pode-se, porventura, accusar-se a Igreja Catholica das faltas commettidas por alguns de seus ministros, si essas faltas são commettidas contra os sãos e sacrosantos principios, e a despeito das prohibições, das ameaças e dos anathemas tremendos da mesma Santa Igreja ?

Tolheremos o uso legitimo e razoavel de uma cousa, pelo abuso que d'ella possa fazer-se ? Então deixa e de recorrer nas vossas enfermidades ao medico, porque a sua clinica póde prejudicar-lhe e a vós tambem !... Não compreis remedios, porque o boticario póde ser um ladrão !

Abandonemos a pregação do Evangelho, porque póde ser causa de erros, de odios e de guerras até no seio da sociedade !... Em todo o caso é uma clamorosa injustiça, é um revoltante absurdo confundir, como fazem os protestantes e máos catholicos, tantos milhões de piissimos sacerdotes, pastores e confessores zelosos com esses lobos devoradores, com esses monstros, que sendo os judas de Christo e a borra do clero, são precisamente aquelles que se fazem protestantes e ministros dos Barbetos, como fez o desgraçado apostata *de Sanctis*.

Entretanto, esse *de Sanctis*, esse filho do mestre Braz-sapateiro, esse religioso desenfreado, esse padre concubinario, esse parcho que se fez Barbeta e ministro dos Barbetos, esse odiento apostata e excommungado de Christo, commette, a olhos vistos, esta clamorosa injustiça, cahe neste revoltante absurdo ! Elle, sim, condemna e abole a confissão, amaldiçoa e odeia os confessores, quebranta e queima os confissionarios, exproba e despreza, emfim, a tantos centenares de milhões de fieis christãos, os quaes para acharem aquella paz, aquelle consolo e aquella doçura espiritual, que perderam pelo peccado, se confessam e frequentam a confissão sacramental !

Oh ! dor ! Oh ! mágoa ! Oh ! afflicção !

E muito mais se afflige e confrange-se o coração do bom catholico ao lêr os ultimos periodos que corôam essa obra nefanda, que acabamos de victoriosamente refutar — o *Ensaio Dogmatico Historico* — do apostata *de Sanctis*.

Alli é precisamente onde elle prima de modo assombroso pela sua inqualificavel TOLICE e por sua IMPIEDADE sem nome.

Alli não é um Caim, ou um Judas, que se arrependa, embora inutilmente, de seu enormissimo crime : é um novo LUCIFER que, longe de arrepender-se de sua rebelião a Deus e á Igreja Santa de Deus, orgulhoso como um demonio, blasona antes, faz timbre, gloria-se, rejubila-se até do nome infamante, ignominioso, vituperioso de APOSTATA, com que é apellidado pelos christãos catholicos ; chegando a ter a incrível audacia de comparar-se com o Apostolo S. Paulo, o qual foi chamado *apostata* pelos Phariseus, por ter-se feito christão !!!

De Sanctis justificou-se precisamente como fez outro protestante calvinista, o qual foi exprobrado por seguir as impias doutrinas de Calvino, homem *estigmatisado*, isto é marcado com ferro em braza, por algumas suas infamias publicas.

Eis o facto :

Compian, ou Campiano, auctor catholico, e martyr da *pudica* ! rainha Isabel, fallando da vida infame de Calvino, declarou com indignação perante os calvinistas, como de um facto publicamente conhecido na Inglaterra, que « o chefe d'elles fôra marcado com o sinete da infamia nas costas, e fugitivo. » A esta accusação respondeu Witaker com esta indignissima comparação : *Calvino foi estigmatisado, mas tambem S. Paulo e outros o foram igualmente* ; escreven-

do o mesmo Apostolo : *Eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus !*... Galat. VI 17.

Semelhantissima a esta é a resposta do descarado apostata, auctor do *Ensaio Dogmatico*, que acabamos de cabalmente, victoriosamente refutar, fazendo hoje ponto final.

E isto não prova mais uma vez ainda, que todos os protestantes, todos esses miseros hereses são *ejusdem furfuris*, e se parecem todos, ás mil maravilhas ? Não prova serem elles mesmos aquelles perversos, de quem falla o Espirito Santo, dizendo : « que deixam o caminho direito, e andam por caminhos tenebrosos ; que se alegram depois de terem feito o mal, e triumpham de prazer nas peiores cousas ; cujos caminhos são todos corrompidos, e cujos passos são infames ? » (Proverb. II, 13, 14, 15.)

.....

Povo catholico ! povo brasileiro ! Tu bem sabes que mal desabrochavam ainda os germens fecundos da tua civilização, e já uns piratas hollandezes, seduzdos pela fertilidade prodigiosa de teu sólo, pretendiam introduzir nesta terra dos brazis os erros funestos de Luthero e Calvino.

Bem sabes que foi nessa suprema emergencia que abraçaram-se a fé e o patriotismo de teus gloriosos avoengos, e n'um esforço titanico rasgaram os pavilhões da Hollanda e repelliram a propaganda protestante.

Bem sabes ainda, que, desde então, este querido Brasil repousou tranquillo á sombra da Religião catholica, apostolica romana. Bem sabes, emfim, que, graças á epocha trisstissima que atravessamos, o protestantismo forceja por investir contra as tuas orthodoxas crenças !

Povo catholico ! para que n'esta abençoada terra da Santa Cruz, illuminada desde o seu berço pela Religião verdadeira, permaneças e vivas na mesma Religião, em cuja athmosphera nasceste, foste educado e te opulentaste, é necessario crêres firmemente em todos os dogmas augustos do catholicismo, e, por consequencia, no da Confissão Sacramental, por nós demonstrado até a ultima evidencia.

Não basta : é necessario repellires com energia e dignidade as erroneas doutrinas dos protestantes, fugindo delles, como diante dos teus maiores e mais figadaes inimigos, sendo-o elles de tua alma.

Ainda não é tudo : é indispensavel que a tua fé seja viva. Volve, pois, á confissão, povo querido ! Confessa-te ; frequenta este Sacramento da piedade divina, se queres viver feliz no tempo e na eternidade.

JEJUM ECCLESIASTICO

I

A's ordens, Sr. Butler !

Foi, como sabeis, por motivos independentes de nossa vontade que deixámos, em nossa polemica religiosa, de referir-nos directamente a vós, vai para mais de mez.

Constrangido a desviar-nos do nosso plano principal, pela insistente imprudencia e leviandade de um tal, *Juventino Marinho* vosso digno comparsa, fomos arrastados a discutir longamente assumptos secundarios — *O famoso ENSAIO* do tristemente celebre apostata *L. de Sanctis* — vosso *insigne* pai e mestre na fé que professaes !

Cavalheiro, como vos inculcaes, haveis de ter-nos relevado de boa mente esta longa ausencia, que aliás não foi ociosa ou improficua ; antes, si nos permittis, dil-a-hemos nimiammente vantajosa.

Com effeito, que de grandes vantagens não auferio a VERDADE, este sagrado e inalienavel patrimonio de todos, tão indigna e cruelmente desvirtuada, invertida, adulterada, dilacerada, por esses figadaes inimigos da verdadeira Igreja de Deus, e dos augustos sacramentos de Christo, *de Sanctis e Marinho* !

Si nos acompanhastes, a sangue frio, n'essa longa discussão, haveis de confessar, em abono da mesma verdade, da recta razão e do bom senso, que desmascarámos completamente *de Sanctis*, derrotámo-lo victoriosamente, tendo-o denunciado e demonstrado á luz da evidencia qual *primor de ignorancia, de contradição e de má fé* ; assumpto este *grandioso do esplendido panegyrico* que lhe tecemos.

Confessar deveis ainda que castigámos tambem a petulancia do inditoso discipulo desse infeliz mestre, o qual, descendo com incrivel audacia á arena do combate para defendel-o, o comprometteu envez, e suicidou-se moralmente ; naufragou, morreu afogado, não lá no alto mar, mas ali na baixa-maré, n'uma bacia d'agua barrenta, lodosa, lamacenta !...

Requiescat in pace !...

Verdade é, confessamol-o francamente, que no mais forte da refrega usamos de alguma phrase algum tanto dura, filha legitima da justa indignação que nos causou o procedimento incorreto de *Marinho* (que, de certo, não primou em delicadeza e cortezia por nós) negando, a pé firme, a verdade evidente, conhecida por tal ; mas, a opinião publica, esse tribunal incorruptivel, já nos julgou favoravelmente, fez-nos completa justiça, pronunciando o seu VEREDICTUM

pelo órgão de dois mui distinctos advogados espontaneos.
(Vid. *Jornal do Recife*, 24 de Dezembro de 1895 — 19 de Janeiro de 1896 — 3 de Março — *A Provincia*, 7 de Março — *Diario*, 8 dito. vid. APPENDICE.)

E desejaes saber, Sr. Butler, quem são estes dois cavalheiros ?

São dois doutores em leis, homens prestantes, vultos eminentes, notabilidades não vulgares, magistrados integros, espiritos de forte tempera e cultivados, intelligencias robustas e esclarecidas, talentos, emfim, vigorosos e abrihantados por convicções profundas e mais pela coragem e independencia com que sustentam as proprias opiniões. Não os contestareis vós ? !

A esses varões distinctos que vos julgaram (a *de Sanctis* e a *Marinho* tambem) a esses nobilissimos cavalheiros que vos desmentiram a todos e condemnaram do modo mais solemne, irrespondivel, inappellavel, consagramos aqui um voto de nossa eterna gratidão.

Feito este preambulo, dada esta satisfação, permitti, Sr. Butler, continuemos com a nossa polemica a bater-vos em outros pontos erroneos a herecticos, por vós enunciados na memoravel discussão publica que tivestes com nosco em Garanhuns.

I I

Dissestes « que os jejuns da egreja romana são signaes de apostasia, segundo ensina S. Paulo em 1.ª Timot. IV, 1-4 »

Vós, Sr. Butler, usando do ardil mui sedição de que lançam mão todos os protestantes, e que indica *ma fé*, não vos dignastes transcrever o texto indigitado : fal-o-hemos nós.

Dai-nos licença ? Sim ?

« Ora o espirito manifestamente diz que nos ultimos
« tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espiri-
« tos de erro e a doutrinas de demonios, que com hypocrisia
« fallarão mentira e que terão cauterisada a sua consciencia;
« que prohibirão casarem-se, que se faça uso das viandas
« que Deus creou para que, com acção de graças, participem
« d'ellas os fieis e os que conheceram a verdade. Porque
« toda a creatura de Deus é boa, e não é para desprezar
« nada do que se participa com acção de graças. »

Eis-aqui por inteiro a alludida passagem, em que S. Paulo não diz serem os jejuns signaes de apostasia, como vós inconscientemente affirmaes, Sr. Butler.

E que entendeu dizer com isto o grande Apostolo ?

Attendei bem :

Havia por entre os Hebreus, recém-convertidos á fé, não poucos d'aquelles que erradamente pensavam e criam necessaria á salvação a distincção dos alimentos, usada na lei de Moysés. N'este mesmo erro laboravam os *Encrattitas* por outro principio. Estes professavam abster-se de certos alimentos, como se fossem por sua propria natureza impuros; e como creaturas más, procedentes de um Deus máo.

A Santa Egreja Romana, porém, nunca esposou, antes condemnou sempre semelhantes erros e heresias.

Ella tem sempre louvado e recommendado a abstinencia praticada por espirito de mortificação e penitencia, como resulta do canon apostolico 51, dos dois antiquissimos concilios, Ancirano e Gangrense, e da celebre epistola do grande martyr S. Ignacio aos de Philadelphia, em a qual a mesma heresia é attribuida tambem aos Ebionitas. Porém, seguindo fielmente a doutrina de S. Paulo, a mesma Egreja nunca julgou impura ou immunda cousa alguma creada por Deus, para que os fieis usassem d'ellas com o devido reconhecimento e viva acção de graças ao Creador e doador de todo o bem.

E' assim que devem usar e usam realmente todos aquelles que conhecem e amam a verdade.

E' pois, evidente que a Egreja Romana ensina ser licito de per si o uso de quaesquer viandas, bem como ser louvavel e acceita a Deus a abstinencia, praticada pelo mesmo Timotheo, o qual privava-se de beber vinho.

E quando S. Paulo diz que «toda a creatura de Deus é bôa, e não é para desprezar nada do que se participa com acção de graças», oppõe a verdadeira doutrina ás invenções dos hereges, principalmente dos *Ebionitas* e *Encrattitas*, os quaes dando ouvidos a espiritos de erro e a doutrinas de demonios, prohibiram a comida de certas cousas que Deus creou e apostataram da fé. (Vid. S. Agostinho, *livro IV. de civ. XIX*; e Santo Ambrosio, *livro II de Abel. VIII*.)

Sr. Butler, sem ser *signal de apostasia*, o jejum é antiquissimo. Entre os judeus não era o jejum ordenado por nenhuma lei positiva; mas, elle era praticado quasi geralmente por todos; logo, esta pratica era puramente cerimonial; pratica aliás nimiamente louvada e recommendada no Velho Testamento como mortificação assás meritoria e acceita a Deus.

Moysés, Elias, Eliseus, Achab, David, Tobias, Judith, Esther, Daniel, os Ninivitas, toda a nação judaica, emfim, obtiveram de Deus por este meio já o perdão de seus peccados, e já muitos e assignalados favores.

Os Santos Prophetas de Israel não condemnaram absolutamente os jejuns dos judeos, e sim o abuso que elles faziam do jejum; tendo-os elles mesmos exhortado muitas vezes a jejuarem. (Joel, c. I, 14.)

A historia da humanidade tem acompanhado sempre a historia de suas expiações.

Sempre e em toda a parte a humanidade julgou necessaria a prece e os actos de expiação, para satisfazer á justiça divina pelos peccados publicos e crimes sociaes. E' tão racional esta pratica, que entre os povos mais civilizados da antiguidade — Memphis, Athenas, Grecia, Roma, Ninive, Jerusalém, a festa das expiações solemnes era uma das principaes festividades.

Ora, por entre os diversos actos de expiação publica o jejum tem occupado sempre o primeiro logar. Os Egyptios, segundo Porphyrio, na preparação para as grandes solemnidades, jejuavam até sete semanas; Herodoto falla dos jejuns em preparação á festa de Isis; Tito-Livio refere os de Roma pagã, e S. Jeronymo o dos Magos da Persia. Até os philosophos mais celebres do paganismo, Pithagoras, Plató, Zenon e outros reconheceram que o jejum se praticava por um culto de religião, e que era um meio efficaz para a saúde e moralisação dos povos. Até Mafoma no seu sensual Alcorão ordena o jejum do Ramazan.

No Novo Testamento são citados com louvores e altamente recommendados os jejuns de S. João Baptista e Anna — a Prophetiza. —

O proprio Jesu-Christo dêu-nos o exemplo :

« E tendo (Jesus) jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. » (Math. IV, 2.)

E' certo que o Divino Mestre não obrigou seus discipulos ao jejum; porém indicou-lhes e predisse que jejuariam quando elle já não estivesse mais entre elles; (idem cap. IX, 14, 15;) e por isso os Apostolos, em reverencia de uma vontade tão manifesta de Jesus, instituiram o santo jejum, e praticaram elles mesmos essa instituição.

Eil-os, os Apostolos, a prepararem-se com o jejum e a oração para as importantes acções do seu sublime ministério. « A tempo que elles... jejuavam, disse-lhes o Espirito-Santo: Separai-me a Saulo e Barnabé para a obra que eu os hei destinado. Depois que jejuaram e oraram, lhes impuseram as mãos e os despediram. » (Act. XIII, 2, 3) « Tendo ordenado em cada egreja seus presbyteros, e feito orações com jejuns, os deixaram, etc. » (ibidem XIV, 22.)

São Paulo exhorta os fieis a jejuarem: « Em todas as

cousas portemo-nos como ministros de Deus, na muita paciência... nos jejuns, etc. ». (II. Cor. VI).

Elle mesmo *jejuava* : « Muitas vezes eu me vi em perigos... em trabalhos e fadiga..., com fome e sede, em muitos jejuns » (ibidem XI, 26 27.)

Jesu-Christo desapprova o jejum d'aquelles que o fazem por ostentação e vaidade : « E quando *jejuais*, não vos ponhais tristes como os hypocritas, etc. » etc. Mas, tu, quando *jejuas*, unge a tua cabeça e lava o teu rosto. » (Math. VI, 16....)

Disse, finalmente, Jesus que o jejum tem virtude contra os mesmos demonios : « Esta casta de demonios não se lança fóra senão á força de oração e de jejum » (Math. XVII, 20.)

Agora, Sr. Butler, dizei-nos :

Será verdade o que vós affirmaes, isto é, que os jejuns da Igreja romana são signaes de apostasia? Estará isto na vossa Biblia ?

Mascaras abaixo !... vossa Biblia é falsa, ou então sois vós que a falsificaes ! Mascaras abaixo !... A Biblia da Igreja romana, a verdadeira Biblia assevera o contrario.

Escutai, lêde, attendei bem.

« O vinho e as mulheres fazem apostatar os mesmos sabios, e precipitarão em opprobrio os homens sisudos ». (Ecclesiastico XIX, 2).

Entendeis, Sr. Butler ? A *crapula*, isto é, a devassidão, o desregramento em comer, beber, jogar, etc., etc., são verdadeiras e funestas causas de apostasia, e não os jejuns da Igreja romana !

Não foi por ventura a *crapula* que contaminou de idolatria o povo de Deus lá ao pé do monte Sinai ? Sim. « E o povo se assentou a comer e beber, e depois se levantaram a brincar. » (Exod. XXXII, 6 (I. Cor. X, 7).

De sorte que, diz S. Bazilio, as taboas da lei, escriptas pelo dedo de Deus, e que custaram a Moysés 40 dias de jejum e oração, a intemperança de um povo crapuloso as annullou n'um instante quebrantando-as. (Hom. I. de jejunio).

Acaso não foi a *crapula*, ou o peccado da gula, que fez ajoelhar ante o bezerro de ouro aquelle povo tão prodigiosamente arrancado da escravidão do Egypto, educado no culto do verdadeiro Deus, cujo povo era elle cognominado por antonomasia ?

Não foi o peccado da gula que inquinou Esaú, filho de Isaac, vendendo a seu irmão Jacob o direito de primogenito por um prato de legumes ?

Quantos Israelitas não pereceram no deserto trucidados,

em pena e punição de haverem desejado as carnes do Egypto ?

E pelo contrario : não foi pelo jejum que Moysés tornou a receber da mão de Deus a lei, escripta segunda vez em duas taboas de pedra ?

Não foi pelo jejum que Elias mereceu ver a Deus ?

Não foi pelo jejum que a mãe de Samuel o concebeu e deu á luz qual Propheta do Senhor ? e tornou inexpugnável ao fortissimo Samsão, e livrou os Ninivitas do tremendo ameaçado castigo ?

Lêde melhor, Sr. Butler, estudai com verdadeiro interesse as Escripturas Santas ; dizei a verdade, toda a verdade, a pura verdade aos filhos do povo, para que não vos torneis pedra de escandalo e causa de perdição eterna das almas redimidas com o sangue de Jesu-Christo, e nós não vos convençamos de vergonhosa ignorancia e de revoltante má fé, dizendo-vos com toda a razão do mundo :

Vós errais, não conhecendo as Escripturas, nem o poder de Deus.

A Egreja romana, instituindo e ordenando o jejum aos fieis de Christo, é em virtude deste poder supremo que o faz, fundando-se na Revelação divina e na Tradição apostolica, como vamos ver.

JEJUM ECCLESIASTICO

IV

Como sociedade eminentemente perfeita que é, a Egreja Catholica, apostolica, romana, tem o poder de fazer leis justas e uteis para bem de seus filhos.

Este poder o recebeu de Jesu-Christo, seu divino Esposo, o qual disse aos Apostolos : « Assim como meu Pai me enviou a mim, eu tambem vos envio a vós. » (João XX, 21). « Tudo quanto ligardes sobre a terra, será ligado tambem no céu, etc. ». (Math. XVIII, 18).

Optimos interpretes das palavras de Christo, os Apostolos attribuiram-se e exerceram o poder legislativo, como apparece dos Actos apostolicos cap. XV, 29, 28, mandando aos fieis que « se abstenham do que tiver sido sacrificado aos idolos, e do sangue e das carnes suffocadas. » Leis estas, cuja observancia foi sempre e por toda a parte exigida dos christãos ; « E Paulo . . . andava pela Syria e pela Cilicia, confirmando as egrejas, ordenando-lhes que guardassem os canones ou preceitos dos Apostolos e dos presbyteros » (ibidem 41).

Mais : disséra Jesus aos Apostolos :

«Dei-vos o exemplo, para que façais o que eu faço». (João XII, 15) ; portanto, o jejum, podemos dizer que foi transmitido à sua Igreja pelo Divino Redemptor.

Já notámos que Jesus nunca obrigou seus discipulos a jejuarem ; mas indicou-lhes *que jejuariam quando Elle já não estivesse mais entre elles* ; por isso os Apostolos instituíram o jejum, tão fervorosamente praticado pelos primeiros christãos ; por isso a Igreja, fiel às tradições apostolicas, sancionou esta pratica, não como um simples conselho, senão como um preceito, em virtude de sua auctoridade divina e desse poder, que lhe conferio Jesus-Christo, de dictar leis para o bem espiritual de seus membros.

E póde haver, Sr. Butler, instituição mais santa, mais racional, e acceita a Deus, que esta, auctorisada pelo exemplo do mesmo filho de Deus, de seus Apostolos, de seus grandes santos, e de effeitos tão salutaes para o povo Christão ?

Ponderai bem, Sr., que o fim do jejum é soberanamente moral e religioso : mortificar a carne e os sentidos como expiação de nossos peccados, e domar as infrenes paixões, meio efficacissimo de moralisar o homem. Assim o concebeu o consentimento universal de todos os povos : assim o praticaram o povo crente e temente a Deus, e o povo que ainda jazia nas trevas do paganismo, como acima dissemos.

Nem penseis, Sr. Butler, que o jejum de preceito ecclesiastico se opponha á liberdade evangelica que nos permite comer de tudo aquillo que Deus creou para nosso sustento. Não ; isto seria (como é realmente) um erro palmar vosso e de vossos infelizes comparsas, tão inimigos da *mortificação de Jesus*, de que falla S. Paulo (II.^a Cor. IV, 10), como apaixonados amantes d'esse corpo, d'essa carne que, segundo o mesmo Apostolo, vos fará morrer eternamente !.... « Não somos devedores á carne, para que vivamos segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis. » (Rom. VIII. 12 13).

Entendei bem : Si a Igreja romana prohibe comer certos manjares em tempos determinados, não é certamente por superstição como si fossem nocivos ou peccaminosos em si mesmos ; mas os prohibe, sem duvida, por um princípio religioso de penitencia e por espirito de mortificação.

Prohibe-os ainda por motivos de publica hygiene, proporcionando assim um grande bem á sociedade tanto phisico como moral, e respeitanto as tradições mais venerandas da humanidade.

Sim, grandes vantagens encerra o jejum : confessam-n'o

até os hereges mais adversos ao mesmo jejum, entre os outros Calvino. o qual reconheceu sempre a utilidade do jejum, observado na Lei antiga dos Prophetas e na nova dos Apostolos. (*Vid. Vivr. 4 de Instit. cap. III, § 14.*)

«Cremos, escreveu Melancton, que os jejuns e as mortificações da carne, a que o homem voluntariamente sujeita-se, são cousas utilissimas para adiantar-se na piedade; e que devemos exhortar os Christãos a pratical-os, como fizeram os Apostolos.» (*Vid. Profissão de fé, enviada, ainda em nome d' Allemanha, a Francisco I.^o, rei da França, Art. 3.^o*).

Os Apostolos, porém, não só exhortaram, senão mandaram também terminantemente a observancia do jejum.

A egreja anglicana conservou os jejuns da quaresma não por motivos politicos, nem por interesse de commercio, mas porque é uma instituição dos Apostolos, tão antiga como o christianismo. (*Vid. Historia das Variações, livr. 7, n.^o 90.*) (*Vid. Beveridge, canones da Egreja primitiva, livr. 9, cap. 9, § 7.*)

V

Crêde, Sr. Butler, que o christão catholico infringindo a lei do jejum, sem causas graves para eximir-se, commette culpa grave, porém não o é pelo manjar que entra pela bocca, senão pela desobediencia ao preceito formal da Egreja, a quem o mesmo Jesu-Christo mandou obedecessem todos os fieis, dizendo : « Quem vos escuta, a mim escuta ; e quem vos despreza, a mim despreza » (*Luc X, 16.*) E mais terminantemente : « O que não obdecer á Egreja, seja tido por um gentio e um publicano. » (*Math. XVIII, 17.*) Sentença terrivel com que J. C. ameaça aos que não cumprem os preceitos da Egreja.

Bem sabemos nós o que quereis objectar-nos, Sr. Butler. Vós, que não sois bom christão, mancommunando-vos com os máos catholicos, cujas paixões alliciais e afagais a cada instante, forcejais por justificar essa repellente desobediencia á lei do jejum, allegando que : *Deus não póde comprar-se em ver-nos soffrer com jejuns e abstinencias, que aliás prejudicam á saude e diminuem as forças physicas.*

E sereis capaz de sustentar, como christão e como medico que sois, esta asneira tão velha, tão sedicã, como o systema dos epicureos ? Duvidamos.

Porquanto é verdade que Deus se não compraz de que

sofframos ; mas é sua inexoravel justiça que exige de nós a reparação de nossas culpas, assim como é sua providencial misericórdia que nos dá no jejum um meio poderoso para debilitar e dominar as paixões revoltas, e por este meio robustecer o valor e a virtude do espirito.

Esta linguagem talvez seja para vós inintelligivel ; e nós desejando nos entendais perfeitamente, explicamo-nos.

Sabei, pois, Sr. Butler, que o homem mortificado e penitente assemelha-se ao anjo em suas aspirações ; é sempre senhor de si mesmo, virtuoso e inclinado ás cousas do espirito, *do espirito de Deus*, conforme o exemplo sublime d'esses varões insignes, que foram assombro em penitencia e santidade, ou modelos preclarissimos da virtude, da moralidade e do heroismo que elevam, ennobrecem e quasi divinizam a natureza humana.

Tudo isto é consoante á doutrina de S. Paulo, o qual ensina que devemos « *trazer sempre no nosso corpo a mortificação de Jesus*, para que tambem a vida de Jesus se manifeste em nossos corpos... ; para que tambem a vida de Jesus appareça na nossa carne mortal... E ainda que se destrua em nós o homem exterior, todavia o interior se vae renovando de dia em dia. » (II.^a Cor. VI. 10, 11... 16).

Não é n'este sentido que o Principe dos Apostolos nos admoesta, dizendo : « Christo padeceu tambem por nós, deixando-vos o exemplo para que sigais as suas pisadas ? » (1.^a Pedr. 11, 21).

Christão, significa discipulo e sequaz de Christo. Ora, Christo padeceu por nós, pelos nossos peccados ; padeceu innocente, para dar-nos a nós peccadores o exemplo do como devemos seguil-o, isto é, por aquelle mesmo caminho por que Elle passou, afim de deixar-nos o grande exemplo que devemos imitar, padecendo tambem nós na nossa carne mortal pelos nossos peccados, si queremos salvar-nos. « Si padecermos com Christo, assevera S. Paulo, é para que sejamos tambem com elle glorificados. » (Rom. VIII, 17).

Estaes vendo, Sr. Butler, como a Egreja romana é sapientissima e santa em suas instituições ? O jejum ordenado por esta Egreja é um meio poderoso para a consecução do fim supremo que é a salvação eterna, sendo que refreia a fogaosidade das paixões. E assim como nós não vos accusariamos de crueldade, si na qualidade de medico prudente, como dizem que sois, ordenasseis rigorosa dieta ou parcimonia em certos alimentos para a saúde do enfermo, tão pouco podeis vós accusar de cruel ou imprudente a Egreja romana, quando para bem moral e material de seus filhos

manda-lhes soffram alguma cousa, abstendo-se elles de certos manjares em determinados dias,

Persuadi-vos, Sr. Butler ; é o espirito de incredulidade systematica, é o demonio orgulhoso da obstinação protestante o que condemna o jejum e a abstinencia, como impraticaveis a titulo de mortificantes e nocivos á saúde.

Esse máo espirito, esse damnado demonio *não se lança fóra, senão á força de oração e de jejum !...*

Jejuae, Sr. Butler, e orae !... Diversamente !...

VI

A Igreja romana é mãe prudentissima ; e, si ordena a mortificação por motivos santos e sublimes, não obstante não quer um grave detrimento na saúde de seus filhos. Por isso dispensa do preceito do jejum e da abstinencia a todos aquelles a quem isto importa um grande sacrificio. Sem duvida, prescrevendo o jejum para a salvação d'alma, a Igreja romana, que é mãe e não tyranna, o não exige á custa da vida do corpo ou de qualquer outro grave incommodo. Que soffra-se, porém, uma leve incommodidade, compativel com as forças de cada um, não é sufficiente razão para julgar-se dispensado d'esse salutar preceito.

Desenganae-vos, Sr. Butler : o jejum nunca foi prejudicial á saúde ; quem isto affirma, mostra-se inquinado de supina ignorancia, ou de malicia diabolica. Quereis passar por idiota ou perverso ?... Affirmai-o, sustentai-o, ensinaí-o... !

Nós vos mostrámos que, longe de ser nocivo ou prejudicial, o jejum é pelo contrario proveitoso á saúde.

Para convencer-vos d'isto basta appellar para a sciencia ou experiencia medica, para a clinica da vossa classe, para vós mesmo, na qualidade de facultativo que sois.

Qual dos medicos poderá jámais attestar que foi chamado mais frequentemente para curar as molestias adquiridas pelo jejum, do que para tratar das doenças contrahidas pela intemperança e pela crapula ?

Já vistes, Sr. Butler, n'algum d'esses hospitaes, d'esses theatros de toda miseria humana, no meio de innumeras victimas da voluptuosidade ou intemperança, vistes, curastes algum doente victimado por moderado jejum ?

Entraí agora n'esses conventos e mosteiros da velha Europa, do mundo todo, onde se observa rigorosamente a lei do jejum ecclesiastico. Haverá n'esses azylos de mortificação e penitencia menos anciãos do que entre os voluptuosos

do seculo? Não observais pelo contrario alli uma vida louçã de parceria com uma longevidade superior ao commum dos deniais homens, e que poderia chamar-se privativa da vida monastica e mortificada?

Testemunho irrecusavel é a longevidade, cheia de saúde, d'aquelles celebres monges do deserto, como por exemplo, um S. Paulo Eremita, um S. Antão, um S. Hilarioã, um S. Romualdo, um S. Sabas, um S. Arsenio, um S. Eutimio, e muitissimos outros que superaram os 80, os 90 annos, os 100, os 120 annos, jejuando e mortificando-se continuamente.

Medicos esclarecidos, Sr. Butler, vossos collegas na sciencia, não deixam de recommendar encarecidamente o jejum, como causa de um grande bem para a saúde geral dos povos.

Varringh, professor de medicina na Universidade de Lovania; Hequet, decano da faculdade medica de Paris; Cohausen, proto-medico de Treviry, o celebre Linaud, o sabio naturalista Buffon, o illustradissimo Gomparte, e todos os grandes facultativos que se têm occupado do jejum e da abstinencia em suas relações com a medicina, os recommendam como *um germen fecundo da publica hygiene*.

O celebrado Lamery, em seu *Tratado dos Alimentos*, deixou escripto QUE OS MANJARES QUARESMAES OU magros SÃO PREFERIVEIS A TODOS OS OUTROS, PORQUE PRODUZEM UMA CONSTITUIÇÃO MAIS FORTE, MAIS ROBUSTA E MENOS EXPOSTA AS ENFERMIDADES.

Finalmente, o famoso medico Descuret, doutor conspicio em medicina e letras pela Academia de Paris, pronunciou-se de um modo digno de si sobre este assumpto.

Na sua *MEDICINA DAS PAIXÕES*, fallando dos meios que a Egreja tem para cural-as diz: « Aos sacramentos e á oração a Egreja une o jejum e a abstinencia, *meios hygienicos opportunos*, para modificar a violencia das paixões physicas e moraes do homem... Si o rigor da estação, a miseria, uma compleição debilitada pela idade, as enfermidades ou trabalhos, emfim, se oppõem á observancia de tal preceito, facilmente o dispensa. Quer não obstante que cada um suppra com esmolas proporcionadas a seus proprios recursos...

Admiravel instituição, que faz expirar nos labios do indigente a blasphemia contra a Providencia!... » concluindo exclama: « Quando é que as instituições humanas deram um exemplo de tão sábia solicitude, prudencia e caridade?!... »

Povo catholico! Eis-aqui a sciencia glorificando os sabios e santos preceitos de nossa santissima e gloriosa Mãe, a Egreja. Eis-aqui provado, a despeito da incredulidade e

da heresia, que o jejum e a abstinencia estão reconhecidos até pelas sciencias naturaes como uma instituição benefica para a moralidade e hygiene social dos povos, e como a mais solemne expiação que a humanidade depõe nas mãos da eterna justiça. Eis, emfim, como o jejum ecclesiastico, longe de *fazer-te apostatar de Deus*, te approxima, envez, da sua infinita bondade e misericordia.

Povo catholico! Pratica o jejum; pratica-o com santo fervor; pratica-o por espirito de penitencia em obsequio e obediencia á Santa Madre Egreja, e assim farás propicio ao Senhor, o qual te accumulará de benções n'esta e na outra vida!

CULTO DAS IMAGENS

Continuamos a desmascarar a supina ignorancia e a singular má fé dos agentes da *Nova Seita*, e principalmente do Sr. Butler, não pelo receio que nos inspira o protestantismo, mas para precaver os simples e incautos contra as ciladas da heresia, e para convencer aos mais incredulos de que os dogmas augustos da nossa Religião — a unica verdadeira —, assentam sobre argumentos solidos e irrespondiveis.

O protestantismo, nascido da soberba da razão individual, é um acto de detestavel rebeldia; o catholicismo, porém, sendo filho legitimo da verdadeira humildade christã, vive da obediencia da mente e do coração, e das grandes afirmações da fé.

O protestantismo, insuflado e dirigido pelo espirito de Satanaz, no seu insano furor de tudo demolir, ataca furiosamente o culto que a Egreja romana presta ás sagradas imagens de Jesu-Christo, dos anjos, dos santos e da Soberana Rainha dos anjos e santos, a Virgem Santissima.

Mais uma vez nos desvanecemos em repetir: o protestantismo não medra entre nós; é planta exotica, que ha de seccar por falta absoluta de ar, de luz e de calor.

Debalde busca elle combater o culto das sagradas imagens: o povo catholico, apostolico, romano, fiel ás tradições de seus paes, continúa sempre piedoso no exercicio do mesmo culto

E terá o povo catholico alguma razão para cohonestar este seu procedimento?

O protestantismo nega.

O catholicismo affirma.

Segundo os protestantes, o culto tributado ás imagens de Christo, de Maria Santissima, dos anjos e santos, é uma pura idolatria.

Segundo os catholicos este mesmo culto é a expressão da mais profunda piedade.

Quem decidirá o pleito n'esta causa ?

Tres venerandos e insuspeitos tribunaes : O da Biblia, o da Historia e o do bom senso,

Vejamos.

I

Para proceder por ordem, digamos primeiro o que é culto, e que são as imagens.

— Culto, vem do verbo latino cólere, honrar ; e significa o acto com que reconhecemos e attestamos a excellencia de outrem, e a nossa submissão a elle por esta sua mesma excellencia.

Na Igreja catholica existem tres especiaes de culto : o culto de latria ou de adoração, que ella tributa só a Deus ; o culto de dulia ou de servidão, ou de veneração, praticado para com os Santos, os servos de Deus ; e o culto de hyperdulia, tributado á Virgem Santissima e Mãe dignissima de Deus.

— As imagens são representações, figuras de Christo, de Maria Virgem, de Anjos e de outros Santos ; representações e figuras fundidas em metal, esculpidas no bronze, no marmore, na pedra, pintadas na tela, ou entalhadas na madeira.

E que culto prestamos nós, os catholicos, a essas imagens ?

Não é certamente o culto supremo, o culto absoluto, o culto de latria, que só é devido a Deus.

Nós prestamos ás imagens um culto relativo.

Assim, por exemplo: quando adoramos a imagem de Jesu-Christo, e veneramos as imagens da Virgem Maria, dos Anjos e dos Santos, queremos dizer, que adoramos a Christo, veneramos a Maria, a S. Miguel, a S. João Baptista, a S. Pedro, etc, pintados ou representados em uma tela, ou esculpidos no bronze no marmore, ou, em fim, entalhados na madeira.

Adoramos, por ventura, a pedra, o marmore, o bronze, o pão, o papel, o ouro ?

Nem por sombra.

Nossa adoração ou veneração remonta e refere-se ao modelo, ao prototypo que as imagens representam.

Aqui tendes, Sr. Butler, a doutrina irrecusavel da interpretação genuina que acabamos de fazer a este respeito.

Lêde, e com vosco leiam tambem, mas sem prevenção, os vossos comparsas.

E' um decreto solemne da Igreja Catholica, congregada, em nome de Deus no concilio de Trento.

« Os fleis terão principalmente em suas egrejas imagens de Christo, da Bemaventurada Virgem, e dos Santos, conservando-as, prestando-lhes a honra e a veneração devidas; não que se creia que ha nas imagens alguma divindade, alguma virtude, por cujo motivo sejam veneradas, se lhes dirija supplicas, n'ellas se deposite confiança, como faziam os pagãos, que punham nos idolos sua esperança; porque a honra que lhes damos refere-se aos modelos que elles representam, de maneira que, quando beijamos as imagens, nos descobrimos, nos ajoelhamos diante d'ellas, adoramos a Christo e veneramos os Santos que ellas representam». (Sessão 25.)

Entendeis, Sr. Butler? Quando honramos as imagens, nós outros catholicos não crêmos que n'ellas existe alguma divindade; não temos confiança nas imagens, como si ellas tivessem consciencia, uma vitalidade propria, um poder sobrenatural.

Não; não adoramos a madeira, não adoramos o bronze, não adoramos a pedra, a prata, o ouro, como calumniosa e gratuitamente affirmaes vós outros protestantes. Adoramos, sim, a Christo nosso Divino Redemptor, vivo na Eternidade, poré'n representado em uma imagem; veneramos a immaculada Virgem Maria, os Anjos e Santos; não aquella matéria, aquelle marmore, aquella pedra, aquella tela, aquelle papel de que são feitas essas imagens, mas sim Maria Santissima Mãe de Deus, os Anjos e Santos, creaturas privilegiadas, amigos e favoritos de Deus, que vivem e reinam com Deus na eterna gloria do céu.

E' este, Sr. Butler, o culto que prestamos ás imagens, de conformidade com a definição da Igreja Catholica.

E será isto o que vós chamais *uma pura idolatria*?!...

Oh! prodigio de ignorancia! Oh! portento de má fé!!..

II

Entretanto, ahí estão, dizeis vós, as ordens terminantes de Deus em contrario.

Disse Deus a Moysés: « Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egypto, da casa da servidão.

« Não terás Deuses estrangeiros (notai bem as palavras: « não terás deuses estrangeiros ») diante de mim.

« Não farás para ti imagem de esculptura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no céu, e do que ha em bai-

xo na terra, nem de cousa que haja nas aguas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto, porque eu sou o senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso que vingará a iniquidade dos paes nos filhos até á terceira e quarta geração d'aquelles que me aborrecem, e que usa de misericórdia até mil gerações com aquelles que amam e guardam os meus preceitos ».

(Exod. cap. XX, 2 a 5.).

« Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis para vós idolos, nem imagens de escultura, nem levantareis columnas, nem na vossa terra poreis pedra assignalada para a adorardes, porque eu sou o Senhor vosso Deus ». (Levit. cap. XXVI, 1.).

« Maldito o homem que faz imagem de escultura ou fundida, que é a abominação do Senhor, a obra da mão dos artífices, e a põe em lugar escondido ». (Deuter. cap. XXVII, 15.).

Estais vendo, dizeis vós, estais vendo, ó catholicos, o mandamento terminante e prohibitivo de Deus? : Não fabricarás escultura, não farás imagens !....

.....

Perdão, Sr. ministro Butler; mais uma vez vos dizemos: « Errais, não *conhecendo* as escripturas, nem o poder de Deus ».

(Griphamos a palavra *conhecendo*, para dar-vos a entender a razão que nos levou a empregar a na epigraphe que encima estes nossos escriptos. *Sabendo*, devíamos ter escripto, como está na traducção do Padre Pereira; mas, *saber*, Sr. Butler, philosophicamente fallando é mais que *conhecer*; e vós outros prptestantes mostraes que nem sequer um simples conhecimento tendes da verdadeira Bíblia. Isto seja dito de passagem, entre parenthesis e para intelligencia de algum dos vossos infelizes comparsas, phariséu!).

Mas vamos ao que mais importa.

Que imagens, que esculturas prohibe aqui Moysés em nome de Deus?

Prohibe esculturas e imagens de *deuses estrangeiros*, como os adoravam os gentios ou pagãos.

Os pagãos acreditavam que na imagem, na escultura que elles adoravam, existia uma divindade, estava um Deus. Não acreditavam, não admittiam um só Deus todo Poderoso; mas muitos deuses.

Por isso, vemol-os prostrados diante de um Jupiter

incestuoso, diante de um *Marte sanguinario*, diante de um *Mercurio ladrão e alcoviteiro*, diante de um *Baccho crapuloso* diante de uma *Venus impudeca*, diante de uma *Diana* — a *Deus a livre de amante pensamento* !.,; tributando honras divinas, abomináveis adorações a essa cafila de bandidos que povoavam o seu degradante *Olympo*.

Foi justamente a fabricação d'esses ídolos que o Deus verdadeiro prohibio e condemnou, e que nós prohibimos e condemnamos também.

Mas, é esse culto que nós deferimos ás imagens dos Santos? E' esse o culto adoptado pela igreja catholica, o culto das imagens, o culto relativo que remonta a Deus e aos seus Santos?

Não, Sr. Butler; mil vezes não. Só vós e os vossos sectarios collegas podeis gratuita e calumniosamente affirmar-o. Nós o negamos racionalmente.

E o que visou Moysés, isto é, o proprio Deus pelo ministerio de Moysés, quando condemnou os ídolos?

Responda por nós a mesma Biblia.

Deus, apparecendo a Moysés no deserto de Madian, disse-lhe: « EU SOU O QUE SOU »; isto é: sou o SER absoluto, o SER necessario, o SER infinitamente perfeito. (Exod. III, 14).

Com isto quiz Deus dar aos hebreos uma noção correcta de si mesmo, e afastal-os do polytheismo, do culto de muitos deuses, da adoração dos ídolos, a que se entregaram as nações visinhas.

E' esta, Sr. Butler, a ponderosa razão da tal prohibição, de que tanto fallais, e tão ineptamente, vós outros inimigos gratuitos das sagradas imagens.

Tão certo é isto que o mesmo Deus auctorisou a formação de estatuas ou figuras de ouro, representando Cherubins, para serem collocadas sobre a Arca Santa.

Lemos no cap. XXV e XXXVII do Exodo que Deus mandou fabricar uma arca, um propiciatorio e um oraculo, tudo de ouro finissimo.

De ambos os lados do oraculo, dois Cherubins, (duas figuras), representando Anjos, que estendiam suas azas sobre o propiciatorio.

Agora, dizei-nos, Sr. Butler: esses Cherubins, essas figuras de Anjos, não são obra de esculptura?

Não serão imagens?

Não é verdade que o proprio Salomão, segundo lemos no cap. VI do livro III dos Reis, construindo o magestoso templo, mandou também fabricar Cherubins, ou figuras de

Anjos, além de esculpir nas paredes palmas e diversas figuras?

Não é verdade que a mesma arca era objecto de veneração summa para os hebreos?

Josué conta, no cap. VII, que elle mesmo se prostrou com todos os anciãos diante da arca.

Ora, é evidente, Sr. Butler, que, segundo a vossa erronea doutrina, Salomão, Josué e os anciãos de Israel commetteram o abominavel crime, o crime execrando de idolatria !!!

Tereis coragem de sustentar este paradoxo, esta consequencia, aliás filha legitima de vossos principios?

Mais ainda : sabemos pelo livro II dos Reis, cap. VI, que o Santo rei David transportou esta mesma arca, objecto de veneração immensa, da casa de Abinadab até á de Obedom, e d'ahi até á cidade do mesmo David.

Essa memoravel trasladação fez-se com o maior apparato religioso : canticos sagrados, hymnos melodiosos, musica divina, uma enorme procissão de TRINTA MIL PESSOAS !

Lemos, finalmente, no Livro dos Numeros, cap. XXI, 8, que Deus disse a Moysés : « FAZE UMA SERPENTE DE METAL, e põe-na por signal : todo o que, sendo ferido, olhar para ella, viverá. » Ora, esta serpente de metal, Sr. Butler, foi, como não podeis negar, uma figura, uma imagem, uma representação de Christo levantado na cruz. E' o mesmo Divino Salvador quem o affirma, dizendo : « E como Moysés no deserto levantou a serpente, assim importa que seja levantado o Filho do homem. » (João, cap. III, 14). Mas si foi licito e salutar o uso da velha figura que symbolisava a futura Paixão de Christo, não sabeis dizer-nos porque razão ha de ser illicito, prejudicial, prohibido o uso da imagem sagrada do mesmo Christo, o qual padeceu e morreu na cruz para nós salvar ?

O Apostolo S. Paulo, diz : « Deus exaltou (Jesus) e lhe deu um nome que é sobre todo o nome. Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céos, na terra e nos infernos. » (Philip. II, 9, 10).

Logo, segundo S. Paulo, ao nome de Jesus é devido o supremo culto de *Latria*, não ao som da voz transeunte, e sim A'quelle que o nome significa e exprime, e está na gloria de Deus Padre.

Ora, o que é para os ouvidos o nome que pronunciamos, é tambem isso mesmo para os olhos a imagem que contemplamos : e, si é licito e pio, antes preceituado, adorarmos o nome de Jesu-Christo, porque não deve ser igualmente li-

cito, pio, santo, o adorarmos as imagens do mesmo Jesu-Christo ?

Sr. Butler, estaes derrotado, vós e os vossos infelizes comparsas, e com ambas as mãos cobri vosso rosto pela ver-honha !

O culto das imagens está plenamente justificado perante o tribunal venerando da propria Biblia. Sim a mesma Es-criptura Sagrada auctorisa solemnemente o culto das sagradas imagens, não como o querem os gentios, nem como vós outros protestantes o entendeis ; mas, como o quer e entende a Egreja Catholica.

A Biblia, portanto, vos condemna.

Para onde recorreis ? Para que tribunal appellareis ?

Para os da Historia e do bom senso ?

Pois sim : ahi mesmo bater-vos-hemos victoriosamente, triumphalmente.

Confessai, entretanto, que a vossa Biblia é falsa, e que os falsificadores d'ella sois vós outros protestantes.

III

Em suas discussões com os catholicos, sóem os protestantes appellar para a Egreja primitiva, e dizem que nos tres primeiros seculos havia grande fervor religioso : a fé e os costumes se conservavam integros e puros.

Pois bem, Sr. Butler, nesses tres primeiros seculos, nesses tres seculos de ouro, de fervor religioso e de pureza doutrinal nós encontramos auctorisado o culto das sagradas imagens.

Na verdade, Eusebio, historiador famoso, ecclesiastico, refere que a tal mulher do evangelho, que *havia doze annos padecia um fluxo de sangue*, e que foi prodigiosamente curada, tocando só o vestido de Jesu-Christo (Math. IX, 20, 21) ; em memoria d'esse insigne beneficio levantou ao mesmo divino Salvador uma estatua de bronze, por elle mesmo Eusebio vista e admirada n'uma das praças de Cesaréa de Philippe. (*Livr. 7, histor. eccles. cap. 18.*).

Philostorgio assevera que os christãos tributavam grande homenagem de honra e veneração á dita imagem de bronze. (*Livr. 7, histor. cap.*). *Sozomeno* conta que essa estatua foi quebrantada por Juliano—o Apostata—não porque este julgasse illicitas as imagens, mas porque ella representava Christo, a quem elle odiava, e os christãos honravam na ferida imagem. (*Livr. 5, histor. eccles. cap. 20.*)

Concluindo, finalmente, a narração d'essa estatua, o mesmo *Eusebio* accrescenta :

« Não é para admirar que os gentios, em vista dos recebidos beneficios de Christo, lhe prestassem este culto ; pois inda hoje vemos as pinturas das imagens dos Apostolos Pedro e Paulo, e do mesmo Christo, conservadas em taboas para nossa memoria. » (Logar citado).

.....
Entremos, Sr. Butler, nas catacumbas de Roma ; penetremos nesses antigos cemiterios, onde a Egreja primitiva sepultava-se viva, para escapar á perseguição e á morte dos imperadores tyrannos : alli encontraremos, sem duvida o culto das imagens. Veremos figuras gravadas em calices, nas pedras, nas paredes, nos tumulos dos martyres ; veremos a cada passo representada a imagem da Virgem Maria com o menino Jesus nos braços, rodeada de uma aureola, symbolo de veneração ; veremos outras muitas imagens, principalmente a de Christo, representado, ora sobre uma montanha, da qual brotam quatro grandes rios, e ora coumo o bom Pastor carregando sobre seus hombros a ovelha desgarrada.

Ora, si a Egreja dos tres primeiros seculos, si o christianismo ainda nas faixas da sua infancia, n'esses tempos, dizemos, de pureza doutrinal, acceitava e praticava o culto das imagens, como é, Sr. ministro, que vindes dizer-nos hoje que esse culto é abominavel, é uma pura idolatria ?

Condemnai então o christianismo ; dizei, sim, que tantos milhões de fieis foram, por espaço de trezentos annos, todos idolatras ; assentai e sustentai, si podeis, que houve um grande eclipse na doutrina christã, e foi mister que viesse a vossa heresia para aclarar os horisontes !!!

Affirmai e demonstrei, emfim, que o Christianismo não foi obra de Christo e dos Apostolos, senão de Martinho Lutthero, de Calvino & C.^a, no seculo XVI !...

IV

O culto prestado ás sagradas imagens é superstição, é idolatria ? !

Mas, sabeis dizer-nos, Sr. Butler, quaes foram os homens que primeiro fizeram esta importante descoberta ?

E' certo, é incontestavel, que quando a Egreja primitiva sahio das catacumbas, adquirindo sua plena liberdade, mercê da pujante protecção de Constantino, o Grande, vio-se surgir por toda a parte templos, egrejas e capellas, e dentro

d'esses monumentos da piedade christã as estatuas dos Santos, da Virgem Santissima e de Nosso Senhor Jesus-Christo. Porém, qual o principio da hostilidade contra o culto das imagens ?

No Oriente, *Mahomet* foi o primeiro que, no seculo VII, prohibio as imagens, dizendo que o culto d'ellas era uma idolatria.

Sob o futilissimo pretexto de destruir esta pretensa idolatria, *Leão Isáuro* declarou guerra furibunda ás imagens, no seculo VIII.

No anno de 754, *Constantino Copronymo*, seguindo a impiedade de seu infeliz pae, condemnou o uso e o culto das imagens.

A Copronymo succedeu *Leão IV*, o qual, de parceria com o imperio, herdou tambem o odio e o furor de seus paes contra as sagradas imagens.

Porém, restabelecido este culto, é de novo debellado por *Nicephoro*, por *Leão Armeno* e por *Theophilo*: mas o filho d'este, tendo sido educado catholicamente por sua mãe *Theodora*, extinguiu completamente no Oriente a heresia dos *iconoclastas*.

Assim, a Egreja Catholica permaneceu sempre na sua fé; continuou na posse do culto das imagens, sustentado com todo o vigor contra esse ataque brutal por um S. Germano, patriarcha de Constantinopla, por um S. Sophronio, patriarcha de Jerusalém, por um S. João Damasceno, por um Theodoro Studita, pelo Papa S. Gregorio II e outros Doutores insignes da mesma Egreja.

Agora, Sr. Butler, já sabeis dizer d'onde veio esta estulta e cruel hostilidade ao culto das imagens. Veio da corrupção e da heresia. Veio da imbecillidade, da depravação dos costumes, do despotismo e da tyrania dos imperadores de Bizancio, os quaes, entregues ás intrigas de uma côrte frivola e corrompida, acobardados diante do alfange dos Sectarios de Mahomet, lembraram-se de atacar o culto das imagens, para agradar aos ferozes invasores, inimigos natos da civilisação Christã.

Na IDADE MEDIA, em plena florescencia e dominio do Christianismo, vêmos e admiramos essas esplendidas Egrejas de estylo gothico, todas ellas povoadas de imagens, de pinturas, de esculpturas, de mosaicos bellissimos e preciosissimos.

Rebentou, é verdade, a heresia semeada, no seculo XII, pelos *Pedrobrussianos*; no seculo XIII, pelos *Waldenses* e

Albigenses ; no seculo XIV, pelos *Wiclefitas* ; no seculo XV, pelos *Hussitas*, no seculo XVI, finalmente, pelos *Noradores* ou *Protestantes*.

Foi então, e só n'essas epochas, que reappareceu a guerra contra o culto das sagradas imagens, culto aliás profundamente arraigado nos costumes christãos da Igreja do Occidente.

Porém, contra essa guerra brutal e estúpida que ainda hoje perdura, congregou-se o concilio de Trento, e, no decreto já por nós citado, foi fulminado o erro e restabelecida a verdadeira doutrina do Christianismo.

Queirais ou não queirais, Sr. Butler, é esta a verdadeira, a genuina historia do culto das sagradas imagens.

Semelhante culto atravessa dezenove seculos ; é acceito pelas maiores notabilidades do mundo scientifico, por homens, dizemos, nimiammente doutos e virtuosos, pelos Pastores da mesma Igreja, e é estabelecido em todas as plagas do orbe.

Quod semper, quod ab omnibus, quod ubique ! . . .

E, ousareis ainda, Sr. ministro, alcunhar de falso, de supersticioso, de idolatrico e abominavel, culto tão antigo, tão universal e approvado pelo que ha de mais conspicuo no Christianismo ?

Infeliz heresia ! quão cega és tu e quão impudente !

Si o culto deferido ás imagens fosse falso, quem poderia garantir-nos que ainda possuímos a verdadeira doutrina de Jesu-Christo ?

Derrotado, Sr. Butler, esmagado e condemnado, como ficas no tribunal da Historia, vejamos si o não sereis também no tribunal da recta razão e do bom senso.

V

O culto das sagradas imagens está de pleno accordo com a sã razão ; e a guerra que os protestantes fazem ás mesmas é uma guerra irracional, estúpida, selvagem.

Na verdade, não será exacto que estimais, Sr. Butler, e respeitais o retrato de vossos paes e de todas aquellas pessoas, a quem consagraes vivo e sincero affecto ?

Não será certo que desejaes possuir com mais ardor esses retratos, quando por ventura já morreram vossos pais, ou essas pessoas de vossa amizade se acham ausentes ?

E, adquiridos esses retratos de vossos paes, de vossos irmãos, de vossos amigos, não ireis vós, Sr. ministro, procurar em vossa casa um lugar decente para collocar-os ?

E, collocados decentemente no santuario de vosso lar domestico, não é verdade. Sr. Butler, que ficariéis possuido de justa indignação, si Frei Celestino, ou algum insensato fosse arrancar brutalmente o retrato de vossa querida mãe, de vosso venerando pae, de vossa irmã dilecta, e sob o futilissimo pretexto de que são « *umas figuras que Deus prohibe na Sagrada Escriptura,* » atirasse com elles ao chão, e os pisasse aos pés ?

Respondei, Sr. Butler : não é assim ? não farieis isto mesmo ?

Pois bem ; o culto das sagradas imagens é baseado neste principio inconcusso de sã razão, neste sentimento nobre, santo, approvado por todos.

Nosso Senhor Jesu-Christo, a Immaculada Virgem Maria, os Anjos e Santos da corte celestial vivem e reinam gloriosos com Deus na eternidade.

Nós outros catholicos os consideramos como nosso Pae, nossa Mãe, nossos irmãos e amigos do céu.

E porque os amamos entranhadamente, querendo delles ter uma recordação, uma piedosa lembrança, mandamos fazer os seus retratos, e os collocamos em logar de honra, em nossos templos, em nossas egrejas, em nossos oratorios, e diante delles nos ajoelhamos humildes e reverentes.

Entendei, Sr. Butler ; entendam mais uma vez os protestantes todos : não dizemos á imagem de Christo, feita de ouro, de prata, de bronze, de marfim, de pedra, de pao, de papel : « *Eu vos amo ; eu vos adoro ;* » mas, dizemos a Christo que vive e reina no céu, representado nessa imagem, nessa estatua : « *Eu vos amo, eu vos adoro.* »

Não ; não é á imagem de Maria que dizemos « *Eu vos amo ; eu vos venero ;* » mas sim, A'quella prodigiosa Mãe de Deus, representada nessa imagem, e que vive e reina com o mesmo Deus nos páramos immensos da eternidade, que nos dirigimos, dizendo-lhe : « *Eu vos amo, eu vos venero.* »

São elles retratos perfeitos de Christo, de Maria sempre Virgem, dos Anjos, dos Santos, dos grandes servos e amigos de Deus ? Ah ! nós catholicos os respeitamos, os honramos, os collocamos em logar decente, e queremos, desejamos, exigimos rasoavelmente que todos lhes prestem as devidas homenagens.

Haverá em tudo isto alguma cousa que se não conforme com a recta razão e o bom senso ?

Venha contestar-nos com argumentos irrecusaveis a razão protestante do Sr. Butler, ou de qualquer outro ministro.

Mas, enquanto elles mastigarem seus erros lá em suas *chafaricas*, nós lhes perguntamos : como é que havemos de consentir que estas sagradas imagens, estas respeitaveis figuras, estas venerandas representações sejam arrancadas de nossas egrejas, de nossos oratorios por vós, infelizes sectarios, e atiradas ao chão, lançadas nos rios, queimadas, destruidas ?

Seria, porventura, porque ellas não fallam ?

Engano, manifestissimo engano.

As imagens fallam, prégam, instruem.

Entremos n'uma egreja catholica. Eis-ahi aquelles quatorze quadros : significam a VIA-SACRA, e elles nos ensinam a historia da paixão dolorosa e da morte horrivel de Christo, desde o pretorio de Pilatos, até ao Calvario, para remir a humanidade.

Aquella outra é uma imagem do Coração de Jesus : ella nos ensina o amor immenso, incomprehensivel, infinito com que Jesus nos ama, representado no seu sacratissimo coração.

O que diremos das virtudes ensinadas pela imagem do Bom-Jesus dos Passos ? Que de lições sublimes e admiraveis brotam espontaneas da vista de um crucifixo !...

Quem contempla a imagem de Maria, em tantas primorosas obras do immortal Urbinate, vê, pasmo de assombro, transudarem d'esses quadros, desses paineis admiraveis a dignidade de rainha e a humildade de serva, a pureza de virgem e o affecto de Mãe, a dôr da terra e o esplendor do céu, a innocencia do sorriso e a delicadeza do pudor, a ternura do amor e o extasis da prece, a constancia do martyrio e bemaventurança da gloria.

Deante das venerandas imagens de um S. Pedro, de um S. Paulo, de um S. Francisco de Assis, de um S. Antonio de Padua, de um S. Sebastião etc., não ha quem possa deixar de admirar os exemplos vivos e luminosos de heroismo, de abnegação, de generosidade, de pobreza, de paciencia, de humildade, de obediencia, de mortificação, de caridade.

Sim, Sr. Butler ; as imagens fallam, prégam, instruem ; e na sua mudez têm uma eloquencia tão singular que não ha palavra fallada ou escripta, que se lhe avantaje.

E senão, quem inspirou o genio artistico de Affonso Domingues, de Frei Angelico, de Raphael, de Murillo, de André Del Sarto, de Leonardo da Vinci, de Dominichino, de Miguel Angelo Buonarroti ?

Foi o culto das imagens. Estudai a historia, Senhor.

Logo temos pleno direito de affirmar que o ataque, a

guerra desabrida que fazeis ás imagens é um ataque irracional, é uma guerra selvagem e brutal.

.....
Povo! Povo catholico! odeia, abomina, detesta o protestantismo, esse monstruoso acervo de erros, de blasphemias e heresias. Foge dos protestantes, d'esses *iconoclastas* sacrilegos, d'esses emissarios de Satanaz, e continúa a venerar as sagradas imagens, prestando-lhes aquelle culto que te ensina a Egreja catholica, e é conforme com a Biblia, com a Historia e com o bom senso.

Primado de S. Pedro e de seus legitimos successores

Encerremos, finalmente, esta polemica religiosa, abordando a mais momentosa, a importantissima questão sobre a instituição, natureza e perpetuidade do Primado apostolico, tão leviana e ridiculamente impugnado pelo illustre Dr. George Butler.

Ninguém se admire, porém, que esse *Sr. Ministro* e todos os protestantes se insurjam desesperadamente contra a primazia de S. Pedro, porquanto, farejando elles a transcendencia dos dogmas catholicos, vêm e conhecem claramente que é justamente n'este Primado apostolico que *consiste toda a força e solidez* da mesma Egreja Universal.

A doutrina dogmatica da Egreja Romana é que, a S. Pedro, e só a elle, foi directa e *imediatamente* conferido por Jesu-Christo o Primado de honra e de jurisdicção sobre toda a Egreja; e que este Primado devia ser, como é, perpetuo, e por isso transmite-se a todos os legitimos successores de S. Pedro, os Pontifices Romanos.

Não é nova esta doutrina catholica: a Egreja não inventa, nunca inventou e nem póde inventar dogmas; mas a foi beber nas fontes purissimas da palavra de Deus—a BÍBLIA e a TRADIÇÃO.

Nova é pelo contrario e, portanto, falsa a doutrina do Sr. Dr. Butler, o qual, abocanhando o Primado e a Infallibilidade do Papa, disse, na memoravel discussão publica, havida na cidade de Garanhuns, que « o proprio S. Pedro « affirmou que Christo era a unica cabeça da Egreja. » (Act. IV, 10, 12); « Que S. Pedro era fallivel, porque foi reprehendido « por S. Paulo » (Galat. II, 11) « Que as palavras de Christo: *Tu és Pedro*, etc., se devem entender da

« maneira seguinte: *Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra fundamental, QUE SOU EU MESMO, edificarei a minha Igreja.* » — « Que as chaves que Christo prometteo e deu a S. Pedro foram para este abrir e fechar (não sabemos que portas) lá em Jerusalém, com referencia aos Gentios: *Pedro abriu e fechou*, disse esse Sr. Ministro, e *acabou-se o poder das chaves.* » — « Que Pedro, finalmente, não podia ser constituido por Christo Chefe Supremo da Sua Igreja, porque uma vez lhe chamara *Satanaz*, que quer dizer — *Demonio!* »

.....
Que S. Pedro foi constituido por Jesu-Christo Supremo Chefe, Pastor e Gerarcha da Igreja Universal; e que os bispos da Igreja de Roma são os legitimos successores deste grande Apostolo, infalliveis tambem como S. Pedro, resulta claramente da propria Biblia e da Tradição.

Procedamos por ordem.

I

SÃO PEDRO FOI DIRECTAMENTE CONSTITUIDO POR JESU-CHRISTO CHEFE SUPREMO DA SUA EGREJA

Isto, Sr. Butler, se desume em primeiro logar das prerogativas singulares e exclusivas de S. Pedro, consignadas nas paginas da Sagrada Escriptura.

1.º Com effeito, promettera Jesus Christo, na presença dos outros apostolos, a Simão mudar-lhe o nome: « Tu és Simão filho de João: Tu serás chamado Cephaz, que quer dizer Pedro ou PEDRA » (Joan I, 42).

O que Christo prometteo devia infallivelmente cumprir. E não só cumprio a promessa, como lemos em S. Marcos: « E pôz a Simão o nome de Pedro. » (cap. III, 16). Senão tambem interpretou este nome: « Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. » (Math. XVI, 18).

Não vos esqueçaes, Sr. Butler, que d'esta promessa e do seu cumprimento os demais apostolos foram testemunhas.

Pois bem, de duas uma: ou a mudança do nome de Simão em Pedro foi um acto pueril, illusorio, sem sentido, indigno, portanto, de um Deus: ou então com essa mudança entendeu Christo conferir a Pedro aquillo mesmo que este nome significa: idest, o SER PEDRA, ou fundamento da Igreja Universal.

Seria por ventura arbitraria esta interpretação?

— Não o imagineis. E' ella fundada na mesma Biblia divina. Lêde o cap. XVII do Genesis, e ali vereis que Deus mudou o nome de Abram no de *Abraham*, porque o constituiu pae de muitas nações. — No mesmo cap. v. 15, mudou o nome de Sarai em *Sara*, para denotar que ficava sendo abençoada em si e na sua descendencia. — No mesmo livro, cap. XXXII, 28, mudou ao neto deste S. Patriarcha o nome de Jacob no de *Israel*, que significa : *forte contra Deus e vencedor dos homens*.

Ora, si a Simão, filho de Jona, mudou Christo o nome, chamando-lhe Pedro, não é evidente que o mesmo Christo lhe conferio, e só a elle, directa e immediatamente, a singularissima prerogativa de ser fundamento ou PEDRA fundamental da sua Igreja ?

E notai bem ainda, Sr. Butler, que o nome de Pedro, de preferencia aos dos outros apóstolos, achamol-o repetido 23 vezes em S. Matheus, 18 em S. Marcos, 31 em S. João, 52 nos Actos Apostolicos, 3 em S. Paulo, 2 em S. Pedro ; São Paulo, além d'isso, o menciona 6 vezes com o nome de *Cephas*.

— Que quer dizer tudo isto ?

— Basnage, theologo calvinista, responde confessando que este nome novo de Pedro, posto a Simão, lhe confere uma peculiar distincção, e o torna singular entre os outros apóstolos. (*Annal. Politic. Ecclesiast.* anno 30, n. 32).

— 2.º — Os proprios apóstolos tinham perfeito conhecimento desta honrosa prerogativa conferida por Christo a S. Pedro, e só a elle ; por isso os Santos evangelistas o nomeiam em primeiro lugar.

Na verdade, S. Pedro é na Biblia nomeado sempre pelo seu nome, ao passo que os outros apóstolos o são de um modo geral. « Simão e os que estavam com elle. » (Marc. I 36). « Dizei aos seus discipulos (de Christo) e a Pedro » (Idem, cap. XVI, 7). « Pedro em companhia dos onze » (Act. II, 14 — I.ª Côr XV, 5). « Disseram a Pedro e aos demais apóstolos » (Act. II, 37).

Lêde ainda, Sr. Butler, S. Marcos, III, 16 : — S. Lucas VI, 14 ; — Act. I, 13 ; e ali vereis como S. Pedro é sempre nomeado em primeiro lugar. Negareis vós que S. Matheus, na enumeração dos apóstolos, diz que S. Pedro é o primeiro de todos ? *Primus Simon, qui dicitur Petrus* (cap. X, 2). Isto é : o principal, o Chefe, o Superior dos doze apóstolos.

Observai mais : Dizendo S. Matheus que S. Pedro é o primeiro, não diz dos outros : e o segundo é André, o terceiro Thiago, o quarto João, etc. Signal evidente que o Santo evangelista, divinamente inspirado, alludio aqui á

manifesta superioridade de S. Pedro, e á perfeita igualdade dos outros apóstolos entre si.

Podereis explicar, Sr. Butler, estes e tantos outros factos uniformes e constantes, que lemos na Biblia, sem admitir que os demais apóstolos tivessem perfeito conhecimento do primado de S. Pedro?

Porque essa preferencia, essa primazia dada a S. Pedro em todos esses exemplos?

Foi talvez por causa da sua idade, ou por primazia de sua vocação? — Não, Sr. Butler; pois que ainda ninguém demonstrou que S. Pedro fosse o mais velho dos apóstolos; ao passo que é fóra de duvida não ter sido elle o primeiro chamado por Jesus Christo. (João I, 40).

« O primeiro a ser chamado e que seguiu o Salvador foi André; e todavia o primado não foi concedido a André, e sim a Pedro » diz S. Ambrozio (in Cor : XII, 11), para não citarmos outras auctoridades.

Que outra razão, pois, podia haver para isso, senão a expressa vontade de Jesus-Christo, que o quiz para chefe Supremo da sua Igreja?

— 3.º — O mesmo S. Pedro, conscio d'esta sua excelsa prerogativa, se propõe sempre no primeiro plano, apparece sempre o primeiro em tudo.

— E' o primeiro a ordenar, com a eleição de S. Mathias, o preenchimento da vaga aberta no collegio apostolico pela traição de Judas.

— E' o primeiro a dar publico testemunho da resurreição de Jesus-Christo, a interpretar com auctoridade as Escripturas, a promulgar a lei da graça. (Act. I, 15—II, 14).

— E' o primeiro a confirmar a fé christã pelo estrondoso milagre, que elle operou na pessoa do pobre côxo da porta Especiosa (ibid. III, 7). — E' o primeiro a annunciar o nome SS. de Jesus aos filhos de Israel, convertendo, em dois sermões, oito mil almas (ibid. V, 15).

— E' o primeiro a exprobrar e fulminar com a sua palavra vibrante o crime dos Escribas e Phariseus, dos principes do povo e sacerdotes da lei (ibid. IV, 8, 9, etc.)

— E' o primeiro a exercer o poder coercitivo na Igreja inda nascente, ferindo de morte a Ananias e a Saphira, pela mentira que pregaram ao Espirito-Santo em peso; e a Simão — o magico — excommungando, pela sua execravel tentativa de querer comprar por dinheiro as cousas santas (ibid. V, 1 e seg. — VIII, 20).

— E' o primeiro, enfim, que percorre e visita as egrejas perseguidas, deixando-as confirmadas na fé (ibid. IX,

52) ; que ergue continuamente a voz em defesa da Igreja universal, e lhe dá opportuna orientação, e propõe as mais importantes questões no Concilio apostolico, e define a doutrina que se deve seguir, e o seu alvitre põe termo ás discussões animadas d'aquella augusta assemblea (ibid. XV, 7).

— 4.º — A Igreja, Sr. Butler, a mesma Igreja, ainda envolta nas faixas da sua infancia, reconheceu e apregooou em S. Pedro esta grandiosa prerogativa do Primado apostolico.

Pedro, com effeito, é o unico, entre todos os apóstolos, por quem, estando preso e manietado por Herodes, a Igreja universal abala-se e ora fervida e incessantemente a Deus, para que o livre d'esse carcere e de tantos outros consequentes males (ibid. XII. 5).

Este facto, Sr. Butler, é mui significativo; pois que nunca a Igreja Universal costumou orar publicamente por pessoas privadas, nem por superiores subalternos, mas só pelo Chefe Supremo da mesma. Oh! os outros apóstolos não foram porventura presos e lançados em medonhos calaboiços e em fundas masmorras, antes e depois de S. Pedro?

E onde está na Biblia divina que se tivesse feito oração publica e universal por qualquer um d'elles?

— 5.º — Finalmente, o proprio Divino Mestre tem distinguido de uma maneira clara e terminante a este grande apóstolo entre todos os seus charos discipulos.

Na cidade de Capharnaüm Jesu-Christo paga o tributo a Cesar por si e por Pedro *unicamente*, apesar de se acharem presentes os demais apóstolos (Math. XVII, 26).

Observai, Sr. Butler, que semelhante tributo não se exigia senão dos superiores ou chefes de familias. Foi n'este sentido que os exactores, queixando-se, perguntaram aos apóstolos: « Vosso mestre não paga as duas drachmas? » (ibid. v. 23).

Logo, si Jesu-Christo pagou, como chefe que era de todos, porque quiz pagasse tambem Pedro, e com *igual quantia*?

Este facto pareceu aos apóstolos, e era realmente, um acto que constituia esse apóstolo Superior a todos elles. D'ahi a controversia sobre saber qual d'elles devia se reputar o maior no reinado dos céos. E notai, Sr. Butler, que Jesu-Christo não só não negou que d'entre elles algum lhe seria superior em auctoridade; mas até a esse, que lhes havia de presidir como Chefe, ensinou que não devia desvanecer-se com a prerogativa, senão humilhar-se, dizendo:

« O que entre vós é maior, faça-se como o mais pequeno ; e o que governa, seja como o que serve. » (Luc. XXII, 26).

Logo, Christo ensinou claramente que entre os apóstolos algum seria maior, algum havia de governar sobre elles.

E como Pedro tem sido sempre o preferido aos outros, é evidente que Pedro fôra escolhido por Christo para presidir ao collegio apostolico.

— Só a Pedro prediz Jesus as circumstancias da morte com que este glorioso Principe dos apóstolos devia de glorificar a Deus (João XXI, 18, 19) Só a Pedro se dirige e falla Jesus, quando no horto-oliveti reprehende os discipulos que dormem, (Math. XXVI, 40). Só a barca de Pedro Jesus prefere, para d'ella doutrinar as turbas.—Só por Pedro óra Jesus de um modo especial, para que não falte a sua fé. Só a Pedro encarrega Jesus de confirmar os seus irmãos, e isto pouco antes de Elle subir ao céu. Só a Pedro apparece Jesus resuscitado, antes de se manifestar aos outros apóstolos. (Luc. XXII, 32—XXIV, 34).

—Basta, porém, de citações, Sr. Butler.

Dizei-nos : porque tantas honras, tantas preferencias, tantas considerações, tantas prerogativas, prestadas e conferidas só a S. Pedro pelos apóstolos, pela Igreja e pelo mesmo Jesu-Christo?—Como se explicão essa grande jurisdição e essa imponente auctoridade, exercidas pelo mesmo S. Pedro em tudo, sobre todos os fieis, em todos os logares e circumstancias do seu longo e fecundissimo apostolado ?

Reconhecei, reconheçamos todos em tudo isto a vontade omnipotente do Filho de Deus, o qual ordenou que Pedro fosse o Chefe Supremo da sua Igreja.

Nem penseis, Sr. *Ministro*, que sejam estes logares os classicos e unicos que demonstram irrefutavelmente o primado de S. Pedro. Não : o que temos allegado até agora mostra apenas, directamente porém, que Pedro tinha no collegio apostolico o primeiro logar, ou o primado de honra, e indirectamente o de jurisdição.

Lêde, porém, os textos seguintes que iremos, com o favor de Deus, desenvolver largamente, e arrependervos-heis, sem duvida, de haverdes ousado atacar, negar, destruir esta grande verdade biblica e tradicional, com razões ridiculas, grotescas, insubsistentes, e até com calumnias, facecias insulsas e horripilantes blasphemias, como vós fizestes na nossa celebre discussão.

.....

II

Concordará facilmente o Sr. Butler comnosco que a verdadeira Igreja é uma criação esplendida do Filho de Deus; e que n'esta criação, mais brilhante do que a do universo, ha ordem, harmonia, unidade. Pois bem, quem é a causa primaria d'esta unidade?—DEUS. E a causa secundaria relativamente a Deus, mas primaria com referencia á Igreja?—PEDRO.

E porque?—Porque assim o quiz o Salvador.

Na verdade, acha-se Jesus ás portas da cidade de Cesarea de Philippe cercado de seus discipulos. Interroga-os ahí mesmo acerca das differentes opiniões que por entre o vulgo corriam a respeito da sua personalidade. A opinião publica não assenta n'um conceito definitivo. Para uns Jesus, esse filho do homem, é João Baptista, para outros é Elias, para outros é Jeremias ou algum dos antigos Prophetas. Pois bem; tudo isto são méras opiniões de homens vacillantes nas suas apreciações—« *Vós porém, que sois meus discipulos, pergunta lhes o Divino Mestre, quem dizeis que eu sou?* »

—« Vós, responde prestes Pedro, tomando a dianteira aos outros apóstolos e illuminado por uma luz superna: « *Vós sois CHRISTO, FILHO DE DEUS VIVO!* »

—« Bemaventurado és tú, Simão, filho de João, responde o Salvador ao inspirado apóstolo; « porque não foi a carne, nem o sangue que te revelou tão sublime verdade, mas sim meu Pae que está nos céos. »

« E eu te digo que tu és PEDRA (o grypho é nosso) e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e contra ella já-mais prevalecerão as portas do inferno. A ti darei as chaves do reino dos céos; e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado nos céos, e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado nos céos. » (Math. XVI, 13 a 19).

—Aqui estão, Sr. Butler, as palavras omnipotentes do Filho do Padre Eterno, por vós tão maltratadas e mal interpretadas!

Qual é a verdadeira significação das mesmas?
Vejam.

Pedro confessa e proclama generosamente a divindade de Jesu-Christo perante os demais apóstolos; e, em recompensa de tão generosa confissão, Jesu-Christo proclama perante as mesmas testemunhas as futuras grandezas de Pedro.

—Tu és Christo, Filho de Deus vivo! Diz Pedro ao seu Divino Mestre.

—Tu és PEDRA ! Diz também Christo a Pedro, este feliz pregoeiro da sua divindade.

E com isto promette Jesus a Pedro (e só a elle, *directa e immediatamente*, porque só a elle se dirige Christo) que sobre elle havia de edificar a sua Igreja ; que lhe daria as chaves do reino dos céos ; que tudo o que ligasse ou desatasse na terra, seria ligado ou desatado nos céos.

Não vêdes, Sr. Butler, n'esta esplendida passagem bíblica a promessa divina de que Pedro será o chefe Supremo da Igreja ?

Não sereis capaz de negal-o.

Com effeito, o que pretende fazer Jesu-Christo ?— Pretende edificar uma Igreja sua, que lhe ha de pertencer de modo exclusivo : *Ædificabo Ecclesiam meam*. Esta Igreja é comparada a um edificio, solido, firme, inconcusso. E assim como a solidez do edificio depende essencialmente da solidez do alicerce, assim Christo, para realisar o seu divino intento, lança mão de um meio totalmente humano : Christo quer que Pedro seja essa base, esse fundamento firme, inconcusso, inabalavel, sobre o qual ha de assentar este edificio mystico, que ha de ter uma duração perpetua e ha de resistir a todos os assaltos do poder das trévas.

Sim, Sr. Butler, Jesus « tomará em peso esse pobre velho pescador, que acaba de confessar, altamente a sua divindade, e dará com elle dentro dos fundamentos da sua Igreja, como pedra angular a sustentar toda a magestade do edificio. »—Jesus fará d'esse apostolo timido, fraco, vacillante, uma PEDRA, communicando lhe a dureza, a solidez, a resistencia do granito ; e sobre essa PEDRA elle assentará a mole ingente do grandioso edificio que intenta construir. E' d'esta fórma que a mesma Igreja ficará indestructivel, e as portas do inferno não prevalecerão jámais contra ella.

—Não ha duvidar : a Jesus pertence essencialmente o character symbolico da PEDRA, no dizer de S. Paulo : « E esta pedra era Christo » (I.^a Cor X, 4). E o proprio S. Pedro affirma, n'este mesmo sentido, que Christo « é a pedra mysteriosa, reprovada pela perfidia judaica, mas que no plano, da Providencia, ficou sendo a pedra angular da casa de Deus. » (Act. IV, 11).

Mas tudo isto, longe de favorecer a vossa doutrina, Sr. Butler, a combate e destróe.

Porquanto é o proprio Christo quem se digna de caracterisar a Pedro com a mesma denominação figurativa de *pedra*. Jesu-Christo lhe chama PEDRA : TU ÉS ΚΕΡΗΑ, lêmos na versão aramaica, ou syro-chaldaica, em cuja lingua fallou

Jesus : « TU ÉS KEPHA, ET SUPER HUNC KEPHA, etc. *Tu és Pedra, e sobre esta pedra, etc.* (ou na lingua ingleza que vós fallais : « *thou art Stone and upon this very stone* ; ou na franceza : « *tu es Pierre, et sur cette pierre.* ») (Vid. *Tanqueray*, tom. 1. pag. 369)

E com isto quiz Jesus dizer a Pedro :

« Estabelecerei entre mim e ti uma intima relação de semelhança, ou uma perfeita identificação de attributos. Pelo que tu serás por participação, o que Eu sou por natureza. »

Nós outros catholicos crêmos e confessamos, como todos vós protestantes, que Jesu-Christo é o auctor, a pedra angular, o summo chefe, a unica cabeça invisivel, o fundamento divino da Sua Igreja. Mas, por Deus, obsta isto, Sr. Butler, a que S. Pedro fosse constituido pelo mesmo Christo fundamento e chefe visivel da mesma Igreja, em compensação de ter esse apostolo confessado generosamente a sua divindade ? Em que ficaria premiada a confissão de Pedro, se as palavras de Christo se devessem entender como vós acabais de interpretal-as ?

« Quando Christo disse a Simão » « *Tu és Pedro,* » apontava para o apostolo, affirmaes vós, não é assim ? E quando disse : « *E sobre esta pedra edificarei a minha Igreja,* » punha a mão sobre o peito, designando com isto a sua pessoa !

Ora, Sr. Butler, entrará e caberá isto no cerebro de um Dr. Medico, e de um ministro protestante, como vós ?

Isto é simplesmente ridiculo, indigno de Christo, sobre ser contra a mesma grammatica.

Na verdade, admittida por um instante a vossa tolissima interpretação, o que promettia Christo a Pedro nas citadas palavras ?— Nada : antes quiz Elle brincar com o apostolo, dizendo-lhe : *Tu és pedra, mas não és pedra, a pedra sou eu.* »— « *Tu és feliz, Simão, filho de João, porque confessaste, inspirado por meu Pae celeste, a minha divindade. Em premio, pois, d'esta generosa tua confissão, eu te digo que tu és Pedro d'hoje em diante, mas não és superior aos teus irmãos no apostolado ; elles são, como tu, o fundamento da Igreja ; terás as chaves do reino dos céos, como elles ; terás o poder de ligar ou desligar, como elles.* »

Não seria isto supremamente indigno do Filho de Deus, si este Verbo divino nas allegadas phrases não promettesse a Pedro uma singular dignidade, uma verdadeira supremacia, um poder extraordinario e superior ao dos outros ?

Não entendeis, Sr. Butler, ou melhor, não quereis entender o genuino sentido das palavras do Salvador ?—Eil-o :

« Tu és Pedro, ou PEDRA, e sobre ti, como sobre uma pedra, edificarei a minha Igreja. » A grammatica ensina que o pronome *hanc-esta*—é demonstrativo; por isso ha de necessariamente referir-se áquillo de que Jesus fallára immediatamente antes; mas Jesus antes fallára de Pedro, ou PEDRA; logo, queiraes ou não queiraes, este pronome se refere necessariamente á *pedra mysteriosa*, á *pedra symbolica*, que é Pedro, fundamento visivel da Igreja de Jesus Christo.

.....

III.

O divino Salvador não só promette a Pedro que será feito pedra fundamental da sua Igreja, senão também que lhe dará as chaves do reino dos céos: *Tibi dabo claves regni cœlœrem. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum etc.*

Sim, Sr. Butler, sob a garantia da sua irrefragavel palavra:

« EU TE DIGO, » promette Jesu-Christo depôr nas mãos de Pedro, já calejadas até aqui no manejo do remo, as chaves mysticas, emblema do poder supremo, da sua Igreja.

Affirmastes, Sr. Ministro, que as chaves foram realmente dadas a S. Pedro « para abrir e fechar não sei que portas, lá em Jerusalém, com referencia aos judeos e aos gentios. » « São Pedro, dissestes, abriu e fechou, e acabou-se o seu poder. » Errastes, ou fostes enganado.

Oh! como assim? Não sabeis que as chaves não servem só para abrir e fechar, senão também para symbolisar o poder? Estaes ainda muito atrasado, cáro Senhor!

Ahi vae entre os povos do mundo inteiro, maximé os do Oriente, um costume universal.

Entregar a alguem as chaves de uma casa, de uma cidade, de um reino, signiñcou sempre no mundo todo, e significa inda hoje:—*reconhecera esse tal como governador d'essa casa, cabeça d'essa cidade, chefe supremo d'esse reino*; é reconhecerê-o revestido da plenitude da jurisdicção, do poder supremo para abrir e fechar, *idest*, para reger e governar a sociedade domestica, civil, ou religiosa.

E senão, lêde, Sr. Butler, o Cap. XXII, v. 22 de Isaias. Ahi vereis como ao Summo Sacerdote Eliacim promette Deus a chave da casa de David, symbolo este do seu poder e auctoridade: « Elle abrirá e não haverá quem feche; elle fechará e não haverá quem abra. »—Lêde o Cap. III, v. 7 do Apocalypse, e encontrareis a mesma chave symbolica nas

mãos do *Santo*, do *Verdadeiro* por excellencia :—« Elle abre e ninguém fecha ; elle fecha e ninguém abre ».

Pois bem ; não dais licença, Sr. Ministro, ao proprio Christo de se valer d'este mesmo symbolo, para designar a auctoridade ou o poder que elle quer conferir a Pedro no governo do reino dos céos sobre a terra, da sociedade religiosa, ou da Igreja Universal ?

Pensais vós que não possa Christo delegar em Pedro semelhante poder ?

Mas si Elle diz a Pedro : « E tudo o que ligares, ou desatares na terra, ligado ou desatado será também nos céos ; »

Si estas palavras estão intimamente unidas ás palavras : « Eu te darei as chaves do reino dos céos », e teem com ellas uma connexão indissolúvel, segue-se que, tanto umas como outras, devem designar, e designam realmente o supremo poder promettido por Christo a Pedro sobre a sua Igreja.

Palavra, Sr. Butler : *Vós erraes, não sabendo as Escripturas e nem o poder de Deus.*

Sois um pobre falsificador da Biblia, passando como raposa por vinha vindimada diante d'estes e de outros textos biblicos, onde tão clara e positivamente se ensina a primazia de São Pedro.

Nós os offerecemos á vossa consideração ; e vós que tão respeitador blasonaes ser da palavra de Deus, vereis e reconheceréis como, consoante ás promessas de Christo, aquelle humilde pescador de Galiléa será elevado a uma dignidade entre todas eminentissima, e investido de um poder sem igual. Sim, vereis e reconheceréis como a Pedro, Chefe Supremo da Igreja, competirá uma prerogativa sublimissima : a de lavrar sentenças em ultima instancia, ligando ou desligando as consciências. E queremos com isto dizer, que todas as sentenças proferidas por Pedro na terra, irão echoar lá no céu ; ou por outra : no céu será infallivelmente ratificado tudo quanto na terra houver Pedro estatuido.

IV

Até agora achámo-nos só em presença de umas promessas, porém feitas *directa e immediatamente* a Pedro pelo proprio Filho de Deus, e sob a garantia da sua irrefragavel palavra : *Ego dico tibi*, etc,... *TIBI DADO CLAVES*, etc,...

Jesus resuscitou : brevemente subirá glorioso e triumpante ao céu : chegada é a hora suprema de elle realisar as

suas grandiosas promessas, e o ditoso discípulo vae receber de seu Divino Mestre a solemne investidura dos poderes promettidos.

Escutae, Sr. Butler, o mysterioso interrogatorio de Jesu-Christo, lá nas margens amenas do mar de Tiberiades, na presença de seus charos discipulos :

—« Perguntou Jesus a Simão Pedro : Simão, filho de João, tu amas-me ainda mais do que estes ?—Elle respondeo : Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus : apascenta os meus cordeiros. »

—« Perguntou-lhe outra vez : Simão, filho de João, tu amas-me ?—Elle lhe respondeo : Sim Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus : apascenta os meus cordeiros. »

—« Perguntou-lhe terceira vez : Simão, filho de João, tu amas-me ? Ficou Pedro triste, porque terceira vez lhe perguntára : Tu amas-me ? e respondeu-lhe : Senhor, tu conheces tudo : tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus : apascenta as minhas ovelhas. » (João XXI, 15 a 17).

Senhor Butler, já não ha mais possibilidade de equivoco nos allegados textos : o que Jesus promettera, está feito. E si elle é Deus ; si, n'esta qualidade, a sua palavra tem e deve ter uma energia creadora, Pedro não é só um homem, é uma instituição, é uma criação nova sobre a terra.

Eil-o, pois, esse rude pescador, investido solemne e divinamente do cargo importantissimo de Pastor Supremo da Igreja de Christo.

Tres vezes pergunta Christo a Pedro, se o ama, e se o ama inda mais do que os outros apostolos alli presentes, (obrigando-o d'est'arte a reparar por uma *triplice* confissão da divindade e declaração de seu acendrado amor o escandalo da sua *triplice* negação no atrio de Caiphás ;) e só depois de Pedro lhe testemunhar por outras tantas vezes que o ama, é que lhe entrega a suprema pastreção do seu rebanho—*cordeiros* e *ovelhas*—ou a supremacia sobre toda a Igreja.

—Já sabeis, Sr. Butler, que Jesu-Christo compara a sua Igreja a um rebanho governado por um só pastor (João X, 16). E não podeis ignorar que pelas palavras—*ovelhas* e *cordeiros*—estão designados todos os fieis.

As ovelhas são os pastores que geram espiritualmente os cordeiros ; e estes são os simplicis fieis gerados pelas ovelhas ou pastores, consoante á phrase de S. Paulo aos Corinthios :

« *Per Evangelium ego vos genui* » (I.^a IV, 15).

E realmente, no rebanho, no aprisco não ha senão ovelhas que geram e cordeiros que são gerados. Logo, Pedro é proclamado por Christo, e diante dos outros apóstolos, pastor das ovelhas (que são os bispos) e também dos cordeiros (que são os simplices fieis).

Apascenta, diz-lhe o Salvador ; e apascentar o mesmo é que presidir, reger, governar ; exercer, n'uma palavra, o importante officio de pastor.

Logo, a promessa feita por Christo a Simão quando lhe disse que dar-lhe-ia as chaves do reino dos céos, e sobre elle, como sobre pedra, edificaria a sua Igreja, foi solememente realisada quando o proclamou e instituiu pastor supremo das ovelhas e dos cordeiros, dos pastores e dos fieis ; do mystico rebanho todo inteiro.

Não achaes logica esta nossa conclusão, Sr. Butler ? Refutai-a, si sois capaz. Eia! sus !

* * *

Ora ! A refutação é facillima, dizeis. « Não podia S. Pedro ser constituido por Christo Chefe da Sua Igreja, porque foi chamado por Christo : Satanaz, que quer dizer—demonio—Ora, havia Christo de constituir um demonio para chefe da sua Igreja ? »

--« Mau signal, mau signal, charo amigo, quando a raposa anda aos grillos ! »

Que tal, Sr. Butler ? Não vcs parece este vosso argumento simplesmente ridiculo, sobre ser impio e blasphemo ? Quem vos dirá que não compromettestes seriamente, gravemente a vossa causa ?

« Satanaz » Sr. Ministro, não significa sempre demonio, na accepção da palavra e no sentido da Biblia. Algumas vezes significa também adversario ou tentador, como entendeu chamar Christo a S. Pedro.

Com effeito, acabava Jesu-Christo de predizer a seus discipulos a sua paixão e morte, proxima, imminente, inevitavel, ignominiosa, horrivel !...

Então Pedro, deixando-se levar por impulso de zelo indiscreto e de affeição natural por Jesus, disse-lhe : « Deus tal não permitta, Senhor : não succeda isto comtigo. E Jesus, voltando-se para Pedro, disse-lhe : Tira-te de diante de mim, Satanaz, que me serves de escandalo, etc. » (Math. XVI, 21).

Pedro, pois, tentava retrahir Jesus d'esse commettimento divino, planejado ab eterno nos conselhos da sabe-

doria e providencia celeste : fazia as partes, não de verdadeiro amigo segundo a sciencia divina, e sim as vezes de verdadeiro adversario, regulando-se pelos principios da prudencia humana.

Jesus o reprehendeu fortemente, para humilhal-o e ensinál-o : Pedro, entendendo o arcão, humilhou-se ; e humilhando-se profundamente, calou-se. — E isto quer dizer que Pedro era um *demonio*, e, por consequencia, indigno de ser constituido por Christo Chefe Supremo da Egreja ?

Um *demonio* é capaz de humilhar-se, de pertencer, amar e servir a Jesus, como S. Pedro ?

Sêde, Sr. Butler, mais grave, mais serio : as cousas santas, como estas, tratam-se grave, séria e santamente !

Quando Pedro foi divinamente installado por Jesus principe dos apostolos e Chefe Supremo da Egreja universal, longe de ser elle esse *demonio vosso e da vossa reprovada seita*, era pelo contrario um prodigio de extraordinaria e consummada santidade. Porquanto, o que é que constitue a mais eminente santidade, senão o amor, o amor ardente, acendrado para com Deus, que é a mesma essencial caridade ? *Deus charitas est, et qui manet in charitate, in Deo manet et Deus in eo* (I.^a João IV, 16). Ora, Pedro amou a este Filho de Deus com amor puro, magnanimo, liberal. — E para que ninguem duvidasse da veracidade e sinceridade d'esse seu amor pelo Salvador, á triplice pergunta de Jesus : *Si o ama ainda mais que os outros*, outras tantas vezes respondeu-lhe Pedro que sim : appellando para a eterna e infinita omnisciencia do mesmo Christo-Deus :

« *Sim, Senhor, vós conheceis tudo, e bem sabeis que eu vos amo.* »

E quando Jesus se assegurou bem do amor de Pedro ; quando ouvio d'elle que o amava muito, e mais que todos, confia-lhe então os seus cordeiros, confia-lhe as suas ovelhas, isto é, confia-lhe o seu rebanho inteiro : *Pasce agnos meos : Pasce oves meas.*

Sr. Butler ! Será inda para vós um *demonio* este glorioso Principe dos apostolos ?

Não é, pois ridicula, não é impia, não é blasphema a vossa asseveração ?

Porque, pois, não confessaes a vossa ignorancia, a vossa má fé, a vossa temeridade sacrilega, emfim, n'estes momentosos assumptos, chegando ao ponto de falsificardes a Biblia divina que tão claramente affirma a supremacia de S. Pedro ?

Ah ! o *Satanaz* orgulhoso, o terrivel *demonio* do protes-

tantismo, que faz de todos os seus infelizes adeptos outros tantos verdadeiros *demonios*, uão vól-o permite !...

Paciencia !... com bom proveito !... passai muito bem !... Não penseis, porém, que seja só a Bíblia que proclama a S. Pedro Chefe Supremo e Gerarcha Universal da Egreja de Christo.

A TRADIÇÃO, a tradição christã é unanime em proclamar esta esplendida e singular prerogativa de S. Pedro.

V

Facil nos fôra alinhar aqui, em longa série de textos, a constante affirmação dos Santos Padres e Doutores da Egreja, testemunhas e depositarios d'essa tradição já quasi vinte vezes secular.

Mas, não querendo abusar da vossa paciencia, Sr. Butler, e nem cançar a attenção dos nossos leitores, citaremos apenas os seguintes :

—Tertulliano ensina : « Si julgas que o céu ainda está fechado, lembra-te que as suas chaves foram dadas a Pedro pelo Senhor, e que por elle as deixára á Sua Egreja. » (*In Scorp. cap. X*).

—Origenes chama a S. Pedro : « O grande fundamento da Egreja ; a pedra solidissima sobre a qual Jesu-Christo fundou a sua Egreja. » (*Homil. V.^a comm. in Joan*).

—São Cypriano, commentando os textos de S. Matheus, XVI, 16—a 19 ; e de S. João, X, 16, diz : « E' sobre um que Jesu-Christo edifica a sua Egreja, e é a esse que elle entrega a pastoreação do seu rebanho...

« O primado foi dado a Pedro, para mostrar que não ha mais do que uma Egreja, e nem mais do que uma cadeira... O que deserta da cadeira de Pedro, sobre a qual está fundada a Egreja, como póde gloriar-se de estar na Egreja ? » (*De Unit. Eccles*).

—Eusebio de Cesarea cognominava S. Pedro : « Principe de todos os apóstolos. » (*Hist. eccl. lib. II, cap. XXII*).

—S. Hilario de Poitiers : « Principe do apostolado, e feliz fundamento da Egreja. » (*Comment. Super Math.*).

—S. Ambrosio, commentando as palavras de Christo : « Tu és Pedro, etc. ensina :

« Onde está Pedro, ahi está a Egreja ; onde está a Egreja, ahi está não a morte, mas a vida eterna. » (*Super Psal. XL*).

—S. João Chrysostomo affirma : « Jesus Christo conferio

a Pedro o governo da Igreja em todo o universo » (*Homil. super pœnit*).

S. Jeronymo dá a razão por que Jesus Christo conferio a S. Pedro o primado, dizendo :

« E' escolhido um entre os doze, afim de que, constituido um chefe, não houvesse occasião para schisma » (*Liv. I contr. Jovin*).

—S. Agostinho assevera : « Nas Escripturas vemos claramente que no apostolo Pedro sobresahe de um modo eminente o primado apostolico.—Quem ha que ignore que, pelo primado, Pedro é Superior ao Episcopado ? » (*Liv. II De Bapt*).

—S. João Damasceno attesta : « Pedro é o coryphee dos apostolos, o fundamento inabalavel, o chefe e o governador da Igreja universal, o moderador e o sustentaculo de todas as igrejas do universo. » (*Homil. sup. transfig*)..

E para não alongar esta serie de citações, terminamos com as bellas phrases de S. Leão Magno sobre tão relevante assumpto : « Um só homem, Pedro só, é escolhido entre todos, para ser pôsto á frente da universalidade dos eleitos, á frente de todos os apostolos, á frente de todos os padres da Igreja ; e d'esta sorte, ainda que haja no povo de Deus muitos sacerdotes e muitos pastores, a todos deve Pedro reger immediatamente, assim como a todos na realidade rege Christo com o seu poder soberano... » (*Serm. 83, in nat. S. Petri Apost.*).

(Vid. Knoll.—Perrone.—Tanqueray, in hunc locum).

Negareis ainda, Sr. Butler, o Primado de S. Pedro, ao qual teem prestado rendida homenagem estes e tantos eminentes Padres e Doutores em unisono concerto com todos os seculos christãos ?—Rejeitareis ainda um dogma tão claramente ensinado nas paginas sagradas, e tão eloquentemente confessado por todas as igrejas, por todos os Concilios, desde o de Nicêa até ao do Vaticano ; por todos os Padres e escriptores ecclesiasticos, pelo Oriente e pelo Occidente, por todos os melhores pensadores que floresceram no longo periodo de quasi XX seculos ?

Singular teimosia ou exquiritice vossa !...

Mas escutai : O ensino tradicional da Igreja, sempre prefessado pela mesma Igreja desde a idade apostolica, foi magistralmente exposto pelo Concilio ecumenico do Vaticano na sua sapientissima Constituição dogmatica acerca da Igreja de Christo.

Ora, é justamente nessa carta-magna que lêmos : « Seja « anathema todo aquelle que disser que o B. Pedro apostolo

« não foi constituido por Christo Senhor Nosso, Principe de
« todos os apóstolos e Chefe visivel de toda a Igreja mi-
« litante; ou que o mesmo Pedro recebeu apenas directa e
« immediatamente do mesmo Christo, nosso Senhor, um
« primado de honra e não de verdadeira e propria juris-
« dicção. » (*Conc. Vatic., Constit. Dogmat.* — PASTOR ÆTER-
« NUS).

* *

Sr. Butler ! Rides-vos d'estas excommunhões *romanis-
tas*, não é assim ? — Não admira.

Ponderai, porém, a sentença infallivel do Sabio, que diz :
« *Risus in ore stultorum..., quorum infinitus est numerus.* »

A despeito d'esse vosso riso tolo, alvar e despeitado,
fica solidamente demonstrado que Jesu-Christo constituiu
directa e immediatamente a S. Pedro Chefe Supremo, Ge-
rarcha e Pastor universal da Sua Igreja, dando d'est'arte
um dos mais solemnes testemunhos da sua omnipotencia,
quando disse a este homem, ou antes a este grão de areia
amassado sobre as praias da Galilêa : « *Tu és Pedro, e sobre
esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno
não prevalecerão contra ella.* »

« As palavras dos homens sinceros dizem o que é ; mas
as palavras omnipotentes do Filho de Deus fazem o que
dizem. » deixou escripto Fénelon.

« Assim é, accrescenta Dupanloup : ha XIX seculos que
« essa debil creatura, essa gota de orvalho se tornou PEDRA ;
« sobre ella repousa a forte Igreja do Filho de Deus, e as
« portas do inferno não prevalecerão contra ella. ».

(*La souveraineté Pontifical*).

VI

Do que acabamos de demonstrar segue-se, como conse-
quencia legitima e necessaria, que o Primado de S. Pedro é
perpetuo, e que os Pontifices romanos, como bispos de
Roma, são os legitimos successores de S. Pedro, e os legiti-
mos herdeiros de todos os direitos e prerogativas que Jesu-
Christo conferio a S. Pedro.

Tudo isto é por *direito* ou *instituição* divina.

Desenganai-vos, senhores protestantes : com a morte de
Pedro não se extinguiu o seu Primado ; pois que Pedro,
como já dissemos, não é um simples homem : é uma insti-
tuição, uma creação nova perpetua, permanente, divina.

A mesma Biblia exige esta instituição, o facto *historico-dogmatico* a reclama, a vontade de Jesu-Christo a impõe.

—Com effeito, é incontestavel que S. Pedro devia ter successores no seu Primado, porque o *systema* uma vez estabelecido por Christo, para o governo visivel da Sua Igreja, durar deve quanto a mesma Igreja, como está escripto :

« E elle mesmo (Jesus) fez a uns apostolos, a outros
« prophetas, a outros evangelistas, a outros pastores e dou-
« tores, para consummação dos santos em ordem á obra do
« ministerio, para edificar o corpo de Christo; até que che-
« guemos á unidade da fé e ao conhecimento do Filho de
« Deus. » (Ephes. IV, 11, 12, 13). (O grypho é nosso).

Isto quer dizer que este *systema* divino vae até ao fim do mundo.

« Tenho tambem outras ovelhas que não são d'este
« aprisco, e importa que eu as traga; e ellas ouvirão a mi-
« nha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. » (João X, 16).

Sr. Butler, tambem este vaticinio não podia realisar-se durante a vida de S. Pedro, e só terá elle perfeito cumprimento lá para o fim do mundo.

—Este dogma—do Primado—está intimamente ligado com o facto *historico-dogmatico* de que S. Pedro, exercera o episcopado em Roma até a sua morte gloriosa, soffrida na capital do imperio romano, para confessar a fé de Jesu-Christo.

Não é, porventura, um facto *historico* a morte de S. Pedro no exercicio do episcopado romano?—Sim. E este facto determina a serie legitima dos successores do mesmo apostolo na Sé episcopal de Roma.—Egualmente é um facto *dogmatico* o episcopado romano de S. Pedro até a sua morte gloriosa, porque serve de base a um dogma, qual o de que os Pontifices romanos são os legitimos successores do primado de S. Pedro.

Isto é claro, Sr. Butler, é evidente, dada a perpetuidade do primado de Pedro, dogma eminentemente biblico e que se não póde negar, sem negar a divindade de Jesu-Christo.

Escutai mais uma vez o ensinamento infallivel do Concilio do Vaticano sobre este assumpto importantissimo.

« Ninguem duvida, antes é um facto notorio em todos
« os seculos, que o Santo e Beatissimo Pedro Principe e ca-
« beça dos apostolos, columna da fé e fundamento da Igre-
« ja Catholica, recebeu de nosso Senhor Jesu-Christo, Sal-
« vador e Redemptor do genero humano, as chaves do reino
« dos céos; e que o mesmo Pedro VIVE, PRESIDE e JULGA até

« ao presente tempo, agora e sempre, EM SEUS SUCCESSORES,
« os Bispos da Santa Sé Romana, fundada por elle e consa-
« grada com o seu proprio sangue ».

(Conc. Vatic. Constit. Dogmat. *Pastor ceternus*).

.....
Achaes suspeita esta sentença, aliás infallivel ?

Pois bem, rendei preito ao menos ás seguintes, todas de graves e illustres auctores protestantes :

« A Igreja é um corpo ; logo, ella resulta de muitas
« partes que a compõem, e o Bispo de Roma é o seu Presiden-
« te e Chefe. Isto fundamenta-se sobre o modelo d'aquelle
« principado que Pedro possuio de preferencia aos outros
« apóstolos, POR INSTITUIÇÃO DIVINA. Que outro melhor re-
« medio contra os scismas do que a unidade em um só que
« presida ? A mesma experiencia nól-o tem mostrado, ainda
« quando o proprio Christo o não tivesse dito. E haverá,
« pois, christão que negue ter estado Pedro entre os Roma-
« nos ? » (Ugo Grotius. *Ad Consultationem Cassandri*, 1642,
« pag. 51).

—« Por duas peculiares razões, segundo ensinam as his-
« torias, tem a Igreja Romana gosado sempre fama e glo-
« ria singulares : 1.^a porque tem sua Sé em Roma, séde ou-
« tr'ora do imperio ; 2.^a porque foi fundada por Pedro e
« Paulo principes dos apóstolos. » (A. Dreierus, *De Pri-
matu Petri*, 1654, Thes. I.^a).

« Todas as historias unanimemente affirmam que Pedro
« foi o primeiro Papa de Roma. » (Luthero, em Tavar-
dent, nas notas ao cap. 2, do livro 3.^o de S. Ireneo).

—« A presença de Pedro em Roma é um facto cheio de
historica certeza. » (Bertholdt. *Instrucção historico-critica
do Velho e do Novo Testamento*, part. 5.^a pag. 2690).

—« Não contesto que Pedro tivesse estado e morresse
em Roma. » (Calvino, *livr. 4.^o Instit. cap. 6 § 15*).

—« Pedro e Paulo descançam santamente em Roma,
« aonde estão sepultados em paz. » (Berder, *os meus pensa-
mentos sobre a philosophia do genero humano. tom 3.^o
pag. 162*).

—« Se quizer-se negar a estada de Pedro e a sua morte
« em Roma, convém lançar ao fogo toda a historia, e com-
« bater qualquer verdade ; porquanto nem uma e nem ou-
« tra valerão mais nada. » Basnage, *Annal. Eccles. Polit.
ad annum 62*).

—« Seria signal evidente de summa loucura e de ser
« idiota, querer negar que Pedro firmou sua séde em Roma,
« edificou ali a Igreja e a glorificou pelo derramamento de

« seu proprio sangue. » (G. Cave, *Do Christianismo primitivo*, cap. 5).

Estaes vendo, Sr. Butler ? Passarieis por um pobre idiota, por um misero mentecapto, si quizesseis negar a perpetuidade do Primado de S. Pedro na Egreja Catholica !!!

Oh ! e porque não deve parecer-vos eminentemente razoavel esta verdade, tão conforme com a vontade do mesmo Jesu-Christo ?

Assim como o mundo não foi creado para uma só geração, e sim para todas, *usque ad consummationem sæculi*: assim como o sol não devia allumiar apenas uma parte do globo, e sim todo o globo, e a vida havia de desdobrar-se em toda a criação; assim tambem a Egreja de Christo, criação brilhante da omnipotencia, da sabedoria e da bondade divina, devia abranger e illuminar a todas as gentes, de todas as nações e de todos os seculos : *usque ad consummationem sæculi*.

E isto quer dizer que a Egreja de Christo devia, segundo a vontade do mesmo Salvador, ser uma instituição permanente; e porque permanente, a esta instituição confiou Christo a sua celeste doutrina, os seus preciosos sacramentos, n'uma palavra, os beneficios immensos, os meritos infinitos do apostolado divino de Jesus e do sacrificio cruento por elle consummado sobre o Calvario; e esta instituição tinha por *munus* conservar integra a doutrina, intactos os beneficios da redempção, para que aquella e estes pudessem ser luz e vida dos seculos e das gerações até o fim dos tempos: *usque ad consummationem sæculi*. (Math. XXVIII, 20).

Ora, Sr. Ministro, os homens passam com os seculos, mas a instituição de Christo fica; e si foi a um homem mortal que Jesus conferio o supremo poder apostolico, segue-se que semelhante poder ha de transmittir-se a todos os que legitimamente succederem ao que o Salvador elegeu. Mas, o Salvador elegeu a S. Pedro, Principe do Collegio apostolico; logo, aos successores legitimos de S. Pedro se transmite a plenitude do poder que Jesu-Christo lhe conferio.

E quem são os successores de S. Pedro, senão os Bispos de Roma, os Pontifices Romanos ?

Abaixai a cabeça, Sr. Butler, e confessai-vos derrotado, reconhecendo em S. Pedro e nos Papas, legitimos successores de S. Pedro, a grandiosa prerogativa do Primado de honra e de jurisdicção sobre a Egreja universal, directa, immediata e divinamente conferido por Christo, soberano auctor da Egreja.

De parceria com esta, reconhecei também e venerai na pessoa de Pedro, representada pelo Papa, a mais esplendida, a mais singular, a mais insigne e divina prerrogativa. — a *Infallibilidade*.

VII

A INFALLIBILIDADE DO PAPA

Este incubo tremendo, terror e flagello de todos os erros, de todos as blasphemias e heresias do *racionalismo*, do *materialismo*, do *atheismo*, do *positivismo*, do *protestantismo* e do *maçonismo*, é, sem contestação, a mais esplendida prerrogativa e o mais excelso condão do augusto Vigário de Jesu-Christo na terra.

Com effeito, todas as vezes que o Papa succede a S. Pedro na supremacia sobre toda a Igreja, na dignidade de Supremo Pastor, succede também, por legitima consequencia, em todas aquellas prerrogativas que, como tal, teve S. Pedro. Ora, não ha quem possa razoavelmente duvidar, que juntamente com as outras prerrogativas do *Primado* recebo de Jesu-Christo S. Pedro o dom ineffavel da inerrancia, ou infallibilidade no magisterio.

— Sim, Sr. Butler, entendei, si quizerdes, e com vósco entendam todos os sectarios do mundo, vossos comparsas: « QUANDO O PONTIFICE ROMANO FALLA EX-CATHEDRA Á « IGREJA UNIVERSAL ACERCA DAS COUSAS DA FÉ E DOS COSTUMES, NESTAS CIRCUMSTANCIAS ELLE É INFALLIVEL EM « TODAS AS SUAS DECISÕES; e isto por uma graça especial de « Nosso Senhor Jesu-Christo, feita na pessoa de Pedro a « todos os seus legitimos successores no Pontificado Romano; graça annexada não á pessoa, mas ao officio de Pastor universal da Igreja. »

E, esta uma definição dogmatica, feita pelo Venerando Concilio Ecumenico do Vaticano. E esta definição não é mais que a proclamação do poder divino, delegado ao Vigário de Christo em toda a sua plenitude, em virtude da immediata assistencia do Espirito Santo sobre a cabeça visivel da Igreja.

Agora permitti, Sr. Butler, vos façamos apenas umas simples perguntas :

« Podia Jesu-Christo conferir esta prerrogativa a Pedro, a quem escolhera para fundamento solido, inconcusso, inabalavel e Pastor Supremo da Sua Igreja ? »

« Era conveniente que lh'a conferisse ? »

« Conferio-lh'a realmente ? »

— Não trepideis em responder em affirmativamente.

De feito, não confessaes, como nós, que Jesu-Christo é Deus?—Confessais, sim. Logo, a Deus nada é impossivel; e quem poudé dar vista aos cegos e vida aos mortos, muito mais podia tornar isento do erro o magisterio de um homem. Sabemos que a infallibilidade pertence unica, exclusiva e essencialmente a Deus; mas sabemos outrosim que ella não é por sua natureza um dom incommunicavel.

— Não só podia o Filho de Deus conferir ao seu grande Vigario na terra o dom de não errar no exercicio assaz espinhoso do magisterio supremo de que o investio, mas era conveniente ainda, era até necessario que lh'o conferisse.

Oh! Si Christo é Deus; si como Deus, tem uma sapien-
cia e santidade infinita; si entregou a Pedro e, na pessoa de Pedro, a todos os seus legitimos successores, uma missão soberana, eminente, divina, era mais que conveniente, era necessario que o Pontifice Romano gozasse do dom da infallibilidade no seu melindroso magisterio. Negae esta necessidade e negareis implicitamente a sabedoria e santidade de Christo.

— Não foi a Simão, filho de João, que Jesus disse: « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão jámais contra ella? »

Ora, constituido fundamento da Igreja de Christo, Pedro, sem o dom da infallibilidade, ensinaria não a doutrina de Jesus, mas sim o erro.

Oh! quão fallivel é por natureza a intelligencia humana!

E que fundamento seria Pedro, si estivesse sujeito a corromper a fé e a moral? Que edificio teria levantado Jesu-Christo, se esse edificio tivesse na sua propria base a razão da sua ruina? Sapiencia eterna! Santidade infinita de Deus, onde estarieis?!

Si a firmeza da Igreja, a sua unidade e indefectibilidade não assentasse na firmeza e indefectibilidade do alicerce, bem depressa teriam prevalecido a esta hora *as portas do inferno*, isto é, as tempestades do erro, contra ella.

Bem vedes, pois, Sr. Butler, que sendo, na intenção de Christo, conveniente e necessario que o erro nunca entre na sua Igreja, é conveniente, é necessario que elle nunca seja ensinado ou introduzido por Pedro, pedra angular e fundamento inabalavel da mesma Igreja.

— Isto mesmo insinuam as outras palavras do Salvador a S. Pedro: « Tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céos, etc. » Poisque, com semelhante promessa,

Christo obriga-se solemnemente a ratificar e confirmar no céu tudo quanto houver Pedro ordenado e decidido na terra. Mas Jesu-Christo nunca pôde ratificar e confirmar o erro; logo, é forçoso convir que a S. Pedro foi concedida por Jesu-Christo a infallibilidade.

— A Simão filho de João disse Jesus :

« Apascenta os meus cordeiros : apascenta as minhas ovelhas. »

As ovelhas e os cordeiros do rebanho de Cristo, isto é, todos os fieis, sem excepção, leigos e Pastores, apascentam-se espiritualmente com o pabulo salutar da sciencia e doutrina celeste, como escripto está : « Dar-vos-hei pastores segundo o meu coração, os quaes vos apascentarão com a sciencia e com a doutrina. » (Jerem. III, 15), Ora, si S. Pedro foi constituido pelo proprio Christo Pastor Supremo do seu immenso rebanho; si, como já demonstrámos, esta suprema pastoreação da christandade passa, por direito divino, a todos os legitimos successores do principe dos apostolos, é claro, é mais que evidente, ter Jesu-Christo conferido ao Pontifice Romano a infallibilidade doutrinal.

Si assim não fosse, teria Christo dado á Sua Igreja um Pastor sujeito a errar, capaz de ensinar não a boa e sã doutrina aos fieis, mas sim uma doutrina peçonhenta e eivada de crassos erros. E um Pastor assim seria digno de Jesu-Christo? Assignar elle á sua Igreja um guia erroneo, obrigar a todos os membros d'essa Igreja a cegamente seguil-o, é cousa absolutamente impossivel, e se não pôde imaginar sem revoltante impiedade.

— Mas conferio realmente Jesu-Christo a S. Pedro, principe dos apostolos, fundamento, pastor e chefe supremo da Igreja, o dom da infallibilidade?

— Sim, Sr. Butler, conferio.

Como? quando? — Escutai, attendei bem.

Era na vespera da sua dolorosa Paixão, e Jesus lançando um olhar affectuoso sobre este discipulo privilegiado, que n'um momento de fraqueza o havia de negar, dirige-lhe estas memoraveis palavras :

« Simão, Simão, eis que Satanaz vos pedio para vos joeirar como o trigo. Mas eu roguei por ti, para que não desfallsa a tua fé; e tu, uma vez convertido, confirma a teus irmãos. » (Luc. XXII, 31, 32).

Não vêdes aqui, Sr. Butler, não enxergais claramente expresso, em termos formaes e positivos o dom da inerrancia ou da infallibilidade, toda pessoal de Pedro?

As tremendas furias de Satanaz visam assoberbar a

todos os discipulos, a quem fará passar pelo crivo de continuas e dolorosas provações: « eis que Satanaz vos pedio para vos joeirar como o trigo; » o perigo, pois, é commum a todos.

Jesus, porém, óra em favor de Pedro. E a oração d'este Filho de Deus tem uma virtude, uma efficacia omnipotente; isto é, Jesus é sempre ouvido e attendido de seu Pae celeste, *em attenção á infinita dignidade da sua divina Pessoa*: (Hebr. V, 7).

Mas porque esta singularissima prece pela fé, e só pela fé de Pedro?

E', Sr. Butler, que atravez dos meritos de Jesus a infallibilidade da fé descera sobre Pedro: « eu roguei por ti, para que a tua fé não desfalleça. » E', que a fé de Pedro terá de ser a fé da Igreja universal: « confirma a teus irmãos: » que palavra admiravel esta! Ella não é uma ordem dada por Jesus a S. Pedro em particular, mas sim um officio perpetuo que Christo institue na sua Igreja.

E isto quer dizer, que na Igreja de Christo deve haver sempre um Pedro para corroborar a seus irmãos na fé; sendo este o meio mais proprio para estabelecer a unidade de sentimentos, firmar a pureza da doutrina e assegurar a integridade do dogma.

Mas, Sr. Butler, não admittis que para corroborar efficaçmente os seus irmãos, é de rigorosa necessidade que Pedro não desfalleça?

E' por isso que Jesus óra a seu Pae eterno. Pedro ha de ter o mundo todo por discipulo docil e respeitoso nas verdades com que deve apascental-o; a oração de Christo, pois, alcança-lhe este privilegio divino, esta prerogativa singular, o dom da inerrancia, ou da infallibilidade.

Sem isto, onde iria parar a unidade da fé, a pureza da doutrina, a integridade do dogma?

Pedro, portanto, todo o legitimo successor de Pedro, o Pontifice Romano, foi, é e será sempre indefectivel na fé. Quem proclamou infallivel o Papa foi o proprio Jesu-Christo, e a Igreja, de harmonia com a palavra do Salvador e com o ensino tradicional de todos os seculos christãos, proclamou, como dogma, a infallibilidade pontificia.

Que o inferno, pois, se enfureça; que os principes se colliguem; que os costumes se corrompam; que o erro se propague; que a verdade se offusque; que as perseguições se renovem; que o dogma se combata; que as seitas se multipliquem; que os altares se destruam; que os escandalos inundem e assolem o mundo todo; nada d'isto poderá já-

mais abalar a fé de Pedro, o qual, firme na sua immutabilidade, infallivel no seu ensino, inquebrantavel na sua constancia, fixará com sua palavra os vacillantes, alentará os timidos, levantará os cahidos, confirmará os fortes e preparará á Egreja de Christo novas e esplendidas victorias, infalliveis e brilhantes triumphos.

Curvai-vos, pois, Sr. Butler, humilde e reverente ; rendei preito, tributai as devidas homenagens a Pedro, ao Papa ; pois que Pedro, o Pontifice Romano, o Papa é immutavel, é invencivel, não pode errar ; em assumptos de fé e de moral é divinamente infallivel.

* * *

Qual ? dizes : « *São Pedro era fallivel, porque foi reprehendido por S. Paulo* » (Galat. 2, 11).

— Sim, é verdade : São Paulo diz expressamente que *resistio na face de Pedro, porque era reprehensivel*.

Em que foi Pedro *reprehensivel* ? Nas cousas referentes á fé, á doutrina, á disciplina universal ? — Não, e não. Mas o foi, porque *privadamente* usava com os Judeos de certos respeitos humanos inconvenientes ; simulava incautamente adherir ao Judaismo ácerca da observancia das ceremonias legaes, como releva-se do contexto todo. E por isso, diz S. Paulo, « *lhe resisti na cara* » isto é, *vis-a-vi*, abertamente, com a liberdade do Evangelho e da caridade de Christo.

São Pedro n'este caso agia como pessoa privada, não como Chefe da Egreja ; e nos casos *privados* não ha quem diga que o Soberano Pastor — o Papa — é infallivel.

— Sr. Butler ! esta objecção não é vossa.

E' ella tão velha e tão sedicã, quanto Porphyrio e Julianio apostata que vól-a ensinaram. Ella é, pois, bem digna de vós por sua *gloriosa* origem ! — D'ella, porém, nunca ninguém poudede deduzir algo contra a infallibilidade do Papa. A razão é obvia. O facto de algum inferior reprehender o superior, não inclue a negação da autoridade, e de outras prerogativas do mesmo superior.

Póde muito bem, sim Senhor, póde, com o devido respeito, o inferior reprehender o superior, censurando n'elle o que é censuravel, e ninguém dirá que esse tal nega ou não reconhece a auctoridade e outras prerogativas do mesmo superior.

Finalmente, concluindo a nossa polemica, nós vos desafiámos, Sr. Butler, a qué reproduzaes um só documento, opposto e contrario ao glorioso facto de não ter havido, na

longa serie de quasi XX seculos, um só Pontifice que, no exercicio do seu magisterio docente, ensinando á christandade o que deve crer e praticar, cahisse em erro.

.....

* * *

Povo fiel ! Povo catholico ! Ovelhas e cordeiros do immenso rebanho de Christo ! Estaes vendo quem é que vos dirige pelas veredas da vossa eterna Salvação ?— E' Pedro ; é Pedro na pessoa veneranda de qualquer um de seus legitimos successores. E' o Papa.

—E quem é o Papa ?

—O Papa é o Summo sacerdote, o soberano Pontifice.— E', na sublime phraseologia de S. Bernardo, o principe dos bispos, o herdeiro dos apostolos ; é Abel pelo primado, Noé pelo governo, Abraham pelo patriarchado, Melchisedech pela ordem, Arão pela dignidade, Moysés pela auctoridade, Samuel pela judicatura, Pedro pelo poder, Christo pela unção. O Papa é aquelle a quem foram dadas as chaves, e a quem foi confiada a guarda e pastoreação dos cordeiros e das ovelhas do mimoso aprisco de Jesu-Christo, o BOM PASTOR por excellencia, das almas remidas com seu precioso sangue.

Pois bem, rendei-lhe, humildes e reverentes, o preito devido da vossa vassalagem, da vossa obediencia. Attentas á sua voz, ouvi e segui por toda a parte a esse Pastor, constituido por Christo e pôstó em seu lugar á frente do rebanho para apascentar-vos.

Fugi do protestantismo, fugi do maçonismo, fugi de pastores intrusos e de rebanhos alheios a Christo, inimigos de Christo preseguidores de Christo, que, sem missão divina e usurpando poderes, se mettem a guiar o rebanho.

Acercai-vos cada dia mais da cadeira infallivel de S. Pedro que é, no dizer de S. Cypriano, o fóco da luz da fé, que se irradia por todo o orbe ; a fonte crystallina d'onde deflue o rio caudal da graça, cujas aguas salutiferas banham todas as regiões do globo.

Si perderdes de vista aquelle fanal divino, andareis tateando na temerosa escuridão do erro ; si vos separardes d'aquella fonte perenne, estancando-se-vos de repente os regatos da graça, morrereis á mingoa d'essas aguas vivas que brotam para a vida eterna.

Quem se desprender dos braços carinhosos da Egreja catholica, esposa fidelissima de Christo, para unir-se á adul-

tera, separar-se-ha infelizmente das divinas promessas feitas á verdadeira Igreja, e não conseguirá jámais as celestiaes recompensas ; porque torna-se estranho, profano e inimigo *Quisquis ab Ecclesia segregatus adulteræ jungitur, a promissis Ecclesiæ separatur, nec pervenerit ad Christi præmia.... Alienus, est. profanus est, hostis est.* (S. Cyprian. de Unit. Eccles.)

FIM

APPENDICE

I

A leitura da Biblia

FREI CELESTINO E O SR. BUTLER

Não tendo agora outro meio de manifestar ao Revm. Sr. Frei Celestino a veneração que lhe tributo, vou responder a uma censura que lhe fez o Sr. Butler.

Asseverou o intelligente e virtuoso capuchinho não ter encontrado nos quatro Evangelhos uma linha, em que Jesus houvesse recommendado, *como regra de fé*, a leitura da Biblia. A isto replicou o Sr. Butler :

« ...Realmente, o homem está muito atrasado na Biblia ! São as proprias palavras do Evangelho, que vão responder-lhe. E' Jesus mesmo quem falla pelo Evangelho. « Examinae as escripturas, pois julgaes ter nellas a vida eterna ; e ellas mesmas são as que dão testemunho de mim. » S. João cap. V, 39. E que tal a asserção ?!—Ora Frei Celestino !... leia as escripturas. »

Recommendar, em *certa* occasião e para *certo* fim, que *certas* pessoas examinassem as escripturas, não seria recomendar a sua leitura *como regra de fé*, cousa indispensavel em todos os tempos e a todos os individuos, de qualquer sexo e idade. Considera o Sr. Butler tão necessaria essa leitura (sem exceptuar a das passagens, cuja lição até a antiga Synagoga prohibia á gente moça, isto é : aos que tinham menos de 30 annos), que diz o seguinte : « Nós cremos que, para uma pessoa ser salva, não precisa saber ler as escripturas, basta *ouvir ler*, crer e viver segundo o seu ensino. » Apenas exclue as *crianças que morrem na infancia*. Quanto aos meninos (e meninas) que passaram da infancia, é necessario que *leiam* ou *ouçam ler* a Biblia !

Mas, Jesus, que fallava aos phariseus, recommendou-lhes embora em certa occasião e para certo fim, que lessem as escripturas ? Eis o texto da Vulgata :

« *Scrutamini scripturas quia vos putatis in ipsis vitam æternam habere ; et illæ sunt quæ testimonium perhibent de me.* »

Eis o sentido destas palavras cotejadas com as anteriores e subsequentes :

Vós andaes examinando as escripturas, porque julgaes

obter por meio dellas a vida eterna ; entretanto, *ellas mesmas* dão testemunho de mim e vós não crêdes em mim.

O P. Pereira, traductor da Biblia, escreveu esta nota :

« *Examinae as Escripturas, etc.* Ainda que tanto no grego, como no latim, se póde o verbo entender ou no indicativo, ou no imperativo : eu puz o imperativo, seguindo a S. João Chrysostomo, Santo Agostinho, Theophilacto e muitos outros interpretes : como tambem fizeram as versões de Sacy, Huré, Le Gros e Mesengui. A de Mons aponta um e outro sentido.

De todas essas versões tenho apenas a de Sacy, onde encontro o versiculo traduzido deste modo :

« *Vous lisez avec soin les Escriptures, parce que vous croyez y trouver la vie éternelle ; et ce sont elles qui rendent temoignage de moi.* »

Sacy usou do indicativo, e fez muito bem.

Posto o verbo no imperativo, Jesus, que se dirigia aos phariseus, não mandaria simplesmente *ler* as escripturas, mas, examinar, perscrutar (*scrutare*). Era isto o que elles já faziam, e até demais. Contra Jesus allegavam frequentemente e com malicia palavras das escripturas. Bastava um milagre feito em um sabbado, dizer Jesus ao paralytico : « *levanta-te e caminha,* » para que elles viessem com a lei, que prohibia trabalhar no sabbado.

As palavras : *et illæ sunt quæ testimonium perhibent de me* » devem ser entendidas de accordo com o que se lê antes. Arguido pelos phariseus (sempre agarrados ás escripturas), disse-lhes Jesus :

« 17... Meu Pae até agora não cessa de obrar, e eu obro tambem incessantemente... »

« 36... Mas eu tenho maior testemunho que o de João ; porque as obras que meu Pae me deu que cumprisse, as mesmas obras que eu faço dão por mim testemunho de que meu Pae é quem me enviou :

« 37 e meu Pai, que me enviou, esse é o que deu testemunho de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes quem o representasse :

« 38 e não tendes em vós permanente a sua palavra, porque não crêdes no que elle enviou.

« 39 *Scrutamini scripturas quia vos putatis in ipsis vitam æternam habere...* »

Pois Jesus acaba de dizer que o testemunho é dado por seu Pai, mediante as obras que lhe concedeu ou mandou cumprir, e chega á consequencia de que é necessario ler as escripturas, porque ellas é que dão o testemunho ?

Illæ sunt quæ testimonium perhibent de me: ellas mesmas, oh phariseus ! que as andaes esmiuçando e allegando a todo o proposito contra o filho de Deus, ellas mesmas dão testemunho de sua divina missão !

Quia vos putatis in ipsis vitam æternam habere. Que juizo se faria de um medico, que dissesse ao doente : usae deste remedio, porque em vossa opinião, elle ha de fazer bem ? Que advogado diria ao constituinte : interponde este recurso e não outro, porque vós entendeis que deve ser este ? Não comprehendendo como alguém, e ainda menos Jesus (a quem os proprios que lhe negam a divindade, consideram o maior philosopho do mundo) recommendasse alguma cousa, porque ella tinha alguma utilidade na opinião daquelles, a quem a recommendava.

Portanto, as palavras : « porque julgais ter nellas a vida eterna » mostram o motivo pelo qual os phariseus examinavam as escripturas : « vós examinais as escripturas, porque julgais ter nellas a vida eterna, » e não o motivo de uma supposta recommendação.

Um advogado.

II

Frei Celestino e o Sr. Butler

Já mostrei, sem ser contestado, a improcedencia de uma censura que a Frei Celestino fez o Sr. Butler, a proposito da leitura da Biblia.

O artigo, que o segundo acaba de inserir no *Jornal do Recife*, incita-me o desejo de *allegar e provar* que o Sr. Butler está compromettendo a sua causa. Não poderia haver, como ha, tantos protestantes de bôa fé, si não tivessem a favor de suas crenças argumentos mais especiosos, isto é, de melhor apparencia e menos facil refutação, do que esses agora apresentados.

Por exemplo, escreve o Sr. Butler :

« ... E para arrancar este poder das mãos de Jesus nem todos os frades presentes, passados e futuros, unidos, seriam capazes, muito menos Frei Celestino sósinho. E, si não podia elle tirar tal poder das mãos do Salvador, onde o iria buscar quando o mesmo Jesus disse : « Todo o poder no céu e na terra tem-se-me dado (S. Math. XXVIII) ? « E, si todo o poder foi dado a Jesus, que poder ficou para o Frade ? »

Jesus, no texto citado, diz a seus discipulos :

« ... Tem-se-me dado todo o poder no céu e na terra :

« **ide pois** e ensinai todas as gentes : baptizando-as em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo. »

Segundo a Igreja Catholica, nesta faculdade de administrar o baptismo está comprehendida a de administrar todos os sacramentos; mas, quero simplificar a questão : vejamos ahi sómente o baptismo.

Outra faculdade não menos importante se encontra no Evangelho de S. João, Cap. XX vv. 21 a 23. Quando Jesus, já resuscitado, appareceu a seus discipulos, houve o seguinte.

« E elle lhes disse segunda vez : Paz seja comvosco. Assim como o Pae me enviou a mim, tambem vos envio a vós. »

« Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles, e disse-lhes : Recebei o Espirito Santo :

« aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão elles perdoados, e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão elles retidos. »

Concedendo a seus discipulos a missão de baptisar, transmittindo-lhes o exercicio de uma parcella do poder immenso, que lhe fôra dado no céu e na terra, — Jesus fundamentou o seu acto, justificou essa transmissão, declarando : « Eu recebi todo o poder. » Note-se, porém, que os discipulos não baptisavam em seu proprio nome, por sua propria virtude, mas, em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo.

Transmittindo a seus discipulos a tremenda missão de perdoar e de reter os peccados, Jesus egualmente fundamentou o seu acto, declarando : « Eu vos envio do modo pelo qual (*sicut*) meu Pae me enviou. » Note-se tambem que os discipulos não perdoavam em seu proprio nome, por sua propria virtude. Lá está na I.^a Epistola de S. João cap. II, v. 12 : « Eu vos escrevo, filhinhos, porque os vossos peccados vos são perdoados pelo seu Nome. »

Entretanto, entende o Sr. Butler que, para alguém perdoar peccados, seria preciso arrancar das mãos de Jesus o poder que só elle recebeu e que elle sómente poderia exercer ! E pergunta muito sério : « Si todo o poder foi dado a Jesus, que poder ficou para o Frade ? » E que poder ficou para os discipulos ? !

Outro argumento do Sr. Butler :

« E' certo que nem Frei Celestino, nem todos os frades juntos podem tirar um só peccado. Só Deus pôde perdoar

os peccados, porquanto : « o sangue de Jesu-Christo, seu filho, nos purifica de todo o peccado. » (I S. João I ; 7). Si o sangue purifica de todo o peccado, que peccado fica para ser perdoado ? »

Seja-me permittido dizer, sem faltar á seriedade do assumpto, que isto é uma *razão de cabo de esquadra*. Si o sangue de Jesus, derramado ha 19 seculos, nos purifica de todo o peccado, e porisso a faculdade de perdoar fica sem objecto, segue-se que o proprio Deus não póde mais exercel-a.

O Sr. Butler deve saber que o saugue de Jesus foi derramado antes da resurreição, e foi depois da resurreição que elle disse aos discipulos : « aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão elles perdoados. »

Segue-se que, além do sacrificio de Jesus, causa primordial de justificação, havia necessidade de mais alguma cousa. E de outro modo, os peccados estariam perdoados antes de commettidos, o que é absurdo.

Não deixarei sem reparo esta pergunta, apezar da repugnancia que tenho em transcrevel-a :

« E onde leu o Frade que Jesus *untava com oleo, sal e cuspo* ? »

Houve tres malignidades da parte do Sr. Butler. A primeira foi escrever entre aspas as palavras *oleo, sal e cuspo*, insinuando falsamente serem copiadas de Frei Celestino. A segunda foi dar a entender que se fazia *mistura* de oleo, sal, etc. A terceira foi ridicularisar a uncção que o celebrante do baptismo faz com o dedo levemente humedecido em saliva.

O Sr. Butler vae talvez arrepender-se da pergunta. Elle, que tanto lê a Biblia, deve estar lembrado do modo como Jesus deu vista a um cego de nascença :

« ... cuspio no chão, e fez lodo do cuspo, e untou com lodo os olhos do cego... »

Acha ridicula o Sr. Butler essa uncção de *lodo* feita de *cuspo* e terra ? Pensava de outro modo aquelle homem feliz, quando, contentissimo, dizia aos visinhos, admirados e incredulos : « Sou eu, sou eu mesmo ! »

Um advogado.

Frei Celestino e o Sr. Butler

III

Eu pretendia responder a uma violenta asseveração do Sr. Butler, quando terminasse a publicação dos artigos en-

ceitados por Frei Celestino sobre a confissão sacramental ; mas, o virtuoso capuchinho está sendo arrastado a desviar-se de seu plano e a discutir longamente assumptos secundarios, pela insistencia dos que procuram embaraçar-lhe o caminho.

Foi esta a violenta asseveração do Sr. Butler :

« Frei Celestino ou mentiu ou mostrou-se ignorante dos factos da historia, quando citou Cobbett como um escriptor protestante, porquanto foi elle um atheu. Eis um plagio do *Neophito*, um opusculo tão infame como seu auctor. »

William Cobbett, celebre publicista inglez, revelou em seus escriptos o talento, o patriotismo, a independencia de character e o espirito democratico, de que era dotado.

Em Philadelphia, onde residia desde 1792, publicou o jornal *The Porcupine* ; no qual defendia os interesses inglezes e atacava os da França, *então em grande voga nos Estados-Unidos*, como se lê em um artigo de Duckett, inserto no importante repertorio publicado, sob sua direcção, por uma sociedade de sabios e homens de lettras.

Suas cartas sobre o tratado de paz d'Amiens fizeram grande sensação e mereceram de João de Muller este elogio estrondoso : « E' o que se tem escripto de mais eloquente depois de Demosthenes. »

Achando-se pela segunda vez nos Estados-Unidos, deixou de ser naturalizado, porque se recusou a prestar a uma nação estrangeira o *juramento de obediencia*, exigido por lei. Um atheu não teria escrupulo em preencher esta formalidade.

Voltando de novo á Inglaterra, figurou frequentemente em reuniões populares, e muitas vezes com grande exito (*y obtenait souvent de véritables succès*, na phrase de Duckett).

Sua *Grammatica da lingua ingleza* é, dizem os competentes, uma das melhores que existem nessa lingua, teve numerosas edições e foi traduzida em diversas linguas estrangeiras.

Depois de publicar uma collecção de processos politicos (*Collection of state trials*) e outro, em 20 volumes, sobre discussões do Parlamento, deu ao prélo suas *Cartas sobre a Historia da Reforma* ; as quaes, na opinião de Duckett, contribuíram poderosamente para espalhar nas classes populares sentimentos de tolerancia a respeito do catholicismo.

Assevera o mesmo escriptor que, si os catholicos da Inglaterra afinal obtiveram os direitos politicos, de que estiveram privados durante dois seculos, cabe a William Cob-

bett uma bôa parte desse acto de justiça, « provocado, arrancado, talvez, pela poderosa ironia do seu celebre panphleto. »

As leituras publicas sobre a politica, feitas por elle na Inglaterra, cinco annos depois da publicação das *Cartas*, e na Irlanda, dez annos depois, causaram vivissima sensação e produziram sommas importantes.

Por ultimo Cobbett foi eleito membro da Camara dos Communs.

Os eleitores que conhecem um pouco a historia parlamentar da Inglaterra, sabem quanto custou a revogação do *Testact*, que obrigava todos os funcionarios publicos e todos os officiaes do exercito a declarar, sob juramento, *que não acreditavam no mysterio da transsubstanciação na communhão*.

Sómente em Fevereiro de 1828 propoz Robret Peel a revogação desse acto: depois do que apresentou o bill que concedia aos catholicos a egualdade dos direitos politicos, permittindo-lhes a entrada no parlamento, bill que passou com extrema difficuldade e excitou no partido tory o maior descontentamento, mas foi acolhido com demonstrações de enthusiasmo em todas as classes populares.

E' facil de comprehender o movel das *Cartas sobre a Historia da Reforma*: o espirito de justiça, o espirito de tolerancia e o verdadeiro patriotismo, que procura aproveitar os serviços de todos os cidadãos prestimosos. Em sua quasi totalidade não eram republicanos os que no parlamento brasileiro combatiam, e exaggeravam os erros commettidos no tempo do Imperio. Eram homens livres os que defendiam a libertação dos escravos. As *Cartas* de Cobbett, e em geral os seus escriptos, excluem a idéa de qualquer sentimento religioso? O Sr. Butler não o demonstrou, nem disse onde encontrou o inculcado atheismo.

Si alguém, e no começo deste seculo, tivesse na Inglaterra espalhado escriptos *com o fim de combater a religião dominante*, seria applaudido pelas classes populares? influiriam no espirito dos legisladores? seria eleito para a Camara dos Communs?

O Sr. Butler ha de reconhecer que, pelo menos, é *presumivel* não ser verdadeira sua affirmativa, e, portanto, elle tinha necessidade de proval-a, quando accusou Frei Celestino de ser *mentiroso ou ignorante*.

Comecei dizendo que Frei Celestino estava sendo des-

viado de seu plano pela insistencia dos que procuram embaraçar-lhe o caminho. Darei um exemplo.

O illustre polemista censurou a incoherencia de L. de Sanctis ; cujo *Ensaio* deixa duvidoso si a confissão auricular começou no Seculo III, ou no VI, ou XIII.

A isso respondeu o Sr. Marinho :

« Notámos que o frade no desespero de querer, *por fas e por nefas*, refutar o trabalho do insigne L. de Sanctis, não trepidou em levantar-lhe um falso. Assim foi que affirmou ter Sanctis asseverado que **a confissão auricular** fôra abolida pelo bispo Nectario ! »

E um pouco adiante, depois de uma citação, onde se lêem as palavras—**a confissão feita ao padre** :

« ... E' claro, portanto, que Sanctis nega a existencia **da tal confissão** naquelle tempo, e como poderia ter asseverado que ella fôra abolida ?....

E depois :

« ... O que disse de Sanctis que fôra abolido, Sr. Celestino, **foi o officio de penitenciario**, isto é : daquelles padres nomeados para ouvirem os penitentes acerca de certos peccados e julgarem si era ou não conveniente publical-os diante da igreja reunida, procedimento este muito differente da confissão de hoje. E' verdade que de Sanctis vê ahí o germen da **confissão auricular**, que foi mais tarde fabricada no IV concilio de Latrão, sob Innocencio III, mas não affirma que naquelle tempo já existisse *a impostura tal qual se vê hoje...* »

Confrontando-se as ultimas palavras com as anteriores, comprehende-se que a *impostura* é a confissão auricular, a confissão *ao ouvido do padre*, cousa na verdade muito differente da *confissão publica*, depois de consulta a um penitenciario.

Portanto, antes do 4.º Concilio de Latrão, antes de 1215, não havia *impostura*, a confissão auricular, a confissão ao ouvido do padre ; mas unicamente a confissão publica.

Pois bem, o Sr. Marinho havia escripto no *Jornal* de 15 de Janeiro :

« Quanto á origem da **confissão auricular** no christianismo...

« No entanto **essa impostura** que já se arraigava na Egreja, ainda que não exactamente como é hoje, **foi bannida no anno de 283**, devido a um crime contra a castidade commettido por um diacono com uma confessada, e só foi reconhecida e tornada em dogma obrigatorio no anno de 1215, no 4.º concilio de Latrão, sob o papa Innocencio III. »

Comparem os leitores :

A confissão ao ouvido do padre arraigou-se tanto e desde tanto tempo, que um papa teve necessidade de banil-a no IV seculo (anno de 383); mas o 4.º concilio de Latrão *reco-nheceu-a e tornou-a obrigato-ria* no seculo XIII (anno de 1215).

A confissão ao ouvido do padre foi *fabricada* no seculo XIII; o que havia antes era a confissão publica, mediante consulta a um penitenciario; o que se baniu antes do seculo XIII foi apenas o officio de penitenciario.

Replicou Frei Celestino, provando com as palavras de de Sanctis, que este se referia á *confissão auricular* e não ao *officio de penitenciario*. Treplica o Sr. Marinho :

« ... Demonstramos que, quando de Sanctis tratou da abolição da confissão, referia-se ao *officio de penitenciario*, que era uma especie de confissão auricular, mas não á confissão actualmente usada pelos padres. »

Basta-nos transcrever as primeiras palavras das 8 *consequencias* de de Sanctis :

« 1.ª Si para *ouvir as confissões* havia um só padre, quem poderá suppor que um só padre pudesse ouvir de confissão os habitantes da immensa Constantinopla ? (*De Sanctis quiz mostrar que a confissão auricular não comprehendia todos os peccados*). »

2.ª Socrates diz que a *confissão* é contemporanea dos Novacianos, donde se conclue que a *instituição da confissão* não é divina, nem apostolica. Os Novacianos só foram conhecidos *depois do meado do terceiro seculo*...

« 3.ª Por estas duas primeiras consequencias, pela fórma por que se explica Socrates, parece que se póde claramente deduzir, que a *confissão* foi instituida para o unico peccado da apostasia... »

« 4.ª Segundo Socrates, no seu tempo (V seculo) a *confissão* era unicamente para os hereticos... »

« 5.ª Segundo Socrates, a doutrina da *confissão* é doutrina addicionada... »

« 6.ª Ao expirar o IV seculo, por auctoridade de Nectario, bispo de Constantinopla, a *confissão* foi abolida... »

« 7.ª O que levou a revogar-se a *confissão* foi um abuso do *confessor*... »

« 8.ª Pelo decreto de Nectario, toda a Egreja e todos os bispos aboliram a *confissão*. Logo, toda a Egreja estava persuadida de que a **confissão auricular** não era de origem divina... »

Socrates e L. de Sanctis não se referiram unicamente ao *officio de penitenciario*; mas Frei Celestino não deve (nem eu tam pouco) demorar-se mais tempo em discutir este incidente e outros semelhantes.

Um advogado.

O que é o Frade Capuchinho

Tem sahido ao lume da imprensa por ahi algures, ha bem poucos dias, que: «... o frade capuchinho sobre ser malcreado, não sabe ser manso, e é tão grosseiro como alvar!»

Não sei bem si isto é, conformemente a intenção do seu auctor, uma phrase caustica, porque o estylo, que devéras quer ferir e penetrar as carnes do adversario, deve ser um estylete e não um bordoque.

Sei que é uma enfiada de insultos, que não revelam sem duvida grande habilidade, porquanto a suprema arte do escriptor é — saber offender.

Quem confunde o sarcasmo com a injuria. confunde Juvenal com o menino desenvolto que nos suja as calças engommadas, e a musa da satyra, sempre joven, sempre encantadora, formosa sempre, com a velha feia e tabaquista que limpa com as proprias mãos os ranhos do rapé.

Eu ignoro si o capuchinho *não sabe ser manso*, nem levo a mal que não o seja, quando sois tão *bravos* que a vehemencia d'aquelles labios não corresponde ainda ás furias da vossa impiedade!

Sei que elle tem prestado ao povo mais serviços reaes do que vós outros; e que, emquanto vos deixaes ficar muito commoda e regaladamente nos vossos colchões e travesseiros de palha, o *frade capuchinho* percorre o mundo, não tendo ás vezes para reclinar a cabeça senão a pedra fria dos orvalhos da noite!

Eu ignoro si o capuchinho *não sabe ser manso*, e nem estranho que o não seja, quando os labios que fallam a *loucura da cruz* não podem ter as notas mellifluas dos tenores e das primas donas!

Sei que o homem, por cujo cerebro passou, como um raio fulgurante, o reverbero da eternidade, nunca mais póde ter para as misérias da vida a condescendencia dos que acham tudo regular e harmonico! Sei que aquelle, em quem uma

vez Deus tocou com o seu sceptro, na obscuridade ou na grandeza, na miseria ou na opulencia, na choupana ou no palacio, —nunca mais será contente e satisfeito na terra ! Sei que possuir a verdade e não poder impol-a é para o homem a maior das magoas do espirito ! Sei que por isso o Capuchinho é triste, sombrio, austero e rigido ; e a sua linguagem exprime o que elle sente !

Eu ignoro si o capuchinho *não sabe ser manso*, nem pasmo que elle não o seja, porque o capuchinho antes de chegar ao mundo social passou pelo mundo da natureza, onde vio que o que ella tem de mais bello e grandioso é justamente o que ha de mais bravio e indomito !

Não é *manso* o tufão que varre os desertos ; não é *mansa* a massa vulcanica que despedaça a crosta terrestre ; não é *manso* o oceano que empolam as ardentias do norte ; não é *manso* o sol que requeima as regiões africanas ; não é *manso* o céu que dardeja as tempestades polares ; não é *manso* o ar que nos destróe a vida ; e nem a propria vida que nos impelle para a morte !

Não é, talvez, *manso* o capuchinho que varre a mentira, despedaça os erros, empola os humildes, requeima os soberbos, dardeja a verdade, destróe os idolos do mundo, e impelle o mundo, planeta deslocado dos eixos divinos, para a orbita da Cruz !

Eu ignoro si o Capuchinho *não sabe ser manso*, nem acho censuravel que o não seja, quando a imprensa, este osso careado do nosso corpo social, impõe ao medico sagrado uma maior violencia na extracção do mal que corrompe e ameaça matar todo o sentimento religioso ! Sei que o que chamais *malcreação, aspereza de linguagem, descompostura e falta de mansidão*, tem no mesmo Evangelho justificativa, que ignoraes, mas, que é a propria eloquencia de Jesu-Christo, não poucas vezes inflammada e arrebatada, quando a perversidade dos Phariseos chegava ao ponto de transformar o *cordeiro divino* no leão irado, que uma vez lhes disse « raça de viboras ! como podeis fallar cousas boas sendo máos ? a bocca falla o de que está cheio o coração » ; outra vez lhes disse : « hypocritas ! bem prophetizou de vós Isaias quando disse :—este povo honra-me com os labios, mas o seu coração está longe de mim ; » terceira vez lhes disse : « esta geração perversa e adultera pede um prodigio ; mas, não lhe será dado outro senão o do propheta Jonas » ; finalmente lhes disse : « estultos e cegos ! qual é mais—o ouro, ou o templo que santifica o ouro ? »

A vehemencia do Capuchinho é esta. E' um ferro em braza passado pela forja do Evangelho.

A eloquencia sagrada é um lago limpido que reflecte todas as ternuras de Jesu-Christo pela humanidade ; mas, assim como o mar de gelo tem tempestades, o lago christão se encrespa ás vezes, e mostra na superficie o redomoinho das paixões que o revolveram. Não vos deixeis, porém, illudir pela espuma, que é apenas o ésto da bocca humana, indignada por não poder impôr a verdade aos caprichos da mentira.

No fundo do lago está a *perola preciosa*, que o Capuchinho vai buscar, ainda mesmo molhando o capuz, na onda da injuria, da calumnia e da diffamação !

Esta coragem d'elle, parece-me, vale mais que a vossa, que nunca transpôz um valle, nunca vadeou um rio, nunca subiu uma montanha pelo simples gosto de, como elle, domesticar um selvagem, civilisar uma tribu, regenerar uma raça !

O Capuchinho ! Simples vergontea da bella arvore que S. Francisco de Assis plantou, n'um recanto da terra, e cujas raizes alastram pelo orbe inteiro ; mas, que vergontea ! Perguntai á Italia, á França, á Hespanha, a Portugal, á Alemanha, á Belgica, á Hungria, á Polonia, á Turquia da Europa e da Asia, ao Egypto, á Persia, á India, quantos mosteiros elle edificou, quantos asylos abrio ás grandes tradições do christianismo primitivo, que ahi se refugiaram, expellidas pelo genio destruidor da civilisação moderna ! Perguntai á America que salarios lhe tem dado pelo ensino *gratuito* da palavra, que para vós póde não valer nada, mas para o povo vale muito. Vós tendes livros, jornaes, romances, operas, bailes e theatros para amenizardes os tedios da vida, os soffrimentos da existencia, e olvidardes, um momento ao menos, as grandes dôres do coração que porventura vos attribulem. O povo, isto é : o maior numero, a maior cifra da immensa fracção humana ; o povo, isto é : os infelizes, os operarios, os proletarios, não têm senão uma consolação, e esta é a bocca que lhe repete : *felizes os que choram, porque elles serão consolados !*

Vós tendes os vossos oradores que vos entretêm com arengas politicas em que achais muita eloquencia e que vos commovem infinitamente. Vós tendes os vossos *Demosthenes*, cujas philippicas vos enchem de deleite e pasmo ! Pois tambem o povo tem fibras que palpitam, coração que estremece, aspirações que accendem aos raios da palavra ; mas a eloquencia que commove o povo é outra, a palavra que o

consola de seus soffrimentos é diversa, diverso é o Demosthenes do povo. O Demosthenes do povo, disse Lacordaire, é o Capuchinho !

Não ; não pretendaes ser mais democratas do que Lacordaire, o moço entusiasta da liberdade, que só trocou pela religião, depois de defendê-la como um valente n'aquelle celebre *L'avenir*, onde a sua penna flammejou com as de Lamennais e Montalembert !

O Capuchinho é tão grosseiro como alvar.

Sim, elle é grosseiro ! Os espinhos das estradas que percorre para chegar ao povoado, onde ha almas que conquistar para Deus, não ferem os pés, menos delicados que os vossos !

A intemperie das estações que elle arrosta, para transportar a cruz a regiões inhospitas, não lhe desconcerta o organismo, menos mimoso que o vosso !

A fome e a sede, estas fatalidades humilhantes para o orgulho humano, não o detêm na jornada pelos sertões e desertos, onde elle não tem, como vós, em vossas cidades, empadinhas e vinho muscatel, mas o pão azedo e a agua pôdre das cisternas !

Sim, o capuchinho é alvar ! Quando o seculo proclama que a lei do homem é o prazer, o seu direito o bem estar, a sua felicidade o dinheiro, é ser alvar contrariar os instinctos, domar as paixões, renunciar-se a si proprio, immolar-se aos outros !

E' grosseiro e alvar, estou de accordo ; mas, o capuchinho é valente !

A revolução, a guilhotina, o terror, o culto da razão, os furores de 89—todo o espaço do despotismo, as montanhas e os rios, as areias ardentes e os mares gelados, os sóes e as neves—todo o despotismo do espaço, não conseguiu nunca esmagar-o o destemido, que da revolução vingou-se com a Restauração, nas areias lançou a semente evangelica, nos gêlos fez navegar a barca de S. Pedro, nas neves accendeu o lenho sagrado e no cumre da montanha edificou o mosteiro illuminado por todos os sóes do mundo christão !

Para estes factos podem os taes *sabios* engendrar as explicações que quizerem ; podem rir mesmo.

*Les savants ont beau rire
Et beau rire : leurs systèmes font rire.*

Quem escreveu isto foi Voltaire !
Para mim o capuchinho é um grande homem ; e aos taes

sabios que por isso julgarem-me também *grosseiro* e *alvar* eu direi apenas, visto que muitos d'elles fazem versos, o que disse um poeta, que não era nenhum carola, mas o próprio demonio da impiedade, chamado Molière :

*J'aimerais mieux au rang des ignorants,
Que de me voir savant comme de certains gens.*

Povo ! O proprio Voltaire e o proprio Molière riam-se d'elles, os falsos sabios ; e elles querem que tu os acredites, quando, desmentindo a historia, dizem-te que o capuchinho é um falso discipulo de Christo !

Povo ! Eis porque o Capuchinho é rigoroso, eis porque é severo, eis porque é intolerante !

A perfeição infinita—eis a luz, que procura o telescopio d'esse astrónomo melancolico ante as manchas que se avistam no astro da civilisação.

Povo ! Honra-o, glorifica-o, porque ninguém mais do que elle pôde concorrer para catholisar o Brazil.

DR. JULIO CEZAR DE MORAES CARNEIRO.

INDICE

Prologo	3
Santa Missão em Garanhuns	5
Falsidade da Biblia da <i>Nova Seita</i>	19
Regra de Fé Catholica	26
Contra—Resposta ao Sr. George Butler	39
Tradição	49
Confissão Sacramental	57
I. ^a Objecção contra a confissão	71
II. ^a » » » »	75
III. ^a » » » »	77
IV. ^a » » » »	79
Conselho salutar ao Sr. George Butler	81
V. ^a Objecção : Dez factos horrorosos, etc.	88
VI. ^a » contra a confissão	92
Refutação do Ensaio Dogmatico-Historico do Apos- tata De—Sanctis	93
Suicidio moral ou completo naufragio de Juventino Marinho	132
Jejum ecclesiastico.	141
Culto das Imagens	152
Primado de S. Pedro e de seus legitimos successores.	164
A Infallibilidade do Papa	184
Appendice	191



ERRATAS

PAGINA	LINHA	EM VEZ DE :	SEJA :
4	16	esse	este
8	33	deveis	devieis
10	6	permitti	premetti
13	13	Tal é	Tal não é
20	43	authoridade	auctoridade
29	2	finalmeate	finalmente
30	8	dymnastia	dynastia
»	17	sou eu ?	sou eu ?
33	44	<i>peta</i>	<i>pela</i>
37	13	pola antoridade	pela auctoridade
»	19	domestica e social	domestica e civil
39	10	exprimidos	expremidos
»	32	terin	teria
41	31	previnir	prevenir
»	32	<i>hereje</i>	<i>herege</i>
42	4	sermãos	sermões
43	4	Cobblet	Cobbett
44	40	« as Escripturas »	« as Escripturas ? »
52	4	<i>eu emtendo</i>	<i>eu entendo</i>
53	1	Samue	Samuel
56	36	pontos a não.	pontos. A Bibília não
57	16	autentico	authenticco
58	17	Apostos	Apostolos
61	30	Mas.	Mais :
64	<i>penultima</i>	S. Fulgencio Beda, — o Veneravel	S. Fulgencio, Beda, o — Veneravel
65	14	isto se revela	isto se releva
72	<i>penultima</i>	<i>quent</i>	<i>queunt</i>
75	15	Cacramental	Sacramental
77	21	exhuberante-mente	exuberantemente
78	6	insuportavel	insupportavel
84	12	totalmente	tolamente
85	33	é de Deus espera	é de Deus que espera
100	22	cabe	cahe
103	31	forvos	foros
104	31	MAIS	Mas

